SELEÇÃO DE TEMAS GNOSTICOS

Todos os textos são de Samael Aun Weor

CAPÍTULOS _____pg.
O Eu Psicológico- (GR).....2
Os diferentes Eus (TPR).....6
O querido ego. 7
A Transformação radical 10
Observador e observado.....14
Pensamentos negativos.....16
A individualidade.....20
O Livro da Vida.....24
Observação de si mesmo.....26
A tagaralice.....28
O Mundo das relações 30
A Canção Psicológica.....34
Retorno e recorrência.....40
A lei do eterno retorno. (IFK).....44
O despertar da consciência (MP).....55
A personalidade (RDD).....61
Catexe 62
A Morte mística.....63
Dissolvendo a catexe solta.....65
O traço psicológico particular.....66
Metodologia do trabalho.....70
Os sofismas da distração.....71
A escravidão Psicológica.....73
A personalidade kalkiana.....75
Blue Time-Terapêutica do repouso.....80
A revolução da meditação.....82
O trabalho com o demônio (MP).....85
O Abismo (MP).....93
Sexualidade normal .(MP).....99
Supra-sexualidade.....103
Ressurreição e reencarnação.....107
A lei da recorrência (MAF).....121
Retorno e recorrência (GR).....131
A lei do pêndulo (GR).....135
O movimento contínuo (IDK).....141
O arcano dez (MAF).....155
O inferno.....159
Os três aspectos do interior da terra.....165
Mônadas e essências.....171
Primeiro círculo infernal.....184
O caracol da existência.....195
Os negócios 203
O País psicológico (GR).....210
Criaturas mecânicas (TPR).....214
Conduta gregária (RDD).....218

_____pg
A deformação da palavra 219
Saber escutar.....220
A exatidão do termo.....221
O amor próprio.....222
A Dialética da consciência (GR).....224
A Organização da Psique (RDD).....230
O difícil caminho GR.....238
A dissolução do ego.(IDK) 242
Didát. Concr. p/ dissol. do ego(DAC).....253
Compreensão criadora (GR).....264
Compreensão (MAF).....268
Eliminação.(MAF) 272
Meditação.(GR).....276
O domínio da mente (RDD).....280
Compreensão (RDD).....287
Imaginação 288
Decaptação.(TPR).....289
As representações da mente.(DAC).....297
Transformação das impressões (DAC).....315
Transformação das impressões (RDD).....323
O estômago mental.....331
A Nona Esfera (MP).....334
Ioga Sexual .(MP).....343
Magia sexual (MAF) 350
A lança esotércia (MAF).....354
Eros.(MAF) 360
Ciência gnostica. Cap 1 e 3.....368

Legenda dos livros usados:

MP- *Matrimonio Perfeito*; MAF- *Mistério do Áureo Florescer*; GR-*Grande Rebelião*; IDK- *Sim há inferno sim há diabo, sim há karma*; DAC- *Didática do auto-conhecimento*; RDD- *Revolução da dialética*; TPR- *Tratado de psicologia Revolucionária*

Capítulos que não indicam de que livro foram tirados, é porque estão no livro citado no capitulo anterior.

O Eu Psicológico

Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto−explorar para conhecer profundamente.

Existem por toda parte lindas teorias que atraem e fascinam, porem tudo isso de nada serviria se não nos conhecêssemos a nós mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair−se um pouco lendo obras sérias; no entanto, chega a ser irônico converter−se num erudito e não saber nada sobre si mesmo, sobre o eu sou, sobre a personalidade humana que possuímos.

Cada qual é muito livre para pensar o que queira e a razão subjetiva do "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, dá para tudo; tanto pode fazer de uma pulga um cavalo, como de um cavalo uma pulga. São muitos os intelectuais que vivem jogando com o raciocínio, mas, e daí ?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como erva daninha e não apenas não sabem como nem sequer sabem que não sabem.

Entenda−se por ignorantes ilustrados os sabichões que pensam que sabem e nem sequer se conhecem a si mesmos.

Poderíamos teorizar lindamente sobre o eu da psicologia, mas não é exatamente isso o que nos interessa neste capítulo.

Necessitamos conhecer a nós mesmos pela via direta, sem o processo deprimente da opção.

De modo algum seria isto possível se não nos auto−observássemos em ação de instante a instante, de momento em momento.

Não se trata de ver−nos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectiva.

Ver−nos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos

chegar ao conhecimento verdadeiro de nós mesmos.

Ainda que pareça incrível, nós estamos equivocados com respeito a nós mesmos.

Muitas coisas que cremos não ter, as temos; e muitas que cremos ter, não as temos.

Temos formado falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que em realidade não temos e muitas virtudes que possuímos, certamente as ignoramos.

Somos pessoas adormecidas, inconscientes e isso é o grave. Infelizmente, pensamos o melhor de nós mesmos e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para conseguir esse despertar.

O pior do caso é que são muitos os que leram as sagradas escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo pensa que se conhece a si mesmo e nem remotamente suspeita que existe a “doutrina dos muitos”.

Realmente, o eu psicológico de cada um é múltiplo; sobrevém sempre como muitos.

Com isto queremos dizer que temos muitos “eus” e não só um, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Negar a “doutrina dos muitos” é fingir−se de bobo para si mesmo; pois, de fato, seria o cúmulo dos cúmulos ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui.

Vou ler um jornal, diz o eu do intelecto; ao diabo com tal leitura,exclama o eu do movimento, prefiro dar um passeio de bicicleta. Que passeio, que nada! Grita um terceiro em discórdia, prefiro comer, tenho fome.

Se pudéssemos nos ver num espelho de corpo inteiro, tal como somos, descobriríamos, por nós mesmos, em forma direta, a doutrina dos muitos.

A personalidade humana é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis.

O eu que hoje jura amor eterno pela Gnose é mais tarde substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento; então o sujeito se retira.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde substituído por outro que nada tem a ver com esse juramento; então o sujeito se enamora de outra e castelo de cartas vai ao chão.

O "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, é como uma casa cheia de muita gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos eus. Todos eles brigam entre si e disputam a supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente−se o único, o amo; porém acaba sendo derrocado.

Considerando as coisas deste ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o "mamífero intelectual" não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Indiscutivelmente, o que a máquina faça ou diga num momento dado depende exclusivamente do tipo de eu que nesses instantes a controla.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus, viva personificação dos sete pecados capitais.

É óbvio que cada um destes sete demônios é cabeça de legião; daí devemos estabelecer, como corolário, que o Cristo Íntimo pôde expulsar do corpo da Madalena milhares de Eus.

Refletindo em todas estas coisas podemos inferir clararnente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a ESSÊNCIA. Infelizmente, a mesma encontra−se enfrascada entre todos estes múltiplos eus da Psicologia Revolucionária.

É lamentável que a Essência se processe sempre em virtude de seu própio condicionamento.

Indiscutivelmente, a Essência, que é a mesma coisa que a Consciência, dorme profundamente.

Os Diferentes Eus

O Mamífero Racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente, esta falta de unidade psicológica no humanóide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja doente.

Entretanto, a vida interior do humanóide de modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso, a despeito do que digam as diversas escolas de tipo Pseudo− Esotérico no fundo íntimo de cada um.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso, como um todo, na vida interior das pessoas.

O humanóide, no que diz respeito a seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de "Eus".

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao "EU", endeusam−no, colocam−no nos altares, chamam−no "Alter Ego", "Eu Superior", "Eu Divino", etc., etc., etc.

Não querem dar−se conta, os "sabichões" desta idade negra em que vivemos, de que "Eu Superior" ou "Eu Inferior" são duas seções do mesmo Ego pluralizado...

O humanóide não tem certamente um "Eu Permanente", mas uma multidão de diferentes "Eus" infrahumanos e absurdos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem, onde, em vez de um único chefe, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que lhes vem à cabeça...

O maior erro do Pseudo−Esoterismo e Pseudo−Ocultismo baratos é supor que os outros possuem ou que se tem um "Eu Permanente e Imutável", sem princípio e sem fim...

Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente, por si mesmos, que o humanóide racional nunca é o mesmo por muito tempo...

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, muda continuamente...

Pensar que se uma pessoa se chama Luiz é sempre Luiz é como uma brincadeira de muito mau gosto...

Esse sujeito, a quem se chama Luiz, tem em si mesmo outros "Eus", outros Egos que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos, e, ainda que o Luiz não goste da cobiça, outro "Eu" nele, chamemo−lhe Pepe, gosta da cobiça, e assim sucessivamente...

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua. Realmente, não é necessário ser muito sábio para dar−se conta cabal das inúmeras mudanças e contradições de cada indivíduo...

Supor que alguém possui um "Eu Permanente e Imutável" equivale a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo...

Dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas, muitos "Eus", isto o pode verificar, por si mesmo e de forma direta, qualquer pessoa desperta, consciente...

O Querido Ego

Considerando que "superior" e "inferior" são duas seções de uma mesma coisa, pode−se deduzir o seguinte corolário: "Eu Superior" e "Eu Inferior" são dois aspectos do mesmo Ego tenebroso e pluralizado.

O denominado "Eu Divino" ou "Eu Superior", "Alter Ego" ou algo parecido, é certamente uma evasiva do "Mim Mesmo", uma forma de auto−engano.

Quando o Eu quer continuar aqui e no além, se auto−engana com o falso conceito de um Eu Divino Imortal...

Nenhum de nós tem um "Eu" verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável, etc., etc., etc.

Nenhum de nós tem, na verdade, uma verdadeira e autêntica Unidade de Ser; infelizmente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, ainda que continue além do túmulo, tem, no entanto, um princípio e um fim.

O Ego nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente, o Eu são "Eus".

No Tibete Oriental, os "Eus" são denominados "Agregados Psíquicos" ou simplesmente "Valores", sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensamos em cada "Eu" como uma pessoa diferente, podemos asseverar de forma enfática o seguinte: "Dentro de cada pessoa que vive no mundo, existem muitas pessoas".

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores...

Cada um destes Eus, cada uma destas pessoas, luta pela supremacia, quer ser exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor cada vez que pode, até que outra a substitui...

A Doutrina dos Muitos Eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros

Clarividentes, pelos autênticos iluminados...

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual Eu.

Considerando que temos milhares e até milhões de defeitos, é evidente que vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas, pudemos evidenciar claramente que os paranóicos, ególatras e mitômanos por nada na vida abandonariam o culto do querido Ego.

Inquestionavelmente, tais pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos "Eus".

Quando alguém quer conhecer de verdade a si mesmo, deve auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes "Eus" que estão radicados em sua personalidade.

Se algum de nossos leitores não compreende essa doutrina dos muitos "Eus", deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de Auto-Observação.

À medida em que alguém pratica a Auto-Observação interior, vai descobrindo, por si mesmo, as muitas pessoas, os muitos "Eus" que vivem dentro de sua própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos Eus, aqueles que adoram a um Eu Divino, indubitavelmente jamais se auto-observaram seriamente. Falando em estilo socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram como, além disso, ignoram que ignoram.

Certamente jamais poderíamos conhecer a nós mesmos sem a auto-observação séria e profunda.

Enquanto uma pessoa continue considerando-se como Um, é claro que qualquer transformação interior será totalmente impossível.

A Transformação Radical

Enquanto um homem prosseguir com o erro de crer−se Um, Único, Individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O fato mesmo de que o trabalho esotérico começa com a rigorosa observação de nós mesmos está nos indicando uma multiplicidade de fatos psicológicos, Eus ou elementos indesejáveis que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos.

Urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa Psique.

Este tipo de trabalho não é externo, mas interno, e aqueles que pensem que qualquer manual de etiqueta ou sistema ético externo e superficial poderá levá−los ao êxito estarão de fato totalmente equivocados.

O fato concreto e definido de que o trabalho íntimo se inicia com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente, asseveramos enfaticamente o seguinte: nenhum ser humano poderia fazer este tipo de trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa Psique sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro de nós.

Aceitar simplesmente a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmos, significa de fato uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de auto−engano.

Só através do esforço rigoroso da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de qualquer espécie, poderemos evidenciar realmente que não somos "Um", mas "Muitos".

Admitir a pluralidade do Eu e evidenciá−la através da observação rigorosa são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a Doutrina dos Muitos Eus sem jamais havê−la evidenciado; isto só é possível auto−observando−se cuidadosamente.

Evitar o trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustenta a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar; e é óbvio que a finalidade deste trabalho é precisamente conseguir uma transformação gradual em nossa vida interior.

A transformação radical é uma possibilidade definida, que normalmente se perde quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da transformação radical permanece oculto enquanto o homem continuar crendo−se Um.

Aqueles que rechaçam a Doutrina dos Muitos Eus demonstram claramente que jamais se auto−observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatórias de qualquer espécie, permite− nos verificar por nós mesmos o cru realismo de que não somos "Um", mas "Muitos".

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudo−esotéricas ou pseudo− ocultistas servem sempre de saída para a fuga de si mesmo...

Inquestionavelmente, a ilusão de que se é sempre uma e a mesma pessoa constitui obstáculo para a auto−observação...

Alguém poderia dizer: "Sei que não sou um mas muitos, a Gnose me ensinou". Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental; só assim é possível trabalhar conscientemente, para se conseguir uma transformação radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: "Compreendo que não sou um, mas muitos", se sua compreensão é verdadeira e não mero palavreado insubstancial, isto indica plena verificação da Doutrina dos Muitos Eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro é da mente, o segundo do coração.

O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos Eus de nada serve.

Infelizmente, nos tempos em que vivemos, o conhecimento foi muito além da compreensão; o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, desenvolveu exclusivamente o conhecimento, esquecendo lamentavelmente o Ser.

Conhecer a Doutrina dos Muitos Eus e compreendê−la é fundamental para toda transformação radical verdadeira.

Quando um homem começa a observar−se detidamente, partindo do princípio de que não é Um, mas Muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

Observador e Observado

É muito claro e não é difícil de compreender que, quando alguém começa a observar−se seriamente, partindo do princípio de que não é Um, mas Muitos, começa realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro de si.

São obstáculos, tropeços, impecilhos para o trabalho de Auto−Observação Íntima os seguintes defeitos psicológicos. Mitomania (delírio de grandeza, crer−se um Deus); Egolatria (crença em um Eu permanente, adoração a qualquer espécie de Alter−Ego); Paranóia (achar que sabe tudo, auto−suficiência, presunção, crer−se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda de que é Um, de que se possui um Eu permanente, torna−se mais que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê Um, nunca será capaz de separar−se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto, etc., como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza, e até se justificará ante os demais dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário...

Quem aceita a Doutrina dos Muitos Eus compreende, à base de observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão, etc., corresponde a um ou outro Eu distinto, diferente...

Qualquer atleta da Auto−Observação íntima trabalha muito seriamente dentro de si mesmo, e se esforça por separar de sua Psique os diversos elementos indesejáveis que carrega consigo.

Se alguém de verdade e muito sinceramente começa a observar−se internamente, dividir−se−á em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não ocorresse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na via maravilhosa do Auto−Conhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos, se cometêssemos o erro de não

querer dividir−nos em Observador e Observado?

Se tal divisão não ocorresse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do Auto−Conhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não sucede, continuamos identificados com todos os processos do Eu Pluralizado.

Quem se identifica com os diversos processos do Eu Pluralizado é sempre vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não conhece a si mesmo? Como poderia conhecer a si mesmo quem nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém auto−observar−se, se não se divide previamente em Observador e Observado?

Assim, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não for capaz de dizer: "Este desejo é um Eu animal, que devo eliminar"; "Este pensamento egoísta é outro Eu que me atormenta e que necessito desintegrar"; "Esse sentimento, que fere meu coração, é um Eu intruso que necessito reduzir a poeira cósmica", etc., etc., etc.

Naturalmente, isto é impossível para quem nunca se dividiu em Observador e Observado.

Quem toma todos seus processos Psicológicos como funcionalismos de um Eu Único, Individual e Permanente, encontra−se tão identificado com todos os seus erros, tem− nos tão unidos a si mesmo, que perdfe por tal motivo a capacidade de separá−los de sua Psique.

Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente, são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

Pensamentos Negativos

Pensar profundamente e com plena atenção parece algo estranho nesta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos, provenientes, não de um Eu permanente como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes "Eus" em cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si mesmo está pensando.

Não quer entender o pobre mamífero intelectual que os múltiplos pensamentos que passam por seu entendimento têm sua origem nos diferentes "Eus" que leva dentro.

Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes; realmente ainda não temos mente individual.

Entretanto, cada um dos diferentes "Eus" que carregamos dentro usa nosso Centro Intelectual, utiliza−o cada vez que pode para pensar.

Seria absurdo, então, identificar−nos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, acreditando ser ele nossa propriedade particular.

Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provêm de qualquer "Eu" que em um dado momento utilizou abusivamente nosso Centro Intelectual.

Existem pensamentos negativos de distintas espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc., etc., etc...

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que temos que, ainda que tivéssemos um palato de aço e mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerá−los cabalmente.

Como sequência ou corolário do que antecede, torna−se descabido identificarmo−nos com os pensamentos negativos.

Uma vez que não é possível que exista efeito sem causa, afirmamos solenemente que um pensamento poderia existir por si mesmo, por geração espontânea...

É evidente a relação entre pensador e pensamento; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos quantos pensamentos da mesma índole.

Vista a questão sob o ângulo pluralizado de "Pensadores e Pensamentos", conclui−se que cada um dos "Eus" que carregamos em nossa Psique é certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós existem pensadores em demasia.

Não obstante, cada um destes, apesar de ser tão só parte, crê−se o todo, em um dado momento...

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranóicos, nunca aceitariam a tese da "pluralidade de pensadores", porque valorizam demasiadamente a si mesmos, sentem−se "o papai do Tarzan" ou "a mamãe das criancinhas"...

Como poderiam tais pessoas anormais aceitar a idéia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa?...

Não obstante, tais Sabichões pensam de si mesmos o melhor, e até se vestem com a túnica de Arístipo para demonstrar sabedoria e humildade...

Conta a lenda dos séculos que Arístipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu−se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos; empunhou com a mão direita o Bastão da Filosofia e se foi pelas ruas de Atenas...

Dizem que, quando Sócrates o viu vindo, exclamou com grande voz: "Ó Arístipo, vê−se tua vaidade através dos buracos de tua vestimenta!"

Quem não vive sempre em estado de Alerta Novidade, Alerta Percepção, pensando que está pensando, facilmente se identifica com qualquer pensamento negativo.

Como resultado, fortalece lamentavelmente o poder sinistro do "Eu Negativo", autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente "Eu" que o caracteriza.

Com relação à Gnose, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares encontram−se precisamente nos "Eus" que odeiam a Gnose, o trabalho esotérico; porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnose e pelo Trabalho.

Esses "Eus Negativos" e brigões apoderam−se facilmente de certos "rolos" mentais armazenados em nosso Centro Intelectual, e originam sequencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitamos esses pensamentos, esse "Eus Negativos" que em um dado momento controlam nosso Centro Intelectual, seremos então incapazes de livrar−nos de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo "Eu Negativo" se "auto−engana" e "engana"; conclusão: Mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da Gnose, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum Eu Negativo.

O "Eu Negativo do Adultério" aniquila os nobres lares e torna desgraçados os filhos.

O "Eu Negativo dos Ciúmes" engana os seres que se adoram e destrói sua felicidade.

O "Eu Negativo do Orgulho Místico" engana os devotos do Caminho e estes, sentindo−se sábios, cansam−se de seu Mestre ou o atraiçoam...

O Eu Negativo apela para nossas experiências pessoais, nossas recordações, nossas melhores aspirações, nosssa sinceridade, e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isto, apresenta algo sob uma falsa luz, algo que fascina, e vem o fracasso...

Não obstante, quando alguém descobre o "Eu" em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano faz−se impossível...

A Individualidade

Crer−se "Uno" é certamente uma brincadeira de muito mau gosto; infelizmente esta vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos de nós mesmos o melhor, jamais não ocorre compreender que nem sequer possuímos verdadeira individualidade.

O pior é que até nos damos ao falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria.

Pobres de nós! Quão néscios somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muitos milhares de indivíduos diferentes, Eus ou pessoas que brigam entre si, que pelejam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma entre si.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria a vida...

Mas, para cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas e as auto−considerações e amor próprio nos fascinam, nos hipnotizam, jamais nos permitem recordarmo−nos de nós mesmos, ver−nos tal qual somos...

Acreditamos ter uma só vontade, quando na realidade possuímos muitas vontades diferentes (cada Eu tem a sua).

A tragicomédia de toda esta Multiplicidade Interior é pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam−se entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira Individualidade, se possuíssemos uma Unidade em vez de uma Multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado; entretanto, devemos começar por ser sinceros com nós mesmos.

Necessitamos fazer um inventário psicológico sobre nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta.

É possível conseguir a Individualidade, mas, se acreditamos tê−la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que acreditamos ter. A fantasia nos faz crer que somos possuidores da Individualidade, e até existem no mundo escolas que assim o ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia. Esta nos faz crer que somos isto ou aquilo, quando na realidade somos miseráveis, desavergonhados e perversos.

Pensamos que somos homens, quando de verdade somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de Individualidade.

Os mitômanos crêem−se Deuses, Mahatmas, etc., sem suspeitar que nem sequer têm mente individual e Vontade Consciente.

Os ególatras adoram tanto a seu querido Ego, que nunca aceitariam a idéia da Multiplicidade de Egos dentro de si mesmos.

Os paranóicos, com todo o orgulho clássico que os caracteriza, nem sequer lerão este livro...

É indispensável travarmos uma luta de morte contra a fantasia acerca de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas que, além de colocar−nos em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia que sonha que é leão ou águia, quando na verdade não é mais que um pobre verme do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria as afirmações feitas nas linhas acima; obviamente ele se sente arqui−hierofante, não importa o que digam, sem suspeitar que a fantasia é meramente nada, "nada senão fantasia".

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o humanóide intelectual em estado de sonho, fazendo−o crer que já é homem, que possui verdadeira Individualidade, vontade, consciência

desperta, mente particular, etc., etc., etc...

Quando pensamos que somos Um, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e por fim degeneramos, involuímos.

Cada um de nós encontra-se em determinada etapa psicológica, e não poderemos sair da mesma a menos que descubramos diretamente todas essas pessoas ou Eus que vivem dentro de nós.

É claro que, mediante a auto-observação íntima, poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que necessitamos eliminar para lograr a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós tínhamos, e, como resultado, evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira Individualidade.

Enquanto não nos auto-observemos, viveremos na ilusão de que somos Um, e, como consequência, nossa vida será equivocada.

Não é possível relacionar-nos corretamente com nossos semelhantes enquanto não se realize uma mudança interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos Eus que levamos dentro de nós.

De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais Eus se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem Um, que pensam em si mesmos o melhor, que nunca aceitariam a doutrina dos muitos, tampouco desejam observar os Eus, e, portanto, qualquer possibilidade de mudança torna-se impossível para eles.

Não é possível mudar se não se elimina; mas quem se sente possuidor da Individualidade, se aceitasse que deve eliminar, ignoraria realmente o que deve eliminar.

No entanto, não devemos esquecer que, quem crê ser Uno, auto-enganado, crê que sabe o que eliminar, quando na verdade nem sequer sabe que não

sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos "desegoistizar−nos" para "individualizar−nos", mas quem crê que possui a Individualidade é impossível que possa desegoistizar−se.

A Individualidade é 100% sagrada, raros são os que a têm; mas todos pensam que a têm.

Como poderíamos eliminar os múltiplos "Eus" se cremos que temos um "Eu" Único?

Certamente só quem jamais se auto−observou seriamente pensa que tem um Eu Único.

Devemos entretanto ser muito claros neste ensinamento, porque existe o perigo psicológico de se confundir a Individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de "Eu Superior", ou algo do gênero.

A Individualidade Sagrada está muito além de qualquer forma de "Eu", é o que é, o que sempre tem sido e o que sempre será.

A legítima Individualidade é o Ser, e a razão de Ser do Ser é o mesmo Ser.

Distinga−se entre o Ser e o Eu. Aqueles que confundem o Eu com o Ser certamente nunca se auto−observaram seriamente.

Enquanto a Essência, a consciência, continua engarrafada dentro de todo esse conjunto de Eus que levamos dentro, a transformação radical será totalmente impossível.

O Livro da Vida

Uma pessoa é o que é a sua vida. Isso que continua mais além da morte é a vida.

Este é o significado do livro da vida, que se abre com a morte.

Vendo esta questão de um ponto de vista estritamente psicológico, um dia qualquer de nossa vida é realmente uma pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isto podemos inferir o seguinte: Se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca. Quando se afirma que se quer trabalhar sobre si mesmo, e não se trabalha hoje, adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda a nossa existência.

Existe por aí um dito popular que diz: "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje mesmo".

Se um homem diz: "Trabalharei sobre mim mesmo, amanhã", nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isto é muito similar a certo aviso que alguns comerciantes põem em suas lojas: "Fiado, só amanhã".

Quando algum necessitado chega para solicitar crédito, encontra o terrível aviso; volta no outro dia, e encontra outra vez o malfadado letreiro.

Isto é o que se chama em psicologia a "doença do amanhã".

Enquanto um homem diga "amanhã", nunca mudará.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, trabalhar sobre nós mesmos hoje, não sonhar preguiçosamente com um futuro ou uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem "vou antes fazer isto ou aquilo, e depois trabalharei", jamais

trabalharão sobre si mesmos. Esses são os moradores da terra citados nas Sagradas Escrituras.

Conheci um poderoso latifundiário que dizia: "primeiro necessito aumentar minhas propriedades, depois trabalharei sobre mim mesmo".

Quando ficou mortalmente doente, fui visitá−lo e lhe fiz a seguinte pergunta: "Ainda queres aumentar tuas propriedades"?

"Lamento de verdade haver perdido o tempo", me respondeu. Dias depois morreu, depois de haver reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras, mas queria apossar−se das propriedades vizinhas, a fim de que sua fazenda ficasse limitada exatamente por quatro caminhos.

"A cada dia basta o seu afã!", disse o Grande Kabir Jesus. Devemos auto−observar− nos hoje mesmo, no tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo hoje mesmo, quando observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos antes observar nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer nosso dia, como também nossa relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

É interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos na vida de cada pessoa, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras merece ser estudada, pois nos conduz ao auto−conhecimento.

Observação de Si Mesmo

A Auto−Observação íntima de si mesmo é um meio prático para obter uma transformação radical.

Conhecer e observar são coisas diferentes. Muitos confundem a observação de si, como o conhecer. Temos conhecimento de que estamos sentados em uma cadeira em uma sala, mas isto não significa que estamos observando a cadeira.

Conhecemos que, em um dado instante, nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema ou preocupação por este ou aquele assunto, ou em estado de desassossego ou incerteza, etc. Mas isto não significa que o estejamos observando.

Você sente antipatia por alguém? Não lhe agrada certa pessoa? Por que? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe−a, conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar...

A observação de si, que é cem por cento ativa, é um meio para a transformação de si, enquanto o conhecer, que é passivo, não o é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de si mesmo, para o que está sucedendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo...

No caso de uma pessoa a quem se tem antipatia, apenas porque nos agrada e muitas vezes sem motivo algum, observa−se a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenamente dentro de si mesmo, o que estão dizendo, as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que tudo isto deixa em nossa psique, etc., etc., etc.

Obviamente, em tal estado damo−nos conta também de que interiormente estamos tratando muito mal à pessoa a quem temos antipatia.

Mas, para ver tudo isto, se necessita inquestionavelmente de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de si mesmo; não de uma atenção

passiva.

A atenção dinâmica provém realmente do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isto nos faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos com isto dizer que não exista a observação mecânica de si, mas tal tipo de observação nada tem a ver com a auto−observação psicológica a que estamos nos referindo.

Pensar e observar são também muito diferentes. Qualquer sujeito pode dar−se ao luxo de pensar sobre si mesmo tudo o que queira, mas isto não quer dizer que esteja se observando realmente.

Necessitamos ver aos diferentes "Eus" em ação, descobrí−los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria consciência, arrepender−nos de havê−los criado, etc.

Então exclamaremos: "Mas o que está fazendo este Eu?", "O que está dizendo?" "O que é que quer?", "Por que me atormenta com sua luxúria?", "Com sua ira?", etc., etc., etc.

Então veremos dentro de nós mesmos todo esse trem de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, morbosidades, leitos de prazer, quadros de lascívia, etc., etc., etc.

Muitas vezes, antes de dormirmos, no preciso momento de transição entre a virgília e o sono, sentimos dentro de nossa própria mente diferentes vozes que falam entre si; são os diferentes Eus que devem romper, em tais momentos, toda conexão com os diferentes centros de nossa máquina orgânica, a fim de submergirem, em seguida, no mundo molecular, na "Quinta Dimensão".

A Tagarelice

Torna−se urgente, inadiável, impostergável, observar a tagarelice interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente, a tagarelice interior equivocada é a "causa causorum" de estados psíquicos inarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente, esse palavreado inútil, insubstancial e de sentido ambíguo, e em geral toda ação prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior, tem sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe−se que existe na Gnose a prática esotérica do silêncio interior; isto o conhecem nossos discípulos de "Terceira Câmara".

Não será supérfluo dizer com inteira claridade que o silêncio interior deve referir−se especificamente a algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, consegue−se o silêncio interior; mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo.

"Esvaziar a mente" ou "pô−la em branco" para conseguir realmente o silêncio interior, tampouco é o que intentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente, estamos falando agora de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago e geral...

Queremos praticar o silêncio interior em relação a algo que já esteja na mente: pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos contaram, o que fez fulano, etc., mas sem tocá−lo com a língua interior, sem discurso íntimo...

Aprender a calar não somente com a língua exterior, mas também, além

disso, com a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo ao próximo. A tagarelice interior venenosa e malévola produz confusão interior.

Se observarmos a tagarelice interior equivocada, veremos que está feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam de um modo mais ou menos incorreto, ou do algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional se fundamenta exclusivamente na "auto− simpatia".

Para o cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos conosco mesmos, com nosso "querido Ego", e sentimos antipatia e até ódio daqueles que não simpatizam conosco.

Valorizamos demasiadamente a nós mesmos, somos cem por cento narcisistas, isto é irrefutável, irrebatível.

Enquanto continuemos bloqueados na "auto−simpatia", qualquer desenvolvimento do Ser tornar−se absolutamente impossível.

Necessitamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente sabermos colocar−nos na posição dos outros.

"Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei−o vós a eles" (Mateus VII, 12).

O que verdadeiramente conta nestes estudos é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Infelizmente, ainda que sejamos muito corteses e até sinceros às vezes, não há dúvida de que, invisível e internamente, nos tratamos muito mal uns aos outros.

Pessoas aparentemente muito bondosas arrastam diariamente seus semelhantes até a cova secreta de si mesmas para fazer com estes todos os seus caprichos (humilhações, engano, escárnio, etc.).

O Mundo das Relações

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes, que necessitamos aclarar de forma precisa.

Primeiro: estamos relacionados com o corpo planetário, ou seja, com o corpo físico.

Segundo: vivemos no Planeta Terra e, como consequência lógica, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões atinentes a nós: assuntos familiares, negócios, finanças, questões profissionais, política, etc., etc., etc.

Terceiro: a relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas este tipo de relação não tem a menor importância.

Desafortunadamente, as pessoas só se interessam pelos dois primeiros tipos de relações, olhando com a mais absoluta indiferença o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios, constituem realmente as principais preocupações do "Animal Intelectual" equivocadamente chamado "homem".

Torna−se evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O Corpo Planetário (corpo físico) às vezes se encontra enfermo, às vezes são, e assim sucessivamente.

Cremos sempre ter algum conhecimento do nosso corpo físico, mas, na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico, dada sua tremenda e complicada organização, está certamente muito além de nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a originar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de se adaptarem às coisas ou às pessoas ou ter verdadeiro êxito na vida.

Ao pensar em nós mesmos do ponto de vista do trabalho esotérico Gnóstico, faz−se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e, em consequência disto, podemos estar enfermos.

Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e, como resultado, tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais, etc., etc., etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e, consequentemente, soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso quarto não se encontra conectada com a instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente, necessitamos estabelecer corretas relações não só com nosso Corpo Planetário (corpo físico) e com o mundo exterior como também com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os doentes pessimistas, cansados de tantos médicos e remédios, já não desejam curar−se; os pacientes otimistas lutam por viver.

No Cassino de Monte Carlo, muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo se suicidaram. Enquanto isso, milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmos. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, deve−se apelar para a íntima recordação de si mesmo.

No fundo de cada um de nós está a Tonantzin Asteca, a Stella Maris, a Isis Egípcia, Deus Mãe, aguardando−nos para curar nosso dolorido coração.

Quando alguém dá a si mesmo o choque da "Recordação de Si", produz realmente uma transformação milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

A Canção Psicológica

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama "consideração interna".

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da "auto−consideração íntima", pois, além de hipnotizar a consciência, ela nos faz perder muitíssima energia.

Caso a pessoa não cometesse o erro de identificar−se tanto consigo mesma, a auto− consideração interior seria totalmente impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, quando se quer muito, sente piedade de si mesmo, se auto−considera, pensa que sempre se portou bem com Fulano, com Siclano, com a mulher, com os filhos, etc., e que ninguém soube apreciá−lo, etc. Em suma, pensa que é um santo, e os outros uns malvados, uns velhacos.

Uma das formas mais comuns da auto−consideração íntima é a preocupação pelo que outros possam pensar sobre nós mesmos; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes, etc.

O mais curioso de tudo isso é que ignoramos lamentavelmente a enorme perda de energia que esse tipo de preocupações nos traz.

Muitas atitudes hostis para com certas pessoas, que mal algum nos fizeram, se devem precisamente a tais preocupações nascidas da auto−consideração íntima.

Nestas circunstâncias, quando se quer tanto a si mesmo, auto−considerando−se deste modo, é claro que o Eu, ou melhor dizendo, os Eus, em vez de se extinguirem, se fortalecem espantosamente.

Identificada consigo mesma, a pessoa se apieda muito de sua própria situação, e até se põe a fazer contas.

Então é que pensa que Fulano, que Siclano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo, etc. não lhe pagaram

como deviam, apesar de suas costumeiras bondades, e, engarrafado nisso, torna−se insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim praticamente não se pode falar, porque qualquer conversa seguramente vai parar no seu livro de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos.

Está escrito que, no trabalho esotérico Gnóstico, o crescimento anímico só é possível mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A Oração do Senhor disse: "Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a nossos devedores".

O sentimento de que alguém nos deve, a dor pelos males que os outros nos causaram, etc, detém o progresso interior da alma.

Jesus, o Grande Kabir, disse: "Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto está em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo, dali não sairás antes de teres pago o último centavo" (Mateus V, 25,26).

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos paguem até o último cruzeiro, devemos pagar antes até o último centavo.

Esta é a "Lei de Talião": "Olho por olho e dente por dente", círculo vicioso, absurdo.

As desculpas, satisfações e humilhações que a outros exigimos, pelos males que nos causaram, são também exigidas a nós, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar−se sob leis desnecessárias é absurdo, melhor é colocar−se sob novas influências.

A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a Lei do homem violento, "Olho por olho, dente por dente".

É urgente, indispensável, inadiável, colocar−nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico Gnóstico, esquecer que nos devem e eliminar de nossa psique qualquer forma de auto−consideração.

Jamais devemos admitir dentro de nós sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, recordação incessante de dívidas, etc.

A Gnose está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Observando as pessoas, podemos evidenciar de forma direta que cada uma tem sua própria canção.

Cada qual canta sua própria canção psicológica; quero referir−me de modo enfático a essa questão das contas psicológicas, sentir que lhe devem, queixar−se, auto−considerar−se, etc.

Às vezes as pessoas cantam sua canção "sem que nem porque", "sem que se lhes dê corda", sem que se as estimule, e, em outras ocasiões, depois de umas quantas taças de vinho...

Nossa aborrecida canção deve ser eliminada, ela nos incapacita, nos rouba muita energia.

Em questão de Psicologia Revolucionária, alguém que canta muito bem − não nos referimos à formosa voz nem ao canto físico − certamento não pode ir além de si mesmo, fica no passado.

Uma pessoa impedida por tristes canções não pode mudar seu Nível de Ser, não pode ir além do que é.

Para passar a um Nível Superior do Ser, é preciso deixar de ser o que se é, necessitamos não ser o que somos.

Se continuamos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um Nível Superior do Ser.

No terreno da vida prática acontecem coisas insólitas. Frequentemente uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque é fácil cantar sua canção para ela.

Infelizmente, esse tipo de relações termina quando se pede ao cantor que se cale, que "mude o disco", que fale de outra coisa, etc.

Então, o cantor, ressentido, se vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutá−lo por tempo indefinido.

Compreensão, exige o cantor. Alguém que o compreenda, como se fosse tão fácil compreender outra pessoa.

Para compreender outra pessoa é preciso compreender a si mesmo.

Infelizmente, o bom cantor crê que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem compreendidos e sonham com um mundo maravilhoso onde eles são as figuras centrais.

Contudo, nem todos os cantores são públicos, existem também os reservados; não cantam a sua canção diretamente, mas secretamente.

São gente que trabalhou muito, que sofreu muito, e se sente defraudada, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que não foram capazes de conseguir.

Comumente sentem uma tristeza interior, uma sensação de monotomia e aborrecimento espantoso, cansaço íntimo ou frustação ao redor da qual se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções secretas fecham−nos a passagem no caminho da auto− realização íntima do Ser.

Infelizmente, tais canções interiores, secretas, passam despercebidas para nós, a menos que as observemos intencionalmente.

Obviamente, toda observação de si deixa penetrar a luz na própria pessoa, em suas profundidades íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique, a não ser à luz da observação de si.

É indispensável observar a si mesmo, estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando alguém está só, se apresentam "Eus" muito diferentes, outros pensamentos, emoções negativas, etc.

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural, estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os "Eus" mais negativos e perigosos se apresentam quando se está só.

Se queremos transformar−nos radicalmente, necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou inarticuladas.

Retorno e Recorrência

Um homem é o que é sua vida; se um homem não modifica nada dentro de si mesmo, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida, com a possibilidade de repetí−la novamente.

Muito se disse na literatura pseudo−esotérica e pseudo−ocultista sobre o tema das vidas sucessivas. Melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós, com todos os seus tempos, é sempre a mesma, repetindo−se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos.

Inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes, isto é algo que já está demonstrado.

A vida de cada um de nós, em particular, é um filme vivo que ao morrer levamos para a eternidade.

Cada um de nós leva seu filme e torna a trazê−lo para projetá−lo outra vez na tela de uma nova existência.

A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei de Recorrência.

Em cada nova existência se repetem sempre as mesmas circunstâncias.

Os atores de tais cenas, sempre repetidas, são essa gente que vive em nosso interior, os "Eus".

Se desintegramos esses atores, esses "Eus" que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se faria impossível.

Obviamente, sem atores não pode haver cenas, isto é irrebatível, irrefutável.

Assim é como podemos libertar−nos das Leis de Retorno e Recorrência, assim podemos fazer−nos livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (Eus) que em nosso interior levamos repete, de existência em existência, seu mesmo papel. Se o desintegramos, se o ato morre, o papel termina.

Refletindo seriamente sobre a Lei de Recorrência, ou repetição das cenas em cada Retorno, descobrimos, por auto−observação íntima, os mecanismos secretos desta questão.

Se na existência passada, na idade de vinte e cinco anos, tivemos uma aventura amorosa, é indubitável que o "Eu" de tal compromisso buscará a mulher de seus sonhos aos vinte e cinco anos da nova existência.

Se a mulher em questão só tinha então quinze anos, o "Eu" de tal aventura buscará seu amado na mesma idade na nova existência.

É fácil compreender que os dois "Eus", tanto o dele como o dela, se buscam telepaticamente e se reencontram, para repetir a mesma aventura da existência passada.

Dois inimigos que lutaram até a morte na existência passada se encontrarão outra vez na nova existência, para repetir sua tragédia na idade correspondente.

Se duas pessoas tiveram uma disputa por bens de raiz, na idade de quarenta anos na existência passada, na mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência, para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos, isso é irrefutável.

Um ladrão leva em seu interior uma corja de ladrões, com diversos compromissos delituosos. O assassino leva dentro de si mesmo um "clube" de assassinos, e o luxurioso leva em psique uma "casa de encontros".

O grave de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas ou "Eus" dentro de si mesmo, e também os compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos Eus que moram dentro de nós acontecem por baixo de nossa razão.

São fatos que ignoramos, coisas que nos sucedem, acontecimentos que se processam no subconsciente e inconsciente.

Com justa razão nos foi dito que tudo nos acontece, como quando chove ou quando troveja.

Realmente temos a ilusão de fazer, mas nada fazemos, nos acontece; isto é fatal, mecânico.

Nossa personalidade é tão só um instrumento de diferentes pessoas (Eus), mediante a qual cada uma dessas pessoas (Eus) cumpre seus compromissos.

Por baixo da nossa capacidade cognitiva ocorrem muitas coisas, e desgraçadamente ignoramos o que se passa por baixo de nossa pobre razão.

Consideramo−nos sábios, quando em verdade nem sequer sabemos que não sabemos.

Somos míseros troncos arrastados pelas ondas embravecidas do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsciência, deste estado tão lamentável em que nos encontramos, só é possível morrendo em nós mesmos...

Como poderíamos despertar sem previamente morrer? Só com a morte advém o novo. Se o germe não morrer, a planta não nasce.

Quem desperta de verdade adquire, por tal motivo, plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade.

20 − A Lei do Eterno Retorno

Amigos meus! Reunidos esta tarde nesta casa, vamos hoje estudar a lei do eterno retorno de todas as coisas.

Na hora da morte chega sempre, ante o leito, o anjo da morte. Destes há legiões e todos eles trabalham de acordo com a grande lei.

Três coisas vão ao panteão ou cemitério: Primeiro, o cadáver físico. Segundo, o corpo vital (este escapa do corpo físico com a última exalação); tal veículo flutua ante o sepulcro e se vai decompondo lentamente à medida que o corpo físico se desintegra. Terceira a ex−personalidade. Esta, indubitavelmente, pode, às vezes, escapar de dentro da tumba e perambular pelo panteão ou se dirigir a alguns lugares que lhe são familiares.

Não há dúvida de que a ex−personalidade se dissolve lentamente através do tempo. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto, esta, em si mesma, é perecedora.

Aquilo que continua, aquilo que não vai ao sepulcro, é o ego, o mim mesmo, o si mesmo.

A morte em si mesma é uma subtração de quebrados. Terminada a operação matemática, só restam os valores.

Obviamente, as somas de valores se atraem e se repelem de acordo com a lei da imantação universal, flutuam na atmosfera do mundo.

A eternidade abre suas fauces para tragar o ego e logo o expele, arroja−o, devolve−o ao tempo.

Foi−nos dito que, no instante preciso da morte, no momento em que o defunto exala seu derradeiro alento, projeta um desenho eletropsíquico de sua personalidade. Tal desenho continua nas regiões supra−sensíveis da natureza e, mais tarde, vem a saturar o ovo fecundado. Assim é como, ao retornar, ao regressar em um novo corpo físico, voltamos a possuir características pessoais muito similares às da vida anterior.

Isto que continua depois da morte não é, pois, algo muito formoso. Aquilo que não é destruído com o corpo físico não é mais que um montão de diabos, de agregados psíquicos, de defeitos. O único decente que existe no fundo de todas entidades cavernárias que constituem o ego é a Essência, a psique, isso que temos de alma.

Ao regressar a um novo veículo físico, entra em ação a lei do carma, pois não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito.

Os anjos da vida encarregam−se de conectar o cordão de prata com o zoosperma fecundante. Inquestionavelmente, muitos milhões de zoospermas escapam no instante da cópula, mas só um deles goza do poder suficiente para penetrar no óvulo, a fim de realizar a concepção.

Esta força, de tipo muito especial, não é um produto do acaso ou do azar. O que acontece é que é impulsionado de dentro em seu energetismo íntimo pelo anjo da vida, que em tais instantes realiza a conexão da Essência que retorna.

Os biólogos sabem muito bem que os gametas masculino e feminino levam, cada um, 24 cromossomas. Somados estes entre si, dão a soma total de 48, que vêm compor a célula germinal.

Isto de 48 cromossomas vem a nos recordar 48 leis que governam o corpo físico.

A Essência vem ficar, pois, conectada com a célula germinal por meio do cordão de prata e, como tal célula se divide em duas e as duas em quatro e as quatro em oito e assim sucessivamente para o processo de gestação fetal, é claro que a energia sexual se converte de fato no agente básico de tal multiplicação celular. Isto significa que de modo algum se poderia realizar o fenômeno da mitose sem a presença da energia criadora.

O desencarnado, aquele que se prepara para tomar um novo corpo físico, não penetra no feto. Só vem a se reincorporar no instante em que a criatura nasce, no momento preciso em que realiza sua primeira inalação.

Muito interessante resulta que com a última exalação do moribundo vem a desencarnação e que com a primeira inalação reingressamos num novo organismo.

É completamente absurdo afirmar que se escolhe de forma voluntária o lugar onde se deve renascer. A realidade é muito diferente. São precisamente os senhores da lei, os agentes do carma aqueles que selecionam para nós o lugar exato, lar, família, nação, etc., onde devemos reincorporar, retornar.

Se o ego pudesse escolher o local, lugar ou família, etc., para sua nova reincorporação, então os ambiciosos, orgulhosos, avaros, cobiçosos, buscariam os palácios, as casas dos milionários, as ricas mansões, os leitos de rosas e de plumas e o mundo seria todo riqueza e suntuosidade. Não haveria pobres, não existiria a dor nem a amargura; ninguém pagaria carma; todos poderíamos cometer os piores delitos sem que a justiça celestial nos alcançasse, etc., etc., etc.

A crua realidade dos fatos é que o ego não tem direito a escolher o lugar ou a família onde deve nascer. Cada um de nós tem que pagar o que deve. Escrito está que o que semeia raios colherá tempestades. Lei é lei e a lei se cumpre!

É pois, muito lamentável que tantos escritores famosos da espiritualidade contemporânea afirmem, de forma enfática, que cada qual tem direito a escolher o lugar onde deve renascer.

O que há mais além do sepulcro é algo que somente podem conhecer os homens despertos, aqueles que já dissolveram o ego, as pessoas verdadeiramente autoconscientes.

No mundo existem muitas teorias, já de tipo espiritualizado ou já de tipo materializado, e a razão dos humanóides intelectuais dá para tudo; a mesma tanto pode criar teorias espiritualizadas, quanto materializadas.

Os homúnculos racionais podem elaborar dentro de seu encéfalo cerebral, mediante a processos lógicos mais severos, uma teoria materialista como uma espiritualista e, tanto uma como na outra, tanto na tese como na antítese, a lógica de fundo é realmente admirável.

Inquestionavelmente, a razão, com todos os seus processos lógicos como faculdade de investigação, tem um princípio e um fim; é demasiado estreita e limitada; pois, como já dissemos, presta−se para tudo, serve para tudo, tanto para a tese como para antítese.

Ostensivelmente, os processos de cerebrização lógica não são por si mesmos convincentes, pelo fato concreto de que com eles se pode elaborar qualquer tese espiritualizada ou materializada, demonstrando ambas o mesmo vigor lógico, certamente plausível para todo raciocinador humanóide.

Não é possível, pois, que a razão conheça verdadeiramente algo do que há do telhado para cima, do que está mais além, disso que continua depois de morte.

Já Dom Emmanuel Kant, o grande filósofo alemão, demonstrou, com sua grande obra intitulada “A Crítica da Razão Pura”, que a razão, por si mesma, não pode conhecer nada sobre a verdade, sobre o real, sobre Deus, etc., etc., etc.

Não estamos nós, pois, lançando no ar idéias a priori. O que estou dizendo com tanta ênfase pode ser documentado com a citada obra do filósofo mencionado.

Obviamente temos que descartar a razão como elemento de cognição idôneo para o descobrimento do real.

Arquivados os processos raciocinativos nesta questão de metafísica prática, assentaremos, desde agora mesmo, uma base sólida para a verificação disso que está mais além do tempo, daquilo que continua e que não pode ser destruído com a morte do corpo físico.

Estou asseverando algo que me consta, algo que experimentei na ausência da razão. Não é demais recordar a este honorável auditório que eu recordo todas as minhas vidas anteriores.

Nos antigos tempos, antes da submersão do continente atlante, as pessoas tinham desenvolvida essa faculdade do Ser conhecida com o nome de "percepção instintiva das verdades cósmicas".

Depois da submersão desse antigo continente, essa preciosa faculdade entrou no ciclo involutivo descedente e se perdeu totalmente.

É possível regenerar esta faculdade mediante a dissolução do ego. Atingido tal propósito, poderemos verificar por nós mesmos, de forma autoconsciente, a lei do eterno retorno de todas as coisas.

Indubitavelmente, a citada faculdade do Ser nos permite experimentar o real, isso que continua, o que está mais além da morte, do corpo físico, etc., etc., etc.

Como eu possuo esta faculdade desenvolvida, posso afirmar com plena autoridade o que me consta, o que vivi, o que está mais além, etc., etc.

Falando sinceramente e com o coração na mão, posso dizer−lhes o seguinte: Os defuntos vivem normalmente no Limbo, na ante−sala do Inferno, na região dos mortos, astral inferior, região plenamente representada em todas essas grutas e cavernas subterrâneas do mundo, que, unidas ou entrelaçadas intimamente, formam um todo em seu conjunto.

É lamentável o estado em que se encontram os defuntos. Parecem sonâmbulos, têm a Consciência completamente adormecida, perambulam por todas as partes e crêem firmemente que estão vivos. Ignoram sua morte.

Depois da desencarnação, os vendedores continuam em suas vendas, os ébrios, nas cantinas, as prostitutas, nos prostíbulos, etc., etc.

Seria impossível que as pessoas assim, sonâmbulos desta classe, inconscientes, pudessem dar−se ao luxo de escolher o lugar onde devem renascer.

O mais natural é que estes nasçam sem saber a hora, nem como, e morrem completamente inconscientes.

As sombras dos falecidos são muitas. Cada desencarnado é um montão de sombras inconscientes, um montão de larvas que vivem no passado, que não se dão conta do presente, que estão engarrafadas em todos os seus dogmas, nas coisas rançosas do ontem, nas ocorrências dos tempos idos, nos afetos, nos sentimentalismos de família, nos interesses egoístas, nas paixões animais, nos vícios, etc., etc., etc.

Ao renascer, a Essência se expressa durante os primeiros três ou quatro anos da infância e, então, a criatura é formosa, sublime, inocente, feliz. Desafortunadamente, o ego começa a se expressar, pouco a pouco, ao nos acercarmos da idade de sete anos e vem de todo a se manifestar quando a nova personalidade foi totalmente criada.

É indispensável compreender que a nova personalidade é criada precisamente durante os primeiros sete anos da infância e que se robustece com o tempo e com as experiências.

A personalidade é energética, não é física, como pretendem muitas pessoas, e depois da morte decompõe−se lentamente no cemitério, até se desintegrar radicalmente.

Antes que a nova personalidade se forme totalmente, a Essência se pode dar ao luxo de se manifestar com toda a sua beleza e até faz com que as crianças sejam certamente psíquicas, sensitivas, clarividentes, puras, etc., etc., etc.

Quão felizes seríamos se não tivéssemos ego, se só se expressasse em nós a Essência. Indiscutivelmente, então não haveria dor, a Terra seria um paraíso, um éden, algo inefável e sublime.

O retorno do ego a este mundo é verdadeiramente asqueroso, horripilante, abominável.

O ego em si mesmo irradia ondas vibratórias sinistras, tenebrosas, nada agradáveis.

Eu digo que toda pessoa, enquanto não tenha dissolvido o ego, é mais ou menos negra, ainda que esteja caminhando pela senda da iniciação e ainda que se presuma cheia de santidade e de virtude.

O incessante retorno de todas as coisas é uma lei da vida e o podemos verificar de instante a instante e de momento a momento. Retorna a Terra ao seu ponto de partida cada ano, e então celebramos o ano novo. Retornam todos os astros ao seu ponto de partida original; retornam os átomos dentro da molécula ao seu ponto inicial; retornam os dias, retornam as noites, retornam as quatro estações: primavera, verão, outono e inverno; retornam os ciclos, Kalpas, Yugas, Mahamvantaras, etc.

É, pois, a lei do eterno retorno algo indiscutível, irrefutável, irrebatível.

P. – Mestre, disse−nos o senhor que não há nenhum amanhã para a personalidade do morto e que o corpo etérico vai−se desintegrando pouco a pouco. Quisera saber se a personalidade dura mais que o corpo físico na desintegração.

V.M. – A pergunta que sai do auditório me parece interessante e com o maior prazer apresso−me a respondê−la.

Inquestionavelmente, a ex−personalidade é de maior duração que o fundo vital eliminado.

Quero com isto afirmar que o corpo vital se vai decompondo conforme o físico vai−se desintegrando na sepultura.

A personalidade é diferente, como se vigoriza através do tempo com as diferentes experiências da vida, obviamente dura mais. É uma nota energética mais firme; sói resistir durante muitos anos.

Não é exagerado, de modo algum, afirmar que a personalidade descartada pode sobreviver por séculos inteiros. Resulta curioso contemplar várias personalidades descartadas conversando entre si.

Estou falando agora de algo que aos senhores pode parecer estranho. Pude comprovar até dez personalidades descartadas correspondentes a um mesmo dono, quer dizer, a dez retornos de um mesmo ego.

Vi−as num intercâmbio de opiniões subjetivas, reunidas entre si por afinidade psíquica.

No entanto, quero esclarecer um pouco mais isto para evitar confusões. Eu disse que não nascemos com a personalidade; que devemos formá−la; que isto é possível durante os sete primeiros anos da infância. Também afirmei que no instante da morte tal personalidade vai ao panteão e que, às vezes, perambula dentro do mesmo ou se esconde na sua sepultura.

Pensai, agora, por um momento, num ego que depois de cada retorno escapa do corpo físico. É claro que ele deixa para trás de si a personalidade.

Se reunimos, por exemplo, dez vidas de um mesmo ego, teremos dez personalidades diferentes e estas se podem reunir por afinidade para conversar nos panteões e fazer intercâmbio de opiniões subjetivas.

Indubitavelmente, tais ex−personalidades vão−se debilitando pouco a pouco, vão−se extinguindo extraordinariamente, até se desintegrar, por último,

radicalmente.

Entretanto, a recordação de tais personalidades continua no mundo causal , nos arquivos acássicos da natureza.

Nos instantes em que converso com os senhores aqui, esta noite, vem−me à memória uma antiga existência que tive como militar durante a época do Renascimento da velha Europa. Em qualquer instante, enquanto trabalhava no mundo das causas naturais como homem causal, ocorreu−me tirar dos arquivos secretos, nessa região, a recordação de tal ex−personalidade. O resultado foi certamente extraordinário. Vi então aquele militar, vestido com o uniforme da época em que viveu. Desembainhando sua espada, atacou−me violentamente. Não me foi difícil conjurá−lo para guardá−lo, novamente, entre os arquivos.

Isto significa que, no mundo das causas naturais, toda recordação está viva, tem realidade, e isto é algo que pode surpreender a muitos estudantes esoteristas e ocultistas.

P. – Mestre, disse−nos que a personalidade não nasce com o ego. Que nos pode dizer sobre o nascimento do corpo vital?

V.M. – Amigos! Quero que vocês compreendam que o corpo vital, assento básico da vida orgânica, foi desenhado pelos agentes da vida de acordo com a lei das causas e efeitos.

Aqueles que na sua passada existência acumularam dívidas muito graves poderão nascer com um corpo vital defeituoso, o qual, como é muito natural, servirá de base para um corpo também defeituoso.

Os mentirosos podem nascer com um corpo vital deformado, dando, como resultado, um veículo monstruoso ou enfermiço.

Os viciados poderão nascer com corpo vitais manifestamente degenerados, os quais darão base para corpos físicos também degenerados.

Exemplo: O abusador passionário sexual, com o tempo, pode nascer com um corpo vital indevidamente polarizado. Isto motivará um veículo homossexual ou uma forma feminina lesbiana.

Indubitavelmente, homossexuais e lésbicas são o resultado do abuso sexual em passadas existências.

O alcoólico pode nascer com um cérebro vital anômalo, defeituoso, o qual poderia servir de fundamento a um cérebro também defeituoso.

O assassino, o homicida, aquele que incessantemente repete tão horrendo delito, com o tempo, pode nascer inválido, coxo, paralítico, cego de nascimento, deformado, horripilante, asqueroso, maníaco ou definitivamente louco.

É bom saber que o assassinato é o pior grau de corrupção humana e que de nenhuma maneira poderia o assassino retornar com um veículo são.

Seria, pois, muito extenso falar mais, neste instante, sobre este ponto relacionado com a pergunta que me foi feita.

P . – Mestre, os que nascem com defeitos físicos, então não são taras hereditárias?

V.M. – Distinta dama! Sua pergunta é muito importante e merece que a examinemos em detalhe. As taras hereditárias ostensivelmente estão postas a serviço da lei do carma. Vêm a ser o mecanismo maravilhoso mediante o qual se processa o carma.

Evidentemente, a herança está nos gens do sexo. Ali a encontramos e, mediante estes, trabalha a lei com todo o mecanismo celular.

É bom compreender que os gens controlam a totalidade do organismo humano; acham−se nos cromossomas, na célula germinal, são o fundamento da forma física.

Quando estes gens se encontram em desordem, quando não existe a formação natural legítima deles, indiscutivelmente originam um corpo defeituoso e isto é algo que já está demonstrado.

P. – Mestre, os egos desencarnados que estão profundamente adormecidos nas região dos mortos e crêem que ainda vivem, como podem representar as cenas de sua vida se carecem de corpo mental?

V.M. – A pergunta que o senhor faz está equivocada no fundo. Isto significa que está mal feita. O ego pluralizado é a mente. Já falamos claramentente, já dissemos que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não tem mente, senão mentes.

Indubitavelmente, os diversos agregados psíquicos que compõem o ego não são mais que diversas formas mentais, pluralização do entendimento, etc.

Ao retornar todo esse conjunto de mentes ou de eus brigões e gritões, costuma suceder que nem todos se conseguem reincorporar. De uma soma

total de agregados psíquicos, alguns destes ingressam na involução submersa do reino mineral, ou se reincorporam em organismos animais, ou se aderem a determinados lugares, etc., etc., etc.

Depois da morte, cada um destes agregados vive em suas próprias ocorrências e desejos, sempre no passado, nunca no presente. Não esqueçam os senhores, amigos meus, que o eu é memória, que o eu é tempo, que o é um livro de muitos tomos.

P. – Pelo que o senhor nos acaba de dizer, Mestre, sendo nós legião de eus, devo concluir que tampouco temos realidade, por sermos também forma mental. Estou correto?

V.M. – Distinto amigo! Senhores e senhoras! Devem os senhores entender que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não é um ser realizado. Isto significa que nós somos um ponto matemático no espaço, que acede em servir de veículo a determinadas somas de valores.

Cada sujeito é um pobre animal pensante, condenado à pena de viver, uma máquina controlada por múltiplos agregados psíquicos infra−humanos e bestiais.

O único digno que há dentro de cada um de nós é a Essência, o material psíquico, a matéria−prima para fabricar alma, e esta desafortunadamente está engarrafada em todos estes agregados psíquicos inumanos.

Ser homem é algo muito diferente. Para isto é necessário desintegrar o ego e fabricar os corpos existenciais superiores do Ser. Creio que agora me entenderam.

P. – Mestre, quer o senhor dizer, então, que de fato somos formas mentais sem um realidade objetiva?

V.M. – Amigos, por favor, entendam−me! Quando falo de agregados psíquicos, refiro−me a formas mentais. É claro que tais agregados são, certamente, cristalizações da mente e isto creio que os senhores o entendem. Não me parece necessário seguir explicando isto... Já foi dito.

P. – Vai−me o senhor dizer, querido Mestre, que todos esses muito distintos expoentes do poder mágico da mente, que exaltam a grande importância de ter um mente positiva, estão pois no erro?

V.M. – Amigos! Por estes tempos do Kali−Yuga, a idade de ferro, as pessoas dedicaram−se ao mentalismo e por aqui, por lá e acolá encontramos nas livrarias milhares de livros falando maravilhas sobre o burrico da mente.

O interessante de tudo isto é que Jesus, o Grande Kabir, montou no burrico (a mente), para entrar na Jerusalém Celestial do Domingo de Ramos. Assim o explicam os Evangelhos, assim o dizem. Porém, as pessoas crucificam a Jesus, o Cristo, e adoram o burro. Assim é a humanidade, meus caros irmãos, assim é esta época de trevas em que vivemos.

O que querem desenvolver os mentalistas? A força mental? A força do burro? Melhor seria que os compreensivos montassem nesse animal com o látego da vontade. Assim mudariam as coisas e nos faríamos bons cristãos. Verdade?

O que querem desenvolver os mentalistas? A força do ego mental? Melhor é que o desintegrem, que o reduzam a poeira cósmica, assim resplandeceria o espírito em cada um deles.

Desafortunadamente, as pessoas destes tempos já não querem nada com o espírito. Agora, prostados de joelhos, beijam as patas do burrico, do asno, e, em vez de purificar−se, envelhecem miseravelmente.

Se as pessoas soubessem que não têm corpo mental e que a única coisa que possuem é uma soma de agregados psíquicos, asquerosas cristalizações mentais, e se, em vez de fortificar e de robustecer esses eus bestiais, os desintegrassem, então, sim, trabalhariam para o bem de si mesmas e para sua própria felicidade.

Entretanto, desenvolvendo a força da besta, o poder sinistro do ego mental, o único que conseguem é tornar−se cada dia mais tenebrosos, esquerdos e abismais.

Eu lhes digo aos meus amigos, eu lhes digo aos irmãos do Movimento Gnóstico que reduzam a cinzas seu ego mental, que lutem incansavelmente para se libertar da mente. Assim alcançarão a bem−aventurança.

P. – Não lhe parece, Mestre, que uma Essência sem ego daria como resultado uma vida extremamente aborrecida neste planeta que é tão belo?

V.M. – Amigos! Ao ego lhe parece aborrecida a existência quando não tem o que quer.

No entanto, quando é que o ego está satisfeito?

O ego é desejo e o desejo, com o tempo, se converte em frustação, em cansaço, em fastio ... e a vida se torna então aborrecedora.

Com que direito, pois, se atreve o ego a falar contra o aborrecimento, quando ele mesmo, no fundo, se converte em tédio, em amargura, em desilusão, em desencanto, em frustação, em aborrecimento?

Se o ego não sabe o que é plenitude, como poderia lançar conceitos sobre a mesma?

Inquestionavelmente, morto o ego, reduzido a cinzas, o único que fica em nós é a Essência, a beleza, e desta última advém a felicidade, o amor e a plenitude.

O que acontece é que os amantes do desejo, os que querem satisfações passionais, as pessoas superficiais, pensam equivocadamente, supões que sem o ego a vida seria terrivelmente aborrecedora.

Se essas pessoas não tivessem ego, pensariam de forma diferente, seriam felizes e então exclamariam: A vida do ego é espantosamente aborrecedora! Credes, acaso, amigos, que é muito delicioso retornar incessantemente a este vale de amargura para chorar e sofrer continuamente?

É necessário eliminar o ego para nos libertarmos da roda do Samsara.

O Despertar da Consciência

É necessário saber que a humanidade vive com a consciência adormecida. As pessoas trabalham sonhando, andam pelas ruas sonhando, vivem e morrem sonhando.

Quando chegamos à conclusão de que todo mundo vive adormecido, compreendemos a necessidade de despertar. Necessitamos o despertar da consciência. Queremos o despertar da consciência.

Fascinação

A causa do sono profundo em que vive a humanidade é a fascinação.

As pessoas estão fascinadas por todas as coisas da vida. As pessoas se esquecem de si mesmas porque estão fascinadas. O bêbado no botequim está fascinado pelo álcool, pelo local, pelo prazer, pelos amigos e pelas mulheres. A mulher vaidosa está fascinada ante o espelho pelo encanto de si mesma. O rico avarento está fascinado pelo dinheiro e pelas propriedades. O operário honrado está fascinado pelo árduo trabalho na fábrica. O pai de família está fascinado por seus filhos. Todos os seres humanos estão fascinados e dormem profundamente. Quando dirigimos um carro, ficamos assombrados ao ver as pessoas nas avenidas e ruas lançarem−se à frente do veículo sem importar−lhes o perigo. Outros se atiram francamente debaixo das rodas dos automóveis. Pobres pessoas... Andam adormecidas... Parecem sonâmbulas, pois andam dormindo e põem em perigo as suas próprias vidas. Qualquer clarividente pode ver seus sonhos. As pessoas sonham em tudo aquilo que as mantém fascinadas.

O Sono

Durante o sono o Ego escapa do corpo físico. Esta saída do Ego é necessária para que o corpo vital possa reparar o corpo físico. Nos mundos internos o Ego anda sonhando. Realmente, podemos assegurar que o Ego leva seus sonhos aos mundos internos. Nos mundos internos o Ego ocupa−se dos mesmos afazeres que o mantém fascinado no físico. Assim vemos o carpinteiro durante o sonho em sua carpintaria, o polícia guardando as ruas, o barbeiro em sua barbearia, o ferreiro em sua ferraria, o bêbado no

bar, a prostituta na casa de prazeres entregue à luxúria, etc. Toda essa gente vive nos mundos internos como se estivesse no mundo físico. A ninguém ocorre perguntar a si mesmo durante o sonho se está no mundo físico ou no astral. Os que fizeram a si mesmos essa pergunta durante o sonho, despertaram nos mundos internos e então, assombrados, puderam estudar todas as maravilhas dos mundos superiores. Somente acostumando−nos a fazer essa pergunta a cada momento durante o estado chamado de vigília, podemos chegar a fazer−nos a mesma pergunta nos mundos superiores durante as horas entregues ao sono. É claro que durante o sono repetimos tudo o que fazemos durante o dia; se durante o dia acostumamos a fazer−nos esta pergunta, durante o sono noturno, estando fora do corpo, acontecerá que repetiremos a mesma pergunta. O resultado será o despertar da consciência.

Recordar−se a Si Mesmo

O ser humano fascinado não se recorda de si mesmo. Devemos auto−recordar−nos de instante em instante. Necessitamos auto−recordar−nos em presença de toda representação que nos possa fascinar. Detenhamo−nos ante toda representação e façamos estas perguntas a nós mesmos: Onde estou eu? Estarei no plano físico ou no plano astral? Depois devemos dar um saltinho com a intenção de flutuar no ambiente circundante. É lógico que se flutuarmos é porque estaremos fora do corpo físico e o resultado será o despertar da consciência. O objetivo destas perguntas a cada instante da nossa vida é fazer com que se gravem no subconsciente, a fim de atuarem depois, durante as horas entregues ao sono, em que realmente o Ego se acha fora do corpo físico. É indispensável saber que no astral as coisas se vêem tal como aqui no plano físico. As pessoas durante o sono e depois da morte vêem tudo lá igualmente como aqui no mundo físico, sendo que nem sequer suspeitam estarem fora do corpo físico. Nenhum defunto crê jamais estar morto, pois está fascinado e dorme profundamente. Se os defuntos houvessem feito durante a vida a prática de se recordar a si mesmo, de instante em instante, se houvessem lutado contra a fascinação das coisas do mundo, o resultado seria o despertar da consciência. Então não dormiriam. Andariam nos mundos internos com a consciência desperta. Quem desperta a consciência pode estudar durante as horas do sono todas as maravilhas dos mundos superiores. Quem desperta a consciência torna−se clarividente. Quem desperta a consciência vive nos mundos superiores como um cidadão do Cosmos, totalmente desperto. E passa a conviver com os Grandes Hierofantes da Loja Branca.

Quem desperta a consciência, já não pode dormir aqui neste plano físico, nem tampouco nos mundos internos. Quem desperta a consciência deixa de dormir. Quem desperta a consciência converte−se num investigador competente dos mundos superiores. Quem desperta a consciência é um Iluminado. Quem desperta a consciência pode estudar aos pés do Mestre. Quem desperta a consciência pode falar familiarmente com os Deuses que iniciaram a aurora da criação. Quem desperta a consciência pode recordar as suas inúmeras reencarnações. Quem desperta a consciência assiste conscientemente às suas próprias Iniciações Cósmicas. Quem desperta a consciência pode estudar nos Templos da Grande Loja Branca. Quem desperta a consciência pode saber nos mundos superiores como se encontra a evolução do seu Kundalini. Todo Matrimônio Perfeito deve despertar a consciência para receber a guia e a direção da Loja Branca. Nos mundos superiores os Mestres guiarão sabiamente a todos aqueles que realmente se amam. Nos mundos superiores os Mestres entregam a cada qual o que necessita para seu desenvolvimento interior.

Prática Complementar

Ao despertar do sono normal, todo estudante gnóstico deve fazer um exercício retrospectivo sobre o processo do sonho, para recordar todos aqueles lugares onde esteve durante as horas do sono. Sabe−se que o Ego viaja muito durante o sono normal. É necessário recordar minuciosamente onde estivemos e tudo aquilo que vimos e ouvimos. Os Mestres instruem os discípulos quando estão fora do corpo físico.

É mister desenvolver a memória para recordar tudo aquilo que aprendemos durante as horas do sono. É necessário que não nos movamos no momento do despertar, porque com este movimento se agita o astral e se perdem as recordações. É urgente combinar os exercícios retrospectivos com os seguintes Mantrams: RAOM GAOM. Cada palavra divide−se em duas sílabas, acentuando−se a vogal O. Estes Mantrams são para o estudante o que a dinamite é para o mineiro. Assim como o mineiro abre caminho por entre as entranhas da terra com a ajuda da dinamite, assim também o estudante abrirá caminho no sentido do desenvolvimento da memória do subconsciente com a ajuda destes Mantrams.

O Castelo de Dois Salões

A cabeça humana é um castelo com dois salões. O cérebro é o salão da chamada, vulgarmente, consciência de vigília e o cerebelo é o salão do

subconsciente. Todas as experiências que o Ego adquire nos mundos superiores ficam armazenadas no salão do subconsciente. Quando os dois salões se unem, o resultado é a Iluminação. Com o exercício retrospectivo conseguiremos a união dos dois salões. Se o estudante não recorda nada, deve lutar sem tréguas e sem cansar−se a fim de abrir caminho na direção das regiões do subconsciente. Nenhum esforço é perdido. Assim como o mineiro luta abrindo caminho por entre as rochas da terra, assim também deve lutar o estudante abrindo caminho por entre a dura rocha da matéria até atingir a maravilhosa mansão do subconsciente. Cada exercício gera força que pouco a pouco vai rompendo a dura rocha do esquecimento que nos separa do salão do subconsciente, onde estão, como jóias delicadas, as memórias dos mundos superiores. Este exercício juntamente com a prática da auto−recordação complementam−se para levar−nos à iluminação total e definitiva.

Paciência e Tenacidade

O estudante gnóstico deve ser infinitamente paciente e tenaz porque os poderes custam muito. Nada nos é dado de graça, pois tudo custa. Esses estudos não são para os inconstantes, nem para as pessoas de pouca vontade. Estes estudos exigem fé infinita. Pessoas céticas não devem procurar os nossos estudos porque a ciência oculta é muito exigente. Os céticos fracassam totalmente. Os incrédulos não conseguirão entrar na Jerusalém Celestial.

Os Quatro Estados de Consciência

O primeiro estado de consciência denomina−se Eikasia. O segundo estado de consciência é Pistis. O terceiro estado de consciência Dianóia. O quarto estado de consciência é Nous.

Eikasia é ignorância, crueldade humana, barbárie, sono demasiado profundo, mundo instintivo e brutal, estado infra−humano.

Pistis é o mundo das opiniões e crenças. Pistis é crença, preconceitos, sectarismos, fanatismos, teorias, nas quais não existe nenhum gênero de percepção direta da verdade. Pistis é a consciência do nível comum da humanidade.

Dianóia é revisão intelectual de crenças, análises, sintetismo conceitual, consciência cultural−intelectual, pensamento científico, etc. O pensamento

dianoético estuda os fenômenos e estabelece leis. O pensamento dianoético estuda os sistemas indutivo e dedutivo com o propósito de utilizá−los de forma profunda e clara.

Nous é a perfeita consciência desperta. Nous é o estado de Turiya, a perfeita iluminação interior profunda. Nous é a legítima clarividência objetiva. Nous é a intuição. Nous é o mundo dos arquétipos divinos. O pensamento Noético é sintético, claro, objetivo, iluminado.

Quem alcançar as alturas do pensamento noético, despertará a consciência totalmente e converter−se−á num Turiya.

A parte mais baixa do homem é irracional e subjetiva e se relaciona com os cinco sentidos ordinários.

A parte mais elevada do homem é o mundo da intuição e consciência objetiva espiritual. No mundo da intuição desenvolvem−se os arquétipos de todas as coisas da Natureza.

Só aqueles que penetram no mundo da intuição objetiva, só aqueles que alcançaram as alturas solenes do pensamento noético, estão verdadeiramente despertos e iluminados.

Nenhum verdadeiro Turiya pode dormir. O Turiya, quem alcançou as alturas do pensamento noético, nunca o anda dizendo, jamais se presume sábio, é por demais simples e humilde, puro e perfeito.

É necessário saber que nenhum Turiya é médium, nem pseudo−clarividente, nem pseudo−místico, como todos esses que hoje em dia abundam como erva daninha em todas as escolas de estudos espiritualistas, herméticos, ocultistas, etc.

O estado de Turiya é muito sublime e só o alcançam aqueles que trabalham na Frágua Acesa de Vulcano durante toda a vida, pois só o Kundalini pode elevar−nos ao estado de Turiya.

É urgente saber meditar profundamente e praticar Magia Sexual durante toda a vida para alcançar, depois de provas muito difíceis, o estado de Turiya.

A Meditação e a Magia Sexual nos levam até as alturas do pensamento noético.

Nenhum sonhador, nenhum médium, nenhum desses que entram em escola de ensinamento oculto pode instantaneamente alcançar o estado de Turiya. Infelizmente muitos crêem que isto seja simples como soprar bolhas de sabão, ou como quem fuma um cigarro, ou como quem se embriaga. É por isso que vemos muitos alucinados, médiuns e sonhadores, declarando−se Mestres Clarividentes, Iluminados. Em todas as escolas, inclusive dentro das fileiras do nosso Movimento Gnóstico, não faltam esses sujeitos que se dizem clarividentes, mas que na realidade nada disso são. São precisamente estes que, fundamentados em suas alucinações e sonhos, caluniam aos outros, dizendo: Fulano está caído, Beltrano é Mago Negro, etc.

É necessário advertir que as alturas do Turiya requerem muitíssimos anos de exercitamento mental e de Magia Sexual, em Matrimônio Perfeito, o que significa disciplina, estudo prolongado, meditação interior intensa e aprofundada, sacrifício pela humanidade, etc.

Impaciência

Comumente os recém entrados na Gnose estão cheios de impaciência: querem manifestações fenomênicas imediatas, desdobramentos instantâneos, iluminações, sapiência, etc.

A realidade é bem outra, pois nada nos é dado de presente e tudo custa adquirir. Nada se consegue com curiosidade, instantaneamente, ou rapidamente. Tudo tem seu processo e seu desenvolvimento. O Kundalini se desenvolve, evolui e progride muito lentamente dentro da aura do Maha−Choham. O Kundalini tem o poder de despertar a consciência; no entanto, o processo do despertar é lento, gradual, natural, sem fatos espetaculares, sensacionais, emocionais e bárbaros, pois quando a consciência despertou totalmente não é algo sensacional, nem espetacular, mas simplesmente uma realidade tão natural como a de uma árvore que lentamente cresceu e de desenvolveu sem sobressaltos e sem coisas sensacionais. Natureza é Natureza. O estudante gnóstico no início diz: eu estou sonhando. Depois exclama: estou em corpo astral, fora do corpo físico. Mais tarde logra o Samadhi, o êxtase, e penetra nos campos do Paraíso. A princípio as manifestações são esporádicas, descontínuas, seguidas de longo tempo de inconsciência. Mais tarde, as Asas Ígneas nos dão a consciência desperta continuamente, isto é, sem interrupções.

A PERSONALIDADE

A personalidade é múltipla e acomoda muita coisa. Nela ficam depositados o karma das existências anteriores e o karma em vias de cumprimento ou a cristalização dele.

As impressões não digeridas convertem-se em novos agregados psíquicos e o que é mais grave, em várias personalidades. A personalidade não é homogênea e sim heterogênea e plural.

Devemos selecionar as impressões da mesma forma como se escolhe as diversas coisas da vida.

Se alguém se esquece de si mesmo em um dado instante, diante de um novo acontecer, formam-se novos eus e, se são muito fortes, novas personalidades dentro da personalidade. Eis aqui a causa de muitos traumas, complexos e conflitos psicológicos.

Uma impressão não digerida que chegue a formar uma personalidade dentro da personalidade e que não for aceita, converte-se numa fonte de espantosos conflitos.

Nem todas as personalidades que se carrega na personalidade são aceitas, dando isto origem a muitos traumas, complexos, fobias, etc.

Antes de tudo, é necessário se compreender a multiplicidade da personalidade, a qual é múltipla em si mesma.

De maneira que pode haver alguém que tenha desintegrado os agregados psíquicos, porém se não desintegrar também a personalidade, não poderá conseguir a autêntica iluminação e a alegria de viver.

Quando alguém conhece mais e mais a si mesmo, conhece cada vez mais aos outros.

O indivíduo com Ego não vê claramente as coisas e se equivoca. Os que têm Ego falham porque lhes falta juízo, ainda que haja uma tremenda lógica em sua análise.

Se as impressões não forem digeridas, criam-se novos eus. Há que se aprender a selecionar as impressões.

Não se trata de ser melhor! O que interessa é mudar. O Ser surge quando alguém mudou e deixou de existir.

Os elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior são os que controlam nossas percepções, impedindo-nos de ter uma percepção integral que nos traga sorte e felicidade.

CATEXE

A energia psíquica, catexe, processando-se como força executiva resulta formidável.

As reservas de inteligência são as diversas partes do Ser e se denominam catexe ligada ou energia psíquica em estado potencial e estático.

A catexe ligada orienta-nos no trabalho relacionado com a desintegração do Ego e com a liberação da mente.

A catexe ligada, contida na mente, guia-nos no trabalho relacionado com a psicologia revolucionária e com a revolução integral.

Os valores do Ser constituem a catexe ligada.

Só a catexe ligada pode liberar a mente através da desintegração dos elementos psíquicos indesejáveis que foram segregados por meio da análise estrutural e transacional.

Catexe ligada é diferente de catexe solta, posto que esta é a energia psíquica que o Ego usa para dominar a mente e o corpo para a sua manifestação.

Temos de permitir que seja a catexe ligada, que é energia psíquica dinâmica, que dirija a nossa existência.

Há que se trabalhar psicologicamente para que a catexe ligada entre em atividade e domine e governe a catexe livre, que é a energia do corpo e que sempre foi dominada lamentavelmente pela catexe solta que é o Ego.

A MORTE MÍSTICA

Muito é o que temos sofrido com os membros do Movimento Gnóstico. Muitos juraram fidelidade diante da ara dos Lumisiais e prometeram solenemente trabalhar na Grande Obra até a total Auto-Realização. São muitos os que choraram jurando não se retirarem do Movimento Gnóstico jamais, porém, é doloroso dizê-lo, tudo foi em vão. Quase todos fugiram para se tornarem inimigos... Blasfemando, fornicando e adulterando, se foram pelo caminho negro. Realmente, estas terríveis contradições do ser humano são devidas a que o ser humano tem um fundamento fatal e uma base trágica. Tal fundamento é a pluralidade do eu, a pluralidade da catexe solta que todos levamos dentro.

É urgente saber que o eu é um conjunto de energias psíquicas, catexe soltas, que se reproduzem nos baixos fundos animais do homem. Cada catexe solta é um pequeno eu que goza de certa auto-independência.

Esses eus, essas catexes soltas, lutam entre si. Devo ler um jornal, diz o eu intelectual. Vou dar um passeio de bicicleta, contradiz o eu do movimento. Tenho fome, declara o eu da digestão. Tenho frio, diz o eu do metabolismo. Não me impedirão, exclama o eu passional em defesa de qualquer uma destas catexe soltas.

Total: o eu é uma legião de catexes soltas. Estas catexes soltas já foram estudadas por Franz Hartmann. Vivem dentro dos baixos fundos animais do homem. Comem, dormem, reproduzem-se e vivem às expensas de nossos princípios vitais ou catexe livre: energia cinética muscular e nervosa. Cada um dos egos que em seu conjunto constituem a catexe solta se projeta nos diferentes níveis da mente e viaja ansiando a satisfação de seus desejos. O eu, o Ego, a catexe solta, não pode se aperfeiçoar jamais.

O homem é a cidade das nove portas... Dentro desta cidade vivem muitos cidadãos que sequer se conhecem. Cada um de seus cidadãos, cada um de seus pequenos eus, tem seus projetos e sua própria mente. Eles são os mercadores que Jesus teve de expulsar do templo com o látego da vontade. Tais mercadores devem ser mortos.

Agora, fica explicado o porquê de tantas contradições internas no indivíduo. Enquanto a catexe solta existir, não poderá haver paz. Os eus são a causa causarum de todas as contradições internas. O eu que jura fidelidade à Gnosis é substituído por outro que a odeia. Total: o homem é um ser irresponsável que não tem um centro permanente de gravidade. O homem é um ser não acabado!

O homem ainda não é homem. Ele é tão somente um animal intelectual. É um erro muito grande chamar-se a legião do eu de alma. Na realidade e de verdade, o homem tem dentro de sua essência o material psíquico, o material para fazer a alma, porém ainda não a tem.

Os evangelhos dizem: De que te serve ganhar o mundo se vais perder a alma? Jesus disse a Nicodemus que era preciso nascer da água e do espírito para gozar dos atributos que correspondem a uma alma de verdade. É impossível fabricar-se a alma se não passamos pela Morte Mística.

Só com a morte do eu se pode estabelecer um centro permanente de consciência dentro da nossa própria essência interior. Dito centro é isso que se chama alma. Só um homem com alma pode ter verdadeira continuidade de propósito. Só em um homem com alma deixam de existir as internas contradições, então há verdadeira paz interior.

O eu gasta torpemente o material psíquico, a catexe, em explosões de ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, gula e preguiça. E lógico que enquanto não houver um acúmulo de material psíquico, catexe, a alma não poderá ser fabricada. Para se fabricar alguma coisa, precisa-se de matéria-prima. Sem matéria-prima, nada pode ser fabricado porque do nada, nada sai.

Quando o eu começa a morrer, a matéria-prima começa a se acumular. Quando a matéria-prima começa a ser acumulada, inicia-se o estabelecimento de um centro de consciência permanente. Quando o eu estiver totalmente morto, o centro de consciência permanente ficou completamente estabelecido.

A matéria psíquica é o capital que se acumula com a morte do Ego, já que o gastador de energia foi eliminado. Assim é como se estabelece um centro permanente de consciência. Esse centro maravilhoso é a alma.

Só pode ser fiel à Gnosis, só pode ter continuidade de propósito, quem estabeleceu dentro de si um centro permanente de consciência. Quem não possui dito centro pode estar hoje na Gnosis e amanhã contra ela. Hoje em uma escola e amanhã em outra. Este tipo de gente não tem existência real.

A morte mística é uma área árdua e difícil da revolução da dialética.

A catexe solta dissolve-se à base de rigorosa compreensão. A convivência com o próximo, o tratamento com as pessoas, é o espelho onde podemos nos ver de corpo inteiro. No trato com as pessoas, nossos defeitos escondidos saltam para fora, afloram, e se estamos vigilantes os vemos.

Todo defeito deve ser primeiramente analisado intelectualmente e depois estudado com a meditação.

Muitos indivíduos alcançaram a perfeita castidade e a absoluta santidade no mundo físico, porém mostraram-se grandes fornicários e espantosos pecadores quando foram submetidos à prova nos mundos superiores. Eles tinham terminado com seus defeitos no mundo físico, porém em outros níveis da mente continuavam com suas catexes soltas.

Quando um defeito é totalmente compreendido em todos os níveis da mente, sua correspondente catexe solta se desintegra, isto é, morre um pequeno eu.

Torna-se urgente morrer de instante a instante. Com a morte do eu nasce a alma. Precisamos da morte do Eu Pluralizado de forma total para que a catexe ligada, o Ser, se expresse em sua plenitude.

DISSOLVENDO A CATEXE SOLTA

Só se estudando minuciosamente a catexe solta, o eu, podemos dissolvê-lo totalmente.

Devemos observar minuciosamente os processos do pensamento, as diferentes funções do desejo, os hábitos que conformam a nossa personalidade, os sofismas de distração, a falácia do Ego e nossos impulsos sexuais. Há que se estudar como tudo isto reage diante dos impactos do mundo exterior e se ver como se associam.

Compreendidos todos os processos da catexe solta, do Eu Pluralizado, ela se dissolve. Então, só se manifesta dentro e através de nós a divindade.

O TRAÇO PSICOLÓGICO CARACTERÍSTICO PARTICULAR

Todos os seres humanos são 100% mecanicistas. Inconscientes, trabalhando com a consciência adormecida, vivem adormecidos sem saber de onde vêm nem para onde vão; estão profundamente hipnotizados.

A hipnose, que é coletiva e flui por toda a natureza, vem do abominável órgão Kundartiguador. Esta raça está hipnotizada, inconsciente, submergida no sono mais profundo.

O despertar só é possível com a destruição do eu, do Ego. Temos de reconhecer com inteira clareza que muitas vezes já falamos sobre o traço psicológico característico particular – TPCP – de cada pessoa.

Certamente, cada pessoa tem o seu traço psicológico característico particular. Isto é certo! Uns terão como traço característico a luxúria, outros terão o ódio, para outros será a cobiça, etc. O traço é a soma de vários elementos psicológicos característicos particulares.

Para cada TPCP existe sempre um evento definido, uma circunstância precisa. O que é um homem luxurioso? Sempre haverá circunstâncias de luxúria em sua vida acompanhadas de determinados problemas. Essas circunstâncias se repetem sempre.

Precisamos conhecer o nosso TPCP se quisermos passar para um nível do Ser superior e eliminar de nós os elementos indesejáveis que constituem o traço psicológico.

Existe um fato concreto na vida: a descontinuidade da natureza. Isto é óbvio! Todos os fenômenos são descontínuos. Isso significa que jamais chegaremos à perfeição através da evolução... e precisamos nos converter em verdadeiros homens solares no sentido mais completo da palavra.

Um é o nível da mulher digna e modesta e outro é o nível da mulher indigna e imodesta. Há diferentes níveis do Ser.

Já nos demos conta do nosso próprio nível do Ser? Do nível do Ser em que nos encontramos? Estamos conscientes de que estamos hipnotizados e adormecidos?

O animal intelectual identifica-se não somente com as coisas externas, mas também consigo mesmo, com seus pensamentos luxuriosos, com suas farras, com suas iras, com suas cobiças, com sua auto-importância, com sua vaidade, com seu orgulho místico, com seus próprios méritos, etc.

Por acaso, já refletimos que não só estamos identificados com o exterior, mas também com isso que é vaidade e orgulho? Por exemplo: Hoje, triunfamos. Porém, triunfamos sobre o dia ou foi o dia que triunfou sobre nós? Estamos seguros de que não nos identificamos com nenhum pensamento morboso, cobiçoso, orgulhoso, algum insulto, preocupação ou dúvida? Estamos seguros de que triunfamos sobre o dia ou foi o dia que triunfou sobre nós?

O que fazemos hoje em dia? Já nos demos conta do nível do Ser em que nos encontramos? Passamos para um nível do Ser superior ou ficamos onde estávamos?

Por acaso, alguém pensa que é possível passar a um nível do Ser superior sem se eliminar determinados defeitos psicológicos? Por acaso, estamos contentes com o nível do Ser em que atualmente nos encontramos? Se vamos ficar toda a vida no mesmo nível do Ser, afinal o que estamos fazendo?

Em cada nível do Ser existem determinadas amarguras, determinados sofrimentos... Isto é óbvio! Todos se queixam de que sofrem, de que têm problemas, do estado em que se encontram, de suas lutas, etc. Então, pergunto uma coisa: o animal intelectual se preocupa em passar para um nível do Ser superior?

Obviamente, enquanto estejamos no nível do Ser em que estamos, de novo terão de se repetir todas as circunstâncias adversas que já conhecemos e todas as amarguras em que nos deparamos. Uma e outra vez surgirão idênticas dificuldades.

Queremos mudar? Não queremos mais ter os problemas que nos afligem: econômicos, políticos, sociais, espirituais, familiares, luxuriosos, etc.? Queremos nos livrar das dificuldades? Nada mais temos que fazer senão passar para um nível do Ser superior.

Cada vez que damos um passo para um nível do Ser superior, mais independentes ficamos das forças executivas da catexe solta.

De maneira que, se não conhecemos o nosso TPCP, vamos muito mal. Precisamos conhecê-lo, se é que queremos passar para um nível superior do Ser e eliminar de nós os elementos indesejáveis que o constituem. Do contrário, como passaremos para um nível do Ser superior?

O animal intelectual quer deixar de sofrer, porém nada faz para mudar. Se não luta para passar para um nível do Ser superior, como pode mudar?

Todos os fenômenos são descontínuos. O dogma da evolução não serve para nada a não ser para nos estancar. Conheço muitos pseudo-esoteristas, gente sincera e de bom coração, que permanecem engarrafados no dogma da evolução. Esperam que o tempo os aperfeiçoe. Passam-se os milhões de anos e não se aperfeiçoam. Por quê? Porque tais pessoas nada fazem para mudar os níveis do Ser. Permanecem sempre no mesmo grau. Então, é necessário se passar para além da evolução e nos meter pelo caminho revolucionário, pelo caminho da revolução da consciência ou da dialética.

A evolução e a involução são duas leis que se processam simultaneamente em toda a criatura, constituem o eixo mecânico da natureza e jamais nos levarão à libertação.

As leis da evolução e da involução são puramente materiais e nada têm a ver com a Auto-Realização íntima do Ser. Não as negamos, elas existem, porém não servem para a revolução psicológica. Nós precisamos ser revolucionários, precisamos nos meter pelo caminho da revolução da consciência.

Como poderíamos passar para um nível do Ser superior sem que fôssemos revolucionários? Observemos os diferentes degraus de uma escada. São descontínuos. Assim são também os diferentes níveis do Ser.

A cada nível do Ser, pertence um determinado número de atividades. Quando alguém passa para um nível do Ser superior, tem de dar um salto e deixar todas as atividades que tinha no nível do Ser inferior.

Chegam-me à memória ainda aqueles tempos da minha vida de uns vinte, trinta e quarenta anos atrás, os quais foram transcendidos. Por quê? Porque passei para níveis do Ser superiores. Era o que para mim se constituía de máxima importância.

Minhas atividades daquela época foram suspensas, cortadas, porque nos degraus superiores do Ser há outras atividades que são completamente diferentes.

Se se passa para um nível do Ser superior, tem de se deixar muitas coisas que atualmente nos são importantes, mas que pertencem ao nível em que nos encontramos.

A passagem para outro nível do Ser inclui, pois, um salto. Esse salto é rebelde, jamais de tipo evolutivo. Ele é sempre revolucionário e dialético.

Há homens, mequetrefes, que se sentem como se fossem um deus. Essa categoria de indivíduos são mitômanos da pior espécie, do pior gosto. Sentem-se como sábios porque têm alguns conhecimentos pseudo-esotéricos em sua mente e pensam que já são grandes iniciados. Caíram na mitomania, estão cheios de si mesmos.

Cada um de nós não é mais do que um vil gusano do lodo da terra. Quando falo assim, começo por mim. Estar cheio de si mesmo, ter falsas imagens de si mesmo, fantasias de si mesmo, é estar em níveis inferiores do Ser.

Alguém se identifica consigo mesmo quando pensa que vai ganhar muito dinheiro, um bonito carro último modelo, que a noiva não pode viver sem ele, que é um grande senhor, que é um sábio, etc. Há muitas formas de alguém identificar-se consigo mesmo. Temos de começar por não nos identificar com nós mesmos para depois não nos identificarmos com as coisas de fora.

Quando alguém não se identifica, por exemplo, com um insulto, perdoa. Ama a quem não pode feri-lo. Se alguém nos fere no amor próprio, porém não nos identificamos com a ofensa, é claro que não sentiremos dor alguma, posto que não dói.

Se alguém não se identifica com a vaidade, não lhe importa andar na rua ainda que seja com as calças remendadas. Por quê? Porque não está identificado com a vaidade.

Se primeiro de tudo nos identificamos com nós mesmos e em seguida com as vaidades do mundo exterior, nunca poderemos perdoar. Recordemos a oração do Senhor: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos as de nossos devedores... Porém, acrescento alguma coisa mais: Não basta simplesmente perdoar, há que se cancelar as dívidas. Alguém poderia perdoar a um inimigo, porem não apagaria da memória suas dívidas jamais. Temos de ser sinceros; necessitamos cancelar...

O evangelho do Senhor também diz: Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a terra... Esta é uma frase que ninguém entendeu. Bem-aventurados, diríamos, os não ressentidos. Se alguém está ressentido, como poderia ser manso? O ressentido passa o tempo fazendo contas: Eu lhe fiz tantos favores... eu o protegi... fiz tantas obras de caridade e veja como me pagaram, como me pagou este amigo a quem tanto ajudei. Agora não é capaz de me ajudar! Estas são as contas do ressentido.

Como poderia alguém ser manso se está cheio de ressentimentos? Quem está cheio de ressentimentos vive fazendo contas a todas as horas, logo não é manso. Como poderia ser um bem-aventurado?

Que se entende por bem-aventurado? Que se entende por felicidade? Estamos seguros de que somos felizes? Quem é feliz? Conheci pessoas que diziam: Eu sou feliz! Estou contente com a minha vida! Sou ditoso! Porém, desses mesmos vim a escutar: Me desagrada fulano de tal! Aquele tipo não me cai bem! Não sei por que não me fazem aquilo que tanto queria que me fizessem! Então, não são felizes... O que acontece realmente é que são hipócritas. Isto é tudo!

Ser feliz é muito difícil. Para tanto, precisa-se, antes de tudo, ser manso.

A palavra bem-aventurança significa felicidade íntima. Não dentro de mil anos, mas agora, aqui mesmo, no instante em que estamos vivendo.

Se nos tornamos verdadeiramente mansos, mediante a não identificação, chegamos a ser felizes. Porém, é necessário não somente não nos identificarmos com nossos pensamentos de luxúria, ódio, vingança, rancor, ressentimento, etc., como ainda teremos de eliminar de nós os Demônios Vermelhos de Seth, que são esses agregados psíquicos que personificam nossos defeitos de tipo psicológico.

Temos de compreender, por exemplo, o que é o processo do ressentimento. Temos de fazer a dissecação do ressentimento. Quando alguém chega à conclusão de que o ressentimento é devido ao fato de que possui em seu interior o amor próprio, então lutará para eliminar o ego do amor próprio. Porém, há que se compreender para se poder eliminar. Jamais poderíamos eliminá-lo sem antes tê-lo compreendido.

Para se poder eliminar, precisa-se de Devi Kundalini Shakti. Só ela consegue desintegrar qualquer defeito psicológico, inclusive o do amor próprio.

Estamos seguros de que não estamos ressentidos com alguém? Quem de nós está seguro de não estar ressentido e de não estar fazendo contas? Quem?

Se queremos nos tornar independentes da mecânica lunar, temos de eliminar de nós mesmos o eu do ressentimento e o eu do amor próprio. Conforme alguém for entendendo isto, irá avançando pelo caminho que conduz à liberação final.

Só mediante o fogo de Áries, do Cordeiro, do Carneiro encarnado, do Cristo Íntimo, poderemos de verdade queimar esses elementos inumamos que levamos em nosso interior. A medida que a consciência for sendo desengarrafada, iremos despertando.

A consciência não pode despertar enquanto continuar engarrafada em tantos agregados psíquicos, os quais em seu conjunto constituem o mim mesmo, o eu, a catexe solta. Precisamos passar pela morte mística aqui e agora. Precisamos morrer de instante a instante. Só com a morte chega o novo. Se o gérmen não morre, a planta não nasce. Precisamos aprender a viver, libertar-nos dessa nossa herança lunar.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Antes de conhecer e eliminar o TPCP, precisamos trabalhar intensamente num sentido geral no que se refere a todos os defeitos, já que o TPCP tem raízes muito profundas que vêm de existências passadas. Para se conhecê-lo, faz-se necessário haver trabalhado de uma forma incansável e com uma metodologia de trabalho durante pelo menos *5* anos.

Há que se ter ordem no trabalho e precisão na eliminação dos defeitos. Por exemplo: A alguém que durante o dia se manifestaram os defeitos da luxúria pela manhã, do orgulho pela tarde e da ira pela noite, indubitavelmente estará vivendo uma sucessão de fatos e manifestações. Então, vem a pergunta: Como e sobre qual defeito manifestado durante o dia deveremos trabalhar?

De verdade e na realidade, a resposta é simples. Ao chegar a noite ou a hora da meditação, com o corpo relaxado, passamos a praticar um exercício retrospectivo sobre os fatos e manifestações do Ego durante o dia. Com os seus atos reconstruídos, ordenados e numerados, passaremos ao trabalho de compreensão.

Primeiro trabalharemos sobre um evento egóico ao qual poderemos dedicar uns 20 minutos. Depois, outro evento psicológico ao qual poderemos dedicar uns 10 minutos. Após, uns 15 minutos a outra manifestação. Tudo depende da gravidade e da intensidade dos acontecimentos egóicos.

Ordenados os feitos e manifestações da catexe solta, do mim mesmo, poderemos trabalhar neles de noite ou na hora da meditação com tranqüilidade e com ordem metódica.

Em cada trabalho sobre tal ou qual defeito, evento e manifestação, entram os seguintes fatores: Descobrimento, julgamento e execução. A cada agregado psicológico se aplica os três fatores mencionados. Descobrimento: quando se o viu em ação, em manifestação. Julgamento ou compreensão: quando se conhece todas suas raízes. Execução: com a ajuda da Divina Mãe Kundalini através da sábia prática da superdinâmica sexual.

OS SOFISMAS DE DISTRAÇÃO

Sofismas são os falsos raciocínios que induzem ao erro e que são gerados pelo Ego nos 49 níveis do subconsciente.

O subconsciente é o sepulcro do passado sobre o qual arde a fátua chama do pensamento e onde são gerados os sofismas de distração que levam o animal intelectual à fascinação e por fim ao sonho da consciência.

Aquilo que está guardado no sepulcro é podridão e ossos de mortos. Porém, a louça sepulcral é muito bonita e sobre ela arde fatalmente a chama do intelecto.

Se quisermos dissolver o eu, teremos que destapar o sepulcro do subconsciente e exumar todos os ossos e a podridão do passado. Muito bonito é o sepulcro por fora, porém por dentro é imundo e abominável. Precisamos nos tornar coveiros.

Insultar a outrem, feri-lo em seus sentimentos, humilhá-lo, é coisa fácil quando se trata - dizem - de corrigi-lo para o seu próprio bem. Assim pensam os iracundos, aqueles que julgando não odiar, odeiam sem saber que odeiam.

Muitas são as pessoas que lutam na vida para ser ricas. Trabalham, economizam e se esmeram em tudo, porém a mola secreta de todas as suas ações é a inveja secreta, que elas desconhecem, que não sai à superfície e que permanece escondida no sepulcro do subconsciente.

É difícil achar na vida alguém que não inveje a bonita casa, o flamejante automóvel, a inteligência do líder, o belo traje, a boa posição social, a grande fortuna, etc.

Quase sempre os melhores esforços dos cidadãos têm como mola secreta a inveja.

Muitas são as pessoas que gozam de um bom apetite e condenam a gula, porém comem sempre muito além do normal.

Muitas são as pessoas que vigiam exageradamente o cônjuge, porém condenam os ciúmes.

Muitos são os estudantes de certas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas que condenam as coisas deste mundo e não trabalham em nada porque tudo é vaidade, porém são tão zelosos de suas virtudes que jamais aceitam que alguém os qualifique de preguiçosos.

Muitos são os que odeiam a lisonja e o elogio, mas não vêem inconveniente algum em humilhar com sua modéstia o pobre poeta que lhes dedicou um verso com o único propósito de conseguir uma moeda para comprar um pão.

Muitos são os juizes que sabem cumprir com seu dever, mas também são muitos os juizes que com a virtude do dever têm assassinado os outros. Foram numerosas as cabeças que caíram na guilhotina da revolução francesa.

Os verdugos cumprem sempre com seu dever. Já são milhões as vítimas inocentes dos verdugos e nenhum deles se sente culpado; todos cumprem com seu dever...

As prisões estão cheias de inocentes, mas os juizes não se sentem culpados porque estão cumprindo com seu dever.

O pai ou a mãe de família, cheios de ira, açoitam e batem com paus em seus pequenos filhos e não sentem remorsos porque – dizem – estão cumprindo com seu dever; aceitariam tudo menos que os qualificassem de cruéis.

Só com a mente quieta e silenciosa, submergidos em profunda meditação, conseguiremos extrair do sepulcro do subconsciente toda a podridão secreta que carrega. Não é nada agradável ver a negra sepultura com todos seus ossos e podridão do passado.

Cada defeito escondido fede muito em sua sepultura. Porém, se o vemos, torna-se fácil queimá-lo e reduzi-lo a cinzas.

O fogo da compreensão reduz a pó a podridão do passado. Muitos estudantes de psicologia quando analisam o subconsciente cometem o erro de se dividirem entre analisador e analisado, intelecto e subconsciente, sujeito e objeto, *percebedor e percebido*.

Estes tipos de divisão são os sofismas de distração que o Ego nos oferece. Estes tipos de divisão criam antagonismos e lutas entre o intelecto e o subconsciente e onde há lutas e batalhas não pode haver quietude e silêncio da mente.

Só na quietude e no silêncio mental conseguiremos extrair da negra sepultura do subconsciente toda a podridão do passado.

Não digamos meu eu tem inveja, ódio, ira, ciúmes, luxúria, etc. Melhor é não nos dividirmos. Melhor é dizer: eu tenho inveja, ódio, ciúmes, ira, luxúria, etc.

Quando estudamos os livros sagrados da índia, nos entusiasmamos pensando no Supremo Brahatman e na união do Atman com o Brahatman. Porém, realmente, enquanto existir um eu psicológico com seus sofismas de distração, não conseguiremos a sorte de nos unirmos com o Espírito Universal da Vida. Morto o eu, o Espírito Universal da Vida estará em nós como a chama na lâmpada.

A ESCRAVIDÃO PSICOLÓGICA

Não resta a menor dúvida de que estamos no limiar de uma terceira conflagração mundial. Por isto, escrevemos este livro intitulado A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA.

Os tempos mudaram e estamos iniciando uma nova Era por entre o augusto troar do pensamento. Agora precisamos de uma ética revolucionária baseada em uma psicologia revolucionária.

Sem uma ética fundamental, as melhores fórmulas sociais e econômicas ficam reduzidas a poeira. É impossível que o indivíduo se transforme se não se preocupa com a dissolução do eu.

A escravidão psicológica destrói a convivência. Depender psicologicamente de alguém é escravidão. Se nossa maneira de pensar, sentir e obrar depende da maneira de pensar, sentir e obrar daquelas pessoas que convivem conosco, então estamos escravizados.

Constantemente, recebemos cartas de muita gente desejosa de dissolver o eu, porém queixam-se da mulher, dos filhos, do irmão, da família, do marido, do patrão, etc. Essas pessoas exigem condições para dissolver o eu, querem comodidades para aniquilar o Ego, reclamam magnífica conduta daqueles que com eles convivem.

O mais gracioso de tudo isto é que essas pobres pessoas buscam as mais variadas evasivas: querem fugir, abandonar o lar, o trabalho, etc. – dizem que – para se realizarem a fundo.

Pobre gente... seus adorados tormentos são seus amos. Naturalmente, essas pessoas não aprenderam a ser livres, sua conduta depende da conduta alheia.

Se queremos seguir a senda da castidade e aspiramos a que primeiro a mulher seja casta, então estamos fracassados. Se queremos deixar de ser bêbados, porém nos afligimos quando nos oferecem o copo por causa daquilo que dirão ou porque a recusa possa incomodar nossos amigos, então jamais deixaremos de ser bêbados.

Se queremos deixar de ser coléricos, irascíveis, iracundos, furiosos, porém como primeira condição exigimos que aqueles que convivem conosco sejam amáveis e serenos e que nada façam que nos irrite, estamos bem fracassados, sim, porque eles não são santos e a qualquer momento acabarão com as nossas boas intenções.

Se queremos dissolver o eu, precisamos ser livres. Quem depender da conduta alheia não poderá dissolver o eu. Temos de ter nossa própria conduta e não depender de ninguém. Nossos pensamentos, sentimentos e ações devem fluir independentemente de dentro para fora.

As piores dificuldades nos oferecem as melhores oportunidades. No passado, existiram sábios rodeados de todo tipo de comodidade; sem dificuldades de espécie alguma. Esses sábios, querendo aniquilar o eu, tiveram de criar situações difíceis para si mesmos.

Nas situações difíceis, temos oportunidades formidáveis para estudar nossos impulsos internos e externos, nossos pensamentos, sentimentos, ações... nossas reações, volições, etc.

A convivência é um espelho de corpo inteiro onde podemos nos ver tal como somos e não como aparentemente somos. A convivência é uma maravilha. Se estivermos bem atentos, poderemos descobrir a cada instante nossos defeitos mais secretos. Eles afloram, saltam fora, quando menos esperamos.

Conhecemos muitas pessoas que diziam: Eu não tenho mais ira… e à menor provocação trovejavam e faiscavam. Outros dizem: Eu não sinto mais ciúmes... porém basta um sorriso do cônjuge a qualquer vizinho ou vizinha para os seus rostos se tornarem verdes de ciúmes.

As pessoas protestam contra as dificuldades que a convivência lhes oferece. Não querem se dar conta de que essas dificuldades, precisamente elas, estão lhe brindando todas as oportunidades necessárias para a dissolução do eu. A convivência é uma escola formidável. O livro dessa escola tem muitos tomos, o livro dessa escola é o eu.

Necessitamos ser livres de verdade se é que realmente queremos dissolver o eu. Não é livre quem depende da conduta alheia. Só aquele que se faz livre de verdade sabe o que é o amor. O escravo não sabe o que é o verdadeiro amor. Se somos escravos do pensar, do sentir e do fazer dos demais, nunca saberemos o que é o amor.

O amor nasce em nós quando acabamos com a escravidão psicológica. Temos de compreender profundamente e em todos os terrenos da mente esse complicado mecanismo da escravidão psicológica.

Existem muitas formas de escravidão psicológica. É necessário estudar-se todas elas se é que realmente queremos dissolver o eu.

Existe escravidão psicológica não só no interno como também no externo. Existe a escravidão íntima, a secreta, a oculta, da qual não suspeitamos sequer remotamente.

O escravo pensa que ama quando na verdade só está temendo. O escravo não sabe o que é o verdadeiro amor.

A mulher que teme a seu marido, pensa que o adora quando na verdade só o está temendo. O marido que teme a sua mulher, pensa que a ama quando na realidade o que acontece é que a teme. Pode ser que tema que se vá com outro, que seu caráter se torne azedo, que o recuse sexualmente, etc.

O trabalhador que teme ao patrão pensa que o ama, que o respeita, que vela por seus interesses, etc. Nenhum escravo psicológico sabe o que é amor; a escravidão psicológica é incompatível com o amor.

Existem duas espécies de conduta: a primeira é a que vem de fora para dentro e a segunda é a que sai de dentro para fora. A primeira é o resultado da escravidão psicológica e se origina por reação. Nos pegam e pegamos, nos insultam e respondemos com grosserias... O segundo tipo de conduta é melhor, é o tipo de conduta daquele que já não é escravo, daquele que nada mais tem que ver com o pensar, o sentir e o fazer dos demais. Tal tipo de conduta é independente, é conduta reta e justa. Se nos pegam, respondemos abençoando. Se nos insultam, guardamos silêncio. Se querem nos embriagar, não bebemos ainda que nossos amigos se aborreçam, etc.

Agora, nossos leitores compreenderão porque a liberdade psicológica traz isso que se chama amor.

A PERSONALIDADE KALKIANA

Temos de nos tornar cada vez mais conscientes do labor que estamos realizando. É fundamental se conhecer a diferença que há entre o Movimento Gnóstico e todas as demais organizações pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas que existem por aí. Antes de tudo, temos que saber nos situar, centrar, se é que queremos compreender o labor que devemos realizar.

Se dermos uma olhada geral nas diversas escolas que existem atualmente no mundo, todas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista, descobriremos facilmente a origem delas.

Em certa ocasião, aconteceu em Roma, o caso de uma monja que caia constantemente em transe hipnótico. Ela tinha o seu confessor e a ele teve de esclarecer a causa causarum desses transes fatais. Antes de tudo, o confessor ficou sabendo que ela tinha tido um amante e que apesar de estar enclausurada conservava uma fotografia dele. O confessor fez com que ela lhe trouxesse a foto. De repente, deu-se conta ele que a monja caía em transe só em olhar a foto. O confessor resolveu assessorar-se de um psicólogo e ambos submeteram a monja a experimentos psíquicos. Então, puderam evidenciar que não era a fotografia daquele homem que a punha em estado de transe e sim umas pedrinhas brilhantes que havia na moldura da foto.

Continuaram as investigações e logo puderam concluir como conseqüência ou corolário que todo tipo de objeto brilhante predispõe aos estados hipnóticos. Como resultado, surgiu praticamente toda uma escola. Pôde-se verificar que mediante os estados hipnóticos seria possível modificar de alguma forma os estados psicológicos dos pacientes. Por fim, se resolveu usar a hipnose para curar pacientes ou enfermos.

Assim nasceram os famosos médicos hipnotizadores. Foi também quando fizeram sua aparição no mundo muitos sequazes da hipnologia, da catalepsia, do mediunismo, etc. Não será demais relembrar com certa ênfase a Richard Charcott, Luís Zea Uribe, César Lombroso, Camile Flamarion, etc.

Nessa escola de hipnotizadores, distinguiram-se especialmente um inglês cujo nome não me recordo nestes precisos instantes e o famoso Charcott. Quanto ao primeiro, tinha todas as propriedades de um hanasmussen e o outro, o segundo, não resta dúvida que era um filhinho da mamãe; me refiro a Charcott. Seus experimentos foram notáveis, mas, como quer que era o neném, o mimado da família, tudo o que fizesse seria uma maravilha.

Bem, se faço menção a grosso modo de todas estas passagens e de todos estes experimentos de magnetismo, hipnologia, catalepsia, espiritismo e cinqüenta mil coisas mais ao estilo, é com um único propósito: fazer com que vejam de onde saíram as diversas escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista desta negra idade de Kali Yuga.

Por aqueles tempos das senhoritas Fox de Mirville que conseguiam servir de instrumento â materialização da famosa Katie King, fantasma que permaneceu se materializando por três anos seguidos diante dos olhos de distintos cientistas do mundo inteiro, por aqueles dias da Eusapia Paladino de Nápoles, durante os quais toda a Europa se agitou com os fenômenos psíquicos, foi que apareceu o teosofismo de tipo oriental. Claro, vocês sabem, bem como todo aquele que visitou essas organizações, que nessas escolas sempre há uma mistura de espiritismo com teorias de tipo hindu. O teosofismo nunca conseguiu se livrar do fenômeno espírita.

Quando conhecemos a origem das diversas organizações que existem atualmente, não há porque se estranhar de forma alguma que o teosofismo se ache misturado com algo de mediunismo. Que se assustem os teósofos diante do tantrismo é apenas normal porque sua escola não é de tipo esotérico e sim pseudo-ocultista e nada mais.

Inquestionavelmente, daquela escola de hipnotizadores tinham que se desprender, e o fizeram como é natural, muitos ramos ou organizações. Podemos chamá-las de pseudo-rosacrucianismo, pseudo-ioguismo, etc. São tão numerosas que teríamos de consultar um dicionário para conhecer o nome de todas.

Porém, vamos ao fundo da questão. Qual é a base de tais escolas? O dogma da evolução. De onde saiu esse tão cacarejado dogma? De um senhor chamado Darwin.

Parece incrível que o senhor Darwin tenha botado no bolso a tantas figuras eminentes, a tantos investigadores esoteristas, a pseudo-esoteristas também e ainda a muitos aspirantes sinceros, porém tal aconteceu; não o podemos negar.

O conceito que as instituições pseudo-esotéricas criaram sobre a reencarnação no mundo ocidental é falso. O Senhor Krishna nunca disse que todos os seres humanos se reencarnavam. Ele disse que somente os budas, os deuses, os heróis solares, tinham direito à reencarnação. Nós, os outros, estamos submetidos à lei do Eterno Retorno de todas as coisas. Isto é claro!

Também nunca se disse no oriente que todos os seres humanóides possuíssem os corpos existenciais superiores do Ser. Porém, foi fácil para as escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista fazer a humanidade crer que todo mundo já possui ditos veículos superiores. Assim, não vêem eles inconveniente algum em abordar o tema do Setenário Humano com uma segurança tal que dá a impressão de realmente todos os humanóides já terem esse conjunto de veículos.

Bom, o resultado desta espécie de morbosidade, difundida pelo mundo ocidental por essas escolas de tipo subjetivo, o resultado desse ensinamento incoerente, vago e impreciso, foi a PERSONALIDADE KALKIANA, isto é, a personalidade própria desta idade de Kali Yuga.

As personalidades kalkianas são desrespeitosas e irreverentes. Este tipo de personalidade das escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas perdeu não só o sentimento da autêntica devoção e da verdadeira religiosidade, como ainda o da veneração aos antigos patriarcas. Assim que, a humanidade podendo ser dirigida por religiões verdadeiramente sábias, degenerou-se em ridículas sabichonices formando-se assim a personalidade kalkiana.

Convém que se saiba confrontar uma personalidade kalkiana com uma personalidade esoterista autêntica. Qual é a diferença? A personalidade kalkiana está cheia de sabichonices, engarrafada no dogma da evolução, mal informada sobre a constituição interna do homem, desconhece os mistérios tântricos, teme o desenvolvimento da serpente ígnea na espinha dorsal, etc. Além do mais, o fato de estar entulhada de teorias produz nela uma sensação de auto-suficiência.

Inquestionavelmente, a personalidade kalkiana é vítima do auto-engano. Julga ter conseguido tudo quando não conseguiu nada. O pior é que perdeu o sentido de veneração, esqueceu-se da verdadeira e autêntica religiosidade e perdeu também a humildade diante do Logos Criador. Esta é a personalidade kalkiana.

Nós não podemos seguir pelo caminho das personalidades kalkianas. Não podemos aceitar esses falsos dogmas como os da evolução, os da crença de que todos os humanóides já são homens perfeitos, completos, com os corpos existenciais formados, os do temor à serpente ígnea de nossos mágicos poderes, etc. Preferimos seguir pelo caminho da autêntica sabedoria, a *senda dos tantras*, da dissolução do Ego e do reconhecimento de nossa própria miséria e incapacidade. Preferimos reconhecer que não somos nada, que somos tão só uns míseros gusanos do lodo. Preocupamo-nos, isso sim, por trabalhar em nós mesmos, sobre nós mesmos... Queremos a dissolução do nosso mim mesmo, do si mesmo...

Usamos o inteligente poder da energia criadora. Trabalhamos na Forja dos Cíclopes que tanto assusta aos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas. Estamos, pois, num caminho diferente, diverso, 100%

revolucionário e que, no entanto, tem uma antigüidade espantosa que se perde na noite insuperável de todas as idades.

Certamente, as características da personalidade kalkiana são inconfundíveis. Destacamos sua auto-suficiência, seu terrível orgulho e sua espantosa vaidade fundamentada em teorias. Vejamos, por exemplo, nas escolas de psicanálise, parapsicologia, etc., o terrível orgulho e a auto-suficiência que embarga a toda essa gente com verdadeira personalidade kalkiana. Se sobressaem não somente dentro de certos grupos, como ainda aparecem na televisão, figuram na imprensa e no rádio, mantendo todo mundo completamente envenenado com um tipo de vibrações que esotericamente chamamos de Veneniooskirianas.

Têm uma auto-suficiência completa, olham com desdém às pessoas da Idade Média, julgam-se supercivilizados e pensam que chegaram ao *non plus ultra* da sabedoria. É tal o seu orgulho que querem conquistar o infinito, o espaço exterior... Riem daquilo que eles consideram superstições dos sábios medievais... Eis aqui o tipo de personalidade kalkiana.

Como fazer essas personalidades kalkianas entender que estão equivocadas?

Não bastaria simplesmente serem negadas, não é verdade? Como quer que essas personalidades kalkianas manejam a razão e que esta é a sua arma de combate, seu cavalinho de batalha, precisamos levá-las a compreender o que é o processo do raciocínio.

Temos de levar ao conhecimento dessa gente auto-suficiente e orgulhosa que o senhor Emmanuel Kant, o filósofo de Königsberg, o grande pensador alemão, escreveu duas obras: uma intitulada A CRÍTICA DA RAZÃO PURA e a outra A CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA.

Se estudarmos ao Sr. Emmanuel Kant, veremos como age para nos decifrar não somente em seus prossilogismos, esilogismos e silogismos, como também na forma como analisa o conteúdo dos conceitos em A CRÍTICA DA RAZÃO PURA.

É claro que através das percepções sensoriais externas informamos a mente. Então, ela elabora o conteúdo de seus conceitos baseando-se precisamente nos rústicos ajustamentos sensoriais. Deste ponto de vista, a razão não poderia saber nada além do que pertencesse ao mundo dos cinco sentidos, posto que o conteúdo de seus conceitos é elaborado unicamente com esse ajustamento sensorial. Por tal motivo, a razão está circunscrita aos dados trazidos pelos sentidos e a nada mais. Portanto, que pode saber a razão subjetiva sobre os intuitos? Sobre as idéias a priori? Sobre aquilo que escapa do conteúdo dos conceitos fundamentados unicamente nas percepções sensoriais externas? Nada, não é verdade?

Existe outro tipo de razão que a personalidade kalkiana desconhece totalmente. Quero me referir de forma enfática à razão objetiva. Obviamente, esta tem por embasamento os dados da consciência e é com tais dados que funciona.

Em autêntico esoterismo, a consciência se chama Zoostat.

A razão objetiva estava bem desenvolvida antes de que surgisse a época greco-romana. Os primitivos ários da primeira sub-raça da grande raça ariana que floresceu na Ásia Central tinham-na bastante desenvolvida. Possuíram-na os povos da segunda sub-raça, anterior ao período dos rishis solares. Também desfrutaram dela os egípcios das antigas dinastias faraônicas, os babilônios, os sábios do Afeganistão, da Turquia e do Iraque. Veio a terminar praticamente com o pensamento racional grego.

Foram os gregos que, começando a jogar com a palavra, terminaram por estabelecer o raciocínio subjetivo, o qual, embasado nas percepções sensoriais externas, terminou afogando a razão objetiva e eliminando-a da face da terra. Desde então, a humanidade possui unicamente o raciocínio subjetivo, as percepções sensoriais externas, os dados trazidos pelos sentidos.

O conteúdo dos conceitos está baseado apenas nos ajustamentos sensoriais. Logo, a razão subjetiva nada pode saber sobre aquilo que escapa dos fatores antes mencionados. A razão subjetiva sensualista nada pode saber sobre o real, sobre o divino, sobre os mistérios da vida e da morte, etc. Ela é completamente ignorante de tudo aquilo que escapa do seu raio de ação que são os deficientes cinco sentidos.

Inquestionavelmente, existem os poderes do coração, aquelas qualidades que estão muito além do intelecto e do seu processo meramente raciocinativo, a respeito dos quais nada sabe nem conhece a razão subjetiva sensualista.

Na sagrada terra dos Vedas, existe um velho manuscrito que diz o seguinte: Aquele que meditar no centro do coração conseguirá controle sobre o tatwa Vayu - o princípio etérico do ar - e conseguirá também os siddhis – os poderes dos santos.

Chega-me à memória nestes momentos o caso de José de Cuppertino. Dizem que ele se alçou aos ares por setenta vezes e que este feito mágico, acontecido lá por 1650, foi o motivo pelo qual foi canonizado. É indubitável que tinha desenvolvido o centro do coração. Quando um cardeal o interrogou: Bom, por que no momento em que você vai se elevar, estando em oração, solta um clamor? Ele respondeu: A pólvora quando se inflama no arcabuz estoura com grande ruído, a mesma coisa sucede no coração inflamado pelo Divino Amor.

De maneira que, de forma prática, José de Cuppertino deu a chave dos estados Jinas. O coração é que tem de se desenvolver para se poder conseguir os estados Jinas.

A extraordinária Santa Cristina levitava constantemente. Já morta - julgava-se que estivesse morta - iam-na enterrar quando de repente, de dentro do ataúde, levantou-se e flutuou até o campanário da igreja.

Poderíamos seguir narrando inumeráveis casos... Por certo o de Francisco de Assis! O bom irmão que dele cuidava lhe trazia comida e o monge estava em levitação, em oração, flutuando na atmosfera. Havia vezes que o bom irmão não o alcançava para dar-lhe os alimentos porque estava longe, muito alto. Às vezes, Francisco de Assis subia tanto que se perdia acima das árvores que havia ali por perto.

Todos esses místicos tinham desenvolvido o centro do coração. Sem se desenvolver este centro, não se pode adquirir destreza nos estados Jinas.

Comumente, quem desenvolveu o intelecto sofre muito para conseguir os estados Jinas porque, se desenvolveu o intelecto, foi às custas das forças do coração. Sugando-se as forças do cárdias, perde-se os poderes do cárdias. Melhor dito: troca os poderes do cárdias pelo intelecto.

Melhor seria não ser intelectual e ter os poderes do cárdias, não é verdade? Porém, os instrutores não devem se preocupar com isto. O coração pode se desenvolver novamente, cultivando-se a emoção superior: a música avançada dos grandes mestres, a meditação, etc. Tornando-nos mais místicos, mais profundamente devotos, vamos desenvolvendo novamente o coração. Isto é muito interessante!

Ademais, temos que chegar a saber, meus caros irmãos, a compreender, que o ser humano está dividido em duas consciências: a verdadeira e a falsa.

Quando alguém vem a este mundo, traz depositado pela natureza na essência todos os dados que precisa para a Auto-Realização íntima do Ser. Porém, que acontece? Metem-no em escolinhas, dão-lhe uma falsa educação que para nada serve e enchem-no de inúmeros conselhos e preceitos. Enfim, no total, cria uma consciência falsa. E a verdadeira consciência, aquela onde estão depositados os dados que se precisa para seguir a senda, para seguir o caminho, para chegar a liberação do Ser? Esta fica lá no fundo e tristemente catalogada com o nome de subconsciência. Já se viu coisa mais absurda!

Nós temos de ser sinceros com nós mesmos e reconhecer que esta falsa consciência que formamos foi feita com todas essas teorias, com tudo isso que aprendemos no primário, secundário, superior, etc. Assim

como também com outras tantas coisas: com o exemplo dos adultos, com os preconceitos da sociedade para a qual viemos... Esta não é, pois, a verdadeira consciência.

Devemos eliminar o que temos de falso, ou seja, esta falsa consciência que se baseia no que nos disseram, nos preceitos escolares, nas 1ições acadêmicas, etc. Eliminar por completo, erradicar definitivamente, essa falsa consciência para que fique somente em nós a verdadeira consciência, a consciência superlativa do Ser. Isto é o que conta!

Vejam vocês como esses psicanalistas modernos, esses psiquiatras famosos, parapsicólogos, sequazes dos hipnólogos e outros se esforçam cada vez mais para sufocar a verdadeira consciência do Ser, por suprimi-la, por eliminá-la. Querem por todos os meios fortalecer cada vez mais a falsa consciência que possuímos.

Mesmer foi um homem maravilhoso. Pressentiu que havia uma dupla consciência nos seres humanos e se propôs a estudá-la. Ao dar-se conta de que havia uma falsa consciência e uma consciência legitima e real, a qual ficara arquivada lá no fundo, diríamos, subestimada, começou a fazer seus experimentos de magnetismo, muito contrários por sinal aos da hipnologia.

Pobre Mesmer, muito o ridicularizaram em sua época e continuam ainda. Contra ele se levantou toda a crítica e ainda o criticam na atualidade. Muitos textos de hipnotismo começam falando contra Mesmer. Os hipnotizadores o odeiam e por quê? Precisamente porque se pronunciou contra essa falsa consciência, porque descobriu que havia uma dupla consciência: a falsa e a verdadeira. Mesmer veio a desmascarar a falsa consciência diante do veredicto solene da opinião pública e é claro que quase o engoliram. Esta é a crua realidade dos fatos.

Bom, para não nos desviarmos tanto do tema, o que quero dizer é que o desenvolvimento interior só se consegue ao jogarmos no lixo a falsa consciência e pondo atenção à verdadeira consciência, à autêntica consciência.

Que se entende por falsa consciência? Aquela com a qual nos formaram desde que nascemos, aquela que foi feita com os exemplos e com os preceitos de todos os nossos familiares, aquela com que nos formaram na escola, no secundário, etc., aquela com a qual formaram em nós todos esses preconceitos sociais havidos e por haver.

Tudo isso tem de ser jogado no fundo do lixo para que se possa pôr a flutuar a verdadeira consciência e com ela se trabalhar. Isto indica que temos de nos converter em crianças para trabalhar, voltar a ser infantil, ser como pequeninos no momento de trabalhar, desprovidos de teorias... assim poremos em ação a verdadeira sabedoria.

Assim, pois, escrevi este capítulo com o propósito de que nos centremos, de que reconheçamos a situação em que estamos neste mundo... É preciso que se entenda que não vamos pelo caminho dessas escolinhas, seitas e ordens que formam a personalidade kalkiana. Somos diferentes. Isto é tudo!

BLUE TIME – A TERAPÊUTICA DO REPOUSO

No misterioso umbral do templo de Delphos estava gravada na pedra viva uma máxima grega que dizia: *Nosce te ipsum*. Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

O estudo de si mesmo, a serena reflexão, é óbvio que, em última instância, conclui na quietude e no silêncio da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não só no nível superficial, intelectual, mas em todos e em cada um dos 49 departamentos subconscientes, vem o novo, a essência, a consciência, se desengarrafa produzindo o despertar da alma, o êxtase e o samadhi.

A prática diária da meditação transforma-nos radicalmente. As pessoas que não trabalham na aniquilação do eu vivem borboleteando de escola em escola e jamais encontram seu centro de gravidade permanente. Morrem fracassadas sem terem conseguido a Auto-Realização Íntima do Ser.

O despertar da consciência só é possível através da libertação e emancipação do dualismo mental, do batalhar das antíteses, da maré intelectual. Qualquer luta subconsciente, infraconsciente ou inconsciente converte-se numa trava para a libertação da essência.

Todo batalhar de antíteses, por insignificante e inconsciente que seja, acusa pontos obscuros desconhecidos nos infernos atômicos do homem. Observar e conhecer esses aspectos infra-humanos de si mesmo é indispensável para se atingir a absoluta quietude e silêncio da mente. Só na ausência do eu é possível experimentar e viver a revolução integral e a revolução da dialética.

O blue time ou terapêutica do repouso tem regras básicas sem as quais seria impossível nos emancipar dos mortificantes grilhões da mente. Estas regras são:

1. RELAXAMENTO: É indispensável se aprender a relaxar o corpo para a meditação. Nenhum músculo pode ficar em tensão. É urgente se provocar e graduar o sono à vontade. É evidente que a sábia combinação de sono e meditação dá como resultado isso que se chama iluminação.

2. RETROSPECTO: Que se busca através do retrospecto? O animal intelectual devido à vida mecânica que vive diariamente se esquece de si mesmo e cai na fascinação. Anda com a consciência adormecida sem se lembrar do que fez no momento do levantar, desconhece os primeiros pensamentos do dia, sua atuação e os lugares onde esteve. O retrospecto tem como finalidade a tomada de consciência de todos os atos ou ações passadas. Ao realizarmos o retrospecto durante a meditação, não poremos objeções à mente. Traremos a lembrança das situações do passado desde o instante no qual iniciou o retrospecto até o momento da vida que desejarmos. Cada lembrança deve ser estudada sem se identificar com ela.

3. REFLEXÃO SERENA: Primeiramente, temos de nos tornar plenamente conscientes do estado de ânimo em que nos encontramos antes de surgir qualquer pensamento. Temos de observar serenamente a nossa mente e pôr plena atenção em toda forma mental que fizer sua aparição na tela do intelecto. E peremptório que nos convertamos em vigias da nossa própria mente durante qualquer atividade agitada e que nos detenhamos por instantes para observá-la.

4. PSICANÁLISE: Indagar, inquirir, investigar a raiz e a origem de cada pensamento, lembrança, afeto, emoção, sentimento, ressentimento, etc., conforme forem surgindo na mente. Durante a psicanálise, deveremos examinar, aquilatar e inquirir sobre a origem, causa, razão ou motivo fundamental de todo pensamento, lembrança, imagem e associação, conforme forem surgindo

do fundo do subconsciente.

5. MANTRALIZAÇÃO OU KOAN: Os objetivos desta etapa são:

a) Misturar dentro do nosso universo interior as forças mágicas dos mantrans ou koans.

b) Despertar consciência.

c) Acumular intimamente átomos crísticos de altíssima voltagem.

Neste trabalho psicológico, o intelecto deve assumir um estado receptivo, integral, unitotal, pleno, tranqüilo e profundo. Com os koans ou frases que descontrolam a mente, consegue-se o estado receptivo unitotal.

6. ANÁLISE SUPERLATIVA: Consiste num conhecimento introspectivo de si mesmo. É indispensável nos introvertermos durante a meditação de fundo. Neste estado, se trabalhará no processo da compreensão do eu ou defeito que se quer desintegrar. O estudante gnóstico se concentrará no agregado psicológico e o manterá na tela da mente. Antes de tudo, é indispensável que se seja sincero consigo mesmo. A análise superlativa consta de duas fases que são:

a) Auto-exploração - Indagar no fundo da consciência e nos 49 níveis do subconsciente quando foi a primeira vez que o defeito se manifestou na vida e quando foi a última e em que momentos tem mais força para se manifestar.

b) Autodescobrimento - Investigar quais são os alimentos do eu. Fracionar e dividir o defeito em várias partes e estudar cada uma delas a fim de conhecer de que tipo de eus provém e que tipos de eus derivam dele.

7. AUTOJULGAMENTO: Sentar o defeito em estudo no banco dos acusados. Trazer a julgamento os danos que ocasiona à consciência e os benefícios que a aniquilação do defeito que se está julgando traria à nossa vida.

8. ORAÇÃO: Orar à Divina Mãe Kundalini, à Mãe interior e individual, pedindo com muito fervor a eliminação do eu. Se lhe falará com franqueza e se implorará para que desintegre os defeitos e falhas que temos, pois ela é a única capaz de aniquilar os eus. Pediremos que desintegre até a própria raiz do defeito.

É bastante agradável e interessante se participar, cada vez que se puder, dos períodos de meditação nos lumisiais gnósticos.

É imprescindível que se pratique a meditação com os olhos fechados a fim de se evitar as percepções sensoriais externas.

A REVOLUÇÃO DA MEDITAÇÃO

A técnica da meditação permite que cheguemos até as alturas da iluminação e da revolução da dialética.

Devemos distinguir entre uma mente que está quieta e uma mente que foi aquietada à força.

Quando a mente foi aquietada à força, realmente não está quieta, está amordaçada com violência e nos níveis mais profundos do entendimento há toda uma tempestade.

Quando a mente foi violentamente silenciada, na realidade não está em silêncio e no fundo clama, grita e se desespera.

É preciso se acabar com as modificações do princípio pensante durante a meditação. Quando o princípio pensante fica sob nosso controle, a iluminação vem a nós espontaneamente.

O controle mental permite-nos destruir os grilos criados pelo pensamento. Para se conseguir a quietude e o silêncio da mente, é necessário se saber viver de instante a instante, saber aproveitar cada momento; não dosificar o momento.

Tomai tudo de cada momento porque cada momento é filho da Gnosis, cada momento é absoluto, vivo e significativo. A momentaneidade é característica especial dos gnósticos. Nós amamos a filosofia da momentaneidade.

O Mestre Ummom disse aos seus discípulos: Se caminham, caminhem. Se se sentam, se sentem. Não vacilem!

Um primeiro estudo na técnica da meditação é a ante-sala dessa paz divina que supera todo conhecimento.

A forma mais elevada de pensar é não pensar. Quando se consegue a quietude e o silêncio da mente, o eu, com todas suas paixões, desejos, apetites, temores, afetos, etc., se ausenta.

Só na ausência do eu, na ausência da mente, o Budata pode despertar para unir-se ao Íntimo e levar-nos ao êxtase.

É falso, como pretende a escola de magia negra do Subub, que a Mônada ou a grande realidade entre naquele que ainda não possui os corpos existenciais superiores do Ser.

O que entra nos fanáticos tenebrosos do Subub são as entidades das trevas que se expressam através deles com gestos, ações, palavras bestiais e absurdas, etc. Essa gente está possuída pelos tenebrosos.

Com a quietude e o silêncio da mente temos um só objetivo: liberar a essência da mente para que fundindo-se com a Mônada, o Íntimo, possa experimentar ISSO que nós chamamos a Verdade.

Na ausência do eu, durante o êxtase, a essência pode viver livremente no Mundo da Névoa de Fogo e experimentar a Verdade.

Quando a mente se acha em estado passivo e receptivo, completamente quieta e em silêncio, a essência ou Budata liberta-se da mente e vem o êxtase.

O batalhar dos opostos mantém a essência engarrafada, mas quando a batalha termina e o silêncio torna-se absoluto, a essência fica livre e a garrafa se faz em pedaços.

Quando praticamos a meditação, nossa mente é assaltada por muitas lembranças, desejos, paixões, preocupações, etc.

Devemos evitar o conflito entre a atenção e a distração. Existe conflito entre a distração e a atenção quando combatemos contra esses assaltantes da mente. O eu é o projetor de tais assaltantes mentais. Onde há conflito, não existe quietude nem silêncio.

Temos de anular o projetor mediante a auto-observação e a compreensão. Examinem cada imagem, cada lembrança, cada pensamento, que chegar à mente. Lembrem-se que todo pensamento tem dois pólos: positivo e negativo.

Entrar e sair são os dois aspectos de uma mesma coisa. A sala de jantar e o banheiro, o alto e o baixo, o agradável e o desagradável, etc., são sempre os dois pólos de uma mesma coisa.

Examinem os dois pólos de cada forma mental que chegue à mente. Lembrem-se que somente pelo estudo das polaridades se chega à síntese.

Toda forma mental pode ser eliminada mediante a síntese.

Exemplo: Assalta-nos a lembrança da noiva. Ela é bonita? Pensemos que a beleza é o oposto da feiúra e que se ela é bonita na juventude, será feia na velhice. Síntese: Não vale a pena pensar nela, é uma ilusão, uma flor que murchará inevitavelmente.

Na índia, esta auto-observação e estudo da própria psique, é chamada de Pratyahara.

Os pássaros-pensamentos devem passar pelo espaço da nossa mente num desfile sucessivo, porém sem deixar rastro algum.

A infinita procissão de pensamentos projetados pelo eu por fim se esgotará, então a mente fica quieta e em silêncio.

Um grande Mestre auto-realizado disse: Somente quando o projetor, isto é, o eu, está ausente por completo, vem o silêncio que não é produto da mente. Esse silêncio é inesgotável, não é do tempo e é incomensurável. Só então vem Aquilo que é.

Toda esta técnica resume-se a dois princípios:

a - profunda reflexão.

b - tremenda serenidade.

Esta técnica da meditação, com seu não-pensamento, põe a trabalhar a parte mais central da mente, a que produz o êxtase.

Lembrem-se que a parte central da mente é isso que se chama Budata, essência ou consciência.

Quando o Budata desperta, ficamos iluminados. Necessitamos despertar o Budata, a consciência.

O estudante gnóstico pode praticar a meditação sentado no estilo ocidental ou no estilo oriental.

É aconselhável se praticar com os olhos fechados para evitar as distrações do mundo exterior.

Convém relaxar o corpo evitando cuidadosamente que algum músculo fique em tensão.

O Budata, a essência, é o material psíquico, o princípio budístico interior, o material anímico ou matéria-prima com a qual damos forma à alma.

O Budata é o melhor que temos dentro e desperta com a meditação interior profunda.

O Budata é realmente o único elemento que o pobre animal intelectual possui para chegar à experimentação disso que chamamos Verdade.

O animal intelectual não podendo encarnar o Ser, porque ainda não possui os corpos existenciais superiores, a única coisa que pode fazer é praticar a meditação para auto-despertar o Budata e conhecer a Verdade.

O Trabalho com o Demônio

O despertar do Kundalini e a dissolução do Eu constituem precisamente a base fundamental de toda realização a fundo.

Neste capítulo vamos tratar sobre o tema da dissolução do Eu. Isto é definitivo para a liberação final.

O Eu é o Demônio que levamos dentro. Sobre esta afirmação, dizemos que o trabalho da dissolução do Eu é realmente o Trabalho com o Demônio.

Este trabalho é muito difícil. Quando trabalhamos com o Demônio, as entidades tenebrosas costumam atacar-nos terrivelmente. Na realidade esta é a via do homem astuto, o famoso Quarto Caminho, a Senda Tau.

Origem do Eu

A luxúria é a origem do Eu pecador. O Ego, Satã, está submetido à Lei do Eterno Retorno de todas as coisas; regressa a novas matrizes para satisfazer desejos. O Eu, em cada uma de suas vidas, repete os mesmos dramas, os mesmos erros. O Eu se complica através do tempo, tornando-se cada vez mais e mais perverso.

Reencarnação de Satã

Satã está submetido à lei da Reencarnação. Satã deseja voltar e volta a este mundo milhões de vezes. Satã reencarna para satisfazer desejos insatisfeitos. As reencarnificações humanas não podem jamais aperfeiçoar a Satã. A evolução mecânica da Natureza nunca pode aperfeiçoar a Satã. Satã robustece-se e fortifica-se com as experiências da vida. O homem simples, de há milhões de anos, é agora o homem da bomba atômica e da bomba de hidrogênio. O homem humilde que pastoreava ovelhas transformou-se no potentado do ouro e da prata. O habitante humilde da velha Arcádia é agora o homem das boites. O menino inocente transforma-se com as experiências no velho astuto, ciumento, desconfiado, malicioso, avaro, etc. É assim que o Eu se fortifica com as experiências da vida. Essa é a triste realidade deste mundo doloroso.

Morte de Satã

O Satã que levamos dentro de nós está formado por átomos do inimigo secreto. Satã teve um princípio, Satã tem um fim. Necessitamos dissolver Satã para regressar à Estrela Interior que sempre nos sorriu. Essa é a Verdadeira Libertação Final. Só dissolvendo o Eu logramos a Libertação Absoluta.

O Grande Equívoco

Nas profundidades ignotas de nosso Ser Divino, temos uma Estrela Interior, completamente Atômica. Esta Estrela é um Átomo Super−Divino. Os Cabalistas denominam−no com o nome sagrado de Ain−Soph. Este é o Ser do nosso Ser, a Grande Realidade dentro de nós.

Este Super−Átomo, antes de ingressar na evolução mecânica da Grande Natureza, não tem consciência da sua própria felicidade. A felicidade sem consciência de sua própria felicidade não é felicidade. A Estrela Interior que guia o nosso Ser, respondendo aos impulsos cósmicos dos Santos Deuses, enviou um raio de si mesma à evolução mecânica da Grande Natureza, para adquirir auto−consciência.

O raio desceu com a involução da Grande Vida. O raio converteu−se depois em elemental e evoluiu nos reinos mineral, vegetal e animal. Quando ingressamos pela vez primeira na matriz humana, quando nos vimos convertidos em homens, fizemos auto−consciência. O objetivo, o projeto divino se havia consumado. Desde esse instante supremo, deveríamos ter regressado à Estrela Interior que sempre nos sorriu. Infelizmente, dentro da selva espessa, entre os instintos tremendos da Natureza, nasceu o desejo humano que aprisionou a mente. Assim nasceu o Eu (Satã). Esse foi o nosso grande equívoco. Desde então estamos reencarnando. Satã reencarna para satisfazer desejos. Satã fortifica−se com as reencarnações.

Necessitamos, portanto, regressar ao ponto de partida e reconhecer o nosso grande equívoco. Necessitamos dissolver Satã.

Deus Não Evolui

Deus não necessita evoluir porque é Perfeito. Deus não necessita aperfeiçoar−se. ELE é Perfeito. Deus é o nosso Ser Interno.

Satã Evolui

Satã evolui, porém jamais se aperfeiçoa. Satã é Satã. A evolução mecânica da natureza jamais pode significar aperfeiçoamento de Satanás. Satã se robustece com a evolução mecânica da natureza. A civilização moderna com todos os seus horrores, prostituição, guerras, bombas de hidrogênio, bombas atômicas, homossexualismo, etc., está demonstrando com fatos evidentes que a evolução mecânica da Natureza fortifica e robustece Satã. Fatos são fatos. A evolução não aperfeiçoa ninguém.

Revolução Total

Necessitamos de uma tremenda Revolução da Consciência para conseguir o retorno à Estrela Interior que guia o nosso Ser. Só com a dissolução do Eu existe revolução total.

A Dor

A dor não pode aperfeiçoar ninguém. Se a dor aperfeiçoasse, toda a humanidade já seria perfeita. A dor é a consequência de nossos próprios erros. Satã comete muitos erros. Satã colhe o fruto de seus erros. A dor é esse fruto. Por conseguinte a dor é satânica. Satã não pode aperfeiçoar−se, e nem aperfeiçoar ninguém. A dor não aperfeiçoa porque a dor é de Satã. A Grande Realidade Divina é a felicidade, paz, abundância e perfeição. A Grande Realidade não pode criar a dor. O perfeito não pode criar a dor. O que é perfeito só engendra felicidade. A dor foi criada pelo Eu (Satã).

O Tempo

O tempo é Satã. Satã é recordação, Satã é um manojo de recordações. Quando o homem morre, só ficam as recordações. Estas recordações constituem o Eu, o mim mesmo, o Ego reencarnante. Os desejos insatisfeitos, as recordações do passado se reencarnificam. É por isso que somos escravos do passado. Podemos assegurar que o passado condiciona a nossa vida presente. Podemos mesmo afirmar que Satã é o tempo. Podemos dizer, sem medo de equivocar−nos, que o tempo não pode libertar−nos desse vale de lágrimas, porque o tempo é satânico. Temos que aprender a viver de instante em instante. A vida é um eterno agora, um eterno presente. Satã foi o criador do tempo. Aqueles que pensam libertar−se num futuro distante, dentro de alguns milhões de anos, com o tempo e com os séculos, são candidatos seguros ao abismo e à segunda morte, porque o

tempo é de Satanás. O tempo não liberta ninguém. Satã escraviza, Satã não liberta. Necessitamos, pois, libertar−nos agora mesmo. Necessitamos viver de instante em instante.

Os Sete Centros Fundamentais do Homem

Todo ser humano tem sete centros básicos: Primeiro − o Instintivo. Segundo − o Centro Motor. Terceiro − o Emocional. Quarto − o Intelectual. Quinto − o Sexual. Sexto − o Emocional Superior. Sétimo − o Mental Superior. Estes dois últimos centros não têm veículos, mas quando engendramos o Astral Cristo e a Mente Cristo com a Magia Sexual, o resultado é maravilhoso porque, então, estes dois centros convertem−se, de fato, nos verdadeiros instrumentos divinos do homem com alma. A distinção que há entre os centros inferiores e superiores, entre os centros que utilizamos neste mundo e os instrumentos eternos que servem para todos os mundos é urgente para a compreensão do Trabalho Interno que temos de realizar.

Técnica para a Dissolução do Eu

O Eu exerce controle sobre os cinco centros inferiores da máquina humana. Estes cinco centros são: Pensamento, Sentimento, Movimento, Instinto e Sexo. Os dois centros do ser humano que correspondem à Consciência Cristo conhecem−se em ocultismo como Mente Cristo e Astral Cristo. Estes dois centros superiores não podem ser controlados pelo Eu. Infelizmente, a mente superior e a emoção superior não dispõem destes dois preciosos veículos Crísticos. Quando a Mente Superior se reveste do Mental−Cristo e quando a Emoção Superior se reveste do Astral−Cristo nos elevamos de fato ao estado verdadeiramente humano.

Todo aquele que quiser dissolver o Eu deve estudar suas atividades nos cinco centros inferiores. Não devemos condenar os defeitos, mas tampouco devemos justificá−los. O importante é compreendê−los. Urge compreender as ações e reações da máquina humana. Cada um destes cinco centros inferiores tem um mecanismo complicadíssimo de ações e reações. O Eu trabalha com cada um destes cinco centros inferiores e, se compreendermos a fundo todo o mecanismo destes centros, estaremos a caminho de dissolver o Eu.

Na vida prática duas pessoas reagem de forma diferente ante uma representação. O que é agradável para uma pessoa, pode ser desagradável para outra. Muitas vezes a diferença reside em que uma pessoa pode julgar e

ver com a mente e a outra pode ser tocada em seu sentimento. Temos que aprender a diferenciar a mente do sentimento. Uma coisa é a mente e outra o sentimento. Na mente existe todo um jogo de ações e reações que deve ser compreendido. No sentimento existem afetos que devem ser crucificados, emoções que devem ser cuidadosamente estudadas e, em geral, todo um mecanismo de ações e reações que facilmente se confundem com as atividades da mente.

Centro Intelectual

Este centro é útil dentro de sua órbita, o problema é querer tirá−lo de seu raio de ação. As grandes realidades do Espírito só podem ser experimentadas com a Consciência. Aqueles que pretendem investigar as verdades transcendentais do Ser à base de puro raciocínio caem no mesmo erro de alguém que, ignorando o uso dos modernos instrumentos científicos, tentasse estudar a vida do infinitamente pequeno com o telescópio e a vida do infinitamente grande com o microcóspio.

Movimento

Necessitamos auto−descobrir e compreender a fundo todos os nossos hábitos. Não devemos permitir que a nossa vida continue se desenvolvendo mecanicamente. Parece incrível que nós, vivendo dentro dos moldes dos hábitos, não conheçamos estes moldes que condicionam a nossa vida. É necessário estudarmos os nossos hábitos a fim de compreendê−los. Eles pertencem às atividades do centro do movimento. É necessário auto−observar−nos no modo de viver, de atuar, de vestir, de andar, etc. O Centro do Movimento tem muitas atividades. Os esportes pertencem também ao Centro do Movimento. Quando a mente interfere neste centro obstrui e danifica porque ela é muito lenta, ao passo que o centro do movimento é muito rápido. Todo datilógrafo trabalha com o centro do movimento e como é natural, pode equivocar−se no teclado se a mente chegar a interferir. Um homem dirigindo um automóvel poderia sofrer um acidente se a mente chegasse a interferir.

Centro Emocional

O ser humano gasta torpemente suas energias sexuais com o abuso de emoções violentas no cinema, televisão, partidas de futebol, etc. Necessitamos aprender a dominar nossas emoções para não desperdiçar as energias sexuais.

Instinto

Existem vários instintos: o de conservação, o sexual, etc. Há também muitas perversões do instinto. No fundo de todo ser humano existem forças sub−humanas instintivas, brutais, que paralisam o verdadeiro espírito de amor e de caridade. Estas forças demoníacas devem primeiro ser compreendidas e depois submetidas e eliminadas. São forças bestiais, instintos criminosos, luxúria, covardia, medo, sadismo sexual, bestialidades sexuais, etc. Necessitamos estudar e compreender a fundo essa forças sub−humanas para poder dissolvê−las e eliminá−las.

Sexo

O sexo é o quinto poder do ser humano. O sexo pode libertar ou escravizar o homem. Ninguém pode chegar a ser íntegro, ninguém pode realizar−se a fundo sem a força sexual. Nenhum célibe pode chegar à realização total. O sexo é o poder da alma. O ser humano chega a ser íntegro com a fusão absoluta dos pólos masculino e feminino da alma. A força sexual desenvolve−se, evolui e progride em sete níveis (os sete níveis da alma). No mundo físico o sexo é uma força cega de mútua atração; no astral a atração sexual fundamenta−se na afinidade dos tipos, segundo as suas polaridades e essências. No mental a atração sexual realiza−se segundo as leis da polaridade e da afinidade mental. No plano causal a atração sexual realiza−se baseada na Vontade Consciente. É precisamente neste plano das causas naturais onde se realiza conscientemente a unificação plena da alma. Realmente ninguém pode chegar à glória suprema do Matrimônio Perfeito sem haver alcançado este quarto estado de Integração Humana.

Necessitamos compreender a fundo todo o problema sexual. Necessitamos ser íntegros. Necessitamos transcender a mecanicidade do sexo. Necessitamos saber procriar filhos da sabedoria. No instante supremo da concepção as essências humanas estão completamente abertas para toda classe de influências. O estado de pureza dos pais, a força de vontade para não derramar o Vaso de Hermes, é só o que pode protegê−los contra o perigo da infiltração no espermatozóide e no óvulo de substâncias sub−humanas de Egos bestiais que queiram reencarnar.

Morte Absoluta de Satanás

Compreendendo as íntimas atividades dos cinco centros inferiores, descobrimos todo processo do Eu. O resultado desse auto−descobrimento é

a morte absoluta de Satã (o tenebroso Eu lunar).

Adultério

Sendo a mulher o elemento passivo, receptivo, é claro que recolhe e armazena os resultados do ato sexual de todos os homens que adulterem com ela. Esses resultados são substâncias atômicas dos homens que efetuaram o ato sexual com ela. Quando um homem tem relações sexuais com uma mulher que pertenceu a outro homem, ou a outros homens, recolhe então as essências atômicas daquele ou desses homens e com elas (as essências atômicas) se auto−envenena. Trata−se de um problema gravíssimo para os irmãos que estão dissolvendo o Eu, pois que não só têm que lutar contra os seus próprios erros e defeitos, mas também e além disso contra os erros e defeitos desses outros homens com quem a mulher teve contato.

A Raiz da Dor

O Eu é a raiz da dor. O Eu é a raiz da ignorância e do erro. Quando o Eu se dissolve, fica dentro de nós somente o Cristo Interno.

É necessário dissolver o Eu. Somente dissolvendo o Eu desaparece a ignorância e o erro. Quando o Eu desaparece, fica somente em nós isso que se chama amor.

Quando o Eu se dissolve advém a autêntica felicidade. Só aniquilando completamente o desejo, logramos a dissolução do Eu. Se quisermos aniquilar o Eu devemos ser como o limão.

O Eu é o horroroso Satã, o horrível demônio que nos fez a vida tão amarga e asquerosa.

O Abismo

As tradições cabalistas dizem que Adão tinha duas esposas: Lilit e Nahemah. Lilit é a mãe dos abortos, do homossexualismo e, em geral, de toda classe de crimes contra natura. Nahemah é a mãe da beleza maligna, da paixão e do adultério.

O Abismo divide−se em duas grandes regiões, as esferas de Lilit e de Nahemah. Nestas duas grandes regiões reina soberana a infra−sexualidade.

A Esfera de Lilit

Na esfera infra−sexual de Lilit vivem aqueles que odeiam o sexo; monjes, monjas, anacoretas, pregadores de seitas pseudo−esotéricas e pseudo−iogues que desprezam o sexo, etc.

Todos esses tipos, pelo próprio fato de serem infra−sexuais, costumam afinizar−se com pessoas do sexo intermediário. Assim, não é difícil de se encontrar o homossexualismo metido em muitos conventos, religiões, seitas e escolas pseudo−esotéricas Os infra−sexuais consideram−se indivíduos imensamente superiores às pessoas de sexo normal, e olham−nas com desprezo, considerando−as inferiores.Todos os tabus e restrições, todos ospreconceitos que atualmente condicionam a vida das pessoas de sexo normal, foram firmemente estabelecidos pelos infra−sexuais.

Conhecemos o caso de um velho anacoreta que pregava certa doutrina do tipo pseudo−ocultista. Todos o reverenciavam e o consideravamum santo. Aparentemente era um Mestre e as pessoas o veneravam. Até que uma pobre mulher descobriu tudo, quando este propôs−lhe uma união sexual anti−natural, a pretexto de iniciá−la. Na realidade, este ancoreta era um infra−sexual. Entretanto, dizia ter feito voto de castidade. Aquele homem odiava mortalmente o Arcano A.Z.F. (Magia Sexual) por considerá−lo perigoso. Porém, não via inconveniente algum em propor às suas devotas uniões extra−vaginais, porque era realmente um infra−sexual. Quem poderia duvidar desse homem? Aparentemente era um santo, pelo menos assim acreditavam as pessoas. Seus sequazes o consideravam um Mestre. Entretanto, odiava o sexo. Sim, odiava−o mortalmente, porque essa é a característica dos degenerados infra−sexuais. O mais grave de tudo é que

eles se consideram superiores às pessoas de sexo normal, sentem−se super−transcendidos e chegam a seduzir as pessoas de sexo normal, convertendo−as em seus seguidores.

Em nossa missão de divulgação esotérica gnóstica, tivemos a oportunidade de estudar os infra−sexuais. Amiúde ouvimo−los dizendo: "os gnósticos são egoístas, porque só pensam no Kundalini e na Magia Sexual"; "são uns fanáticos do sexo"; "a Magia Sexual é puramente animal"; "o sexo é algo muito grosseiro"; "o sexo é imundo"; "existem muitos caminhos para se chegar a Deus"; "vivo unicamente para Deus e não me interessam essas porcarias de sexo"; "eu sigo a castidade, acho o sexo negativo", etc., etc. Esta é, precisamente, a linguagem dos infra−sexuais, sempre auto−suficientes; sempre com aquele orgulho de sentirem−se superiores às pessoas de sexo normal.

Uma mulher infra−sexual que odiava o marido disse−nos: "só praticaria a Magia Sexual com o meu Guru". Pronunciou esta frase na presença do marido. Aquela mulher não tinha relação sexual com o marido, dizendo que odiava o sexo. No entanto aceitou praticar Magia Sexual unicamente com o seu Guru. Ela tinha afinidade com o Guru porque este era também um infra−sexual. Trata−se do "Santo" já citado neste capítulo, aquele que gozava propondo às suas devotas uniões sexuais anti−naturais.

Conhecemos o caso de um "arqui−hierofante" que odiava às mulheres e dizia frases como esta: "Meu tratamento para com as mulheres é na base do ponta−pé". Este homem pregava uma doutrina e seus sequazes adoravam−no como a um Deus. Vivia sempre rodeado de adolescentes e assim passava o tempo, até que a polícia descobriu tudo.

Era um invertido, um homossexual corruptor de menores. Contudo, tinha o orgulho de todos os infra−sexuais, o orgulho de sentir−se super−transcendido, inefável, divino.

A Esfera de Lilit é a esfera da grande heresia. Essas pessoas já não têm possibilidade de redenção porque odeiam o Espírito Santo.

"Todo pecado será perdoado, menos o pecado contra o Espírito Santo".

A energia sexual é uma emanação da Mãe Divina. Aquele que renuncia à Mãe Cósmica, aquele que odeia à Mãe Divina, aquele que profana a energia da Mãe Divina, afundar−se−á para sempre no Abismo e ali terá que passar

pela Segunda Morte.

Psicologia da Esfera de Lilit

A Esfera de Lilit distingue−se por sua crueldade e sua psicologia apresenta vários aspectos. Monjes e freiras que odeiam o sexo, homossexualismo nos conventos, homossexualismo fora da vida monástica, abortos provocados, gente que ama a masturbação, gente criminosa dos lupanares, gente que se deleita torturando os outros. Nesta esfera encontramos os crimes mais horrendos registrados nas crônicas policiais, horríveis casos de sangue, crimes de origem homossexual, sadismo espantoso, homossexualismo nas prisões, homossexualismo entre mulheres, monstruosos crimes mentais. Aqueles que gozam fazendo sofrer o ser que amam, infanticídios pavorosos, parricídios, matricídios e fraticídios. Encontramos ainda pseudo−ocultistas que preferem sofrer de poluções noturnas ao invés de se casarem, gente que odeia mortalmente o Arcano A.Z. F. e o Matrimônio Perfeito, gente que acredita chegar a Deus odiando o sexo e anacoretas que não gostam do sexo, considerando−o vulgar e grosseiro.

Esfera de Nahemah

A esfera de Nahemah seduz com o encanto de sua beleza maligna. Nesta região infra−sexual encontram−se os "Don Juans" e as mulheres mais sedutoras. Aí se desenvolve o mundo da prostituição. Os infra−sexuais de Nahemah sentem−se muito "machos". Nesta esfera vivem aqueles que têm muitas mulheres; sentem−se felizes no adultério e julgam−se "garanhões"; ignoram que são infra−sexuais.

Na esfera de Nahemah encontramos também milhões de prostitutas. Estas pobres mulheres são vítimas do encanto fatal de Nahemah. Encontramos ainda senhoras elegantes de alta posição social. Pessoas que vivem felizes no adultério. Esse é o seu mundo.

Na região infra−sexual de Nahemah encontramos a doçura que comove a alma, virgindades que seduzem com o encanto de suas ternuras. Mulheres belíssimas e sedutoras, homens que abandonam os seus lares, enfeitiçados pelo encanto dessas beldades preciosíssimas Encontramos, também, belezas indescritíveis, paixões incontroláveis, salões luxuosíssimos, elegantes cabarés, leitos macios, bailes deliciosos, orquestras do abismo, palavras inesquecíveis, cheias de romance, etc.,etc.

Os infra−sexuais de Nahemah às vezes aceitam o Arcano A.Z.F. (a Magia Sexual), porém fracassam, porque não oconseguem evitar a ejaculação do sêmen.Quase sempre retiram−se do Matrimônio Perfeito falando horrores do mesmo.

São os que costumam dizer: "eu pratiquei Magia Sexual e, às vezes consegui conter−me, sem derramar o sêmen. Eu era um animal gozando das deliciosas paixões do sexo". Após retirarem−se da Senda do Fio da Navalha, representada pela medula espinhal, buscam refúgio em alguma doutrina sedutora de Nahemah, isso se tiverem a sorte de não cair na esfera de Lilit, e então continuam ejaculando o licor seminal. Esse é o seu mundo infra−sexual.

Psicologia da Esfera de Nahemah

Os habitantes infra−sexuais da esfera da Nahemah são delicadíssimos. São os que dizem frases como estas: "matei para defender a honra" , "a ofensa se lava com sangue", "sou um marido ofendido", etc.

O tipo de Nahemah é o daquele que joga a vida por qualquer mulher. É o tipo passional, amante do luxo, escravo dos preconceitos sociais, amigo das bebedeiras, banquetes, festas, modas elegantíssimas, etc.

Estas pessoas consideram o Matrimônio Perfeito algo impossível e quando o aceitam, duram muito pouco tempo neste caminho, porque fracassam. Estas pessoas gozam bestialmente no sexo e, quando aceitam o Arcano A.Z.F., utilizam−no para satisfazer a luxúria; e tão logo encontram refúgio em alguma sedutora doutrina, retiram−se do Matrimônio Perfeito.

Mística de Nahemah

Algumas vezes encontramos tipos místicos na esfera infra−sexual de Nahemah. Estes não bebem, não comem carnes, não fumam ou pelo menos são muito religiosos, ainda que não sejam vegetarianos. O tipo místico de Nahemah é secretamente passional, goza violentamente das paixões sexuais, ainda que depois pronuncie terríveis sentenças contra a paixão sexual. Às vezes, aceita o Arcano A.Z.F., porém retira−se pouco tempo depois, ao encontrar alguma doutrina consoladora que lhe diga frases como estas: "Deus disse: crescei e multiplicai−vos". "0 ato sexual é uma função puramente animal e a espiritualidade nada tem a ver com este ato", etc., etc. Então, o infra−sexual de Nahemah, encontrando justificativa para ejacular o

licor seminal, retira−se da Senda do Matrimônio Perfeito.

A Sexualidade Normal

Entende−se por pessoas de sexualidade normal aquelas que não têm conflito sexual de nenhuma espécie.

A energia sexual divide−se em três aspectos diferentes: Primeiro: a energia relacionada com a reprodução da espécie e a saúde do corpo físico em geral. Segundo: a energia relacionada com as esferas do pensamento, sentimento e vontade. Terceiro: a energia relacionada com o Espírito Divino do Homem.

A energia sexual é, sem dúvida alguma, a energia mais sutil e poderosa produzida e conduzida através do organismo humano. Tudo o que o homem é, inclusive nas esferas do pensamento, sentimento e vontade, é o resultado exato das diferentes modificações da energia sexual.

Devido ao aspecto tremendamente sutil e poderoso desta energia, torna−se realmente difícil controlá−la e armazená−la. Além disso, sua presença representa uma fonte de imenso poder que, se não soubermos manejar, poderá redundar numa verdadeira catástrofe.

Existem no organismo certos canais por onde normalmente deve circular essa poderosa energia. Quando ela chega a infiltrar−se no delicado mecanismo de outras funções, então o resultado violento é o fracasso. Neste caso, danificam−se muitos centros delicadíssimos do organismo humano e o indivíduo converte−se, de fato, num infra−sexual.

Toda atitude mental negativa pode conduzir direta ou indiretamente a estas catástrofes violentas e destrutivas da energia sexual. O ódio ao sexo, o ódio ao Arcano A.Z.F., o asco ou repugnância pelo sexo, o desprezo ao sexo, a subestimação do sexo, os ciúmes passionais, o medo do sexo, o cinismo sexual, o sadismo sexual, a obscenidade, a pornografia, a brutalidade sexual, etc.,etc., convertem o ser humano em um infra−sexual.

O sexo é a função criadora mediante a qual o ser humano é um verdadeiro Deus. A sexualidade normal resulta da plena harmonia e concordância de todas as demais funções. Ela confere−nos o poder de criar filhos sãos, ou de criar no mundo das artes, ou das ciências. Toda atitude mental negativa com relação ao sexo produz infiltrações dessa poderosa energia em outras

funções, provocando poderosas catástrofes, cujo resultado fatal é a infra−sexualidade.

Toda atitude mental negativa força a energia sexual, obrigando−a a circular por canais e sistemas aptos para as energias mentais, volitivas ou qualquer outro tipo de energia menos poderosa que a sexual. A consequência é fatal, porque tais sistemas e canais, não podendo resistir à tremenda voltagem da energia poderosíssima do sexo, aquecem−se e fundem−se como um fio muito fino, quando por ele passa uma corrente elétrica de alta tensão.

Quando o homem e a mulher se unem sexualmente em Matrimônio Perfeito, são, nesses instantes de voluptuosidade, verdadeiros deuses inefáveis. O homem e a mulher unidos sexualmente formam um Andrógino Divino perfeito, um Elohim macho−fêmea, uma divindade terrivelmente divina. As duas metades separadas desde o amanhecer da vida, unem−se por um instante, para criar. Isso é inefável ... sublime ... É coisa de paraíso.

A energia sexual é perigosamente volátil e potencialmente explosiva. Durante o ato secreto, durante o êxtase sexual, o casal está rodeado por esta energia terrivelmente divina. Nesses instantes de felicidade suprema e de beijos ardentes que incendeiam as profundezas da alma, podemos reter esta luz maravilhosa para purificar−nos e transformar−nos completamente. Quando se derrama o Vaso de Hermes, quando vem o derrame, a luz dos deuses se retira, deixando as portas abertas para que entre no lar a luz vermelha e sanguinolenta de Lúcifer. Então o encanto desaparece, vem a desilusão e o desencanto. Algum tempo depois, o homem e a mulher iniciam o caminho do adultério porque seu lar terá se convertido em um inferno.

É uma característica da natureza mobilizar enormes reservas de energia criadora para criar qualquer cosmos, embora empregue somente uma quantidade infinitesimal dessas reservas para realizar suas criações. Assim, o homem perde numa ejaculação seminal seis a sete milhões de espermatozóides, quando necessita apenas de um para engendrar um filho.

Na Lemúria, nenhum ser humano ejaculava o sêmen. Os casais daquela época uniam−se sexualmente nos Templos para criar. Naqueles instantes as hierarquias Lunares sabiam utilizar um espermatozóide e um óvulo para criar, sem necessidade de se chegar ao orgasmo e à ejaculação seminal. Ninguém derramava o sêmen. O ato sexual era um sacramento que só se verificava no Templo.

A mulher naquela época dava à luz seus filhos sem dor, e a serpente se levantava vitoriosa pelo canal medular. Naqueles tempos o homem não havia saído do Éden, não conhecia a dor nem o pecado e a natureza inteira o obedecia. Foram os tenebrosos lucíferes que ensinaram o homem a derramar o sêmen. O pecado original de nossos primeiros pais foi o crime de derramar o sêmen. Isto é fornicação. Quando o homem paradisíaco fornicou, penetrou no reino dos lucíferes. O homem atual é luciférico.

É um absurdo derramar−se 6 ou 7 milhões de espermatozóides quando apenas um é suficiente para gerar uma vida, e um só espermatozóide escapa facilmente das glândulas sexuais, sem necessidade de derramar o sêmen. Quando o homem regressar ao ponto de partida e restabelecer o sistema sexual do Éden, a serpente sagrada do Kundalini levantar−se−á outra vez, vitoriosa, para converter−nos em Deuses. O sistema sexual do Éden é a sexualidade normal. O sistema sexual do homem luciférico é absolutamente anormal.

Não só se fornica fisicamente, existe também fornicação nos mundos mental e astral. Aqueles que se ocupam em conversações luxuriosas, aqueles que lêem revistas pornográficas, os que assistem a filmes eróticos, gastam enormes reservas de energia sexual. Essas pobres criaturas utilizam o material mais fino e delicado do sexo, gastando−o miseravelmente na satisfação de suas brutais paixões mentais.

A fantasia sexual produz a impotência psico−sexual. Essa classe de enfermos tem ereções normais, são homens aparentemente normais, porém, no instante em que vão efetuar a conexão do membro com a vulva, cessa a ereção, caindo o falo, ficando o sujeito no mais horrível estado de desespero. Eles têm vivido na fantasia sexual e, quando realmente encontram−se diante da crua realidade sexual, que nada tem a ver com a fantasia, confundem−se e mostram−se incapazes de responder à realidade como seria devido.

O sentido sexual é extremamente sutil e tremendamente rápido, graças à sua energia finíssima e imponderável. O nível molecular onde atua o sentido sexual é milhões de vezes mais rápido que as ondas do pensamento. A mente lógica e a fantasia são pedras de tropeço para o sentido sexual. Quando a mente lógica com todos os seus raciocínios, ou quando a fantasia sexual com as suas ilusões eróticas querem controlar o sentido sexual, colocando−o ao seu serviço, ou condicionando−o às suas ilusões, destroem−no fatalmente. A impotência psico−sexual é a tragédia mais espantosa que pode afligir aos homens e às mulheres fanáticas, ou às

pessoas puramente racionais.

A luta de muitos monjes, monjas, anacoretas, pseudo−iogues, etc., para aprisionar o sexo dentro de seu fanatismo religioso, encerrando−o no cárcere de suas penitências, amordaçando−o, esterilizando−o, proibindo−lhe toda manifestação criadora, transforma−os em escravos de suas próprias paixões, em escravos do sexo, incapazes de pensar noutra coisa que não seja o sexo. Estes são os fanáticos do sexo, os degenerados da infra−sexualidade. Estas pessoas descarregam−se todas as noites com poluções noturnas asquerosas, ou contraem vícios homossexuais, ou se masturbam miseravelmente. Querer encarcerar o sexo é a mesma coisa que pretender engarrafar o Sol. Um homem assim é o escravo mais abjeto do sexo, e sem proveito algum, nem prazer verdadeiro. É um infeliz pecador. Uma mulher assim é uma mula estéril, uma vil escrava daquele a quem quer escravizar (o sexo).

Os inimigos do Espírito Santo são gente do abismo. Melhor seria que não tivessem nascido, ou que amarrassem uma pedra de moinho ao pescoço e se lançassem ao fundo do mar.

O ser humano deve aprender a viver sexualmente; já nos encontramos na Nova Era de Aquário, que é a idade do sexo. As glândulas sexuais são controladas por Urano, que é o regente da constelação de Aquário. A Alquimia Sexual é de fato a ciência da Nova Era de Aquário. A Magia Sexual será oficialmente acolhida nas Universidades da Nova Era de Aquário. Aqueles que se proclamam mensageiros da Nova Era de Aquário e odeiam o Arcano A.Z.F., demonstram claramente serem impostores, porque a Nova Era de Aquário é governada pelo regente do sexo, o Planeta Urano.

A energia sexual é a energia mais fina do cosmos infinito. Ela pode converter−nos em Anjos ou Demônios. A imagem da Verdade encontra−se depositada na energia sexual. O desenho cósmico do Adão−Cristo encontra−se depositado na energia sexual.

0 Filho do Homem, o super−homem, nasce do sexo normal. O super−homem jamais poderia nascer dos infra−sexuais.O reino dos infra−sexuais é o abismo.

O poeta grego Homero disse: "Mais vale ser um mendigo sobre a terra do que um rei no império das sombras". Este império é o mundo tenebroso dos infra−sexuais.

A Supra−Sexualidade

A supra−sexualidade é o resultado da Transmutação Sexual. Cristo, Buda, Dante, Zoroastro, Maomé, Hermes, Quetzalcoatl e muitos outros grandes Mestres foram supra−sexuais.

Os dois grandes aspectos da sexualidade são a geração e a regeneração. No capítulo anterior estudamos a geração consciente. Agora, vamos abordar a regeneração.

Estudando a vida dos animais, achamos coisas muito interessantes. Se uma serpente, por exemplo, for cortada ao meio, podemos estar seguros de que ela tem o poder de regenerar−se e desenvolver totalmente uma nova metade com todos os órgãos da metade perdida. A maior parte dos vermes da terra e do mar têm o poder de regenerar−se constantemente. Da mesma forma, a lagartixa pode regenerar sua cauda e o organismo humano sua pele. O poder de regeneração é absolutamente sexual.

O homem tem o poder de recriar a si mesmo. O homem pode criar dentro de si mesmo o super−homem. Isto é possível sabendo utilizar o poder sexual. Podemos recriar−nos como autênticos super−homens. Isto só é possível com a transmutação sexual. A chave fundamental da transmutação sexual é o Arcano A.Z.F. (a Magia Sexual).

Na união do falo com o útero está a chave de todo o poder. O mais importante é que o casal aprenda a retirar−se do ato sexual antes do espasmo, antes do derrame seminal. Não se deve derramar o sêmen, nem dentro do útero, nem fora dele, nem pelos lados, nem em parte alguma. Falamos assim, claramente, para que as pessoas entendam, mesmo que alguns puritanos infra−sexuais qualifiquem−nos de pornográficos.

A vida humana, por si mesma, não tem nenhum significado. Nascer, crescer, trabalhar duro para viver, reproduzir−se como um animal e logo morrer; esta é realmente uma corrente de martírios que o homem traz enredada à alma. Se a vida fosse apenas isso, não valeria a pena viver. Felizmente, em nossas glândulas sexuais trazemos a semente, o grão. Dessa semente, do grão, pode nascer o Super−Homem, o Adão−Cristo, o Menino de Ouro da Alquimia Sexual. Por isto sim, vale a pena viver. O caminho é a Transmutação sexual.

Esta é a ciência de Urano. Este é o planeta que controla as gônadas ou glândulas sexuais. Este é o Planeta que governa a Constelação de Aquário.

Urano tem um ciclo sexual de oitenta e quatro anos. É o único planeta que dirige seus dois pólos para o Sol. Os dois pólos de Urano correspondem aos aspectos masculino e feminino. Essas duas fases se alternam em dois períodos de 42 anos cada um. O estímulo alternado dos dois pólos de Urano governa toda a história sexual da evolução humana. Épocas em que as mulheres se desnudam para exibir seus corpos, alternam−se com épocas em que os homens se enfeitam. Épocas de preponderância feminina alternam−se com épocas de cavalheiros intrépidos. Esta é a história dos séculos.

Quando o ser humano chega à idade madura é estimulado pelo ciclo oposto ao que governou sua vida durante a infância e juventude. Então realmente estamos maduros e nos sentimos sexualmente estimulados pelo sexo oposto. Realmente a idade madura é maravilhosa para o trabalho de regeneração sexual. Os sentimentos sexuais são mais ricos e maduros aos quarenta do que aos trinta anos.

O super−homem não é o resultado da evolução. O super−homem nasce da semente. O super−homem é o resultado de uma tremenda Revolução da Consciência. O super−homem é o Filho do Homem mencionado pelo Cristo. O super−homem é o Adão−Cristo.

Evolução significa que nada está quieto, que tudo vive dentro dos conceitos de tempo, espaço e movimento. A natureza contém em si todas as possibilidades mas ninguém chega à perfeição com a evolução. Alguns tornam−se melhores, mas a imensa maioria torna−se terrivelmente perversa. Essa é a evolução.

O homem da inocência, o homem paradisíaco de uns tantos milhões de anos atrás é agora, depois de muito evoluir, o homem da bomba atômica, o homem da bomba de hidrogênio, o corrompido do peculato e do crime.

A evolução é um processo de complicação da energia. Necessitamos retornar ao ponto de partida (o sexo) e regenerar−nos. O homem é uma semente vivente. Esta semente é o grão que deve esforçar−se para que o super−homem germine. Isso não é evolução, isso é uma tremenda revolução da consciência. Com justa razão disse o Cristo: "Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é necessário que o Filho do Homem seja

levantado". O Filho do Homem é o Adão−Cristo, O Super−Homem.

Com a transmutação sexual, nos regeneramos absolutamente. A idade do êxtase místico é precedida sempre pela idade do gozo sexual. A mesma energia que produz o gozo sexual, quando transmutada, produz o êxtase.

A lâmpada do Ermitão do Arcano Nove, que normalmente encontra−se encerrada nas profundas cavernas dos órgãos sexuais, deve ser colocada dentro da torre do templo. Essa torre é o cérebro. Então ficamos iluminados. Este é o caminho realmente positivo que nos transforma em Mestres do Samadhi (Êxtase).

Toda verdadeira técnica da meditação interna está intimamente relacionada com a transmutação sexual. Necessitamos levantar a lâmpada bem alto para iluminar−nos.

Todo pimpolho alquimista, após haver sido coroado, vai se afastando pouco a pouco do ato sexual. O conúbio secreto vai se distanciando cada vez mais, de acordo com certos ritmos cósmicos, marcados com o gog oriental. Assim é como se sublimam as energias sexuais, até transmutarem−se absolutamente, para produzir o êxtase contínuo.

O pimpolho da Alquimia, que em precedentes reencarnações trabalhou no Magistério do Fogo, realiza esse trabalho de laboratório sexual em tempo relativamente curto. Contudo, os que pela primeira vez trabalham na Grande Obra necessitam de pelo menos vinte anos de trabalho muito intenso, e vinte anos para irem se retirando lentamente do trabalho de laboratório. Um total de quarenta anos para realizar todo o trabalho. Quando o alquimista derrama o Vaso de Hermes, apaga−se o fogo do fornilho do laboratório e perde−se todo o trabalho.

A idade do êxtase místico começa onde a idade do gozo sexual termina. Todo aquele que alcançar a Iniciação Venusta, terá depois um trabalho muito difícil a realizar. Este trabalho consiste na transplantação das energias sexuais.

Assim como se pode fazer um transplante vegetal, passando uma planta de um vaso para outro, da mesma forma deve−se transplantar a energia sexual, extrai−la do homem terrenal e passá−la, transplantá−la para o Adão−Cristo. Em Alquimia se diz que devemos liberar o “ovo filosofal” da asquerosa podridão da matéria e entregá−lo definitivamente ao Filho do Homem.

O resultado desse trabalho é surpreendente e maravilhoso. Este é, precisamente, o instante em que o Adão−Cristo pode tragar sua consciência humana. Antes deste momento, a consciência do Adão do pecado deve estar morta. O Deus Interno só pode devorar a Alma. Ao chegar a essas alturas, o Mestre se realizou totalmente. A partir deste instante, obtém−se o êxtase contínuo, a suprema Iluminação dos grandes Hierofantes.

O nascimento do super−homem é um problema absolutamente sexual. Necessitamos nascer de novo para entrar no Reino dos Céus. O super−homem é tão diferente do homem como o raio da nuvem negra. O raio sai da nuvem, mas não é a nuvem. O raio é o super−homem, a nuvem é o homem.

A regeneração sexual põe em atividade os poderes que tivemos no Éden. Nós perdemos estes poderes quando caímos na geração animal, e só os reconquistaremos quando nos regenerarmos. Assim como o verme pode regenerar seu corpo e a lagartixa sua cauda, nós podemos da mesma forma regenerar os poderes perdidos, para resplandecer novamente como Deuses. As energias sexuais já transplantadas no Adão−Cristo resplandecem com a brancura imaculada da divindade e assemelham−se a terríveis raios divinos.

É tremenda a grandeza e a majestade do super−homem. Realmente o super−homem brilha por um momento na noite dos séculos e logo em seguida desaparece, tornando−se invisível para o homem. Comumente podemos encontrar indícios desta classe de seres em algumas escolas secretas de regeneração, sobre as quais pouco se sabe oficialmente. É através dessas escolas secretas que sabemos da existência desses sublimes seres supra−sexuais.

As escolas de regeneração têm épocas de atividade pública e épocas de trabalho secreto. O Planeta Netuno governa ciclicamente a atividade dessas escolas. No organismo humano Netuno tem controle sobre a glândula Pineal. Só com a transmutação sexual é que entra em atividade esta glândula de Deuses. Urano controla as glândulas sexuais e Netuno, a glândula Pineal. Urano é Alquimia Sexual prática. Netuno é estudo esotérico. Primeiro devemos estudar e depois trabalhar no laboratório. Urano tem um ciclo sexual de oitenta e quatro anos e Netuno um ciclo de estudos de 165 anos. O ciclo de Urano corresponde, praticamente, à metade da vida humana. O ciclo de Netuno é o ciclo de atividade pública de certas escolas de regeneração. Somente pela Senda do Matrimônio Perfeito chegamos à Supra−Sexualidade.

Ressurreição e Reencarnação

Os seres que se amam podem fazer−se imortais como os Deuses. Ditoso aquele que já pode comer os frutos deliciosos da árvore da vida. Sabei amados, que no Éden existem duas árvores deliciosas que até compartilham suas raízes. Uma é a árvore do conhecimento. A outra é a árvore da vida. A primeira te dá a sabedoria e a segunda te faz imortal.

Todo aquele que trabalhou na grande obra tem direito a comer dos frutos saborosos da árvore da vida. Realmente, o amor é o sumo da sabedoria.

Os homens e as mulheres que percorrem a senda do matrimônio perfeito ganham, afinal, a dita de entrar no Nirvana, que é o esquecimento do mundo e dos homens para sempre. É impossível descrever a dita do nirvana. Lá, toda lágrima desaparece para sempre. Lá, a alma desprovida dos quatro corpos de pecado, submerge−se na dita infinita da música das esferas. O nirvana é o sagrado espaço estrelado.

Os Mestres de Compaixão, comovidos pela dor humana, renunciam à grande dita do Nirvana e resolvem ficar conosco para ajudar−nos neste vale de grande amargura.

Todo matrimônio perfeito leva inevitavelmente ao adeptado. Todo adepto pode renunciar ao nirvana por amor à grande órfã. Quando um adepto renuncia à dita suprema do nirvana, pode pedir o elixir da longa vida. Os ditosos que recebem o elixir maravilhoso, morrem, mas não morrem. Ao terceiro dia são levantados. Isto já o demonstrou o Adorável. O adepto vem no terceiro dia ante o sepulcro, acompanhado das santas mulheres, que trazem drogas e ungüentos aromáticos. Acompanham também o adepto os anjos da morte e algumas outras hierarquias inefáveis.

O adepto clama com grande voz invocando seu corpo físico que dorme no santo sepulcro. O corpo é então levantado e pode escapar do sepulcro, aproveitando a existência do hiperespaço. Nos mundos superiores o corpo físico é tratado pelas santas mulheres com drogas e ungüentos aromáticos. Depois que o corpo voltar à vida, obedecendo a ordens supremas, penetra pela cabeça sideral da alma mestre. Assim é como esta torna a ficar de posse de seu corpo glorificado. Este é o preciosíssimo presente de Cupido.

Todo corpo ressurrecto vive normalmente dentro dos mundos superiores. Outrossim, devemos esclarecer que os mestres ressuscitados podem fazer−se visíveis e tangíveis em qualquer lugar e depois desaparecer instantaneamente. Vem−nos à memória o grande Mestre Conde Cagliostro, que cumpriu uma grande missão política na Europa e assombrou a humanidade inteira. Este grande mestre foi realmente quem provocou a queda dos reis da Europa. No fundo, deve−se a ele a república. Cagliostro viveu no tempo do adorável Jesus Cristo; foi amigo pessoal de Cleópatra; trabalhou para Catarina de Medicis. Foi conhecido durante vários séculos na Europa, tendo usado diferentes nomes tais como: Conde Cagliostro, José Bálsamo, etc.

Ainda vive na Índia o Imortal Babaji, o Cristo Iogue da Índia, mestre que foi o instrutor dos grandes mestres, que viveram na noite aterradora dos séculos. Este sublime ancião, no entanto, parece um jovenzinho de vinte e cinco anos. Também devemos recordar o conde Zanoni, jovem apesar dos milhares de anos. Infelizmente este sábio caldeu fracassou inteiramente ao se enamorar por uma artista de Nápoles. Ao unir−se a ela, cometeu o erro de derramar o Vaso de Hermes. O resultado foi horrível. Zanoni morreu na guilhotina durante a Revolução Francesa.

Os Mestres Ressurrectos viajam de um lugar para outro utilizando o hiperespaço. Este pode ser demonstrado pela Hipergeometria. A astrofísica descobrirá logo a existência do hiperespaço.

Algumas vezes, os Mestres Ressurrectos, depois de haverem cumprido a sua missão em algum país, se dão ao luxo de se passarem por mortos. Mas ao terceiro dia repetem a sua ressurreição e vão trabalhar em outro país com nome diferente. Foi assim que Cagliostro, dois anos depois de morto, apresentou−se em outras cidades para continuar sua obra usando nome distinto.

O Matrimônio Perfeito converte−nos em Deuses. Sublime é a dita do amor. Realmente só o amor nos confere a imortalidade. Bendito seja o amor. Benditos sejam os seres que se adoram.

Ressurreição e Reencarnação

Muitos estudantes de ocultismo confundem a ressurreição com a reencarnação. Os evangelhos têm sido muito mal interpretados pelos estudantes ocultistas. Assim como há vários tipos de ressurreição, assim

também há vários tipos de reencarnação. Isso é o que vamos esclarecer neste capítulo.

Todo verdadeiro adepto possui um corpo de paraíso. Corpo este que é de carne e osso. Mas esta carne não vem de Adão. O corpo de paraíso é elaborado com os melhores átomos do organismo físico.

Muitos adeptos ressuscitam com este corpo de paraíso nos mundos superiores depois da morte. Com este corpo de paraíso esses Mestres Ressurresctos podem visitar o mundo físico, fazendo−se visíveis e tangíveis à vontade.

Este é um tipo de ressurreição inefável. No entanto afirmamos que a ressurreição com o corpo mortal de Adão, ainda que seja mais dolorosa pelo regresso a este vale de amargura, não deixa de ser, por isso mesmo, mais gloriosa. Todos os adeptos da senda secreta, que constituem a muralha guardiã, ressuscitaram com o corpo de Adão.

Também existem as ressurreições iniciáticas. A terceira iniciação de fogo significa uma ressurreição no mundo astral. Todo aquele que passa pela terceira iniciação do fogo deve viver no mundo astral o drama do Cristo: vida, paixão, morte e ressurreição.

Reencarnação

Ressurreição não é reencarnação como acreditam muitos pseudo−ocultistas equivocados. Há vários tipos de reencarnação e vários tipos de ressurreição.

Alguns adeptos podem reencarnar−se em corpos de pessoas adultas, sem necessidade, portanto, de entrar em uma matriz. Isso sucede quando um adepto tem muita urgência para realizar uma grande obra.

Um caso concreto é o do grande lama Lobsang Rampa. Referido adepto estava fazendo um certo trabalho e não podia interrompê−lo. A humanidade, cruel e impiedosa, havia danificado o seu instrumento, e o único remédio que ele encontrou para não interromper seu trabalho, foi encarnar−se no corpo de um inglês. Este estava completamente desencantado com sua própria existência e queria morrer. Sua vida em Londres havia sido medíocre e dolorosa. Os adeptos do Tibet visitaram−no e com ele negociaram seu corpo. O inglês aceitou e entregou seu corpo ao adepto Lobsang Rampa. O inglês morreu voluntariamente, desencarnou em plena consciência gozosa por ter

entregue seu corpo a um adepto do Tibet.

Grande foi o esforço que teve que fazer Lobsang Rampa para aprender depois a manejar o corpo do inglês. Atualmente o grande lama está trabalhando com o dito veículo. O ego desencarnado libertou−se da pesada carga de uma vida medíocre e a Loja Branca perdoou seu Karma. Lobsang Rampa é agora um homem inglês.

Na realidade, este tipo de reencarnação é como mudar de roupa à vontade e em plena consciência. Uma das coisas mais importantes deste tipo de reencarnação especial é a troca de moléculas. O adepto Lobsang Rampa foi atraindo para seu novo corpo inglês cada uma das moléculas do seu cadáver tibetano. O adepto teve que tele−transportar as moléculas inglesas para o Tibet e as moléculas tibetanas para o corpo inglês. Assim, depois de certo tempo, todas as moléculas do corpo inglês eram tibetanas.

Este trabalho é dificílimo. Mais interessante foi que cada uma das cicatrizes do corpo tibetano vieram a ficar em seu novo corpo inglês. Lobsang Rampa continuou sua missão sem interrupção em seu novo veículo inglês. O trabalho para aprender a manejar o corpo inglês foi imenso, mas Lobsang Rampa, com infinita paciência, o conseguiu. Este tipo de reencarnação é para Adeptos.

Retorno da Personalidade

A personalidade é tempo. A personalidade vive em seu tempo e não se reencarna. Depois da morte a personalidade vai também para o sepulcro. Para a personalidade não existe nenhum amanhã. A personalidade vive no cemitério, perambula pelo cemitério ou submerge−se em sua sepultura. A personalidade não é o corpo astral, nem o duplo etérico. Ela não é a alma. Ela é tempo. Ela é energética e vai desintegrando−se muito lentamente. Jamais a personalidade pode reencarnar−se. Ela não se encarna nunca. Não existe nenhum amanhã para a personalidade humana.

O que continua, aquilo que se reencarna, não é tampouco a alma, porque o ser humano ainda não possui alma. Realmente, o que se reencarna é o ego, o eu, o princípio reencarnante, o fantasma do morto, a recordação, a memória, o erro que se perpetua.

Tempo de Vida

A unidade de vida em qualquer criatura vivente equivale a cada pulsação de seu coração. Todo ser vivo tem um período de tempo definido. A vida de um planeta é de 2.700.000.000 de pulsações. Este número de pulsações corresponde à formiga, ao verme, à águia, ao micróbio, ao homem e, em geral, a todas as criaturas. O tempo de vida de cada mundo e de cada criatura é proporcionalmente o mesmo. É claro que a pulsação de um mundo se realiza a cada 27.000 anos, e no entanto os corações dos insetos batem mais rápido. Um inseto que só vive uma tarde de verão teve em seu coração o mesmo número de pulsações de um planeta, só que essas pulsações foram mais rápidas.

O tempo não é uma linha reta, como supõem os ignorantes ilustrados. O tempo é uma curva fechada. Eternidade é outra coisa. A eternidade nada tem que ver com o tempo. Aquilo que está mais além da eternidade e do tempo só o conhecem os grandes adeptos iluminados, os mestres da humanidade.

Existem três dimensões conhecidas e três dimensões desconhecidas, que constituem no total seis dimensões fundamentais.

As três dimensões conhecidas são: comprimento, altura e largura. As três dimensões desconhecidas são: tempo, eternidade e aquilo que está além do tempo e da eternidade. Esta é a espiral de seis curvas.

O tempo pertence à quarta dimensão. A eternidade, à quinta dimensão. E à sexta dimensão, aquilo que está além da eternidade e do tempo.

A personalidade vive numa curva de tempo fechada, é filha de seu tempo e termina com seu tempo. O tempo não pode reencarnar−se. Não existe nenhum amanhã para a personalidade humana.

O círculo do tempo gira dentro do círculo da eternidade. Na eternidade não há tempo mas o tempo gira dentro do círculo da eternidade. A serpente morde sempre sua cauda. Termina um tempo e uma personalidade. Mas ao girar a roda aparece sobre a terra um novo tempo e, uma nova personalidade. Reencarna−se o ego e tudo se repete. As últimas realizações, sentimentos, preocupações, afetos, palavras, originam todas as sensações sexuais e todo drama amoroso que dá origem a um novo corpo físico. Todos os romances dos esposos e dos namorados se acham relacionados com os últimos instantes dos agonizantes. "A senda da vida está formada pelas

pegadas dos cascos do cavalo da morte". Com a morte fecha−se o tempo e a eternidade se abre. O círculo da eternidade primeiro se abre e depois se fecha quando o ego regressa do círculo do tempo.

Recorrência

Os Iniciados da Quarta Via denominam de "recorrência" a repetição de fatos, cenas e acontecimentos.

Tudo se repete. A lei da recorrência é uma tremenda realidade. Em cada reencarnação repetem−se os mesmos sucessos. A repetição de fatos vai acompanhada do seu karma correspondente. Esta é a que ajusta os efeitos às causas que os originaram. Toda repetição de fatos traz karma e, algumas vezes, dharma (recompensa).

Os que trabalham com o grande arcano, os que percorrem a senda apertada, estreita e difícil do matrimônio perfeito, vão se libertando pouco a pouco da lei de recorrência. Esta lei terá um limite. E além desse limite nos convertemos em anjos ou em diabos. Através da magia sexual branca nos convertemos em anjos. Com a magia sexual negra nos convertemos em diabos.

A Questão da Personalidade

Esta questão da personalidade, filha de seu tempo e que morre com seu tempo, é algo digno de nossa atenção. É sobremaneira evidente que se a personalidade se reencarnasse, reencarnar−se−ia o tempo, o que seria um absurdo, porque o tempo é uma curva fechada. Exemplificando: se um homem romano reencarnasse com sua humana personalidade nos tempos atuais numa cidade como Paris, seria algo insuportável e mesmo ridículo; com toda certeza seria tratado como um delinqüente e seria encarcerado, uma vez que seus costumes da velha Roma estariam, de fato, fora de seu tempo. Portanto, o que se reencarna é, pois, o ego e não a personalidade. Retorno e reencarnação do ego é, exatamente, neste caso, a mesma coisa. Não vemos a necessidade de trocar a palavra reencarnação por retorno quando se estuda a fundo a questão da personalidade. Em última análise tudo isso é a mesma coisa.

Reencarnações Animais Sub−Humanas

A simbologia de Jesus expulsando os mercadores do templo com o látego na mão corresponde a uma tremenda realidade de morte e de horror. Já

dissemos que o eu é pluralizado, o ego, é legião de diabos. Certamente a muitos leitores desagradará esta afirmação, mas esta é a verdade e temos que dizê−la ainda que nos custe muito.

Durante o trabalho com o demônio, durante o trabalho de dissolução do ego, partes do eu, entidades sub−humanas, entidades que possuem parte de nossa consciência e de nossa vida, são eliminadas, lançadas fora do nosso templo interior. Algumas vezes estas entidades se reencarnam em corpos animais. Quantas vezes haverá acontecido que em jardins zoológicos tenhamos nos encontrado com formas desgarradas de nós mesmos, vivendo em corpos animais?!

Há pessoas tão animalescas que se tirássemos delas tudo o que possuem de animal, realmente não sobraria nada. Essa classe de gente é um caso totalmente perdido. A lei de recorrência terminou para essa gente e a lei de reencarnação também acabou para essa espécie de gente. Pode reencarnar em corpos animais, ou entrar no abismo definitivamente, onde irão se desintegrar lentamente.

Vantagens da Ressurreição

Quem renuncia ao nirvana por amor à humanidade pode conservar seu corpo físico durante milhões de anos. Sem ressurreição o adepto ver−se−ia na contingência de ter que mudar de corpo constantemente. E isto seria uma evidente desvantagem. Por meio da ressurreição o adepto não tem necessidade de mudar de corpo, podendo conservar seu veículo por milhões de anos.

O corpo de um Adepto Ressurrecto transforma−se totalmente. A alma metida dentro do corpo transforma−o inteiramente, convertendo−o também em alma, sendo que afinal o adepto é todo alma.

Um corpo ressurrecto tem sua base nos mundos internos. Vive nos mundos internos e só se faz visível no mundo físico por meio da vontade. Assim, um Mestre Ressurrecto pode aparecer e desaparecer instantaneamente onde quiser e ninguém consegue apreendê−lo ou encarcerá−lo. E pode viajar no plano astral para onde desejar.

Para o Adepto Ressurrecto o que há de mais interessante é o grande salto. Quando é chegada a hora o Mestre Ressurrecto pode levar seu corpo para outro planeta, podendo, portanto, o Mestre Ressurrecto viver em outro

planeta com seu corpo ressurrecto, e isso representa uma das grandes vantagens.

Todo Adepto Ressurrecto pode fazer visível e tangível as coisas do astral, passando−as para o plano físico, e isso se explica porque o Mestre tem seu assento básico no astral, ainda que possa manifestar−se fisicamente. Cagliostro, o enigmático Conde Cagliostro, depois da sua saída da Bastilha, tendo convidado alguns amigos para um banquete, e lá, em plena festa, invocou a vários gênios falecidos, os quais sentaram−se à mesa ante o espanto geral dos convidados. Em outra ocasião, Cagliostro fez aparecer, como por encanto, uma preciosa baixela de ouro na qual comeram os seus convidados. O poderoso Conde Cagliostro transmutava chumbo em ouro e fazia diamantes puros da melhor qualidade, mediante a vivificação do carbono.

Os poderes de todo Mestre Ressurrecto são uma autêntica vantagem. Um grande amigo, Adepto Ressurrecto que vive atualmente na Grande Tartária, disse−me o seguinte: "Antes de tragar terra a gente é muito estúpido; pensamos que sabemos mas nada sabemos".

Também informou: "Os Mestres caem pelo sexo". E isso nos recorda o conde Zanoni, o qual caiu quando ejaculou o sêmen. Zanoni, que era um mestre ressurreto, enamorou−se de uma artista de Nápoles e caiu. Zanoni morreu na guilhotina durante a Revolução Francesa.

Quem quiser chegar à ressurreição terá que seguir a senda do matrimônio perfeito. Não existe outro caminho. Somente com a magia sexual pode−se chegar à ressurreição. Só com a magia sexual nos libertamos da roda das reencarnações de forma positiva e transcendental.

A Perda da Alma

Em capítulos precedentes já dissemos que o ser humano ainda não encarnou sua alma. Somente com a magia sexual podemos engendrar os veículos internos, os quais, à semelhança das plantas, dormem latentes dentro da dureza do grão, da semente, a qual se encontra depositada no sistema seminal. Só quando o ser humano possui os veículos crísticos pode encarnar sua alma.

Quem não trabalha com o grão, quem não pratica magia sexual não consegue fazer germinar seus corpos crísticos. Quem não possui corpos

crísticos, tampouco pode encarnar sua alma. Perde sua alma, e em conseqüência, submerge−se no abismo, onde vai se desintegrando lentamente.

Jesus, o grande mestre disse: "De que vale o homem ganhar o mundo se vier a perder a sua alma?" Perde sua alma quem não a encarna. Não a encarna quem não tem veículos crísticos. Não tem veículos crísticos quem não trabalha com o grão. Não trabalha com o grão quem não pratica magia sexual. A ressurreição dos mortos só é para os homens com alma.

Realmente os homens com alma são verdadeiramente homens no sentido completo da palavra. Somente os homens verdadeiros podem alcançar a grande ressurreição. Só os homens com alma conseguem suportar as provas funerais do arcano treze. Estas provas são mais espantosas que a própria morte.

Os que não possuem alma são esboços de homens, fantasmas de morte. Isso é tudo. Os veículos dos homens sem alma são veículos de fantasmas, não são os autênticos veículos do fogo. Na realidade, os homens sem alma não são verdadeiros homens.

Atualmente o ser humano é ainda um ser não realizado. Pouquíssimos são aqueles que possuem alma. Em sua grande maioria os seres chamados humanos ainda não tem alma. De que servirá ao homem acumular todas as riquezas do mundo, se vier um dia perder sua alma?

A ressurreição dos mortos só é para os homens com alma. A verdadeira imortalidade é só para os homens com alma.

Amor e Morte

Para muitos leitores parecerá estranho o fato de relacionarmos o amor com a morte e a ressurreição. Na mitologia hindu o amor e a morte são as duas faces de u'a mesma deidade. Shiva, o deus da força criadora sexual universal, é, ao mesmo tempo, o deus da morte violenta e da destruição.

A esposa de Shiva tem também duas faces. Ela é Parvati e Kali ao mesmo tempo. Como Parvati é suprema beleza, amor e felicidade. Como Kali ou Durga, pode converter−se em morte, desgraça e amargura.

Shiva e Kali juntos simbolizam a árvore do conhecimento, a árvore da ciência do bem e do mal. O amor e a morte são irmãos gêmeos que nunca se separam. A senda da vida é formada com as pegadas do cavalo da morte.

O erro de muitas escolas e cultos consiste em serem unilaterais. Estudam a morte, mas não querem estudar o amor, quando em realidade estas são as duas faces da deidade.

As inúmeras doutrinas do oriente e do ocidente acreditam realmente conhecer o amor, mas, de fato, não o conhecem. O amor é um fenômeno cósmico, em que toda a história da terra e de suas Raças são simples acidentes.

O amor é a força magnética misteriosa e oculta que o alquimista necessita para fabricar a pedra filosofal e o elixir da longa vida, sem o qual a ressurreição se torna impossível. O amor é uma força que o eu jamais pode subordinar porque Satã jamais pode subjugar a Deus.

Os ignorantes ilustrados estão equivocados a respeito da origem do amor. Os tolos equivocam−se sobre o seu resultado. É estúpida a suposição de que o único objetivo do amor seja a reprodução da espécie, quando, na realidade, o amor desenvolve−se e progride em um plano muito distinto que os porcos do materialismo ignoram totalmente. Só uma força infinitesimal do amor serve para a perpetuação da espécie.

O que se faz com o restante desta força? Aonde vai? Onde se desenvolve? Eis o que ignoram completamente os ignorantes ilustrados. O amor é energia e como tal não se perde; o excedente desta energia tem outros usos e finalidades que as pessoas ignoram. A energia excedente do amor está intimamente relacionada com o pensamento, com o sentimento e com a vontade. Sem a energia sexual não poderiam se desenvolver essas faculdades. A energia criadora transforma−se em beleza, pensamentos, sentimentos, harmonia, poesia, arte, sabedoria, etc. A suprema transformação da energia criadora dá como resultado o despertar da consciência, a morte e a ressurreição do iniciado.

Realmente toda a atividade criadora da humanidade resulta da força maravilhosa do amor. O amor é a força maravilhosa que desperta os poderes místicos do homem. Sem o amor, a ressurreição dos mortos torna−se impossível.

É de suma urgência abrir novamente os templos do amor a fim de celebrar de novo as festas místicas do amor. A serpente de fogo somente desperta com os encantos do amor. Se quisermos a ressurreição dos mortos, necessitamos primeiramente ser devorados pela serpente. Nada vale quem não foi tragado pela serpente. Se quisermos que o Verbo se faça carne em nós, necessitamos praticar magia sexual intensamente. O verbo está no sexo. O lingam−yoni é a base de todo poder.

Precisamos primeiro levantar a serpente sobre a vara e depois ser tragados pela serpente. Desse modo nos convertemos em serpentes. Na Índia os adeptos são chamados nagas, serpentes. Em Teotihuacan, México, existe o templo maravilhoso das serpentes. Só as serpentes de fogo podem ressuscitar dentre os mortos.

Um habitante do mundo bidimensional, com sua psicologia bidimensional, creria que todos os fenômenos ocorridos em seu plano teriam ali sua causa e o seu efeito, seu nascimento e sua morte. Os fenômenos semelhantes seriam, para esses seres, idênticos.

Todos os fenômenos que viessem da terceira dimensão seriam tomados, por esses seres bidimensionais, como fatos únicos de seu mundo bidimensional e não aceitariam sequer que se lhes falasse de uma terceira dimensão porque para eles só existe seu mundo plano (bidimensional). No entanto, se esses seres planos resolvessem abandonar sua psicologia bidimensional para compreender a fundo as causas de todos os fenômenos de seu mundo, poderiam, então, sair dele e descobrir com assombro um grande mundo desconhecido: o mundo tridimensional.

O mesmo sucede com a questão do amor. Em geral as pessoas acreditam que o amor é para perpetuar a espécie. As pessoas acreditam que o amor é vulgar, é prazer carnal, desejo violento, satisfação, etc.

Só aquele que é capaz de ver além das paixões animais, só aquele que renuncia a esse tipo de psicologia animal, pode descobrir em outros mundos e dimensões a grandeza e a majestade disso que se chama amor.

A humanidade dorme profundamente. A gente vive adormecida e sonha com o amor, porém não despertou para o amor. A gente canta ao amor, e crê que o amor seja isso com que sonha.

Quando o homem desperta para o amor, fazendo−se consciente do amor, então reconhece que estava sonhando. Então, somente então, descobre o verdadeiro significado do amor. Descobre, então, o que é isso no qual sonhava. Somente então virá a saber o que é isso que se chama amor.

Esse despertar é semelhante ao do homem que, estando em corpo astral, fora de seu corpo físico, vem a ter quando desperta a consciência. A gente no astral anda sonhando. Quando alguém verifica que está sonhando, diz: "Isso é um sonho! Estou sonhando, estou em corpo astral, estou fora do corpo físico", o sonho desaparece como por encanto, e então o indivíduo fica desperto no mundo astral. Um mundo novo e maravilhoso surge ante aquele que antes estava sonhando, pois sua consciência despertou. Agora pode conhecer todas as maravilhas da natureza.

Assim é também o despertar do amor. Antes desse despertar, sonhamos com o amor. Tomamos esses sonhos como realidade, e acreditamos mesmo que estamos amando, vivemos num mundo de paixões e de romances às vezes deliciosos, de desilusões, de vãos juramentos, de desejos carnais, de ciúmes, etc. e acreditamos que isso seja amor. Estamos sonhando e, no entanto, não o percebemos.

A ressurreição dos mortos é impossível sem o amor, porque o amor e a morte são as duas faces de uma mesma deidade. É necessário despertar o amor para lograr a ressurreição. É mister renunciar à nossa psicologia tridimensional e aos fatos grosseiros para descobrir o significado do amor nas quarta, quinta e sexta dimensões.

O amor vem das dimensões superiores. Quem não renunciar à sua psicologia tridimensional, jamais descobrirá o verdadeiro significado do amor, porque o amor não tem a sua origem no mundo tridimensional. O ser bidimensional, se não renunciasse à sua psicologia bidimensional, acreditaria apenas que a única realidade do universo seriam as linhas, as mudanças de cor, das linhas de um plano, etc.

Um ser bidimensional ignoraria que as linhas e a mudança de cor em certas linhas poderiam ser o resultado do girar de uma roda de raios multicoloridos, talvez uma carruagem. O ser bidimensional ignoraria a existência de tal carruagem e, com sua psicologia bidimensional, não creria em tal carruagem, e só acreditaria nas linhas e nas mudanças de cores vistas em seu mundo, sem saber que estas são unicamente efeitos de causas superiores.

Assim são também aqueles que acreditam que o amor seja unicamente deste mundo tridimensional e que só aceitam os fatos grosseiros como o único e verdadeiro significado do amor. Pessoas assim não podem descobrir o significado do verdadeiro amor. Gente assim não pode ser devorada pela serpente de fogo, e tampouco pode ressuscitar dentre os mortos.

Todos os poetas, todos os namorados cantaram o amor, porém ninguém sabe realmente o que é isso que se chama amor. As pessoas só sonham com isso que se chama amor. As pessoas não despertaram o amor.

A Lei da Recorrência

Com uma série de insólitos relatos quero explicar agora o que é a Lei da Recorrência. Esta lei nunca foi para mim algo novo ou estranho. Em nome d'Isso que é o divinal devo afirmar que essa pragmática regra só a conheci através de minhas inusitadas vivências. Dar fé de tudo aquilo que realmente temos experimentado de forma direta é, fora de dúvida, um dever para com os nossos semelhantes. Jamais pretendi−me esquivar intelectualmente, dessa múltipla variedade de lembranças relacionadas com minhas três precedentes existências e o que corresponde a minha vida atual.

Para o bem da Grande Causa, pela qual estamos lutando intensamente, prefiro assumir as responsabilidades, pagar e confessar abertamente meus erros, ante o veredicto solene da consciência pública. Declaro, com sinceridade, que na Espanha fui o marquês Juan Conrado, terceiro grande senhor da província de Granada. Essa era a época dourada do famoso Império da Espanha.

O cruel conquistador Hernan Cortez, pérfido como nenhum outro, havia atravessado com sua espada o coração do México, enquanto o desumano Pizarro, no Peru, fazia com que fugissem cem mil virgens.

Muitos nobres e plebeus aventureiros e perversos embarcavam para a nova Espanha em busca de fortuna. É lógico que eu, de modo algum podia ser uma exceção. Numa simples caravela, frágil e leve naveguei durante vários meses sobre o furioso oceano, com o propósito de chegar às terras da América.

Assevero, com veemência, que jamais tive a intenção de saquear os templos dos augustos Mistérios, nem de conquistar povos ou destruir cidades. Andei por essas terras da América em busca de fortuna, porém, cometi muitos erros. Estudá−los é necessário porque necessitamos conhecer os paralelos e verificar conscientemente a sábia Lei da Recorrência. Esses eram os meus tempos de boddhisatwa caído quando, também, não era nenhuma mansa ovelha.

Já se passaram muitos séculos, mas tendo a consciência desperta e por isso jamais poderei esquecer tanto desatino. A primeira paralela que devemos estudar corresponde, exatamente, ao meu atual corpo físico. Tendo chegado em frágil embarcação da mãe pátria, estabeleci−me muito próximo das

escarpadas costa do Atlântico.

Por aqueles tempos da conquista espanhola existia, desgraçadamente, o negócio internacional relacionado com a infame venda de negros africanos. Conheci, então, para o meu bem ou para o meu mal, uma nobre família de cor, originária da Argélia. Recordo ainda uma donzelinha tão negra e tão formosa como um sonho milagroso das Mil e Uma Noites e compartilhei com ela o leito de prazeres no jardim das delícias, foi por ter sido movido pelo incentivo da curiosidade. Queria conhecer o resultado daquele cruzamento racial. Dele nascera um menino mulato. Até aí, nada de excepcional; mais tarde, veio o neto, o bisneto e o tataraneto.

Naqueles tempos de boddhisatwa caído me esqueci das famosas marcas astrais que se originam no coito e que todo desencarnado leva em seu Karmasaya. É evidente que tais marcas relacionam uma pessoa com aquelas pessoas consanguíneas oriundas do coito químico. É oportuno dizer que os logues do Hindustão têm feito sobre isto, detidos estudos. Meu atual corpo físico vem da citada cópula metafísica. Noutras palavras, digo que assim fiquei vestido com a carne que trago em minha presente existência. Meus antepassados pais foram exatamente os descendentes daquele ato sexual do marquês. Assombra que nossos descendentes, através do tempo e da distância, transformem−se em ascendentes. É maravilhoso que depois de alguns séculos venhamos a revestir−nos com nossa própria carne, e transformar−nos em filhos de nossos próprios filhos.

Viagens incessantes por essas terras da Nova Espanha caracterizavam a vida do marquês. Estas mesmas viagens repetiram−se em minhas subsequentes existências, incluindo a atual.

Litelantes, como sempre, esteve ao meu lado, suportando pacientemente todas essas loucuras de meus tempos de boddhisatwa caído. Chegando o outono da vida em cada reencarnação, confesso sem rodeios que sempre me unia à sepultadora, uma antiga iniciada, por quem sempre abandonava minha esposa e que, numa e outra existência cumpriu com seu dever de dar−me uma sepultura cristã. No entardecer da minha vida presente, voltou a mim essa antiga iniciada. Reconheci−a de imediato, porém, como já não estou mais caído, a repudiei com doçura e ela se afastou aflita.

Revestido com a personalidade altiva e até insolente do marquês, iniciei o retorno à mãe pátria depois de uma asquerosa briga motivada por um carregamento de diamantes brutos, extraídos de uma mina muito rica. Para o bem de muitos leitores digo que após um curto intervalo na Região dos

Mortos, tive que entrar novamente em cena, reencarnando−me na Inglaterra. Ingressei no seio da ilustre família Bleler e fui batizado com o piedoso nome de Simeón.

Com o florescer da juventude transladei−me para a Espanha, movido pelo íntimo anseio de retornar à América. Assim, trabalhava a Lei da Recorrência. Repetiram−se, obviamente, no espaço e no tempo, as mesmas cenas, idênticos dramas, similares despedidas, inclusive, como é natural, a viagem através do borrascoso oceano.

Intrépido, saltei nas costas tropicais da América do Sul, habitadas, então, por diferentes tribos. Explorando essas e aquelas regiões de selvas habitadas por animais ferozes, cheguei ao vale profundo de Nova Granada (Colômbia) e aos sopés das montanhas de Monte Serrat e de Guadalupe, formoso país governado pelo vice rei Solis.

Começava, por esses tempos, a pagar, de fato, o karma que devia, desde os anos de marquês. Entre aqueles crioulos na Nova Espanha, eram inúteis os meus esforços para conseguir algum trabalho bem remunerado.

Desesperado pela má situação econômica, ingressei como um simples soldado raso no exército soberano. Ali, pelo menos, encontrei pão, abrigo e refúgio. Num dia festivo, logo cedinho, as tropas de Sua Majestade se preparavam para render honras especiais a seu chefe. Por isso, se deslocavam para todos os lados, realizando manobras com o propósito de organizar contingentes.

Recordo ainda certo sargento mal encarado e briguento que aos gritos e maldições passava revista em seu pelotão. De repente, chegando−se diante de mim, insultou−me gravemente, porque meus pés não se achavam em correta posição militar. Depois, observando detalhes minuciosos de minha jaqueta, traiçoeiramente esbofeteou−me. O que sucedeu, a seguir, não é muito difícil de se adivinhar, pois nada de bom se pode esperar de um boddhisatwa caído. Sem reflexão alguma, torpemente, cravei minha afiada baioneta sanguinária em seu aguerrido peito. O homem caiu por terra ferido de morte. Gritos de pavor se ouviram, mas eu fui astuto e, aproveitando a confusão, a desordem e o espanto geral, escapei daquele lugar, perseguido muito de perto pela soldadesca bem armada. Andei por muitos caminhos rumo às escarpadas costas do oceano Atlântico. Era procurado por todos os lugares. Consequentemente, evitava passar pelas alfândegas dando muitos rodeios através das selvas. Nos caminhos carroçáveis, que eram bem poucos naqueles tempos, passavam ao meu lado algumas carruagens arrastadas por

parelhas de briosos corcéis. Viajavam em tais veículos pessoas que não tinham o meu karma, indivíduos abastados. Um certo dia, à beira do caminho, próximo de uma aldeia, achei uma casinha muito humilde e nela penetrei com a intenção de tomar uma bebida, pois queria me reanimar um pouco. Fiquei atônito, assombrado, ao descobrir que a dona daquela venda era Litelantes. Óh! Eu a havia amado tanto e agora a encontrava casada e mãe de vários filhos. Que reclamações poderia fazer? Paguei a conta e afastei−me com o coração partido.

Continuava a marcha pelo caminho quando, com algum temor pude verificar que alguém vinha ao meu encalço. Era o filho daquela senhora, uma espécie de Alcaide Rural. Aquele homem tomou a palavra e disse−me: "de acordo com o artigo 16 do código do Vice−Rei, você está detido". Inutilmente tentei suborná−lo. Aquele homem bem armado conduziu−me ante os tribunais onde, depois de sentenciado, tive de pagar com uma longa prisão a morte do conhecido sargento. Quando tive liberdade, andei pelas orlas inóspitas selvagens e terríveis do caudaloso Rio Magdalena, exercendo difíceis trabalhos braçais onde existisse a oportunidade.

Como nota interessante do presente capítulo devo dizer que a Essência desse Alcaide, que me fez passar tantas amarguras encerrado numa imunda prisão, retornou em corpo feminino. É agora uma filha minha. Certamente já é até mãe de família e me tem dado alguns netos. Antes de seu reingresso interroguei essa alma nos mundos supra−sensíveis. Perguntei−lhe sobre o motivo que a induzia a buscar−me por pai. Respondeu−me sobre o motivo que tinha remorso pelo mal que me havia causado e queria portar−se bem comigo, para corrigir seus erros. Confesso que está cumprindo sua palavra.

Naquela época estabeleci−me nas costas do oceano Atlântico depois de infinitas amarguras kármicas, repetindo assim, todos os passos do insolente marquês Juan Conrado. O melhor que fiz foi haver estudado o esoterismo, a medicina natural e a botânica.

Os nobres aborígenes daquelas terras tropicais retribuíam agradecidos com amor, o meu trabalho médico, pois curava−lhes sempre de forma desinteressada. Certo dia, aconteceu o seguinte: apareceu um grande senhor, vindo da Espanha e narrou−me seus infortúnios. Trazia num barco todo sua fortuna e os piratas o seguiam. Queria um lugar seguro para seus ricos tesouros.

Fraternalmente ofereci−lhe apoio e até propus a abrir uma cova para guardar suas riquezas. Aquele homem aceitou meus conselhos, não sem antes me

exigir solene juramento de honradez e lealdade. Após entender com a fragrância da sinceridade e o perfume da cortesia dei ordens a minha gente. Um grupo seleto de aborígenes abriu a terra. Feito o buraco, colocamos ali, com grande cuidado, um enorme baú e uma caixa contendo barras de ouro maciço e ricas jóias de incalculável valor. Mediante certos exorcismos mágicos fiz o encantamento das jóias guardadas, como dissera D. Mario Roso de Luna, com o propósito de torná−las invisíveis ante os desagradáveis olhos da cobiça.

O cavalheiro remunerou−me muito bem, fazendo−me generosa entrega de uma rica bolsa com moedas de ouro. A seguir, afastou−se daquele lugar, fazendo a si mesmo o propósito de voltar à sua mão pátria e trazer de lá a sua família, pois desejava estabelecer−se senhorialmente na belas terras da Nova Espanha.

O relógio de areia do destino jamais está parado. Passaram os dias, os meses e os anos e aquele bom homem jamais regressou. Talvez tenha morrido em sua terra ou tenha sido vítima da pirataria que então infestava os sete mares... não o sei.

Existem casos sensacionais na vida. Certo dia, em minha presente reencarnação, estando longe desta minha terra mexicana, conversava sobre dito assunto com um grupo de irmãos gnósticos entre os quais, despontava, por sua sabedoria, o mestre Gargha Kuichines. Tive, então, uma tremenda surpresa! Vi, com místico assombro, como o soberano comendador Gargha Kuichines se levantava para confirmar enfaticamente as minhas palavras. O citado Mestre nos informou que, pessoalmente, tinha visto o escrito de tal relato em dourados versos. Falou−nos de um velho livro poeirento e lamentou havê−lo emprestado. Meu Deus, jamais eu soube de tal tratado!

Velhas tradições no dizem que muitas pessoas destas costas do Caribe estiverem buscando o tesouro de Bleler. Curioso é que aqueles nobres aborígenes que antes enterraram tão rica fortuna estão novamente reincorporados formando o grupo do S.S.S. (Supremo Supremo Santuário). Assim trabalha a Lei da Recorrência.

Recordo, claramente, que depois daquela minha tempestuosa existência com a referida personalidade inglesa fui constantemente invocado por essas pessoas que se dedicam ao espiritualismo ou espiritismo. Queriam que lhes dissesse qual era o lugar onde se encontrava guardado o precioso tesouro. Cobiçavam o tesouro de Bleler; contudo, fiel a meu juramento na região dos mortos, evidentemente jamais quis entregar o segredo.

Repetindo os passos do insolente marquês Juan Conrado, em minha subsequente existência, reencarnei−me no México. Meu nome de batismo foi Daniel Coronado. Nasci no Norte, pelos arredores de Hermosillo, todos estes lugares foram conhecidos em outros tempos pelo marquês.

Meus pais quiseram todo o bem para mim. Inscreveram−me quando jovem, na Academia Militar, mas tudo foi em vão. Um certo dia aproveitei de forma desastrosa um fim−de−semana em banquetes e bebedeiras com maus amigos. Confesso, com certa vergonha, que tive de regressar à casa com o uniforme de cadete todo sujo, destroçado e roto. Meus pais sentiram−se frustrados e, como era de se esperar, não voltei mais para a Academia Militar. A partir desse momento começou meu caminho de amarguras. Felizmente reencontrei Litelantes, que estava reencarnada com o nome de Ligia Paca (ou Francisca) e em boa hora recebeu−me por esposo.

Biografar qualquer vida é um trabalho muito difícil e de judicioso conteúdo. Por isso, ressalto apenas determinados detalhes com fins esotéricos. Inquestionavelmente eu não desfrutava de cômoda situação, pois ganhava o pão de cada dia com dificuldades. Comia, muitas vezes, com o mísero salário de Lígia. Ela era uma pobre mestra da escola rural e, para culminar, atormentava−a, inclusive, com meus execráveis ciúmes. Não queria ver com bons olhos os seus colegas de magistério, os quais tinham por ela grande estima. Entretanto algo de útil fiz por aqueles tempos: formei um belo grupo esotérico gnóstico em pleno Distrito Federal. Os estudantes de tal congregação, em minha atual existência, retornaram a mim, de acordo com a Lei da Recorrência.

Durante o cruel regime porfirista tive um cargo não muito agradável na polícia rural. Cometi o erro imperdoável de julgar o famoso "golondrino", perigoso bandoleiro que atacava a comarca e é claro que esse perverso morreu fuzilado. Em minha atual existência reencontrei−o reincorporado num corpo feminino. Sofria de delírio e perseguição. Temia que o encarcerassem por furto e lutava por desatar−se de certos laços imaginários. Acreditava que ia ser fuzilado. É lógico que cancelei minha dívida curando aquela enferma. Os psiquiatras haviam falhado lamentavelmente porque não foram capazes de saná−la.

Ao estalar a rebelião contra D. Porfírio Diaz abandonei o nefasto posto da Polícia Rural. Reuni−me, então, com humildes trabalhadores de "pá e picareta", pobres peões explorados por fazendeiros e organizei um batalhão. Era de fato admirável aquele valoroso punhado de gente simples armada apenas com facões pois ninguém tinha dinheiro para comprar armas de fogo.

Felizmente o general Francisco Villa nos recebeu na divisão do norte. Ali deram−nos cavalos e fuzis. Não há dúvida que naqueles anos de tirania lutamos por uma grande causa. O povo mexicano gemia sob as botas da ditadura.

Digo, em nome da verdade, que minha personalidade como Daniel Coronado foi um fracasso. A única coisa pela qual valeu a pena viver foi o grupo esotérico no Distrito Federal e o meu sacrifício na revolução. A meus companheiros de rebelião digo−lhes: abandonei as fileiras quando adoeci gravemente. Nos últimos dias dessa vida tormentosa andei descalço pelas ruas do Distrito Federal, com as roupas em trapos, faminto, velho, doente e mendigando. Confesso, com profundo pesar, que vim a falecer num casebre imundo. Recordo aquele instante em que o médico sentado numa cadeira, depois de me examinar exclamou, movendo a cabeça: este caso está perdido, e logo se retirou. O que aconteceu a seguir foi terrível. Senti um frio espantoso como o gelo da morte.

A meus ouvidos chegam gritos de desespero. São Pedro, São Paulo ajuda−o! assim exclamava aquela mulher à qual chamo de a sepultadora.

Estranhas mãos esqueléticas agarraram−me pela cintura e tiraram−me do corpo físico. Era o Anjo da Morte que intervinha resolutamente e cortava, com sua foice, o Cordão de Prata. A seguir, abençoou−me e afastou−se.

Bendita morte. Quanto tempo te aguardava! Finalmente chegastes em meu auxílio, pois bastante amarga era a minha existência.

Feliz repousei nos mundos superiores, depois de inúmeras amarguras. A dor humana dos mortais também tem um limite, além da qual reina a paz. Infelizmente não durou muito tempo aquele repouso no seio profundo da eternidade. Um dia qualquer, não importa qual, muito tranquilo veio a mim um dos brilhantes Senhores da Lei, tomou a palavra e disse:

− Mestre Samael Aun Weor, tudo já está preparado. Siga−me...

Eu respondi de imediato:

− Sim, venerável Mestre, eu o seguirei.
− Andamos então juntos por diversos lugares. Finalmente penetramos numa casa senhorial.

Atravessamos um pátio, depois uma sala e logo entramos no quarto da matrona. Ouvimos que se queixava de dores do parto. Esse foi o instante místico em que vi, com assombro, o cordão de prata de minha existência atual, conectado psiquicamente ao infante que estava para nascer.

Momentos depois, aquela criatura inala com avidez o prana da vida. Senti−me atraído para o interior daquele pequeno organismo e logo chorei com todas as forças de minha alma. Vi ao meu redor algumas pessoas que sorriam para mim. Confesso que me chamou a atenção, de forma especial, um gigante que me fitava com carinho. Era meu pai terreno.

Digo, com certa ênfase, que aquele bom autor de meus dias fora na época medieval, durante os tempos da cavalaria, um nobre senhor, a quem tive de vencer em cruentas batalhas. Jurou−me vingança e cumpriu−a em minha presente existência.

Movido por dolorosas circunstâncias, abandonei, muito jovem, a casa paterna. Viajei por todos aqueles lugares onde antes estivera em existências passadas. Repetiram−se os mesmos dramas, as mesmas cenas. Litelantes apareceu novamente em meu caminho. Reencontrei meus velhos amigos. Quis falar−lhes, porém não me conheceram. Inúteis foram os meus esforços para fazer−lhes recordar nossos tempos idos. Contudo, algo novo sucedeu em minha presente reencarnação. Meu Real Ser interior fez esforços desesperados, terríveis, [ara trazer−me ao caminho reto do qual me havia afastado há muito tempo. Confesso, francamente, que dissolvi o ego e que me levantei do lodo da terra.

É óbvio que o Eu está submetido à Lei da Recorrência. Quando o mim mesmo se dissolve adquirimos liberdade e nos tornamos independentes da citada Lei.

A prática tem−me ensinado que as diferentes cenas das diversas existências se processam dentro da espiral cósmica, repetindo−se sempre, ora em espirais mais altas, ora em mais baixas. Toso os feitos do marquês, incluindo suas inúmeras viagens, repetiram−se em espirais cada vez mais baixas, nas três reencarnações subsequentes.

Existem no mundo pessoas de repetição automática exata. Essas pessoas renascem sempre no mesmo povo, entre sua própria família. É evidente que tais Egos já sabem de memória o papel e até se dão ao luxo de profetizar sobre si mesmos. É claro que, a constante repetição não os deixa esquecer acontecimentos, por isso parecem advinhos. Essas pessoas costumam

assombrar seus familiares pela exatidão de seus prognósticos.

Retorno e Recorrência

Um homem é o que é a sua vida; se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo o tempo miseravelmente.

Só eliminando os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma Obra Mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repetí−la, novamente, no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas do tipo pseudo−esoterista e pseudo−ocultista sutentam a teoria eterna das vidas sucessivas; tal conceito está equivocado.

A vida é um filme; concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e a levamos para a eternidade.

O reingresso existe; o retorno existe. Ao voltar a este mundo projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos sustentar a tese de existências sucessivas; mas, não de vidas sucessivas, porque o filme é o mesmo.

O ser humano tem uns três por cento de Essência livre e noventa e sete por cento de Essência embotelhada entre os eus.

Ao retornar, os três por cento de Essência livre impregnam, totalmente, o ovo fecundado; inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes.

Personalidade é diferente; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; esta última vai se dissolvendo, lentamente, no panteão ou cemitério.

No recém−nascido só se encontra reincorporada a pequena porcentagem de Essência livre; isto dá a cada criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam dão voltas ao redor do recém−nascido; vão e

vem, livremente, por onde quer que seja; querem se meter dentro da máquina orgânica, mas isto não é possível, enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Covém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Está escrito que a personalidade há de formar−se durante os primeiros sete anos da infância e que, posteriormente, se robustece e se fortifica com todas as experiências da vida prática.

Os eus começam a intervir dentro da máquina orgânica, pouco a pouco, à medida que se vai criando a nova personalidade.

A morte é uma subtração de frações; terminada a operação matemática, o único que continua são os valores; (isto é, os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos).

Os valores, na luz astral, se atraem e se repelem, entre si, de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço e servimos de veículo a determinadas somas de valores.

Dentro da personalidade humana de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de embasamento à Lei da Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal como sucedeu, mais o resultado, ou consequência, de nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos eus de vidas precedentes, podemos afirmar, de forma enfática, que cada um deles é uma pessoa diferente.

Isto nos convida a compreender que dento de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas com distintos compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro covil de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe uma casa de encontros; dentro da personalidade de qualquer prostituta, existe todo um prostíbulo, etc.

Cada uma dessas pessoas que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

Gente vivendo dentro da gente; pessoas vivendo dentro das pessoas; isto é irrefutável, irrebatível.

O grave de tudo isto é que cada uma dessas pessoas, ou eus, que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O eu que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade de trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para manifestar-se e, chegado o momento, buscará a pessoa de seus sonhos; por-se-á em contato telepático com a mesma e, ao fim, virá o reencontro e a repetição da cena.

O eu que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materias, na nova existência aguardará tal idade para repetir o mesmo acontecimento.

O eu que na idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará, na nova existência, a nova idade de vinte e cinco anos para buscar seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os eus de um e outro sujeito mediante as ondas telepáticas e logo se reencontram para repetir, mecanicamente, o mesmo.

Esta é, realmente, a mecânica da Lei da Recorrência; esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A pessoa humana não é mais do que uma máquina a serviço destes eus com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior, cumprem-se sem que nosso entendimento tenha, previamente, alguma informação.

Nossa personalidade humana, nesse sentido, parece um carro arrastado por múltiplos cavalos.

Existem vidas de exatíssima repetição; recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum poderiam repetir−se as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência, se não existissem atores.

Os atores de todas estas cenas são os eus que em nosso interior carregamos e que vêm de antigas existências.

Se desintegramos os eus da ira, as cenas trágicas da violência concluem inevitavelmente.

Se reduzirmos a poeira cósmica os agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se aniquilarmos os eus da luxúria, as cenas do prostíbulo e da morbosidade finalizam.

Se reduzimos a cinzas os personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluir−se−ão radicalmente.

Se matamos os eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da auto−importância, as cenas ridículas destes defeitos finalizarão por falta de atores.

Se eliminamos, de nossa psique, os fatores da preguiça, da inércia e da indolência, as horripilates cenas desta classe de defeitos não poderão repetir−se por falta de atores.

Se pulverizamos os eus asquerosos da gula e da glutonaria, finalizarão os banquetes, as bebedeiras e etc., por falta de atores.

Como estes múltiplos eus se processam, lamentavelmente, nos distintos níveis do Ser, faz−se necessário conhecer suas causas, sua origem e os procedimentos crísticos que, finalmente, haverão de conduzir−nos à morte do mim mesmo e à Liberação Final.

Estudar o Cristo Íntimo; estudar o esoterismo crístico é básico, quando se trata de provocar, em nós, uma mudança radical e definitiva; isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

A Lei do Pêndulo

É interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas mas também para refletir um pouco.

Sem o pêndulo o relógio não funciona. O movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos tempos antigos, o dogma da evolução não existia, então os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta lei maravilhosa.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vai e vem do tempo, que tudo evolucione e involucione.

Num extremo do pêndulo está a alegria e no outro a dor. Todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos oscilam com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero; pessimismo e otimismo; paixão e dor; triunfo e fracasso; lucro e perda correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado mas, quando o pêndulo foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Quando o pêndulo mudou de posição caiu Israel e surgiu, no outro extremo, o Império Romano.

O movimento pendular levanta e derruba impérios; faz surgir poderosas civilizações e logo as destrói, etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudo−esotéricas e pseudo−ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular todas as escolas materialistas, marxistas, ateístas, cépticas, etc. Antíteses do movimento pendular, mutantes, sujeitas à permutação incessante .

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir ao outro extremo do pêndulo, converter−se em ateu, materialista, cético.

O fanático materialista ateu, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental ou um momento de terror indizível, pode ser levado ao extremo oposto do movimento pendular e converter−se num reacionário religioso insuportável.

Exemplos: um sacerdote, vencido numa polêmica por um esoterista, desesperado, tornou−se incrédulo e materialista.

Conhecemos o caso de uma senhora ateísta e incrédula que, devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu−se numa expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade, devemos declarar que o ateísta materialista verdadeiro e absoluto é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, em um instante de terror indizível, os inimigos do Eterno, os materialistas e incrédulos passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo e acabam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

O mesmo Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu e, depois de sua morte, renderam−lhe honras fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: "criar uma arma para destruir todas as religiões do mundo por meio do ceticismo."

É um caso típico dos ciúmes religiosos levados ao extremo. De modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí−las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu com um dos protocolos de Sion que diz textualmente "Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo;

no dia em que triunfarmos, ensinaremos a religião de Moisés, devidamente codificada e em forma dialética, e não permitiremos nenhuma outra religião no mundo."

É muito interessante que na União Soviética as religiões sejam perseguidas e ao povo se ensine dialética materialista, enquanto nas sinagogas se estuda o Talmud, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente, sem problema algum.

Os amos do governo russo são fanáticos religiosos da lei de Moisés; mas eles envenenam o povo com essa farsa do Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciaríamos contra o povo de Israel; só estamos nos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis, envenena o povo com a Dialética Materialista enquanto pratica, em segredo, a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua sequela de teorias, dogmas e preconceitos de toda espécie, processam−se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos, que ninguém entende.

A mente nada sabe sobre o espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso: um conceito. A realidade não é um conceito, ainda que a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O espírito é espírito (o Ser) e só a si mesmo pode conhecer. Escrito está: "O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o mesmo Ser."

Os fanáticos do deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são cem por cento empíricos e absurdos. Falam sobre matéria com uma auto−suficiência deslumbrante e estúpida, quando realmente nada sabem sobre a mesma.

Que é matéria? Qual destes tontos cientistas o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito demasiado discutível e bastante espinhoso.

Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o que? Dizer que tudo isto é matéria seria tão

empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, um coração ou um rim. Obviamente, uma coisa é uma coisa e outra coisa, outra coisa; cada orgão é diferente e cada substância é distinta. Então, qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Muita gente joga com os conceitos do pêndulo; porém, em realidade, os conceitos não são a realidade.

A mente só conhece formas ilusórias da natureza, porém nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias passam de moda com o tempo e com os anos e o que aprendemos na escola depois já não serve. Conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo, passam como a moda das mulheres; todos esses são processos da mente; coisas que sucedem na superfície do entendimento; tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica opõe−se outra disciplina; a qualquer processo psicológico logicamente estruturado opõe−se outro semelhante, e depois de tudo, o que resta?

O que nos interessa é o Real, a Verdade; mas isto não é questão do pêndulo, não se encontra entre o vai e vem das teorias e crenças.

A Verdade é o desconhecido de instante a instante, de momento a momento.

A Verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita, nem tampouco na extrema esquerda.

Quando perguntaram a Jesus: "Que é a Verdade?" guardou profundo silêncio. E, quando ao Buda fizeram a mesma pergunta, deu as costas e se retirou.

A Verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem sequer de preconceitos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente possa forjar sobre verdade, jamais é a Verdade.

A idéia que o entendimento tenha sobre a verdade, nunca é a Verdade.

A opinião que tenhamos sobre a verdade, por muito respeitável que seja, de modo algum é a Verdade.

Nem as correntes espiritualistas, nem suas oponentes materialistas, podem jamais conduzir−nos à Verdade.

A Verdade é algo que deve ser experimentado em forma direta, como quando colocamos o dedo no fogo e nos queimamos, ou como quando engolimos água e nos afogamos.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos e é ali onde devemos descobrir e experimentar, em forma direta, o Real, a Verdade.

Necessitamos auto−explorar−nos diretamente para auto−descobir−nos e conhecermos profundamente a nós mesmos.

A experiência da verdade só advém quando eliminamos os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o mim mesmo.

Só eliminando o erro, advém a verdade. Só desintegrando o eu mesmo, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fornicações, encastelamentos intelectuais e auto−suficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do real.

A verdade nada tem a ver com o que se tenha dito ou deixado de dizer; com o que se tenha escrito ou deixado de escrever; ela somente advém a nós quando o mim mesmo morreu.

A mente não pode buscar a verdade, porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a verdade, porque jamais a conheceu. A verdade advém a nós de forma espontânea, quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o mim mesmo, o eu mesmo.

Enquanto a Consciência continue engarrafada entre o eu mesmo, não poderá experimentar isso que é o Real, isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a Verdade.

Quando o mim mesmo fica reduzido a poeira cósmica, a Consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar, de forma direta, a Verdade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: "Conhecei a Verdade e ela vos fará livres."

De que serve ao homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais experimentou a Verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema se opõe outro e nem um, nem outro é a verdade.

Mais vale auto-explorar-nos para autoconhecer-nos e chegar a experimentar, um dia, em forma direta, o Real, a Verdade.

14 − O Movimento Contínuo

Estimável auditório! Distintos cavalheiros! Honoráveis senhoras! Vamos conversar um pouco sobre o movimento contínuo.

De quando em quando, os velhacos do intelecto se preocupam com o movimento contínuo e é claro que se agita intensamente a opinião pública.

Quis−se sempre inventar algum mecanismo que funcione perpetuamente; mas, isto não é possível devido ao gasto inevitável de materiais.

É claro que, se as peças de uma máquina qualquer se desgastam, o movimento contínuo desaparece.

Algumas pessoas, tratando de descobrir a lei do movimento contínuo, foram parar no manicômio.

Não podemos mais que rir ao contemplar tantos artefatos que não deram resultado algum.

Que mecanismos engenhosos não inventaram os velhacos do intelecto? E, não obstante, o problema segue sem solução.

Nós, francamente, já descobrimos a lei do movimento contínuo no cilindro maravilhoso do Arcanjo Hariton. Diz−se que sua parte principal é feita de âmbar com eixos de platina, enquanto que os painéis interiores das paredes são feitos de “anfrocita”, cobre e marfim e de um cimento muito forte a prova de frio, de calor e de água e inclusive de radiações das concentrações cósmicas.

Para nosso modo de ver e de entender as coisas, é óbvio que tanto as alavancas exteriores, como as rodas dentadas, devem ser renovadas de tempo em tempo, pois, ainda que sejam feitas de metal mais forte, o uso prolongado as desgasta.

Estamos falando, inquestionavelmente, da roda do Samsara, a qual gira eternamente.

Todos nós, sem exceção alguma, giramos muitas vezes com esta grande roda e, se o movimento contínuo não se interrompeu, deve−se exclusivamente à infinita quantidade de elementos residuais.

Pensemos, por um momento, no eixo desta grande roda, esse que se diz que é platina. Poderia também afirmar−se, de forma enfática, que é de prata.

Qualquer um sabe que a prata e a platina são de tipo completamente lunar. É óbvio que não poderia ser de outro material o eixo da roda fatal.

Quanto ao âmbar, é claro que este último se encontra diluído em todo o criado. Não devemos olvidar que esta substância unifica completamente as três forças universais.

Resulta extraordinário que as três forças primárias da criação, apesar de trabalharem independentemente cada uma, e por sua conta, mantêm−se unificadas graças a esta substância magnífica denominada âmbar.

Cada um de nós não somente passou pelo moinho muitas vezes, senão, também, por cada um dos dentes do moinho.

Com esta expressão quero enfatizar a informação de que incessantemente giramos, através de sucessivas eternidades, na roda do Arcanjo Hariton, quer dizer, na roda extraordinária do Samsara.

O material residual são os egos que, descendo com a trágica roda, desintegram−se no Averno.

Pela direita ascende sempre Anúbis evolucionante e pela esquerda desce Tifão involucionante.

Temos repetido em todas estas conferências, até a saciedade, que a cada um de nós são consignadas sempre 108 existências. É claro que, terminado o ciclo de vidas sucessivas, se não logramos a auto−realização íntima do Ser, giramos com a roda do Arcanjo Hariton, descendo dentro do reino mineral submerso.

Com isto queremos falar bem claro e dizer: Evoluciona−se até um ponto perfeitamente definido pela natureza e logo se involuciona.

Subimos, evolucionando, pelo lado direito da roda e descemos, involucionando, pelo lado esquerdo da mesma.

O ascenso evolutivo começa, propriamente dito, desde o reino mineral.

Qualquer investigados esoterista com Consciência desperta poderá verificar a crua realidade das criaturas evolucionantes no reino mineral superior (para diferenciá−lo do inferior submerso).

Muitas vezes, movendo−me fora do corpo físico com o eidolon, abri determinadas brechas ou fragmentos de pedra, para estudar essas múltiplas criaturas que habitam nesse reino mineral superior.

Posso dizer aos senhores, sem temor de exagerar, que tais criaturas inocentes estão mais além do bem e do mal.

Em certa ocasião, quando abri um fragmento de rocha, pude ver muitas damas e cavalheiros elegantemente vestidos que, quando muito, teriam um tamanho de 5 a 10 centímetros de estatura. Não há dúvida de que a estes pequenos elementais minerais lhe agrada disfarçar — se com nossas vestimentas de humanóides.

Viajando por distintos caminhos do México de automóvel, vi, com assombro místico, certos elementais superiores das rochas, os quais me advertiram sobre perigos ou me aconselharam precaução nas rodovias.

Este segundo tipo de elementais minerais inquestionavelmente é mais avançado que o primeiro tipo e assume figuras muito semelhantes às do humanóide intelectual, ainda que usem vestimental com a cor das rochas em que habitam.

Um terceiro tipo de elementais minerais mais avançados é aquele que se conhece com o nome de gnomos ou pigmeus. Esta classe de criaturas parece verdadeiros anões de longa barba branca e cabelo cano.

Não há dúvida de que esta última classe conhece a fundo a alquimia dos metais e coopera na obra da natureza.

Obviamente se trata de criaturas mais avançadas e sobre estas falam claramente muitos textos de ocultismo.

Basta−nos recordar, por um momento, os elementais de Franz Hartman, o qual menciona estas criaturas.

Não há dúvidas de que os elementais minerais avançados ingressam no reino vegetal.

Cada planta é o corpo físico de um elemental vegetal.

Toda árvore, toda erva, por insignificante que esta seja, possui seu elemental particular.

Não quero dizer, com isto, que os elementais das plantas, árvores e flores, etc., estão metidos a toda hora dentro de seu corpo imóvel; isto seria absurdo e injusto demais.

Os elementais vegetais têm plena liberdade para entrar e sair de seus corpos à vontade. Assombramo−nos quando os encontramos na quarta coordenada, na quarta vertical.

Normalmente, as criaturas elementais do reino vegetal se encontram classificadas na forma de famílias.

Uma é a família das laranjeiras, outra a da hortelã−pimenta, outra a dos pinheiros, etc., etc., etc.

Cada família tem seu templo próprio no Éden, na quarta dimensão.

Muitas vezes, vestido com o eidolon, entrei nestes templos paradisíacos.

Para citar algo destes últimos, quero referir−me, agora, ao santuário das laranjeiras.

Achei, dentro do sancta de dita família vegetal, muitos meninos inocentes. Estes se achavam ocupados, atentando para os ensinamentos que seu Guru Deva lhes compartia.

Aquele instrutor, vestido com um traje como de noiva, parecia uma beldade feminina deliciosamente espiritual.

Similares visitas fiz a outros templos vegetais situados na Terra Prometida, nessa terra onde os rios de água pura de vida manam leite e mel...

Os elementais avançados do reino vegetal ingressam, mais tarde, nos diversos departamentos do reino animal.

Estas criaturas, distribuídas em múltiplas famílias ou espécies, têm também seus guias e seus templos, situados no paraíso terrenal, quer dizer, na quarta coordenada, chamada pelo ocultistas de mundo etérico.

Em certa ocasião, achando−me em meditação, pude verificar claramente o sentido inteligente da linguagem das aves.

Recordo claramente certa ave que, pousada sobre a copa de uma árvore, discutia com outra. A primeira esta muito tranqüila, quando foi, de repente, interrompida pela chegada da segunda. Esta última pousou ameaçadora sobre a copa da árvore, fazendo muitas recriminações à primeira.

Eu estava alerta, escutando, em meditação, o que acontecia. Recordo claramente os impropérios da ave ameaçadora: “Tu me feriste uma pata faz alguns dias e eu tenho que te castigar por esta falta.”

A criatura ameaçada se desculpava, dizendo: “Eu não tenho culpa do acontecido! Deixa−me em paz...” Desafortunadamente, a ave agressora não queria entender razões e, picando com força a sua vítima, recordava−lhe incessantemente sua ferida pata.

Em outra ocasião, encontrando−me também em profunda meditação interior, pude escutar o ladrido de dois cães vizinhos. O primeiro contava ao segundo tudo o que acontecia em sua casa. Dizia−lhe: “Meu amo me trata muito mal. Aqui, nesta casa, me dão constantemente com paus e açoites e a

alimentação é péssima; todos, em geral, me insultam e eu vivo uma vida muito infeliz" O segundo contestava com seus ladridos, dizendo: "A mim me vai muito melhor; dão−me boa alimentação e me tratam muito bem."

As pessoas que iam e vinham pela rua unicamente escutavam o ladrido de dois cães, não entendiam a linguagem dos animais. Não obstante, para mim tal idioma foi sempre bem claro.

Em certa ocasião, um cão vizinho me advertiu que me aguardaria um grande fracasso se eu realizasse certa viagem para o norte do México. O aludido animal gritava, dizendo−me: "Um fracasso, um fracasso, um fracasso!". E eu não lhe quis fazer caso.

Por aqueles dias, ao chegar a certo povoado muito próximo do deserto de Sonora, disse ao condutor do veículo em que viajávamos que se fazia indispensável buscar um hotel, pois de modo algum queria eu continuar a viagem naquela noite.

Não obstante, aquele bom senhor de Consciência adormecida não quis obedecer. Então o adverti da seguinte forma: "O senhor será responsável pelo que vai acontecer! Advertido fica! Ouça bem, advertido fica!..."

Horas mais tarde, o carro tombava no deserto e, se houve feridos, não houve mortos... Então, recordei àquele cavalheiro o erro que havia cometido ao não me obedecer... Não há dúvida de que aquele homem reconheceu seu delito e pediu perdão; mas, já tudo era tarde, o fato havia sucedido.

Assim são, desafortunadamente, as pessoas de Consciência adormecida; assim andam pelo mundo, desde que nascem, até que morrem.

Poderá parecer aos senhores um pouco estranho isto que estou dizendo; pois, de modo algum notam alguma diferença, ouvindo o canto de uma ave. Nunca entenderão a sua linguagem e, muito menos, a de um cão.

Os senhores somente escutam sons da natureza, ladridos, silvos, cantos, etc., e nada mais.

Outro tanto pode acontecer a essas criaturas animais. Quando eles escutam a linguagem humana só percebem subidas e descidas de voz, sons mais ou menos agudos, mais ou menos graves, chiados, rugidos, relinchos, roncos, bufares e crocitares.

Não obstante, nós nos entendemos; temos nossos idiomas terrenais, etc.

As criaturas elementais mais avançadas ingressam no reino dos humanóides intelectuais. Não há duvida de que estes bípedes tricerebrados ou tricentrados são muito mais perigosos...

A todo aquele que ingressa no reino dos homúnculos racionais são atribuídas sempre 108 existências, como já o temos dito até a saciedade; mas aquele que fracassa, aquele que não logra a auto−realização íntima dentro do ciclo de existências que lhe foi assinalado deixa de retornar ou de se reincorporar em organismos de humanóides e se precipita, involucionando, nas entranhas da Terra, nas infra−dimensões da natureza.

Através de nossas investigações de tipo esotérico, pudemos comprovar, com inteira claridade meridiana, o que são os processos involutivos.

É claro que nos cabe desandar o andado e baixar pelos degraus por onde antes subíramos.

Depois de recapitular, no Averno, experiências passadas de humanóide, devemos repetir estados animalescos e vegetalóides, antes da fossilização total e da morte segunda.

Recordo um caso muito interessante. Em certa ocasião adverti uma dama do Abismo do seguinte: “Pelo caminho involutivo que a senhora anda, terá que se desintegrar na nona esfera, tornar−se poeira cósmica. Assim é a morte segunda.” Aquela dama me respondeu: “Não o ignoro, nós o sabemos e precisamente isto é o que queremos.”

“O demônio que a acompanhava, enfurecido, atacou−me com seus poderes psíquicos infernais e eu tive que me defender com a espada flamígera.

Javé fez de toda esta roda do Samsara uma mística, uma religião, e seus sequazes lhe são fiéis.

Quando se conversa com Javé, pode−se verificar que este anjo caído possui uma faiscante intelectualidade, com a qual pode seduzir totalmente a qualquer um.

Todas as conferências de Javé são iniciadas falando contra o Cristo Cósmico. Este tal demônio é terrivelmente perverso e odeia mortalmente o Logos Solar.

Aqueles que se querem auto−realizar intimamente, com o propósito de evitar o descenso aos mundos infernos, devem meter−se pela senda da Revolução da Consciência. Isto significa separar−se da roda do Samsara e apartar−se completamente das leis da evolução e da involução.

Agora vos explicareis, claramente, por que o Cristo Cósmico, em sua passagem pela Terra, nos falou da porta estreita e do caminho apertado e difícil que conduz à luz.

O ego jamais é imortal; tem um princípio e um fim; ou o aniquilamos voluntariamente ou a natureza se encarrega de desintegrá−lo no Averno.

Nós devemos escolher; estamos ante o dilema do ser ou não−ser da filosofia e os que não nos querem escutar agora terão que sofrer mais tarde, as conseqüências.

Muito interessantes resultam os processos voluntários da dissolução do eu, aqui e agora.

A princípio devemos eliminar as debilidades do humanóide; logo, continuar dissolvendo ou desintegrando todos esses agregados animais, ou bestiais, que levamos dentro e, muito mais tarde, é indispensável trabalhar com a acha de duplo fio dos antigos mistérios, para quebrantar e reduzir a pó as recordações vegetalóides de todas as luxúrias e morbosidades do passado.

Por último, devemos trabalhar com as ferramentas do lavrador, para quebrantar os estados fósseis ou mineralóides dos distintos ontens, que dormem entre o fundo profundo do subconsciente.

Com isto quero dizer que o que a natureza há de fazer conosco no Abismo podemos nós fazê−lo aqui e agora, se é que de verdade queremos evitar as amarguras infernais.

P. – Querido Mestre, quando nos auto−realizamos intimamente e nos separamos da roda do Samsara, significa isto que deixamos de estar dentro do movimento contínuo?

V.M. – Escuto uma pergunta do auditório e me apresso a respondê−la com o maior agrado. Distinto cavalheiro! É urgente que o senhor compreenda o que é o movimento contínuo da roda do Samsara em todos e cada um de seus aspectos.

Indubitavelmente, o movimento contínuo não somente existe no cilindro do Arcanjo Hariton, senão também em qualquer cilindro cósmico.

Recorde o senhor, claramente, que existem os dias e as noites cósmicas. Tudo flui e reflui, vai e vem, sobe e baixa, cresce e decresce...

Em tudo há um ritmo e o espaço abstrato absoluto é vibração elétrica e, portanto, movimento contínuo.

Francamente, eu não admito a imobilidade absoluta. O que se sucede é que existem múltiplas e infinitas formas de movimento contínuo.

P. – Venerável Mestre, o senhor nos fala de três tipos de elementais e eu quero lhe perguntar se estes existem na roda do Samsara, tanto na involução

como na evolução, ou são exclusivos da evolução?

V.M. – Distinto fráter! Observe o senhor, em detalhe, todos os fenômenos da natureza e terá a resposta.

Muitos pensam que os macacos, símios, monos, orangotangos, gorilas, etc., etc., são de tipo evolutivo. Alguns até supõem que o homem vem do macaco, mas tal conceito cai estrepitosamente, quando observamos os costumes dessas espécies animalescas. Ponha−se um símio dentro de um laboratório e observe−se o que ocorre.

Inquestionavelmente, as diversas famílias de símios são involuções que descendem do humanóide intelectual.

O humanóide não vem do macaco; a verdade disto é o inverso; os símios são humanóides involucionantes, degenerados.

Passemos agora a observar a família dos porcos. No tempo de Moisés, os israelitas que chegassem a comer a carne deste animal eram decapitados.

É claro que este tipo de elementais se encontra em franco processo involutivo.

Estados análogos de involução podemos descobri−los nas plantas e nos minerais.

O cobre, por exemplo, no interior do organismo planetário em que vivemos, é o centro de gravidade específico de todas as forças involutivas e evolutivas.

Se aplicamos a força positiva do universo ao cobre, podemos contemplar, então, com o sentido especial, múltiplos processos evolutivos maravilhosos.

Se aplicamos a força negativa universal a dito metal, poderemos perceber, com a clarividência integral, infinitos processos involutivos muito similares aos das multidões que habitam as entranhas da Terra.

Se aplicamos a força neutra ao cobre, tanto os processos evolutivos como os involutivos ficam em estado estático.

As leis de evolução e da involução constituem o eixo mecânico de toda a natureza, o eixo de prata da roda do Samsara...

As leis da evolução e da involução trabalham de forma coordenada e harmoniosa em todo o criado...

Obviamente, os elementais dos reinos minerais, vegetal e animal evolucionam e involucionam em seus próprias escalas naturais; jamais poderíamos conceber a idéia descabida de que os elementais da natureza,

pelo fato de fracassar em tal ou qual espécie viva, possam fazer girar a roda ao revés, para retornar ao Abismo pela porta por onde saíram.

Quero que todos vocês, cavalheiros e senhoras, compreendam que no Tártaro se entra por uma porta e se sai por outra.

Isto significa, entre outras coisas, que pela direita sempre subirá Anúbis evolucionante e que pela esquerda descerá perpetuamente Tifão involucionante.

O chacra do Samsara não gira ao revés. Entendido?

P. – Venerável Mestre, existe uma crença, entre os que entendemos estas leis, sobre certas espécies de animais e nos agradaria uma explicação só no caso concreto dos corvos, ratos e demais espécies mais ou menos repugnantes.

V.M.− Com o maior prazer vou dar resposta à nova pergunta do auditório. Fora de toda dúvida, há criaturas repugnantes na natureza que acusam uma marcada involução.

Os antigos egípcios, por exemplo, aborreciam os ratos e é óbvio que estes se encontram em estado de franca involução; outro é o estado dos corvos e estes, ainda que se alimentem da morte, pelo fato de se desenvolverem no raio de Saturno, possuem certos poderes maravilhosos que indicam evolução.

Eu pude evidenciar o que são as faculdades do corvo. Em certa ocasião, achando−me num pequeno povoado da Venezuela, em certa casa onde um pequeno menino se encontrava gravemente enfermo, vi, com assombro, um grupo de corvos que, muito tranqüilos, haviam pousado sobre o teto daquela casa.

Aquelas pessoas simples, então, me esclareceram o seguinte: “Este menino morrerá.”

Quando perguntei o motivo de tal sentença, eles, como resposta, me assinalaram aquelas aves negras; então compreendi.

O caso não teve remédio e realmente a criatura morreu. O que mais me assombrou foram as faculdades daqueles elementais. Sabiam que a criatura iria morrer e, pousados sobre o telhado daquela morada, aguardavam o momento supremo para o festim... Indubitavelmente, a cena macabra nunca pôde ocorrer, porque à criatura foi dada cristã sepultura. Não obstante, as aves chegaram e a lei se cumpriu.

P. – Mui amado Mestre, pelos aspectos que o senhor nos explicou amplamente, isto significa que todas aquelas criaturas animais como gatos, cachorros, porcos, etc., passaram alguma vez pela forma humana e se encontram a caminho da desintegração. É possível que estas mesmas criaturas se encontrem a caminho da forma humana?

V.M. – Distinto irmão! Seja−me permitido informar−lhe que muitos elementais da natureza passaram pelos mundos infernos. Com outras palavras, esclareço: Depois da morte segunda, toda alma converte−se em elemental da natureza e inicia seus processos evolutivos, como já disse tanto, desde a dura pedra, para continuar pelo vegetal e animal, até o estado de humanóide intelectual.

Nesse ínterim, os elementais dos distintos reinos evolucionam e involucionam, mas não poderiam regressar ao Averno, posto que não possuem o ego. Só podem ingressar no Averno os humanóides, porque estes, sim, têm em seu interior o ego. Com isto fica esclarecida a pergunta e dada a resposta.

P. – Mestre, que relação há entre a Essência e os elementais?

V.M. – É bom que o honorável auditório que me escuta entenda plenamente que não existe, certamente, nenhuma diferença entre a Essência e os elementais.

É claro que a Essência é o próprio elemental e o elemental é a própria Essência.

Quando o ego se desintegra nos mundos infernos, convertemo−nos em elementais da natureza.

Contudo, quando o ego se desintegra aqui e agora, mediante trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, em vez de converter−nos em elementais, convertemo−nos em Mestres. Eis aqui o importante!

P. − Mestre, tenho curiosidade de saber, à raiz do que nos explicou a respeito de que os elementais estão mais além do bem e do mal e que, portanto, são inocentes, se esta inocência chega a se perder.

V.M. – Distinto cavalheiro! Honorável auditório que me escuta! Rogo−lhes compreender minhas palavras.

Há dois tipos de inocência, a dos vitoriosos e a dos fracassados.

A alma que escapa do Averno, depois da morte segunda, para se converter em elemental da natureza, obviamente está fracassada, ainda que tenha reconquistado sua inocência.

A alma que desintegra o ego de forma voluntária e consciente, aqui e agora, reconquista sua inocência de forma vitoriosa e se converte em um Buda.

Há elementais que pela primeira vez entram na roda do Arcanjo Hariton, nunca foram humanos, anelam alcançar o estado de humanos.

Existem elementais que, antes de sê−lo, viveram como humanóides e involucionaram nos mundos infernos.

Eis aqui dois extremos, dois aspectos dos elementais: primeiro, elementais que começam; segundo, elementais que repetem os processos elementais.

P. − Amadíssimo Mestre, queria saber, já que se apresenta a oportunidade de sua sabedoria, que nos explicasse o senhor se um elemental, quando ingressa pela primeira vez numa matriz humana, pelo fato de vir sem ego, é−lhe mais fácil lograr sua auto−realização?

V.M. – Honorável auditório que esta noite me escuta. É urgente saber que a Essência, a alma vinda dos três reinos inferiores à humana matriz, não tem ainda a experiência necessária e indispensável que se requer para chegar à auto−realização íntima do Ser.

Normalmente, toda Essência que ingressa pela primeira vez num organismo humano cai em muitos erros, forma ego, adquire carma e sofre, depois, o indizível.

Só mais tarde essa alma pode, se assim o quer, conseguir a auto−realização.

Não obstante, repito agora o que já disse em passadas conferências: Nem todas as almas conseguem a maestria. Para que isto aconteça, faz−se indispensável certa inquietude íntima e isto só é possível quando a mônada, quer dizer, a chispa imortal do espírito, se propões, de verdade, a trabalhar a sua humana alma.

É claro que nem todas as mônadas, espíritos ou chispas virginais têm interesse na maestria e, como isto já o dissemos em passadas cátedras, não é necessário seguir fazendo esclarecimentos sobre o particular.

P. – Venerável Mestre, em todo caso considero que, ao ir eliminando voluntariamente o ego, realmente estamos num processo de evolução,

porque sempre entendemos que a evolução significa ascenso, pelo que sustento que não estão equivocados aqueles que afirmam que, sim, existe a evolução permanente até chegar à perfeição unitotal. O senhor tem alguma objeção a este conceito?

V.M.− Agrada−me a pergunta que vem do auditório. Obviamente esta, em si mesma, tem um fundo completamente reacionário. Não obstante, apresso−me em respondê−la.

Pensam acaso vocês, senhores, que o ego pode evolucionar? Supõem que dissolvê−lo é evolução? Qualquer clarividente educado poderá verificar os processos involutivos do eu, do mim mesmo, do si mesmo.

É assombroso verificar como se precipita o ego pelo caminho involutivo, descendo pelas escalas animal, vegetal e mineral, quando percorremos a Senda da Revolução da Consciência.

Ou é que pensais, amigos, que, com a dissolução do ego, a Essência reinicia um novo aspecto evolutivo, aderida à roda do Samsara?

Ou é que vós credes que o Ser, o espírito, há de viver perpetuamente engarrafado nos processos evolutivos da natureza e do cosmos?

Nos jamais negamos as leis de evolução e involução; unicamente as esclarecemos.

Os processos evolutivos e involutivos correspondem exatamente à grande roda do Samsara. Tais processos não se poderiam repetir infinitamente no mundo do espírito, porque isto significaria, de fato, escravidão perpétua.

Recordai, amigos, que Jesus, o Grande Kabir, jamais se quis engarrafar no dogma da evolução.

Aquela grande hierofante só nos falou da senda da Revolução da Consciência, do caminho apertado, estreito e difícil que nos conduz à luz e que muito poucos são os que o acham.

Quando ireis entender isto? Em que época? Quando vós ireis resolver entrar pela porta estreita e pelo caminho apertado? Ou é que acaso vós quereis corrigir a Jesus, o Cristo?

Aqueles que dissolvem o ego alcançam a transformação radical e isto é revolução total.

P. – Mestre, parece−me um conceito de total injustiça e contrário ao amor com o qual se identifica o Grande Arquiteto do Universo, o que admite que,

depois de haver alcançado o estado humano e desenvolvido o intelecto, nas alturas que atualmente nos encontramos, em que maravilham os progressos e as proezas dos homens de ciência modernos, tenhamos que regressar ao estado de cavalos, cachorros e porcos. Como pode, sequer sumariamente, aparecer tal conceito na mente do homem racional e inteligente? Francamente, creio que isto insulta a eminente dignidade do homem feito à imagem e semelhança de Deus.

V.M. – Vejo, ali no auditório, um cavalheiro que intenta corrigir o autor da doutrina da transmigração das almas, o Grande Avatara Krishna, o qual viveu mil anos antes de Cristo.

Jamais disse o grande avatara hindu que o chacra do Samsara girasse ao revés, que a roda do Arcanjo Hariton se processasse ao inverso, detendo sua marcha para girar em sentido contrário.

Senhores e senhoras! A roda do Arcano 10 do Tarô sempre segue seu curso, jamais retorna.

Qualquer automóvel pode retroceder, mas a roda do Samsara nunca retrocede.

Repetição de ciclos, de acordo com a lei de recorrência, é diferente e isto o vemos comprovado nos dias e noites de Brahma, com sua repetição sempre incessante; nas estações que cada ano se repetem; nos diversos “yugas” cosmológicos que nunca deixam de se repetir, etc., etc., etc.

Nada disso é retrocesso, amigos meus! Tudo isto se move de acordo com a roda, tudo isto forma parte do movimento contínuo.

Não obstante, é necessário entender que a lei de recorrência se repete em espiral, já mais elevada, já mais baixa; a espiral é a curva da vida.

Se esgotamos os diversos processos do humanóide, obviamente devemos subir ou baixar. Alguns sobem, outros caem na involução submersa.

Ascendem aqueles que dissolveram o ego; descem aqueles que não o dissolveram.

Os vitoriosos convertem−se em Budas, em Mestres. Os fracassados, depois da morte segunda, anunciada por Nosso Senhor, o Cristo, por João no Apocalipse, transformam−se em elementais da natureza.

Não existem retrocessos, senão continuidade de ciclos ou períodos de manifestação cósmica.

Já dissemos em passadas conferências que todos estes ciclos ou períodos estão contados e nisso não há retrocesso.

A roda avança, jamais retorna. Começa−se pelo ciclo número um e se termina com o três mil. A contagem dos ciclos ou períodos de manifestação nunca marcham ao inverso; portanto, a matemática demonstra claramente que a doutrina da transmigração das almas é exata.

Grave seria, senhores e senhoras, se o ego não tivesse um limite e continuasse eternamente se desenrolando e se desenvolvendo. Pensem os senhores no que isso significaria, jamais teria o mal do mundo um limite, estender−se−ia vitorioso pelos espaços infinitos e dominaria todos os sete cosmos.

Neste caso, sim, haveria injustiça. Distintos senhores e senhoras! Afortunadamente o Grande Arquiteto do Universo, citado pelo cavalheiro que fez a pergunta, pôs um dique ao mal.

O Arcano Dez

Sob o ponto de vista rigorosamente acadêmico, a palavra evolução significa desenvolvimento, construção, progresso, edificação, avanço, dignificação, etc. Fazendo um enfoque gramatical ortodoxo, puro, o termo involução quer dizer regressão, retrocesso, destruição, degeneração, decadência, etc.

Enfatizamos a idéia transcendente de que a Lei das Antíteses coexiste com qualquer processo cruamente natural. Este conceito é absolutamente irrebatível e irrefutável e aqui apresentamos alguns exemplos concretos: dia e noite, luz e trevas, construção e destruição, crescimento e decrescimento, nascimento e morte.

A exclusão de qualquer dessas duas citadas leis − evolução e involução originária a estática, a imobilidade, a paralisação radical dos mecanismos naturais. Negar qualquer um desses preceitos significa cair no barbarismo.

Existe evolução na planta que germina, se desenvolve e cresce. Existe a involução no vegetal que caduca, decresce lentamente, até transformar−se num monte de lenha.

Existe evolução em todo organismo que gesta, nasce e se desenvolve. Existe involução em toda criatura que envelhece e morre.

Existe evolução em qualquer unidade cósmica que surge do caos. Existe involução em todo planeta em estado de consumação, chamado a transformar−se em lua, em cadáver.

Há evolução em toda civilização ascendente. Há involução em qualquer cultura de tipo descendente.

Essas duas leis constituem o eixo mecânico, fundamental da Natureza, sem o qual não poderia girar a roda dos mecanismos naturais. A vida se processa em ondas que giram com o Arcano dez do Tarô.

Ondas essenciais iniciam sua evolução no reino mineral; prosseguem com o estado vegetal e continuam na escala animal. Por último, alcançam o nível de tipo humanóide intelectual.

Ondas de vida descem logo involuindo dentro do interior do organismo planetário para baixar pelas escalas animal e vegetal até regressar ao reino mineral. Gira a roda do Samsara. Pelo lado direito ascende Anúbis evoluindo. Pelo lado esquerdo desce Tiphon involuindo. A estada dentro do estado humanóide intelectual é algo demasiado relativo e circunstancial. Com muita exatidão nos tem sido dito que qualquer período humanóide consta sempre de 108 existências de tipo evolutivo e involutivo. Para cada ciclo humanóide racional está consignado 108 existências guardando estrita concordância matemática com o número de contas que formam o colar de Buda.

Depois de cada época humanóide, de acordo com as leis do Tempo, Espaço e Movimento, gira inevitavelmente a roda do Arcano dez do Tarô. É evidente então que as ondas de vida que involuem descem ao interior do organismo planetário para reascender, evolutivamente, mais tarde.

Três mil vezes gira a roda do Samsara. Compreender isto, captar seu profundo significado é indispensável e inadiável se realmente ansiamos a libertação final.

Continuamos com o presente capítulo, é necessário chamar a atenção do leitor com o propósito de afirmar o seguinte: concluídos os três mil períodos da grande roda, qualquer tipo de Auto Realização íntima torna−se impossível. Noutras palavras, afirmamos que a toda Mônada matematicamente corresponde três mil ciclos para sua Auto Realização interior profunda. Após a última volta da roda as portas se fecham. Quando isto ocorre, a mônada, a chispa imortal, nosso Real Ser recolhe sua Essência e seus princípios para absorver−se definitivamente no seio d'Isso que não tem nome, o Supremo Parabrahatman. É óbvio que as Mônadas fracassadas não conseguiram o mestrado. Possuem a felicidade divinal, mas não têm legítima autoconsciência. São apenas chispas da Grande Fogueira, não puderam transformar−se e, chamas. Nenhum tipo de desculpas poderão dar essas chispas, pois as três mil voltas da roda se processam através de muitos dias cósmicos e em variados cenários universais, oferecendo infinitas possibilidades.

Sobre a roda do Arcano dez vemos uma esfinge adornada com uma coroa de nove pontas metálicas.

Tal figura egípcia não se encontra situada nem à direita, nem à esquerda da grande roda. A coroa nos está falando da nona esfera, do sexo, do trabalho esotérico na Frágua Acesa de Vulcano. Essa hierática imagem tão afastada das leis evolutivas e involutivas, simbolizadas nos lados direito e esquerdo da

roda, nos está indicando a senda da Revolução da Consciência, a Sabedoria Iniciática Real.

Só entrando pelo caminho da rebelião íntima, só apartando−nos das sendas evolutivas e involutivas da roda do Samsara, poderemos nos transformar em homens autênticos, legítimos e verdadeiros. A exclusão intransigente da Doutrina da Transmigração das Almas ensinada por Krishna, o grande avatar hindu, vem nos engarrafar no dogma da evolução.

Em questões de esoterismo, orientalismo, ocultismo, etc., os eruditos têm plena liberdade para escrever o que lhes aprouver. Contudo, não devem esquecer o Livro de Ouro. Quero referir−me ao padrão de medidas, o Tarô.

Ninguém poderia violar impunemente as leis do Tarô sem receber o troco. Recordai que existe a lei da katância (o karma superior). Há, portanto, responsabilidade nas palavras.

O dogma da evolução viola as leis cósmicas do Arcano dez do Tarô, viola os desideratos do livro de ouro e conduz muitas pessoas ao erro.

Todo erudito ocultista, esoterista, deve sempre apelar para o padrão de medidas, o Tarô, se não quiser cair no absurdo.

Paz Inverencial

Samael Aun Weor

1 − O Inferno

Pergunta – O Inferno de fogo e chamas, do qual nos fala a religião católica, nos tempos atuais já não podemos admiti−lo mais que uma superstição religiosa, de acordo com os homens de ciência. É isto certo, Mestre?

Venerável Mestre – Distinto cavalheiro! Permita−me informar−lhe que qualquer inferno do tipo religioso é exclusivamente simbólico.

Não é demais, nestes instantes, recordar o inferno de gelo dos nórdicos, o inferno chinês com todos os seus suplícios amarelos, o inferno budista, o inferno maometano ou a ilha infernal dos antigos povoadores do país de Maralpleicie, cuja civilização hoje já se oculta entre as areias do deserto de Gobi.

Inquestionavelmente, estes variados infernos tradicionais alegorizam, de forma enfática, o reino mineral submerso.

Recorde o Senhor, bom amigo, que Dante atravessou seu “Infernus” entre as entranhas vivas da Terra. Leia−se a Divina Comédia.

P. – Mestre, o senhor nos fala do mundo mineral submerso; no entanto, todas as perfurações das companhias mineradoras e petroleiras e de outra índole, que foram praticadas sobre a crosta terrestre, não mostraram sinais de um mundo vivo que pudesse estar sequer na primeira camada interior da Terra. Onde se encontra esse mundo mineral submerso?

V.M. – Grande amigo! Permita−me informar−lhe que o mundo tridimensional de Euclides não é tudo.

Ostensivelmente, acima deste mundo de três dimensões (comprimento, largura e altura) existem várias dimensões superiores. Obviamente, de acordo com a lei dos contrastes, sob esta zona tridimensional existem também várias infradimensões de tipo mineral submerso.

É indubitável que os citados infernos de tipo dantesco correspondem a estas infradimensões.

P. – Perdoa−me, Mestre, que insista, porém, em todos os livros que por minha inquietude esquadrinhei, não recordo de nenhum escrito ou documento que nos fale dessas infradimensões, quanto menos nos indique como

podemos descobri−las. Portanto, pergunto−lhe, qual é o objetivo de falar de infradimensões que, até onde pude comprovar, nenhum ser humano viu ou apalpou?

V.M. – Distinto cavalheiro! Sua pergunta me parece interessante. Porém, convém esclarecer que o Movimento Gnóstico Cristão Universal tem sistemas, métodos de experimentação direta, mediante os quais podemos verificar a crua realidade das infradimensões da natureza e do cosmos.

Nós podemos e devemos situar os nove círculos dantescos, precisamente, debaixo da epiderme da Terra, no interior do organismo planetário em que vivemos.

Obviamente, os nove círculos citados correspondem inteligentemente a nove infradimensões naturais.

Resulta palmário e manifesto que os nove céus da Divina Comédia de Dante são nove dimensões de tipo superior, intimamente correlacionados com as nove de tipo inferior.

Quem estudou alguma vez a Divina Comédia do ponto de vista esotérico não poderá ignorar a realidade dos mundos internos.

P. – Mestre, que diferença básica existe entre os infernos do catolicismo e os que considera o Movimento Gnóstico?

V.M. – Bom amigo! A diferença entre os infernos simbólicos de uma e outra religião é a que pode haver entre bandeira e bandeira de diferentes nações. Cada país alegoriza sua existência com um pavilhão nacional; assim também, cada religião simboliza os mundos infernos com alguma alegoria de tipo infernal.

Porém, infernos cristãos ou chineses, ou budistas, etc., etc., todos eles, no fundo, não são senão diferentes emblemas que correspondem ao cru realismo dos infernos atômicos da natureza e do cosmos.

P. – Por que as pessoas têm pesadelos, como dizemos vulgarmente? Que acontece nesse caso? Será que viajam a esses mundos infradimensionais?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta interessante pergunta do auditório. Quero, senhores e senhoras, que compreendam o que são, certamente, os pesadelos.

A anatomia oculta ensina que, no baixo ventre, existem sete portas infernais, sete chacras inumanos, ou vórtices negativos de forças sinistras.

Pode dar−se o caso de que alguém, indigestado por alguma comida pesada, ponha em atividade, mediante a desordem, tais chacras infernais. Então se abrem as portas abismais, como o ensina claramente a religião de Maomé, e o sujeito penetra, nessa noite, nos mundos infernos.

Isto é possível mediante o desdobramento da personalidade. Não é difícil para o ego penetrar na morada de Plutão.

Os monstros dos pesadelos existem realmente; provêm originalmente dos tempos arcaicos; habitam normalmente nas infradimensões do mundo mineral submerso.

P. – Quer isto dizer, Venerável Mestre, que não somente os que morreram sem ter salvo sua alma entram no Inferno?

V.M. – Resulta patente, claro e manifesto que os vivos também penetram nos mundos infernos, como o estão demonstrando os pesadelos. Ostensivelmente, o infraconsciente humano é de natureza infernal; poderia dizer−se, com inteira claridade meridiana, que nos infernos atômicos do homem estão todos os horrores abismais. Com outras palavras enfatizamos o seguinte: Os abismos infernais de maneira alguma se acham divorciados de nosso próprio subconsciente e infraconsciente. Agora compreenderá o auditório o motivo pelo qual é tão fácil penetrar, a qualquer hora, dentro dos nove círculos dantescos.

P. Querido Mestre, realmente não compreendo por que primeiro nos diz que os mundos internos se acham nas infradimensões da Terra e, depois, menciona que esses abismos atômicos se encontram dentro de nós mesmos. Quisera ser tão amável de me esclarecer isto?

V.M. – Sua pergunta me parece magnífica. Quem quiser descobrir as leis da natureza deve encontrá−las dentro de si mesmo. Quem, dentro de si mesmo não encontre o que busca, não o encontrará fora de si mesmo, jamais. Os antigos disseram: “Homem, conhece−te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”. Tudo o que existe na natureza e no cosmos devemos encontrá−lo em nosso interior. Assim, pois, os nove círculos dantescos infernais estão dentro de nós mesmos, aqui e agora.

P. – Mestre, eu tive pesadelos onde vi um mundo de obscuridade e muitos monstros. Será que entrei nesses mundos infradimensionais ou infernais?

V.M. – Sua pergunta resulta bastante importante. É necessário que o auditório compreenda que essas infradimensões estão no fundo submerso de nossa natureza. Obviamente, repito, com os pesadelos se abrem as sete portas dos infernos atômicos do baixo ventre e, então, descemos aos mundos submersos.

Raras são as pessoas que em sua vida não fizeram alguma visita ao reino de Plutão. Entretanto, é bom, senhores e senhoras, que, ao estudar esta questão, pensemos no cru realismo natural desses mundos que estão colocados nas infradimensões do planeta em que vivemos. Pensemos, por um instante, em mundos que se penetram e compenetram sem se confundirem, em regiões densamente povoadas, etc., etc. De modo algum devemos tomar as alegorias religiosas à letra morta; busquemos o espírito que vivifica e que dá vida. Os diversos infernos das religiões alegorizam realidades cruamente naturais. Não devemos confundir os símbolos com os fenômenos cósmicos em si mesmos.

P. – Mestre, quisera que me explicasse o senhor um pouco mais sobre esses mundos infernos, já que, dentro desses pesadelos que tive, nunca vi luz, nem rostos formosos. Poderia dizer−me por quê?

V.M. – Com o maior gosto darei resposta a esta pergunta. As trevas infernais são outro modo da luz; correspondem, certamente, à gama do infravermelho. Os habitantes de tais domínios subterrâneos percebem as diversas variantes do colorido, correspondente a essa zona do espectro solar.

Quero que os senhores, meus amigos, compreendam que todas as cores que existem no ultravioleta se encontram também no infravermelho.

Que existe um amarelo no infravermelho, isto é algo muito notável; porém, no infravermelho, o amarelo existe também, de forma diferente, e assim também sucede com as demais cores. Assim, pois, repito, de forma enfática, o seguinte: As trevas são outra forma de luz.

Inquestionavelmente, os habitantes do reino mineral submerso se acham demasiado afastados do Sagrado Sol Absoluto e, por isso, resultam, certamente, terrivelmente malignos e espantosamente feios.

P. – Eu concebo, Mestre, que, nos mundos submersos da Terra, exista toda classe de monstros e que aí habitem, porém, como é possível que dentro de mim mesmo, que sou tão pequeno em comparação com o planeta, possa encontrar precisamente esses mundos?

V.M. – Bom amigo! Permita−me dizer−lhe que qualquer molécula de amido ou de ferro, cobre, etc., etc., é todo um sistema solar em miniatura. Um discípulo de Marconi imaginava precisamente o nosso sistema solar como uma grande molécula cósmica.

Quem não descobre, numa simples molécula, o movimento dos planetas ao redor do Sol está, certamente, muito longe de compreender astronomia.

Nada se encontra desligado neste universo. Em verdade, não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito. Assim, também, dentro de cada um de nós há forças e átomos que se correlacionam ora com as esferas celestes, ora com as esferas infernais.

É bom saber que, em nosso organismo, existem centros psíquicos que nos põem em relação com as nove dimensões superiores do cosmos ou com as nove dimensões inferiores.

Já disse claramente que este mundo tridimensional em que vivemos não é tudo; pois, acima, temos as dimensões superiores e, abaixo, as inferiores.

Inquestionavelmente, todas estas dimensões, celestiais ou infernais, estão relacionadas com as distintas zonas de nossa própria psique e por isso é que, se não as descobrimos dentro de nós mesmos, não as descobriremos em nenhuma parte.

P. – Mestre, o senhor menciona amiúde a palavra abismos atômico. Por que atômicos?

V.M. – Esta pergunta me parece extraordinária e com o maior gosto vou dar resposta. Antes de tudo, quero que o senhor saiba que todo átomo é um trio de matéria, energia e consciência.

Pensemos, por um momento, nas inteligências atômicas; obviamente existem as solares e as lunares. Também existem inteligências malignas atômicas, terrivelmente perversas.

Os átomos do Inimigo Secreto, dentro de nosso organismo, estão controlado por certo átomo maligno, situado exatamente no osso coccígeo.

Este tipo de átomos causa enfermidades e origina, em nós, distintas manifestações de perversidade.

Ampliemos um pouco mais esta informação e pensemos, por um momento, em todos os átomos malignos do planeta Terra. Obviamente os mais pesados, os mais demoníacos habitam na morada de Plutão, quer dizer, nas infradimensões do mundo em que vivemos. Agora compreenderá o senhor o

motivo pela qual falamos de abismos atômicos, de infernos atômicos, etc.

P. – Creio que a maioria de nós, quando pensamos em termos de átomos, imaginamos algo infinitamente pequeno. Logo, então, quando nos fala de que todos os sóis e planetas do cosmos constituem um átomo, transtorna um pouco nosso processo raciocinativo. É isto congruente, Mestre?

V.M. – Distinto cavalheiro e amigo! Jamais me ocorreu pensar em reduzir todo o universo ou os universos a um simples átomo. Permita−me dizer−lhe que os mundos, sóis, satélites, etc., são constituídos por somas de átomos e isto é diferente, verdade? Se em alguma parte de minha oratória comparei o sistema solar com uma grande molécula, eu o fiz baseado na lei das analogias filosóficas; jamais quis reduzir tal sistema a um simples átomo.

2 − Os Três Aspectos do Interior da Terra

P. – Mestre, pelo que nos expôs anteriormente, devemos entender que debaixo das camadas inferiores da Terra só existem infradimensões, já que as supradimensões, que correspondem aos céus, somente se encontram acima da camada terrestre?

V.M. – Distinto senhor! Sua pergunta me parece certamente interessante e me apresso a responder−lhe.

É bom que todos os senhores entendam que este organismo planetário em que vivemos tem, em seu interior, três aspectos claramente definidos. Primeiro, região mineral meramente física. Segundo, zona supradimensional. Terceiro, zona infradimensional.

P. – Aceitando que no interior da Terra existiriam estes três aspectos de que nos fala (e, no meu caso, o aceito hipoteticamente, esclareço), teríamos que chegar à conclusão de que as nove esferas celestes convivem com os infernos que correspondem às infradimensões. Acaso é congruente que os céus se situem na mesma localidade que têm os infernos?

V.M. – Distinto cavalheiro! É urgente compreender, de forma integral, que tudo na natureza e no cosmos se resume em somas e restos de dimensões que se penetram e compenetram mutuamente sem se confundir.

Existe um postulado hermético que diz: “Tal como é acima é abaixo”. Aplique o senhor este postulado ao tema em questão.

É ostensível que os nove céus têm, no interior de nosso organismo planetário, suas correlações de acordo com a lei das correspondências e da analogias.

Estes nove céus, no interior do organismo planetário em que vivemos, correlacionam−se inteligemente com as nove zonas profundas do planeta Terra.

Porém, ainda não expliquei a fundo a questão. O que sucede realmente é que estes nove céus têm um centro de gravitação atômico, situado exatamente no centro do planeta Terra.

De outra forma, quero dizer−lhe e dizer−lhes a todos vocês, senhores e senhoras, que os nove céus gravitam no átomo central do planeta Terra, estendendo−se muito mais além de todo o sistema solar.

Este mesmo processo se repete com cada um dos planetas do sistema solar de Ors.

P. – Esta exposição, Venerável Mestre, me parece muito bela e encaixa perfeitamente nas lacunas de meu entendimento; porém devo manifestar que, de acordo com os preceitos da lógica, não pode demonstrar com clareza a explicação que o senhor nos deu; portanto, como podemos chegar a verificar sua afirmação neste sentido?

V.M. – Estimável cavalheiro! Sua pergunta é inquietante. Inquestionavelmente, a lógica formal nos conduz ao erro. Não é por meio de tal lógica que podemos chegar à experiência do real; necessitamos de uma lógica superior, que existe afortunadamente. Já Ouspensky escreveu o "Tertium Organum", o terceiro cânone do pensamento. É ostensível que existe o sentido da unidade na experiência mística de muitos sujeitos transcedidos.

Tais homens, mediante o desenvolvimento de certas faculdades cognocistivas, puderam verificar, por si mesmos e de forma direta, a realidade dos mundos infernos no interior deste planeta em que vivemos.

O interessante de tudo isto é que os dados enunciados por uns e outros adeptos são similares, apesar de morarem tais homens em diferentes lugares da Terra.

P. – Quer dizer−nos então, Mestre, que somente a certos e muito reduzido número de adeptos tocou a sorte de ter estes poderes cognoscitivos; é lhes dado comprovar as infradimensões e as supradimensões dos planetas e do cosmos, bem como do próprio homem?

V.M. – No terreno da experimentação direta, no campo da metafísica prática, existe uma variedade de sujeitos com faculdades psíquicas mais ou menos desenvolvidas.

É óbvio que há discípulos e mestres. Os primeiros podem dar−nos informações mais ou menos incipientes; os segundos, os adeptos ou mestres, dispõem de faculdades imensamente superiores que os capacitam para investigações de fundo, que lhes permitem, então, falar de forma mais clara, mais precisa e mais detalhada.

P. – Se o senhor, Mestre, nos ensinou que corroboremos, por experiência própria, o que afirmam os adeptos e os iluminados, cabe, então, a

possibilidade de que nós, os profanos, possamos verificar, por vivência própria, a realidade dos mundos infernos, fora das experiências de um simples pesadelo causado por uma indigestão estomacal?

V.M. – Estimável senhor! É óbvio que a experimentação direta no terreno da metafísica só é exeqüível a sujeitos que tenham desenvolvido as faculdades latentes do homem. Mas, quero dizer−lhe, com inteira claridade, que toda pessoa pode experimentar sumariamente o cru realismo de tais infernos atômicos, quando cai nesses asquerosos pesadelos.

Indubitavelmente, não quero dizer com isto que os mencionados pesadelos permitam a verificação completa do cru realismo das infradimensões da natureza.

Quem quiser realmente vivenciar isso que está por baixo do mundo tridimensional de Euclides deve desenvolver certas faculdades e poderes psíquicos muito especiais.

P. – É possível que todos nós possamos desenvolver estas faculdades?

V.M.− Distinto cavalheiro! Quero informar−lhe que o Movimento Gnóstico Internacional possui métodos e sistemas, mediante os quais todo ser humano pode desenvolver, de forma consciente e positiva, seus poderes psíquicos.

P. – Mestre, poderia dizer−nos o que devemos entender acerca de que o demônio habita em infernos que têm labaredas de fogo e um tremendo cheiro de enxofre, onde se castiga os seres que nesta vida se portaram mal?

V.M. – Vou dar resposta à pergunta do cavalheiro. Inquestionavelmente, nas regiões submersas do reino mineral, sob a própria epiderme do planeta Terra, existem diversas zonas. Recordemos, por um instante, a zona ígnea. É ostensível que está demonstrada com a erupção dos vulcões. Citemos a zona aquosa. Ninguém poderia negar que, no interior deste organismo planetário, haja água. Pensemos, por um momento, no elemento etéreo. Ainda que pareça incrível, dentro de nosso planeta Terra existem também correntes de ar, zonas especiais. Até se tem dito, com inteira claridade meridiana, que existe, no interior deste mundo, certa vasta região completamente oca, aérea, diríamos nós. De modo algum poderíamos negar o realismo de pedras, areias, rochas, metais, etc., etc., etc.

Ao pensar em conceito de demônio ou demônios, relembremos também as almas perdidas. Isto é verdadeiramente interessante.

Muitos habitantes do interior ou demônios, relembremos também as almas perdidas. Isto é verdadeiramente interessante.

Muitos habitantes dos mundos infernos moram na região do fogo; mas outros vivem nas regiões aéreas e, por último, habitam as regiões aquáticas e as zonas minerais.

É óbvio que os habitantes do interior terrestre se encontram muito relacionados com o enxofre, posto que isto é parte integrante dos vulcões. Porém, é evidente que, de forma específica, só os moradores do fogo poderiam achar−se tão associados ao enxofre. Quero, pois, distinto cavalheiro, honorável público, respeitáveis senhores e senhoras, que vocês compreendam o Inferno ou "Infernus" na forma cruamente natural, sem artifícios de nenhuma espécie.

P. – Poderia o senhor dizer−me, Mestre, por que, sendo a região do baixo ventre a dos mundos infernos, encontra−se situada na região do cordão prateado? Quer dizer isto que dito cordão se comunica constantemente com nossos mundos infernos?

V.M. – Honorável senhor! Quero responder−lhe com perfeita clareza. Muito se tem dito sobre o cordão de prata; é indubitável que toda alma está conectada ao corpo físico por meio desse fio magnético. Foi−nos dito que um ramo deste cordão, ou fio da vida, se acha relacionado com o coração e que o outro, com o cérebro.

Diversos autores enfatizam a idéia de que sete destes ramos derivados do cordão de prata encontram−se conectados com sete centros específicos do organismo humano.

Em todo caso, esse fio na vida, esse cordão do qual o senhor nos fala, base própria de sua pergunta, de modo algum está conectado aos sete chacras do baixo ventre. Resulta interessante saber que, durante as horas de sono, a Essência, a alma, escapa do corpo físico para viajar a diferentes lugares da Terra ou do cosmos. Então, o fio magnético de nossa existência se solta, se alonga−se infinitamente, atraindo−nos, depois, ao corpo físico para despertar no leito.

P. – Mestre, poderia ampliar−me isto que o senhor acaba de dizer, com respeito a que os sete chacras se encontram no baixo ventre, já que nos disse em outras conferências, em seus próprios livros inclusive, que os sete chacras se encontram repartidos em diferentes partes de nosso organismo?

V.M. – Honorável cavalheiro! Escutei sua pergunta e me apresso a responder−lhe com o maior agrado.

Vejo que você, senhor, confundiu os sete chacras do baixo ventre com as Sete Igrejas do Apocalipse de São João, situadas na espinha dorsal.

Indubitavelmente, em nenhuma parte da conferência que esta noite estamos desenvolvendo aqui, na cidade do México, D.F., fiz alusão alguma a tais centros magnéticos ou vórtices de força, situados no bastão de Brahama, ou medula espinhal.

Só temos citado, mencionado as sete portas infernais de que fala a religião de Maomé, os sete centros específicos ou chacras situados no baixo ventre e relacionados com os mundos infernos. Isto é tudo! Entendido?

P. – Por todo o antes exposto, podemos coligir, Venerável Mestre, que o aspecto físico do centro da Terra pertence ao mundo tridimensional e que os aspectos supradimensionais e infradimensionais estão situados nessas regiões subterrâneas do planeta, onde não chega a percepção intelectual e sensorial tridimensional do animal racional?

V.M. – Distinto cavalheiro! Quero informar ao senhor e, em geral, a todo este auditório que me escuta que nossos cinco sentidos só percebem os aspectos tridimensionais da existência; entretanto, são incapazes de perceber os aspectos supradimensionais ou infradimensionais da Terra e do cosmos.

É óbvio que as regiões subterrâneas de nosso mundo revestem−se de três aspectos fundamentais. Entretanto, os sentidos ordinários só percebem de forma só percebem de forma superficial o físico, o tridimensional. Se queremos conhecer as dimensões superiores e inferiores do interior da Terra, devemos desenvolver outras faculdades de percepção que se encontram latentes na raça humana.

P. – Querido Mestre, devemos entender que tanto nas supradimensões como nas infradimensões habitam seres vivos?

V.M. – Amigos meus! Inquestionavelmente, as três zonas do interior do nosso mundo estão habitadas. Se nas infradimensões vivem as almas perdidas, nas supradimensões do interior planetário moram muitos Devas, elementais de ordem superior, deuses, mestres, etc., que trabalham intensivamente com as forças inteligentes desta grande natureza. Poderíamos falar muito extensamente sobre as populações das zonas central, ou supradimensionais, ou infradimensionais do interior do nosso mundo; porém, isto o deixaremos para as próximas conferências. Por hora me despeço dos senhores,

desejando−lhe muito boa noite.

4 − Mônadas e Essências

Queridos amigos! Novamente estamos reunidos aqui, neste lugar, para conversar detidamente sobre as distintas causas que conduzem os humanóides intelectuais pelo caminho descendente, até as regiões infernais.

Inquestionavelmente, milhões de criaturas involutivas descendentes estão, nestes instantes, atravessando o Aqueronte, para ingressar no Averno.

Ondas de humanóides, depois de completar o ciclo de existências no mundo físico tridimensional de Euclides, deixam de tomar humanos corpos, para submergir no reino mineral.

Certamente, o mal do mundo, por monstruoso que este seja, tem um dique, um limite definido.

Que seria do universo se não existisse um obstáculo infranqueável para o mal?

Obviamente, este último se desenvolveria infinitamente, até reinar soberanos em todas as esferas.

Cabe aqui destacar, com inteira claridade meridiana, a tremenda realidade das 108 existências que são atribuídas a toda Essência vivente, a todo princípio anímico divinal.

Vem isto recordar−nos as 108 contas do colar de Buda e as 108 voltas que o brâmane indostânico faz ao redor da vaca sagrada. É indubitável que com a última destas finaliza seu rito diário; então introduz a ponta da cauda do mencionado animal alegórico dentro do vaso de água que vai beber.

Entendido tudo isto, podemos prosseguir. É óbvio que a Divina Mãe Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes intenta conseguir nossa auto−realização íntima durante o curso das 108 existências, que a cada um de nós nos são atribuídas. Ostensivelmente, dentro de tal ciclo de vidas sucessivas, temos inumeráveis oportunidades para a auto−realização. Aproveitá−las é o indicado. Desafortunadamente, nós reincidimos no erro incessantemente e o resultado, ao fim, sói ser o fracasso.

Resulta palmário e evidente que nem todos os seres humanos querem trilhar a senda que há de conduzi−los à liberação final.

Os distintos mensageiros que vem do alto, profetas, avataras, grandes apóstolos, quiseram sempre sinalizar−nos, com precisão exata, a pedregosa senda que conduz à autêntica e legítima felicidade.

Desgraçadamente, as pessoas nada querem com a sabedoria divina. Encarceraram os mestres, assassinaram os avataras, banharam−se com o sangue dos justos, odeiam mortalmente tudo o que tenha sabor de divindade.

Não obstante, todos, como Pilatos, lavam as mãos. Crêem−se santos, supõem que marcham pelo caminho da perfeição.

Não podemos negar o fato contundente e definitivo de que existem milhões de equivocados sinceros que, muito honradamente, se presumem de virtuosos e pensam de si mesmos o melhor.

No Tártaro vivem anacoretas de toda espécie, místicos equivocados, sublimes faquires, sacedortes de muitos cultos, penitentes de toda espécie, que tudo aceitariam, menos a tremenda verdade de que estão perdidos e que marcham pelo caminho da maldade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: “De mil que me buscam, um em encontra; de mil que me encontram, um me segue; de mil que me seguem, um é meu.”

O Bhagavad−Gita diz, textualmente, o seguinte: “Entre milhares de homens, talvez um intente chegar à perfeição; entre os que intentam, possivelmente um logra a perfeição; e, entre os perfeitos, quiçá um me conhece perfeitamente.”

Jesus, o Grande Kabir, põe ênfase na dificuldade para entrar no reino: “Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque cerrais o Reino dos Céus diante dos homens, pois não entrais vós, nem deixais entrar os que estão entrando. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas e, como pretexto, fazeis longas orações. Por isto recebereis maior condenação.” Referindo−se o Grande Kabir Jesus a tantos falsos apóstolos que andam por aí fundando diversas seitas, que jamais conduzirão a liberação final, diz: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque percorreis mar e terra para fazer um prosélito e, uma vez feito, o fazeis duas vezes mais filho do Inferno que vós.”

O grava, distintos amigos, nobres irmãos, respeitáveis damas, é que aqueles que estão perdidos, os equivocados sinceros, pensam sempre que vão muito bem.

Como fazer compreender às pessoas que vão mal? Como fazer−lhes entender que o caminho que conduz ao Abismo está empredado de boas intenções? De que forma poderia demonstrar às pessoas de Consciência adormecida que a seita à qual pertencem ou a escola tenebrosa à qual se afiliaram há de conduzí−los ao Abismo e à morte segunda?

É inquestionável que ninguém pensa de sua seita o pior. Todos estão convencidos com as palavras dos cegos guias de cegos.

Certamente e em nome da verdade, temos que dizer, com grande franqueza, que só despertando Consciência poderemos ver o caminho angusto, estreito e difícil que conduz à luz.

Como poderiam ver a senda aqueles que dormem? Acaso a mente poderia descobrir a verdade?

Escrito está, com palavras de ouro, no grande livro da vida universal, que a mente não pode reconhecer o que jamais conheceu.

Credes vós, acaso, que a mente conheceu alguma vez isso que é o real, a verdade?

É ostensível que o entendimento vai do conhecido ao conhecido, move−se dentro de um círculo vicioso, e sucede que a verdade é o desconhecido de instante em instante.

Rogo−vos, queridos irmãos, nobres amigos, distintas damas, que reflitais um pouco.

A mente pode aceitar ou rechaçar o que queira, crer ou duvidar, etc., etc., etc., porém, jamais poderá conhecer o real.

Observai cuidadosamente o que acontece nos distintos rincões do mundo. É ostensível que por todo lugar circulam os livros sagrados e eles servem de fundamento a muitos cultos religiosos.

Não obstante, quem entende os conceitos de conteúdo desses livros? Quem tem plena Consciência do que em cada versículo está escrito? As multidões só se limitam a crer ou a negar, e isso é tudo.

Como prova disto que estou afirmando, vede quantas seitas se formaram com os versículos maravilhosos dos quatro evangelhos cristãos.

Se os devotos tivessem plena Consciência do crístico evangelho predicado pelo Grande Kabir Jesus, é óbvio que não existiriam tantas seitas. Em verdade, haveria uma só religião crística de tipo cósmico−universal. Não obstante, os crentes não conseguem pôr−se de acordo, porque têm a Consciência adormecida. nada sabem, nada lhes consta, nunca observaram pessoalmente com um anjo, jamais entraram consciente e positivamente nas regiões celestes. Andam, porque outros andam; comem, porque outros comem; dizem o que os outros dizem e, assim, marcham, desde o berço até o sepulcro, com uma venda nos olhos.

Desgraçadamente, o tempo passa com uma rapidez que aterra. Acaba o ciclo de existências humanas e, por último, convencidos os devotos de que vão pelo caminho reto, ingressam na morada terrível de Plutão, onde somente se escuta o pranto e o ranger de dentes.

O descenso das ondas humanas no interior do organismo planetário realiza−se baixando pelas escalas animal e vegetal, até ingressar definitivamente no estado mineral, no próprio centro do planeta Terra.

Quero que saibas, quero que compreendais que é no próprio centro deste planeta onde milhões de humanóides passam por essa morte segunda de que falara o Apocalipse de São João.

É evidente que a destruição do si mesmo, a aniquilação do ego, a dissolução do si mesmo nas regiões submersas do Averno é absolutamente indispensável para a destruição do mal dentro de cada um de nós.

Obviamente, só mediante a morte do ego faz−se possível a liberação final da Essência. Então esta ressurge, sai à superfície planetária, à luz do Sol, para reiniciar um novo processo evolutivo dentro da roda dolorosa do Samsara.

O reascenso se verifica sempre atravessando os estados mineral, vegetal e animal, até reconquistar o estado de humanóide que outrora se perdera.

É claro que, com o reingresso a este estado, novamente nos são atribuídas outra vez 108 existências que, se não as aproveitamos devidamente, nos conduzirão pelo caminho descendente de regresso ao Averno. Em todo caso, queridos irmãos, nobres damas que me escutam, é bom que saibais que a toda Essência, que a toda Alma, são atribuídas sempre 3.000 destes ciclos de manifestação cósmica.

Aqueles que fracassam definitivamente, aqueles que não sabem aproveitar as inumeráveis oportunidades que estes 3.000 períodos nos deparam, nos conferem, ficarão para sempre excluídos da maestria. Neste último caso, aquela chispa imortal que todos levamos dentro, a Mônada sublime, recolhe sua Essência, quer dizer, seus princípios anímicos, absorve−a em si mesma e submerge, logo, no Espírito Universal da Vida para sempre.

Assim, pois, as Mônadas sem maestria, aquelas que não a lograram ou não a quiseram definitivamente, ficaram excluídas de toda escala hierárquica. Aclaro: nem todas as chispas imortais, nem todas as Mônadas sublimes querem a maestria.

Quando alguma Mônada, quando alguma chispa divinas quer de verdade alcançar o sublime estado de Mônada Mestre, é indubitável que trabalha então a sua Essência, despertando, nesta alma, infinitos anelos de espiritualidade transcedente.

P. Querido Mestre, por tudo o que o senhor acaba de expor, parece ser, se não me equívoco, que isso é precisamente o que quis dizer o Senhor Krishna, quando falou da transmigração das almas, e também o Mestre Pitágoras, quando se referiu à metempsicose. É isto assim?

V.M. – Escuto a palavra do cavalheiro que fez a pergunta e é claro que me apresso a respondê−la. Amigos, senhoras! Certamente isto que estou afirmando esta noite tem documentação na Índia e na Grécia. A primeira, com a maravilhosa doutrina exposta por aquele antigo avatara indostão chamado Krishna e, na segunda, a doutrina de Pitágoras.

Obviamente, a metempsicose daquele grande filósofo grego e a doutrina da transmigração das almas, ensinada pelo avatara hindu, são idênticas na forma e no fundo. Desafortunadamente, as pessoas tergiversam o ensinamento e, por último, o rechaçam de forma arbitrária.

P. Preclaro Mestre, o que não compreendo é a razão pela qual distintas figuras reconhecidas como mestres, tais como a senhora H.P.B. e Charles Leadbeater, assim como Annie Besant, fundadores da Sociedade Teosófica, e pessoas com faculdades de clarividência, clariaudiência e outros poderes nunca repararam nos fatos que tanto o Grande Kabir Jesus como Krishna, Pitágoras e o senhor, Mestre Samael, ensinaram, senão, pelo contrário, preconizaram, em vastos tratados de grande reconhecimento no mundo das escolas pseudo−esotéricas, que o homem, inexoravelmente, caminha pela via ascendente da evolução, até que algum dia, no decorrer dos tempos, chega à perfeição e a ser uno com o Pai. Pode explicar−nos tal incongruência?

V.M. – Escuto a um senhor que faz uma pergunta muito importante e é inquestionável que me apresso a responder−lhe da melhor forma.

Certamente, as leis da evolução e da involução trabalham de forma harmoniosa e coordenada em toda a natureza.

É indubitável que a toda subida lhe sucede uma descida, a todo ascenso, um descenso. Seria, pois, absurdo supor que a lei da evolução fosse algo diferente.

Se ascendemos por uma montanha, indubitavelmente chegaremos ao cume, depois haveremos de descer. Assim é a lei da evolução e de involução, meus queridos irmãos.

Estas duas grandes leis constituem o eixo mecânico de toda a natureza. Se qualquer destas duas leis deixasse de funcionar sequer um momento, paralisariam, de fato, todos os mecanismos naturais. Há evolução no grão que germina, cresce e se desenvolve; existe involução no vegetal que murcha e morre.

Há evolução na criatura que se desenvolve dentro do ventre materno, na criança que nasce, no adolescente, no jovem; existe involução naquele que envelhece e morre.

Os processos evolutivos e involutivos se acham completamente ordenados dentro desta grande criação.

Desgraçadamente, aqueles que se engarrafaram no dogma da evolução não são capazes de compreender os infinitos processos destrutivos e decadentes de tudo o que é, de tudo o que foi e de tudo o que será.

Nem a evolução nem a involução poderão levar−nos jamais à auto−realização íntima do Ser.

Se nós de verdade queremos liberar−nos, se de forma séria anelamos a autêntica felicidade, necessitamos, de forma urgente e inadiável, meter−nos pela senda da Revolução da Consciência.

Não é demais enfatizar a idéia transcedental e transcendente de que não é possível chegar à grande realidade enquanto giremos incessantemente com a roda do Samsara.

De que serve, senhores e senhoras, retornar incessantemente a este vale de lágrimas, evolucionar e involucionar constantemente e baixar uma e outra vez aos mundos infernos?

É nosso dever despertar Consciência, para ver o caminho que há de conduzir−nos, com precisão absoluta, à liberação final.

Inquestionavelmente, muitas preclaras inteligências do saber oculto transmitiram à humanidade, em finais do século passado e princípios do presente, um ensinamento elementar, simples.

É claro que tais pessoas só se propuseram a ensinar publicamente as primeiras letras da doutrina secreta. Então, não se detiveram demasiado na análise das leis evolutivas e involutivas.

Já R. Steiner, em 1912, asseverou que eles, os Iniciados daquela época, só haviam entregue um ensinamento incipiente, elementar; porém que, mais tarde, se daria à humanidade uma doutrina esotérica superior, de ordem transcendental.

Agora nós estamos entregando este tipo de doutrina esotérica superior.

É, pois, indispensável não condenar ou criticar aqueles que no passado trabalharam de alguma forma pela humanidade. Eles fizeram o que puderam. Agora devemos nós elucidar e aclarar.

P. Mestre, o senhor dizia que algumas Mônadas têm interesse em auto−realizar−se e outras não, apesar de que todas emanam do Absoluto. Eu conceituava que todas tinham o dever de buscar sua auto−realização. Poderia explicar−me um pouco mais sobre isto?

V.M. – Escuto a palavra de um jovem e com o maior gosto vou responder. Antes de tudo, amigos, quero que compreendais que o divinal, Deus, o espírito Universal de Vida, não é ditatorial.

Se isso que é o real, se isso que é a verdade, se isso que não é do tempo fosse de tipo ditadorial, que sorte poderíamos nós aguardar?

Amigos, Deus respeita a si mesmo, sua própria liberdade. Com isto quero dizer−lhes que do seio do divinal não existem ditaduras. Toda chispa virginal, toda Mônada tem plena liberdade para aceitar ou rechaçar a maestria. Entendido?

P. – Com isto que nos acaba de explicar, Mestre, poderíamos dizer que a Mônada é responsável de que a Essência vá ao Inferno?

V.M. – Vejo no auditório uma dama que, com toda sinceridade, me fez uma pergunta e é evidente que alegra responder−lhe. Senhores e senhoras! Quando uma Mônada divinal quer a maestria, é ostensível que o logra trabalhando incessantemente a Essência desde dentro, desde o mais profundo.

Resulta palmário e manifesto que, se a Mônada não está interessada pela maestria, jamais despertará, na Essência incorporada, nenhuma aspiração íntima. Obviamente, neste caso, a Essência, desprovida de todo anelo, enfrascada no ego, embutida entre o mim mesmo, ingressará nos mundos infernos. Assim, pois, respondo de forma enfática, dizendo: A mônada, sim, é culpável do fracasso de toda Essência.

Se a Mônada trabalhasse a Essência realmente, profundamente, é inquestionável que esta última jamais desceria fracassada ao Tártaro.

P. – Mestre, aterra−me pensar que tivesse minha Essência que passar em um sofrimento durante 108 vidas multiplicadas por 3.000, ou seja, 324.000 existências humanas, para que, ao final das contas, chegue a viver no Absoluta em forma de uma Mônada fracassada, ou seja, sem auto−realização. Nestas circunstâncias, bem vale a pena fazer todos os esforços e sacrifícios possíveis para me auto−realizar, por mais sofrimentos que isto implique, já que não são absolutamente nada em comparação com o que a natureza me imporá se escolho o caminho do fracasso. Não o crê o senhor assim?

V.M. – Distinto senhor, grande amigo! Permita−me dizer−lhe, de forma enfática, que toda chispa divinal, que toda Mônada pode eleger o caminho.

É indubitável que, no espaço infinito, existem trilhões de Mônadas absolutamente inocentes, mais além do bem e do mal.

Muitas destas tentaram lograr à maestria. Desafortunadamente fracassaram. Milhões de outras jamais quiseram a maestria. Agora submergidas no seio do Espírito Universal de Vida, gozam da autêntica felicidade divina, porque são centelhas da divindade. Desafortunadamente, não possuem a maestria.

O cavalheiro que faz a pergunta é claro que tem enormes inquietudes; isto se deve a que sua Mônada interior o anima e o trabalha incessantemente. Seu dever é, pois, marchar com firmeza pela Senda do Fio da Navalha, até lograr a auto−realização íntima do Ser.

P. – Mestre, deve−se isto às quais muitas pessoas que se lhes fala dos ensinamentos gnósticos, apesar de que captam perfeitamente o que lhes explicamos, não se decidem a seguir o caminho da Revolução da Consciência? Quer dizer que sua Mônada não as trabalha para que sigam pelo caminho da auto−realização?

V.M. – Ao jovem que faz a pergunta, vou responder−lhe. Necessitamos de reflexão profunda para enfocar esta questão de diversos ângulos. Acontece que a muitas Mônadas agrada marchar lentamente, com o risco de que suas Essências fracassem em cada ciclo de humanas existências; outras preferem trabalhar suas Essências de forma intermitente, de quando em quando; e, por último, temos Mônadas que definitivamente não trabalham sua Essência jamais.

É, pois, este o motivo pelo qual nem todas as pessoas que escutam o ensinamento o aceitam realmente. Não obstante, é conveniente saber que alguém que, por exemplo, na presente existência, não aceitasse o evangelho da nova Era de Aquário poderia aceitá−lo em vidas subseqüentes, sempre e quando não tenha chegado ainda às 108.

P. – Mestre, estas Mônadas que jamais estão interessadas por trabalhar a sua Essência pertencem nada mais que ao planeta Terra ou também existem em outros planetas?

V.M. – Jovem amigo! Recordai a lei das analogias filosóficas, a lei das correspondências e da numerologia; tal como é acima, é abaixo.

A Terra não é o único planeta habitado do espaço estrelado. A pluralidade dos mundos habitados é uma tremenda realidade. Isto nos convida a compreender que as Mônadas de outros planetas também gozam de plena liberdade para aceitar ou rechaçar a maestria.

Personalidade, Essência, é diferente. Com isto quero dizer, de forma enfática, o seguinte: Nem todas as humanas personalidades existentes nos outros mundos habitados do espaço infinito caíram tão baixo como nós, os habitantes da Terra.

Amigos! Nas diversas esferas do infinito existem humanidades planetárias maravilhosas que marcham de acordo com as grandes leis cósmicas. Porém, repito, nem todas as Mônadas querem a maestria.

Infernos existem em todos os mundos, em todas as galáxias; mas nem todos os infernos planetários estão habitados.

O Sol, por exemplo, é um astro maravilhoso que, com sua luz, ilumina a todos os planetas do sistema solar de Ors. Resulta interessante saber que os mundos infernos do astro−rei estão completamente limpos. Obviamente, neste brilhante sol não é possível encontrar fracassos cósmicos; nenhum de seus habitantes marcha na involução submersa. As criaturas que vivem no astro−rei são completamente divinas, espíritos solares.

É conveniente não esquecer que qualquer unidade cósmica que surge à vida possui, inevitavelmente, um reino mineral submerso nas infradimensões naturais.

Existem mundos cujo reino mineral submerso está densamente povoado; entre eles, nosso planeta Terra. Isto indica, assinala o fracasso de muitas Mônadas.

Necessitamos, não obstante, aprofundar um pouco mais nesta questão e entender, com plena caridade, que o descenso de qualquer Essência à morada horripilante de Plutão nem sempre significa fracasso definitivo.

É ostensível que o fracasso final só é para as Essência, para as Mônadas que não lograram a auto−realização íntima em 3.000 ciclos ou períodos de existências. Melhor diríamos, em 3.000 voltas da roda do Samsara; pois, ao chegar à última destas, como já disse tantas vezes, as portas se fecham.

5 − Primeiro Círculo Infernal ou da Lua

Amigos meus! Hoje, aqui reunidos novamente, vamos estudar o primeiro círculo dantesco dos mundos infernos.

É indubitável que esta primeira região submersa corresponde ao “Limbus”, o Orco dos Clássicos, citado por Virgílio, o poeta de Mântua.

Foi−nos dito, com inteira claridade meridiana, que tal zona mineral se acha vivamente representada por todas as cavernas do mundo que, unidas astralmente, vêm complementando a primeira região submersa.

Diz Dante, o velho florentino, que em tal região encontrou todos aqueles inocentes que morreram sem haver recebido as águas do batismo. Deve−se entender tudo isto de forma estritamente simbólica.

Se nós estudamos cuidadosamente o Ramaiana, o livro sagrado dos indostânicos, com assombro místico podemos evidenciar o fato contundente e definitivo de que o Sacramento do Batismo é muito anterior à era cristã.

No Ramaiana podemos verificar o insólito caso de Rama, que certamente fora batizado por seu guru.

Inquestionavelmente, ninguém recebia, nos antigos tempos, a água batismal sem haver sido, antes, plenamente instruído sobre os mistérios do sexo.

É, pois, o Sacramento do Batismo um pacto de magia sexual.

Resulta extraordinário que, ao ingressar em qualquer escola de mistérios, o primeiro que se recebia era o Sacramento do Batismo.

É indispensável, é urgente transmutar as águas puras de vida no vinho de luz do alquimista. Só assim é possível lograr a auto−realização íntima do Ser.

No Orco dos clássicos, no Limbo, encontramos muitos homens ilustrados que morreram sem haver recebido as águas do batismo.

Equivocados sinceros, cheios de magníficas intenções; porém equivocados. Pessoas que creram possível a liberação sem necessidade da magia sexual.

Assim, pois, na primeira região sublunar, debaixo da epiderme deste planeta em que vivemos, moram, frios e sepulcrais, os defuntos.

Sente−se verdadeira tristeza, suprema dor ao contemplar tantos milhões de desencarnados, vagando com a Consciência adormecida na região dos mortos.

Vede−os aí, como sombras frias, com a Consciência profundamente adormecida, como espectros da noite!

As sombras dos mortos vão e vêm por todas as partes, no primeiro círculo dantesco. Ocupam−se das mesmas atividades da vida que passou; sonham com as recordações do ontem; vivem no passado.

P. – Tem−nos explicado o senhor, Mestre, que, na primeira região subterrânea sublunar, denominada Limbo, habitam as almas dos que não foram batizados, entendendo−se por batismo um pacto de magia sexual, o que me move a fazer a seguinte pergunta: Acaso todos os seres que não tenham praticado magia sexual penetram na citada região automaticamente ao desencarnar?

V.M. – Distinto amigo! Sua pergunta resulta bastante interessante e me apresso a responder−lhe.

Quero que os senhores compreendam que a primeira região submersa é como a ante−sala do Inferno. Obviamente vivem ali as sombras de nossos seres queridos; milhões de seres humanos que jamais transmutaram as águas seminais no vinho de luz da alquimia.

São poucas aquelas Essências, aquelas almas que, depois da morte, logram realmente umas férias nos mundos superiores.

É indubitável que a maior parte dos seres humanos retorna de imediato a um novo organismo humano, passando uma temporada no Limbo, antes de se reincorporar novamente.

Não obstante, devido ao estado crítico em que atualmente vivemos, inumeráveis falecidos submergem definitivamente nos mundos infernos, passando pelas esferas tenebrosas da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

A última desta regiões é definitiva. Ali passam os perdidos pela desintegração final, a morte segunda, tão indispensável. Graças a esta espantosa aniquilação, a Essência, a ala logra liberar−se das regiões do Tártaro, para ascender à superfície planetária e reiniciar uma nova evolução que haverá de recomeçar, inevitavelmente, desde o reino mineral.

P. – Como se deve entender, Venerável Mestre, o que, na linguagem da Igreja Romana, se diz que no Limbo entram os meninos inocentes?

V.M. – Distinto amigo.Isto dos meninos inocentes deve ser entendido de forma simbólica, alegórica.

Interprete−se a palavra “inocentes” não em sua forma prístina original, senão como ignorância radical.

Certamente, aquele que desconhece os mistérios do sexo é ignorante, ainda que se presuma de sábio e possua uma vasta erudição.

Recorde que há muitos ignorantes ilustrados que não somente ignoram, senão que, além disso, ignoram que ignoram. Entendido?

P. – Mestre, quer o senhor dizer que a pessoa que não tenha fabricado seus corpos solares não foi batizada?

V.M. – Distinto jovem! Alegra−me sua pergunta, o que nos dá base para uma bela explicação. As Sagradas Escrituras falam claramente do traje de bodas da alma, o To Soma Heliacon, o corpo de ouro do homem solar, viva representação dos corpos supra−sensíveis que toda criatura humana deve formar.

Em nossos passados livros já falamos claramente sobre o trabalho relacionado com a criação dos corpos existenciais do Ser e, por isso, creio que nossos estudantes gnósticos poderão, agora, entender−nos.

É indubitável que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui tais veículos e, portanto, deve criá−lo, trabalhando na Frágua Acesa de Vulcano (o sexo). Vem−me à memória, nestes instantes, o caso de um amigo que desencarnou há já alguns anos. Este era um gnóstico convencido. Contudo, não alcançou fabricar seus corpos existências do Ser. Isto o pude evidenciar na região dos mortos, no Limbo.

Fora do corpo físico o encontrei. Tinha aspecto gigantesco e seu rosto espectral era, certamente, do panteão ou cemitério.

Andava com ele por distintos lugares, por diversas ruas de uma cidade. Inquestionavelmente, sob a região tridimensional de Euclides, no Limbo.

− Está você morto! Disse−lhe.

− Como? Impossível! Eu estou vivo! Tal foi sua resposta.

Ao passar perto de uma régia mansão, fi−lo entrar com o propósito de que se olhasse num espelho. Ele obedeceu minha indicação e, então, o vi muito surpreso.

− Trate de flutuar! Continuei dizendo. Dê um saltinho para que se convença você de que já está morto.

Aquele fantasma, obedecendo, quis voar; mas o vi precipitar−se de cabeça, ao invés de ascender como as aves. Neste instante, assumiu diversas figuras animalescas.

− Tem você agora forma de cavalo, de cachorro, de gato, de tigre,... Assim lhe fui dizendo, conforme suas distintas facetas animalescas ressaltavam.

Certamente, aquele fantasma era formado por um conjunto de eus pendenciadores e gritões que se penetravam e compenetravam mutuamente, sem se confundir. Inúteis foram meus esforços. Aquele desencarnado não pôde entender−me; era um habitante da região dos mortos. Uma soma de eus personificando defeitos psicológicos.

Apesar daqueles amigo ter conhecido a Gnose, não havia conseguido fabricar seu corpo astral. Agora só tinha, ante minha vista, um conjunto de fantasmas, dando a impressão de uma personalidade de fachada. É óbvio que tal sujeito não havia recebido o Sacramento do Batismo. Com outras palavras, diremos que não havia transmutado as águas puras de vida no vinho de luz dos alquimistas.

P. – Mestre, quer dizer, então, que os que habitam a região dos mortos, ou seja, o Limbo, sempre terão a oportunidade de retornar a uma nova matriz?

V.M. – Distinto amigo! Não olvide você que o deus Mercúrio, com seu caduceu, tira sempre as almas submersas no Orco, com o propósito de reincorporá−las num novo organismo. Só assim é possível que, um dia qualquer, possamos ser batizados de verdade. Entendido?

P. – Querido Mestre! Eu entendo que no Limbo ingressam a Essência e os eus do defunto; porém, que não é uma região de sofrimentos. Estou no correto?

V.M. – Distinto cavalheiro! Já que você fala sobre Essência e sobre eus, é bom que coloquemos as cartas sobre a mesa de uma vez, para esclarecer conceitos e definir posições doutrinárias.

Muitos crêem que o ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo, é algo demasiado individual. Assim o supõem, equivocadamente, os múltiplos tratadistas da moderna psicologia.

Nós, os gnósticos, vamos mais longe; gostamos de aprofundar, penetrar em todos os mistérios, inquirir, indagar, etc., etc., etc.

O eu não possui individualidade alguma; é uma soma de diversos agregados psíquicos que personificam nossos defeitos psicológicos; um punhado de erros, paixões, ódios, temores, vinganças, ciúmes, ira, luxúria, ressentimentos, apegos, cobiças, etc., etc.

Estes diversos agregados têm formas animalescas variadas nas regiões hipersensíveis da natureza.

Ao morrer, todo esse conjunto de eus pendenciadores e gritões, toda essa variada gama de agregados psíquicos continua mais além do sepulcro.

Dentro de tais valores negativos, acha−se enfrascada nossa Essência anímica, o material psíquico.

É, pois, ostensível que tal matéria anímica embutida dentro do ego submerge no Orco, no Limbo, para retornar, um pouco mais tarde, a este mundo físico.

P. – Mestre, para uma pessoa adormecida, comum e corrente, seria uma continuação de sua vida o Limbo?

V.M. – Amigo, jovem que faz a pergunta! Considero que está um pouco equivocada; é necessário perguntar melhor para esclarecer.

Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto. Toda personalidade é filha de seu tempo; nasce em seu tempo, morre em seu tempo.

Aquilo que continua mais além do sepulcro é o ego, soma de diversos agregados psíquicos, animalescos e brutais. Quando eu contemplava o amigo do meu relato, com dor pude entender que a personalidade dele havia sido aniquilada. Tudo o que tinha, agora, ante minha vista, era uma soma de grotescas figuras animalescas, penetrando−se e compenetrando−se mutuamente, para dar uma falsa aparência de personalidade sepulcral, fria, espectral.

Que foi feito do meu amigo? Onde estava? Como não havia fabricado o corpo astral é óbvio que tinha deixado de existir. Se meu amigo tivesse fabricado um corpo astral, mediante a transmutação sexual, se tivesse praticado magia sexual realmente, é claro que, sim, teria fabricado o veículo sideral e então teria continuado com sua personalidade astral nas regiões hipersensíveis da natureza. Desgraçadamente, este não tinha sido o caso...

Ser batizado, pois, implica em haver praticado magia sexual. Quem não procedeu assim não recebeu as águas sacramentais; é um habitante do Limbo.

P. – Mestre, esta falsa personalidade, formada por estes grotescos eus, que num tempo era seu amigo, poderia chegar a ser seu inimigo nesta região sem futuro?

V.M. – Jovem amigo! É urgente que você compreenda que o ego é constituído por muitos eus e que alguns destes podem ser nossos amigos ou nossos inimigos. Indubitavelmente, alguns eus daquele fantasma ao qual me referi continuam sendo amigos meus, mas outros é óbvio que podem ser inimigos ou simplesmente grotescos fantasmas indiferentes.

Em todo caso, é o ego quem retorna desde a região do Limbo, para repetir, neste mundo físico, todos os dolorosos dramas das existências passadas.

A personalidade, como já disse, é perecedora, não retorna jamais; e isto é algo que você deve compreender claramente. Saiba diferenciar entre o ego e a personalidade. Compreendido?

P. – Devo entender, Mestre, que o verdadeiro Sacramento do Batismo o pode receber só o que se inicia no Caminho do Fio da Navalha?

V.M.− Distinto senhor! O autêntico Sacramento do Batismo, como já disse nesta conferência, é um pacto de magia sexual. Desgraçadamente, as pessoas passam pela cerimônia batismal, pelo rito, porém não cumprem o pacto jamais. Devido a isso é que ingressam no Limbo. Se as pessoas cumprissem com esse pacto religioso, entrariam de cheio na Sena do Fio da Navalha, naquele sendeiro citado por Cristo quando disse: “Estreita é a porte e difícil o caminho que conduz à luz e muitos poucos são os que o acham.” É indispensável saber que o caminho secreto que conduz as almas até a liberação final é absolutamente sexual.

P. – Mestre, então os desencarnados que têm direito a umas férias são os que começaram a praticar magia sexual?

V.M.− Distinta senhora que faz a pergunta! Convido−a a compreender que o ego jamais pode entrar nas regiões celestes. Para os agregados psíquicos só existe o Abismo e a morte segunda. Entendido?

Não obstante, vamos mais fundo para elucidar e esclarecer esta conferência. Quando o ego não é demasiado forte, quando os agregados psíquicos são muito débeis, consegue a Essência pura, a alma, liberar−se por algum tempo, para entrar nas regiões celestes e gozar de algumas férias, antes de retornar a este vale de lágrimas.

Desgraçadamente, hoje por hoje, o ego animal se faz muito forte em muitas pessoas e, por tal motivo, já as almas humanas não têm a dita de tais férias.

Certamente são muito raras, hoje em dia, aquelas almas que logram penetrar no Devachan, como dizem os teósofos, ou no causal.

Quero que todos os senhores compreendam o fato concreto daquelas almas, hoje por certo muito raras, que podem gozar, por um tempo, de tão felizes férias entre a morte e o novo nascimento, são o que poderíamos chamar no mundo de pessoas muito boas. Devido a isto, a Grande Lei os recompensa depois da morte. Entendido?

P. – Mestre, essas almas que conseguem escapar do ego para desfrutar de umas férias, ao reingressar em outra matriz, têm que voltar a engarrafar−se no ego?

V.M. – Amigos! O ego somente pode ser destruído, aniquilado de duas formas. Primeiro, mediante o trabalho consciente em nós mesmos e dentro de nós mesmos, aqui e agora. Segundo, nos mundos infernos, mediante a

involução submersa, passando por espantosos sofrimentos.

Inquestionavelmente, as férias celestes não dissolvem o ego. Uma vez que a Essência, a alma, esgota os frutos de sua recompensa, ao retornar a este vale de lágrimas, ficará previamente engarrafada no seu ego, o eu, o mim mesmo.

P. – Mestre, quando a Essência retorna a uma nova matriz, engarrafada no ego, depois dessas férias, não traz o anelo de liberar−se para conseguir sua auto−realização?

V.M. – Distinta dama, sua pergunta é magnífica! Quero dizer à senhora, de forma enfática, o seguinte: O ascenso aos mundos superiores nos reconforta e ajuda.

Quando a Essência regressa de uma férias nos mundos superiores de consciência cósmica, vem fortalecida e com maior entusiasmo. Então, luta incansavelmente para conseguir sua liberação total. Não obstante, todo esforço resultaria inútil se não cumprisse com o pacto de magia sexual, contido no Sacramento do Batismo.

P. – Mestre, poderia dizer−nos como são as regiões do primeiro círculo dantesco ou da Luz, como se vive e que é que se faz?

V.M. – Ao cavalheiro que faz a pergunta passo a responder de imediato. O primeiro círculo dantesco, sublunar, representado por todas as cavernas da Terra, visto internamente, resulta bastante interessante.

Aí encontramos a primeira contraparte submersa de nossas cidades, ruas, aldeias, comarcas, regiões. Não é, pois, de estranhar que nesta região se viva uma vida semelhante à atual. De modo algum deve assombrar−nos o fato de que os falecidos visitem as casas onde viveram ou perambulem pelos lugares que antes conheceram, ocupando−se nos mesmos ofícios ou trabalhos que costumavam fazer.

Recordo o caso patético de um pobre carregador de fardos pesados. Seu ego andava, depois de morto, levando sobre suas espáduas uma carga, volume ou fardo. Quando lhe quis fazer compreender sua situação, quando lhe dei a entender que já estava bem morto e que não tinha por que estar carregando fardos pesados sobre seu corpo, olhou−me com olhos de sonâmbulo. Tinha a Consciência adormecida; foi incapaz de me compreender.

Os defuntos seguem vendendo em seu armazéns, ou comprando mercadorias, ou dirigindo automóveis, etc., etc., etc.; cada qual naqueles mesmos trabalhos em que antes estava ocupado. Resulta assombroso ver essas cantinas cheias de embriagados desencarnados; essas casas de prostitutas fornicando mesmo depois de mortas, etc., etc., etc.

P. – Mestre, que processo seguem os que habitam o Limbo para retornar a este mundo tridimensional?

V.M. – Aqueles que habitam o Limbo devem recapitular a vida que acabam de passar, revivê−la lentamente. Concluído tal processo retrospectivo, todos os atos de nossa vida anterior ficam simplesmente reduzidos a matemáticas. Então, os juizes do carma nos fazem retornar a este vale de lágrimas, com o propósito de que emendemos nossos erros e busquemos o caminho que há de levar−nos à liberação final. Isso é tudo!

23 − O Caracol da Existência

Amigos meus! Vamos hoje falar amplamente sobre a linha espiral da vida.

Muito se tem dito sobre a doutrina da transmigração das almas, exposta pelo Sr. Krishna na terra sagrada dos Vedas, faz uns mil anos antes de Jesus Cristo.

Já em passadas conferências expusemos todos os processos da roda do Samsara.

Dissemos com inteira claridade, repetimos até a saciedade, que a cada alma são atribuídas 108 vidas para sua auto−realização íntima.

Inquestionavelmente, aqueles que fracassam durante seu ciclo de manifestação, aqueles que não conseguem a auto−realização dentro do número de existências assinaladas, é óbvio que descem dentro do reino mineral submerso, ao Avitchi indostânico, ao Tártaro grego, ao Averno romano.

Resulta palmário e evidente que a involução, nas entranhas do planeta em que vivemos, é terrivelmente dolorosa.

Recapitular processos animalescos, vegetalóides e mineralóides, em via francamente degenerativa, não é, certamente, muito agradável.

Afirmamos também em nossas passadas conferências que, depois da morte segunda, a Essência, isso que temos de alma, reascende evolutivamente desde o reino mineral até o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, passado pelas etapas vegetal e animal.

Não obstante, há nesta lei da transmigração das almas algo que não dissemos. Citamos a lei do eterno retorno, mencionamos essa outra lei conhecida como recorrência; mas devemos esclarecer que essas duas citadas leis se desenrolam e desenvolvem sobre a linha espiral da vida.

Isto significa que cada ciclo de manifestação se processa em espiras ou curvas cada vez mais altas da grande linha espiral do universo.

Como isto também sói ser um pouco abstrato, vejo−me na necessidade de esclarecer melhor, a fim de que todos os senhores possam compreender profundamente o ensinamento.

Ao escapar a Essência depois da morte segunda, ao ressurgir, ao sair novamente à luz do Sol, obviamente transformada em gnomo, haverá de

reiniciar um novo processo evolutivo, porém, dentro de uma oitava superior. Isto significa que tal criatura elemental mineral se achará indubitavelmente, dentro do reino mineral, com um estado de Consciência superior ao que tinha quando iniciava evolução similar no anterior ciclo de manifestação.

Ao prosseguir com estas explicações, não devem esquecer que qualquer ciclo de manifestação inclui evoluções nos reinos mineral, vegetal, animal e humano (neste último nos atribuem 108 existências). Se examinamos um caracol, veremos, curva sobre curva, algo semelhante a uma escada de tipo espiralóide. É evidente que cada um destes ciclos de manifestação se desenvolve em curvas cada vez mais altas.

Agora vos explicareis por que motivo existe tanta variedade de elementais minerais, vegetais, animais e diversos graus de inteligência entre humanóides.

Inquestionavelmente é muito grande a diferença entre os elementos minerais que pela vez primeira começam como tais e aqueles que já repetiram o mesmo processo muitas vezes.

O mesmo podemos dizer sobre os elementais vegetais e animais, os sobre os humanóides.

Como os ciclos de manifestação são sempre três mil, o último destes realmente se encontra numa oitava muito alta.

Aquelas Essências que dentro das três mil voltas da roda não lograram a maestria são absorvidas em sua chispa virginal, para submergirem definitivamente no seio do Espírito Universal da Vida.

É notório, palmário e evidente que, durante os ciclos de manifestação cósmica, temos de passar por todas as experiências práticas da vida.

Indubitavelmente, qualquer Essência que tenha passado pelos três mil ciclos de manifestação experimentou, também, três mil vezes os horrores do Abismo e, por conseguinte, tem melhorado e adquirido autoconsciência.

Assim, pois, tais Essências têm, de fato, pleno direito à felicidade divina. Desafortunadamente, não gozarão da maestria; não a adquiriram e por isso não a têm.

Já em conferências anteriores dissemos que nem a todas as mônadas divinas, ou chispas virginais, lhes interessa a maestria.

Ostensivelmente não são as chispas virginais, ou mônadas divinas, as que sofrem, senão a Essência, a emanação das citadas chispas, o que de alma temos cada um de nós.

As dores passadas por toda Essência certamente vêm a ser bem recompensadas, porque, em troca de tantos sofrimentos, adquire−se autoconsciência e felicidade sem limites.

Maestria é diferente. Ninguém poderia conseguir o adeptado sem os Três Fatores da Revolução da Consciência, expressados claramente por Nosso Senhor, o Cristo: "Quem quiser vir após mim, negue−se a si mesmo, tome sua cruz e me siga".

Negar−se a si mesmo significa dissolução do eu. Tomar a cruz e lançá−la sobre nossos ombros significa trabalhar com o sexo−ioga, com o Maithuna, com a magia sexual. Seguir o Cristo equivale a se sacrificar pela humanidade, a dar a vida para que outros vivam.

As chispas virginais que não alcançaram a maestria durante os três mil ciclos de manifestação vêem os mestres, os deuses, de forma similar ao modo que as formigas vêem os humanóides.

Dizem as tradições astecas que, no amanhecer da vida, reuniram−se os deuses lá em Teotihuacán, com o propósito de criar o Sol. Asseveram que acenderam um grande fogo e que logo convidaram o deus do caracol para que se lançasse naquela fogueira. Mas este, depois de três tentativas, teve grande pavor.

Os cantos sagrados asseveram solenemente que o deus Purulento, cheio de grande coragem, lançou−se ao fogo. Ao ver isto, o deus do caracol imitou seu exemplo e, então, toda a assembléia de deuses, silenciosos, aguardaram para ver o que acontecia.

Contam as lendas que, de dentro do fogo vivo, brotou, outra ver formado, Purulento, convertido no Sol que hoje em dia nos ilumina.

Minutos depois, naquela grande fogueira, ressurgiu o deus do caracol, convertido na Lua que de noite nos ilumina.

Isto significa, queridos amigos, que, se queremos transformar−nos em deuses, em mestres, devemos imitar Purulento, incinerar o ego, o eu, mediante o fogo sexual. Só mediante o fogo morre Purulento, o mim mesmo, o si mesmo.

Só mediante o fogo podemos converter−nos em deuses solares terrivelmente divinos.

Desafortunadamente, nem a todas as chispas virginais lhes interessa a maestria; a maior parte, os milhões de criaturas que vivem sobre a face da Terra preferem a senda do caracol, o caminho lunar.

P. – Venerável Mestre, no princípio desta importante dissertação nos diz que, ao descer a Essência aos mundos infernos, vai−se recapitulando estados mineralóides, vegetalóides e mineralóides. Teria a amabilidade de nos explicar a palavra recapitular?

V.M. – Com o maior prazer darei resposta à pergunta do cavalheiro. Quero que os senhores, amigos meus, compreendam bem o que é a recapitulação animálica, vegetalóide e mineralóide abisma.

Descer involucionando entre as entranhas do mundo soterrado é radicalmente diferente do ascenso evolutivo sobre a superfície da Terra.

A recapitulação animálica no Abismo é de tipo degenerativo, involutivo, descendente, doloroso.

A recapitulação vegetalóide, entre as entranhas da Terra, é espantosa. Os que por tais processos passam parecem mais sombras que deslizam por aqui, por lá e por acolá, em sofrimentos inenarráveis. A recapitulação involutiva descendente mineral, entre as entranhas do mundo em que vivemos, é mais amarga que a própria morte. As criaturas se fossilizam, se mineralizam e se desintegram lentamente entre tormentos impossíveis de explicar com palavras.

Depois da morte segunda, a Essência escapa, ressurge à luz do Sol, para recapitular processos similares de forma evolutiva, ascendente, inocente e feliz.

Eis aqui, pois, amigos meus, a diferença entre recapitulações involutivas e evolutivas.

Em todo caso, todos estes infinitos processos involutivos e evolutivos são de tipo exclusivamente lunar e se desenvolvem claramente dentro do caracol universal.

P. – Mestre, explica−nos o senhor que, com cada ciclo de existências, os elementais, no processo evolutivo, vão despertando Consciência, porque vai se processando em oitavas mais elevadas. Esse despertar de Consciência é, acaso, o resultado dos sofrimentos pela involução, ou é o resultado do processo ascendente?

V.M. – Distinto amigo! É bom que o senhor entenda que a Consciência sofre tanto nos processos evolutivos como nos involutivos e que, portanto, à base de tantos esforços e sacrifícios, vai despertando progressivamente.

Milhões de humanóides têm a Consciência profundamente adormecida, mas, ao entrar no Abismo, depois das 108 existências de qualquer ciclo de

manifestação, despertam, inevitavelmente, no mal e para o mal.

O interessante, neste caso, é que de todas as maneiras despertam. ainda que seja para justificar seus erros nos mundos internos.

Qualquer iluminado clarividente poderá evidenciar, por si mesmo, o fato de que os elementais inocentes estão despertos no sentido positivo evolutivo.

Vemos, pois, dois tipos de Consciência desperta: Primeiro, o das criaturas inocentes da natureza. Segundo, a dos humanóides involucionantes do Abismo.

Existe uma terceira classe de pessoas despertas. Refiro−me aos mestres, aos deuses; porém, não é deles que, neste preciso instante, nos estamos ocupando.

Inquestionavelmente, dentro da roda do Samsara, girando com a mesma, existem Consciências inocentes despertas e também criaturas involucionantes abismais, despertas no mal e para o mal.

P. – Mestre, quando o senhor menciona isso de oitavas mais elevadas em espiras mais altas, desconcerta−me, porque estou acostumado a pensar em oitavas em função das notas musicais, que se relacionam com a transmutação do fogo serpentino. Quisera o senhor esclarecer−me isto?

V.M. – Indubitavelmente, as oitavas do caracol se processam musicalmente com as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, de forma gradativa. Se observamos cuidadosamente a curva espiralóide, veremos uma sucessão de curvas cada vez mais altas, de forma tal que vem precedidas pelas mais baixas. Esta formação, esta distribuição das curvas na forma de qualquer espiral, é suficiente como para compreender que, entre oitava e oitava, existem também pausas musicais.

A cada uma destas pausas corresponde um descenso abismal. As três mil voltas da roda ressoam, pois, incessantemente como um todo único dentro dos ritmos do Mahavan e do Chovatan, que sustentam o universo firme em sua marcha.

P. – Mestre, sendo a Essência boa, por que vem para sofrer a este mundo?

V.M. – Amigos meus! A Essência em si mesma está mais além do bem e do mal, é absolutamente inocente, pura e sã.

Sofre a Essência quando fica engarrafada no ego, mas, dissolvido este, a Essência deixa de sofrer.

Certamente, as Essências do planeta Terra ficaram enfrascadas no mim mesmo devido a um equívoco dos deuses. Já dissemos em passadas conferências que certos indivíduos sagrados, com o propósito de dar estabilidade à crosta geológica de nosso mundo, deram à humanidade o abominável órgão Kundartiguador.

Quando tal órgão desapareceu, ficaram as conseqüências dentro de cada pessoa e estas últimas se cristalizaram, convertendo−se no ego, uma espécie de segunda natureza, dentro da qual ficou engarrafada, lamentavelmente, a Essência.

Se essa segunda natureza não existisse, a Essência estaria livre e feliz. Desgraçadamente existe, como resultado do abominável órgão Kundartiguador.

P. – Mestre, diz−se que somos filhos de Deus e que Deus é perfeito; então, por que envia seus filhos para sofrer?

V.M. – Contexto com o maior prazer esta pergunta que sai do auditório. Senhores e senhoras! Chegou a hora de saber que todos nós somos filhos do Diabo.

Por favor, rogo−lhes que não se assustem. Já sabemos que o senhor Satanás, ou Lúcifer− Prometeu, é exclusivamente a sombra de nossa própria divindade superior, projetada dentro de nós mesmos para nosso bem.

É evidente que Lúcifer é o grande treinador que levamos dentro. Por isso, o impulso sexual, no fundo, resulta luciférico.

Não é, pois, o Diabo, como já explicamos em passadas conferências, aquele personagem fabuloso que nos apresentam algumas seitas dogmáticas, senão o instrutor pessoal de cada qual.

É, pois, a força luciférica a que leva os humanóides ao triunfo ou ao fracasso, à geração ou à regeneração.

Deste ponto de vista, podemos assegurar que nós somos filhos do Diabo e isto é dito por Nosso Senhor, o Cristo: “Filhos do Diabo sois”, disse o grande Mestre, “porque se fôsseis filhos de Deus, as obras de Deus faríeis”. É necessário fazer−nos filhos de Deus e isto somente é possível com os Três Fatores da Revolução da Consciência, tal como os temos citado nesta conferência.

Filho de Deus é todo aquele que chega a ressurreição. Reflexionai, pois, nestas palavras e não vos presumeis de santos, nem de virtuosos; porque todos vós filhos do Diabo sois.

Amigos! Deus não nos manda sofrer nunca. Os sofrimentos nós os criamos por nós mesmos, com nossos próprios erros e através de sucessivos nascimentos.

P. – Mestre, se somos filhos do Diabo, quem tem mais poder sobre nós? O Diabo ou Deus?

V.M. – Com o maior gosto vou dar resposta a esta pergunta. Dissemos que o Dragão é a sombra do Deus íntimo de cada um de nós. Resulta evidente e, por conseguinte, no estado atual em que nos encontramos, o Dragão nos controla absolutamente. Assim, pois, do ponto de vista relativo e circunstancial em que nos achamos, o Diabo tem mais poder sobre nós que o próprio Deus. Isto não significa que o Diabo seja mais poderoso que Deus.

Quando a chispa imortal ressuscite em nós, quando nos convertamos em filhos de Deus, então tudo será diferente; por esse dias teremos vencido o Dragão.

P. – Mestre, que me diz o senhor dos anjos, Boddhisatwas e mestres caídos? Que têm eles a ver com a espiral da vida?

V.M. – Distintos amigos! Existe um momento supremo para todos os milhões de Essências que povoam a face da Terra.

Quero referir−me, de forma enfática, ao instante em que pela primeira vez resolvemos entrar pelo caminho solar; muito distinto, por certo, da senda lunar.

A todos os milhões ou trilhões de chispas virginais lhes chega, num instante preciso, a hora crítica em que têm que se definir pelo caminho solar ou pelo caracol lunar.

Quando alguém deliberadamente escolhe a Senda do Fio da Navalha, a sorte está lançada. Depois desse momento, já não há remédio.

Aqueles que alcançam a maestria e que depois querem voltar atrás, para se meter pela senda lunar, terão que passar por eternidades espantosas nos mundos infernos, até conseguir, depois de muitos bilhões ou trilhões de anos, a aniquilação dos corpos existenciais superiores do Ser e a destruição do ego animal.

Isto significa que a maior grau de Consciência, maior grau de responsabilidade; e aquele que acrescenta sabedoria, acrescenta dor.

Inquestionavelmente, aos Boddhisatwas caídos, aos anjos negros, aos arcanjos tenebrosos, quer dizer, às criaturas angelicais ou divinais submersas no Abismo pelo delito de querer tomar a senda lunar, depois de se terem definido plenamente pela solar, caber−lhes−á sofrer milhões de vezes mais intensamente que às pessoas comuns e correntes.

Conseguida a desintegração de veículos e ego, recomeçará, de todas as maneiras, a jornada evolutiva desde o mineral; porém, com um embrião áureo e, por conseguinte, com maior Consciência que os outros elementais da natureza, até alcançar o estado de humanóides.

Alcançado este objetivo, como possuem embrião áureo, tais seres haverão de voltar a senda solar, para criar novamente seus corpos existenciais superiores e reconquistar o estado angélico ou arcangélico, etc., que outrora rechaçaram.

Outra é a sorte das chispas virginais que jamais elegeram o caminho solar. Estas, convertidas em simples elementais da natureza, submergirão com sua Essência no oceano universal da vida livre em seu movimento.

Trata−se de seres que preferiram a vida elemental, que não aspiraram à maestria, que sempre gozaram entre o seio da grande natureza e que agora, como centelhas da divindade, voltam à mesma, para sempre.

24 − Os Negócios

Amigos meus! Reunidos esta noite, vamos estudar muito seriamente a questão esta dos negócios.

Permitam−me a liberdade de lhes dizer que não estou falando de negócios profanos. Quero referir−me, de forma enfática, aos negócios do carma.

Antes de tudo, é necessário que as pessoas entendam a palavra sânscrita “karma”.

Não é demais asseverar que tal palavra, em si mesma, significa lei de ação e conseqüência. Obviamente, não existe causa sem efeito, nem efeito sem causa.

Qualquer ato de nossa vida, bom ou mau, tem suas conseqüências.

Hoje estive refletindo na desgraça de nosso mundo. Quão felizes seriam estes humanóides intelectuais se nunca tivessem tido isso que se chama ego, eu, mim mesmo, si mesmo.

É indubitável que o ego comete inumeráveis erros, cujo resultado é a dor.

Se estes humanóides racionais estivesses desprovidos de ego, seriam simplesmente elementais naturais belíssimos, inocentes, puros, infinitamente ditosos.

Imaginai por um momento, queridos amigos, uma terra assim, povoada por milhões de inocentes humanóides desprovidos de ego e governados por reis divinos, deuses, hierofantes, devas, etc., etc., etc.

Obviamente, um mundo assim seria certamente um paraíso, um planeta de bem−aventurados.

A ninguém se pode obrigar a se converter em homem à força. Todos esses milhões de humanóides, mesmo não sendo homens no sentido mais completo da palavra, poderiam ter sido infinitamente felizes, se não tivesse surgido em seu interior uma segunda natureza maligna e terrivelmente perversa.

Desafortunadamente, devido, como já o dissemos tanto nestas conferências, ao equívoco de alguns indivíduos sagrados, apareceu, dentro de cada sujeito, algo anormal: certos elementos inumanos, dentro dos quais veio a ficar engarrafada a Consciência.

É claro que tais elementos inumanos surgiram como resultado das más conseqüências do abominável órgão Kundartiguador. Foi assim, queridos amigos, como fracassou esta humanidade planetária, fazendo−se espantosamente maligna.

Melhor teria sido que aqueles sagrado indivíduos não tivessem dado a estes pobres bípedes tricerebrados ou tricentrados esse abominável órgão de todas as infâmias.

Pensemos, por um momento, nas multidões de humanóides que povoam a face da Terra. Sofrem o indizível, vítimas de seus próprios erros. Sem o ego não teriam esses erros, nem, tampouco, sofreriam as conseqüências dos mesmos.

Já disse em nossas passadas conferências que nem a todas as chispas virginais, que nem a todos os humanóides lhes interessa a maestria; entretanto, isto não é óbice para a felicidade autêntica.

No infinito espaço existem muitas moradas de bem−aventurança para os elementais humanóides que não têm interesse na maestria.

Inquestionavelmente, os três mil ciclos ou períodos de tempo atribuídos a qualquer Essência, a qualquer mônada, para sua manifestação cósmica, se desenvolvem não somente aqui em nosso mundo Terra, senão também em outros mundos do espaço estrelado.

Por tudo isto podereis ver, meus caros amigos, que para as almas há muitas mansões de dita e que de modo algum é indispensável a maestria para se ter direito ao gozo autêntico do espírito puro.

O único requisito que se requer para ter direito à verdadeira felicidade é, antes de tudo, não ter ego.

Certamente, quando não existem dentro de nós os agregados psíquicos, os elementos inumanos que nos tornam tão horríveis e malvados, não há carma por pagar e o resultado é a felicidade.

Nem todas as criaturas ditosas que vivem em todos os mundos do espaço infinito alcançaram a maestria. No entanto, encontram−se em consonância com a ordem cósmica, porque não tem ego.

Quando vivemos de acordo com o reto pensar, o reto sentir e o reto obrar, as conseqüências costumas ser ditosas.

Desafortunadamente, o pensamento justo, o sentimento justo, a ação justa, etc., faz−se impossível quando uma segunda natureza inumana atua em nós e dentro de nós e através de nós, aqui e agora.

No que vimos dizendo devem ser evitadas confusões. É óbvio que, dos muitos, uns poucos aspiram ao adeptado, à auto−realização íntima do Ser. Inquestionavelmente, estas almas se convertem em verdadeiros reis do universo e em deuses terrivelmente divinos.

As multidões, depois dos três mil ciclos de manifestação, retornam ao espírito universal da vida como simples elementais ditosos.

O desagradável é que estes milhões de elementais humanóides criaram, dentro de si mesmos, uma segunda natureza infra−humana, porque esta última em si mesma os tornou não somente perversos, senão, ademais, e o que é pior, desgraçados.

Se não fosse pelo mim mesmo, ninguém seria iracundo, ninguém cobiçaria os bens alheios, nenhum seria luxurioso, invejoso, orgulhoso, preguiçoso, glutão, etc., etc., etc.

Lamento muito ter que dizer que ao Arcanjo Sakaki e sua alta comitiva de indivíduos sagrados, que nos tempos arcaicos deram o abominável órgão Kundartiguador à humanidade, aguardam−lhes, no futuro grande dia cósmico, indizíveis amarguras, carma horrísono, pois, não há dúvida que, devido ao seu erro, esta humanidade perdeu sua felicidade e se tornou monstruosa. Que me perdoem os deuses santos por tal afirmação; porém fatos são fatos e ante os fatos temos que nos render, custe o que custar.

Afortunadamente, meus caros amigos, a justiça e a misericórdia são as duas colunas torais da Fraternidade Universal Branca.

A justiça sem misericórdia é tirania; a misericórdia sem justiça é tolerância, complacência com o delito. Neste mundo de desditas em que nos encontramos, faz−se necessário aprender a manejar os nossos próprios negócios, para rumar o barco da existência através das diversas escalas da vida.

O carma é negociável e isto é algo que pode surpreender muitíssimo aos sequazes de diversas escolas ortodoxas.

Certamente, alguns pseudo−esoteristas e pseudo−ocultistas tornaram−se demasiado pessimistas em relação à lei de ação e conseqüência. Supõem, equivocadamente, que esta se desenvolve de forma mecanicista, automática e cruel.

Os eruditos crêem que não é possível alterar tal lei. Lamento muito sinceramente ter que dissentir dessa forma de pensar.

Se a lei de ação e conseqüência, se o nêmesis da existência não fosse negociável, então, onde ficaria a misericórdia divina? Francamente, eu não posso aceitar crueldade na divindade. O real, aquilo que é todo perfeição,

isso que tem diversos nomes tais como Tao, AUM, INRI, Sein, Alá, Brahma, Deus, ou melhor dizendo, deuses, etc., etc., etc., de modo algum podia ser algo sem misericórdia, cruel, tirânico, etc. Por tudo isto, repito, de forma enfática, que o carma é negociável.

Quando uma lei inferior é transcedida por uma lei superior, a lei superior lava a lei inferior.

Faze boas obras, para que pagues tuas dívidas. Ao leão da lei se combate com a balança.

Quem tem com que pagar, paga e sai bem em seus negócios; quem não tem com que pagar, pagará com dor.

Se num prato da balança cósmica pomos as boas obras e no outro as más, é evidente que o carma dependerá do peso da balança.

Se pesa mais o prato das más ações, o resultado serão as amarguras. Não obstante, é possível aumentar o peso das boas obras no prato fiel da balança e, desta forma, cancelaremos carma, sem necessidade de sofrer. Tudo o que necessitamos é fazer boas obras para aumentar o peso do prato das boas ações.

Agora compreenderão os senhores, meus bons amigos, o maravilhoso que é fazer o bem; não há dúvida de que o reto pensar, o reto sentir e o reto obrar são o melhor dos negócios.

Nunca devemos protestar contra o carma; o importante é saber negociá−lo.

Desgraçadamente, às pessoas o único que lhes ocorre quando se acham numa grande amargura é lavar as mãos como Pilatos, dizer que não fizeram nada mau, que não são culpáveis, que são almas justas, etc., etc., etc.

Eu digo aos que estão na miséria que revisem sua conduta; que se julguem a si mesmos; que se sentem, ainda que seja por um instante, no banco de acusados; que, depois de uma sumária análise de si mesmos, modifiquem sua conduta. Se estes que se acham sem trabalho se tornassem castos, infinitamente caritativos, aprazíveis, serviçais em cem por cento, é óbvio que alterariam radicalmente a causa de sua desgraça, modificando−se, em conseqüência, o efeito.

Não é possível alterar um efeito se antes não se modificou radicalmente a causa que o produziu; pois, como já dissemos, não existe efeito sem causa, nem causa sem efeito.

Não há dúvida de que a miséria tem suas causas nas bebedeiras, na asquerosa luxúria, na violência, nos adultérios, no esbanjamento e na avareza.

Não é possível que alguém se encontre em miséria quando o Pai, que está em secreto, se encontra presente, aqui e agora. Quero ilustra isto com um relato:

Em certa ocasião, meu Real Ser Interior, minha Mônada Imortal, me tirou do corpo físico para me dar instruções sobre determinado discípulo. Concluídas estas, não vi inconveniente em me dirigir ao Senhor Íntimo com as seguintes palavras: “Estou cansado de ter corpo. Eu o que queria era desencarnar.” Nestes instantes, o Senhor de Perfeições, meu Deus Interior, respondeu com voz solene: “Por que protestas? Eu te dei pão, agasalho e refúgio, e ainda protestas? Recordas os últimos dias de tua passada existência? Andavas pelas ruas do México descalço, com o traje rasgado, velho, enfermo e na mais espantosa miséria. E como vieste a morrer? Num casebre imundo. Então eu estava ausente.” Em tais momentos resplandecia a face do Senhor, em seus olhos azuis se refletia o céu infinito, sua branca túnica de glória chegava até seus pés. Tudo Nele era perfeição.

“Senhor”, disse−lhe, “eu vim para beijar tua mão e receber tua bênção.” O Adorável me abençoou e beijei sua destra.

Depois que voltei ao corpo físico, entrei em meditação. Certamente, meus caros irmãos, quando o filho anda mal, o Pai se ausenta e, então, aquele cai em desgraça.

Creio que agora ireis compreendendo melhor, meus caros amigos, o que é a miséria, por que chega, como chega.

O Pai que está em secreto tem poder suficiente para nos dar e para nos tirar também. “Ditoso o homem que Deus castiga.”

O carma é uma medicina que se nos aplica para nosso próprio bem. Desgraçadamente, as pessoas, em vez de se inclinar reverentes ante o eterno Deus vivo, protestam, blasfemas, justificam−se a si mesmas, desculpam−se nesciamente e lavam as mãos como Pilatos. Com tais protestos não se modifica o carma; ao contrário, torna−se mais duro e severo.

Reclamos fidelidade do cônjuge, quando nós mesmos fomos adúlteros nesta ou em vidas precedentes.

Pedimos amor, quando fomos desapiedados e cruéis. Solicitamos compreensão, quando nunca soubemos compreender a ninguém, quando jamais aprendemos a ver o ponto de vista alheio.

Anelamos ditas imensas, quando fomos sempre a origem de muitas desditas.

Quiséramos nascer num lar muito formoso e com muitas comodidades, quando não soubemos, em passadas existências, brindar nossos filhos com lar e beleza.

Protestamos contra os insultadores, quando sempre insultamos a todos os que nos rodeiam.

Queremos que nossos filhos nos obedeçam, quando jamais soubemos obedecer a nossos pais.

Molesta−nos terrivelmente a calúnia, quando nós sempre fomos caluniadores e enchemos o mundo de dor.

Fastia−nos a fofoca, não queremos que ninguém murmure de nós e, não obstante, sempre andamos entre intrigas e murmúrios, falando mal do próximo, mortificando a vida aos demais. Quer dizer, sempre reclamamos o que não demos. Em todas as nossas vidas anteriores fomos malvados e merecemos o pior; porém supomos que se nos deve dar o melhor.

Os enfermos, em vez de se preocuparem tanto por si mesmos, deveriam trabalhar pelos demais, fazer obras de caridade, tratar de sanar a outros, consolar os aflitos, levar o médico aos que não tem com que pagá−lo, distribuir medicamentos, etc., e assim cancelariam seu carma e se sanariam totalmente.

Aqueles que sofrem em seus lares deveriam multiplicar sua humildade, sua paciência e serenidade. Não contestar com más palavras, não tiranizar o próximo, não enfastiar os que nos rodeiam, saber desculpar os defeitos alheios com uma paciência multiplica até o infinito. Assim cancelariam seu carma e se tornariam melhores.

Desgraçadamente, meus queridos amigos, esse ego que cada qual leva dentro faz exatamente o contrário do que aqui estamos dizendo. Por tal motivo, considero urgente, inadiável, impostergável, reduzir o mim mesmo a poeira cósmica.

P. – Venerável Mestre, conseguindo com que os humanóides intelectuais se convertam em elementos inocentes, considera o senhor cumprida sua missão?

V.M. – Com o maior gosta darei resposta a esta pergunta. Muitos profetas, grandes avataras e mestres lutaram, nos antigos tempos, contra as más conseqüências do abominável órgão Kundartiguador. Isto é uma missão de ordem popular, cujo propósito é fazer regressar a humanidade até a inocência total.

Tais santos, nos tempos antigos, tiveram também seu círculo esotérico para os da via direta, para aqueles que, em todas as idades, aspiraram à maestria.

Vede, pois, amigos, os dois círculos: o exotérico ou público e o esotérico ou secreto. Não é demais recordar−lhes que as grandes religiões confessionais preenchem precisamente estas duas necessidades.

Qualquer religião confessional serve às multidões e aos iniciados.

Creio que agora entendestes completamente o sentido de minha missão sobre a face deste aflito mundo em que vivemos.

P. – Mestre, todo sofrimento que se tenha, da índole que seja, pode ser atribuído a que o Pai está ausente?

V.M. – Amigos! Existem os sofrimentos voluntários e os involuntários. Os primeiros se processam naqueles que seguem a senda direta, o caminho solar; os segundos são resultado de nosso próprio carma. É óbvio que, quando o filho anda mal, o Pai está ausente e a conseqüência é a dor.

P. – Tocante ao nêmesis, ou carma, é possível que qualquer sofrimento possa ser negociável ante os senhores do carma?

V.M. – Estimados amigos! Quero que os senhores compreendam que, quando tal ou qual carma se encontra já totalmente desenrolado e desenvolvido, tem que chegar até o final, inevitavelmente.

Isto significa que só é possível modificar radicalmente o carma quando o arrependimento é total e quando toda possibilidade de repetir o erro que o produziu desapareceu radicalmente.

Kamaduro, chegando a seu final, é sempre catastrófico. Nem todo o carma é negociável.

É bom saber também que, quando eliminamos radicalmente o ego, a possibilidade de delinqüir fica aniquilada e, em conseqüência, o carma pode ser perdoado.

O País Psicológico

Inquestionavelmente, assim como existe o país exterior no qual vivemos, também, em nossa intimidade, existe o País Psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a comarca onde vivem; desafortunadamente, sucede que desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Em dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra; mas, no terreno psicológico não sucede o mesmo; normalmente as pessoas nem remotamente suspeitam, em dado momento, o lugar de seu País Psicológico onde se meteram.

Assim como no mundo físico existem colônias de pessoas decentes e cultas, assim também sucede na comarca psicológica de cada um de nós; não há dúvida de que existem colônias muito elegantes e formosas.

Assim como no mundo físico há colônias e bairros com becos perigosíssimos, cheios de assaltantes, assim também sucede o mesmo na comarca psicológica do nosso interior.

Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanhe; se temos amigos bêbados, iremos parar na cantina; e se estes últimos são boêmios, indubitavelmente, nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso País Psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus eus; estes nos levarão onde nos devem levar de acordo com nossas características psicológicas.

Uma dama virtuosa e honorável, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em formosa mansão no mundo físico, devido a seus eus luxuriosos, poderia estar localizada em antros de prostituição dentro de seu País Psicológico.

Um cavalheiro honorável, de honra intocável, magnífico cidadão, poderia, dentro de sua comarca psicológica, encontrar−se localizado numa cova de ladrões, devido a seus péssimos acompanhantes, eus do roubo, muito

submergidos dentro do inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge azul, vivendo austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia, psicologicamente, encontrar−se localizado em uma colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido, precisamente, a eus infra−conscientes ou inconscientes, submersos, profundamente, dentro das cavidades mais difíceis da sua psique.

Por alguma razão nos disseram que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos.

Muitos santos canonizados, contudo, ainda vivem dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando, de forma enfática, poderia escandalizar aos falsos beatos, aos pietistas, aos ignorantes ilustrados, aos modelos de sabedoria; porém, jamais aos verdadeiros psicólogos.

Ainda que pareça incrível, entre o incenso da oração, também se esconde o delito; entre as cadências do verso, também se esconde o delito; sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime.

Nos fundos mais profundos dos santos mais veneráveis, vivem eus do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc. Acompanhantes infra−humanos escondidos entre as insondáveis profundezas do inconsciente.

Muito sofreram, por tal motivo, os diversos santos da história. Recordemos as tentações de Santo Agostinho e todas aquelas abominações contra as que teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

No entanto, nem tudo foi dito por estes santos e a maior parte dos anacoretas se calaram.

Assombra pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos, vivem nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

Contudo, são santos e se, todavia, não têm descoberto essas coisas espantosas de sua psique, quando as descubram, usarão silícios sobre suas carnes; e jejuarão, possivelmente se açoitarão e rogarão à sua Divina Mãe

Kundalini para que elimine de sua psique esses maus acompanhantes que nestes antros tenebrosos de seu próprio País Psicológico, os têm metido.

Muito têm falado as diferentes religiões sobre a vida depois da morte e o mais além.

Que não se desgastem mais os cérebros as pobres pessoas sobre o que existe lá do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre.

O ladrão nos antros dos ladrões continuará; os luxuriosos nas casas de encontro prosseguirá como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso seguirá vivendo nos becos perigosos do vício e da ira, ali onde também brilha o punhal e soam os tiros das pistólas.

A Essência, em si mesma, é muito formosa; veio de cima, das estrelas e, desgraçadamente, está metida dentro de todos esses eus que levamos dentro.

Por oposição, a Essência pode retroceder o caminho, regressar ao ponto de partida original, voltar às estrelas; mas, deve libertar−se, primeiro, de seus maus acompanhantes que a têm metida nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insígnes mestres cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o indizível e não há dúvida de que, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, lograram reduzir a poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Inquestionavelmente, esses santos se cristificaram e regressaram ao ponto de partida original, depois de haverem sofrido muito.

Antes de tudo é nescessário, é urgente, inadiável que o centro magnético que em forma anormal temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência. Assim poderá o homem completo iniciar sua viagem desde a personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática, progressiva, de grau em grau, pela Montanha do Ser.

Enquanto continue o centro magnético estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis; ainda que, na

vida prática, seja,os magníficos cidadãos.

Cada qual tem um centro magnético que o caracteriza: o comerciante tem o centro magnético do comércio e por isso ele se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim, compradores e mercadores.

O homem de ciência tem, em sua personalidade, o centro magnético da ciência e, por isso, ele atrai para si, todas as coisas da ciência: livros, laboratórios, etc.

O esoterista tem, em si mesmo, o centro magnético do esoterismo; e como essa classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, indubitavelmente, sucede, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na Consciência, quer dizer, na Essência, então se inicia o regresso do homem total às estrelas.

Criaturas Mecânicas

De maneira alguma poderíamos negar a Lei da Recorrência processando−se em cada momento de nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência existe repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvio que, quando alguém não se auto−observa, não pode se dar conta desta incessante repetição diária.

É evidente que quem não sente interesse algum por observar−se a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical.

Para o cúmulo dos cúmulos, existem pessoas que querem se transformar sem trabalhar sobre si mesmos.

Não negamos o fato de que cada qual tem o direito à real felicidade do espírito, mas também é certo que tal felicidade seria absolutamente impossível se não trabalhássemos sobre nós mesmos.

Alguém pode mudar intimamente quando realmente consegue modificar suas reações ante os diversos fatos que lhe sucedem diariamente.

No entanto, não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da vida prática se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, tornar−nos mais sérios e encarar a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Mas se continuamos assim tal como estamos, comportando−nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Se alguém de verdade quer chegar a conhecer a si mesmo, deve começar por observar sua própria conduta ante os acontecimentos de qualquer dia da

vida.

Não queremos dizer com isto que não se deva observar−se diariamente, só queremos afirmar que se deve começar por um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo, e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas diante de todos esses pequenos detalhes do quarto, lar, sala de jantar, casa, rua, trabalho, etc., etc., etc., o que se disse, sentiu e pensou, é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo de que maneira se pode mudar essas reações; mas, se acreditamos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo, necessitamos compreender que somos pessoas−máquinas, simples marionetes controladas por agentes secretos, por Eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos; às vezes se manifesta em nós uma pessoa mesquinha, outras vezes uma pessoa irritável, em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, benevolente, mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora, depois um santo, logo um trapaceiro, etc.

Temos gente de todo tipo dentro de cada um de nós, Eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Comecemos por comportar−nos conscientemente durante uma pequena parte do dia; necessitamos deixar de ser simples máquinas ainda que durante uns breves minutos diários; isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto−observamos e não fazemos o que tal ou qual Eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente, como para deixar de ser máquina, se for feito voluntariamente, pode modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Infelizmente, vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda.

Repetimos acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá−los; são os trilhos por onde circula o trem de nossa miserável existência. No entanto, pensamos de nós o melhor...

Por toda parte abundam os "Mitômanos", o que se crêem Deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos "Eus"; pessoas assim não trabalharão jamais sobre si mesmas...

CONDUTA GREGÁRIA

Conduta gregária é a tendência que tem a máquina humana de estar misturada com as outras sem distinção e sem controle de nenhuma espécie.

Vejamos o que se faz quando se está em grupo ou entre a multidão. Estou seguro de que bem poucas pessoas se atreveriam a sair na rua e jogar pedras contra alguém. No entanto, em grupo o fazem. Alguém pode infiltrar-se numa manifestação pública e ficar exaltado por causa do entusiasmo. Terminará jogando pedras junto com a multidão ainda que depois venha a se perguntar porque o fez.

O ser humano comporta-se de forma diferente quando em grupo. Faz coisas que nunca faria sozinho. A que se deve isso? Deve-se às impressões negativas às quais abriu as portas. Assim, termina fazendo o que jamais faria sozinho.

Quando alguém abre as portas às impressões negativas, não só altera a ordem do centro emocional, que está no coração, como ainda o torna negativo. Quando alguém abre suas portas, por exemplo, às emoções negativas de uma pessoa que vem cheia de ira, porque alguém causou-lhe algum dano, termina aliando-se a essa pessoa contra o causador do dano e se encherá de raiva também sem ter nada que ver com o assunto.

Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de um embriagado e termina aceitando um copo de bebida. Em seguida, aceita dois, três... dez. Em conclusão, fica embriagado também.

Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de uma pessoa do sexo oposto. Provavelmente, acabará fornicando e cometendo todo tipo de delitos.

Se abrimos as portas às impressões negativas de um drogado, quem sabe terminemos também fumando maconha ou consumindo algum tipo de entorpecente. Como conclusão, virá o fracasso.

Assim é como os seres humanos contagiam-se uns aos outros dentro de ambientes negativos. Os ladrões tornam as outras pessoas ladras. Os homicidas sempre contagiam alguém. Os viciados contagiam os outros e multiplicam-se os drogados, os ladrões, os agiotas, os homicidas, etc. Por quê? Porque cometem o erro de abrir sempre as portas às emoções negativas. Isso não está certo. Selecionemos nossas emoções.

Se alguém nos trouxer emoções positivas de luz, de beleza, de harmonia, de alegria, de perfeição, de amor... abramos a elas as portas do nosso coração. Porém, se alguém nos trouxer emoções negativas de ódio, de violência, de ciúmes, de drogas, de álcool, de fornicação ou de adultério, por que iremos lhe abrir as portas do nosso coração? Fechemo-las! Cerremos as portas às emoções negativas!

Quando alguém reflete sobre a conduta gregária, pode perfeitamente modificá-la e fazer de sua vida algo melhor.

A DEFORMAÇÃO DA PALAVRA

O som do canhão, seu estampido, destrói os vidros de uma janela. Por outro lado, uma palavra suave apazigua a ira ou a raiva. Já uma palavra grosseira, inarmônica, causa pesar, melancolia, tristeza ou ódio, etc.

Diz-se que o silêncio é ouro, porém melhor é dizer: É tão ruim falar quando se deve calar, quanto calar quando se deve falar.

Há silêncios delituosos, há palavras infames... Devemos calcular com nobreza o resultado das palavras faladas, pois muitas vezes ferimos os outros com palavras proferidas de forma inconsciente.

As palavras cheias de mal intencionado sentido produzem fornicações no mundo da mente. As palavras arrítmicas geram violência no mundo da mente cósmica.

Jamais se deve condenar a alguém com a palavra porque não se deve julgar a ninguém nunca. A maledicência, a intriga e a calúnia têm enchido o mundo de dor e amargura.

Se estamos trabalhando com a superdinâmica sexual, temos de compreender que as energias criadoras estão expostas a todo tido de modificações. Estas energias da libido podem ser modificadas em poderes de luz ou de trevas. Tudo depende da qualidade das palavras.

O homem perfeito fala palavras de perfeição. O estudante gnóstico que quer seguir pelo caminho da revolução da dialética tem de se habituar a controlar a linguagem. Precisa aprender a comandar a palavra.

Não é o que entra pela boca o que causa dano ao homem e sim o que sai! Da boca sai a injúria, a intriga, a difamação, a calúnia, o debate, etc. Tudo isto prejudica ao homem.

Evite-se todo tipo de fanatismo porque com ele causamos muito dano ao homem, ao próximo. Não somente se fere aos demais com palavras grosseiras ou com finas e artísticas ironias, mas também com o tom da voz, com inflexões arrítmicas e inarmônicas.

SABER ESCUTAR

Há que se aprender a escutar. Para se aprender a escutar, há que se despertar a consciência.

Para se saber escutar, há que se estar presente. O que se escuta sempre escapa do país ou da cidade psicológicos.

A personalidade humana não sabe escutar, assim também o corpo físico porque é seu veículo.

As pessoas estão cheias de si mesmas, de seus orgulhos, de suas faculdades, de suas teorias...

Não há um rincãozinho ou um lugar vazio para o conhecimento, para a palavra. Devemos manter a tigela voltada para cima como o Buda a fim de receber a palavra crística.

Escutar psicologicamente é muito difícil. Há que se aprender a ficar atento para se saber escutar. Temos de nos tornar mais receptivos à palavra.

As pessoas não se lembram de suas existências anteriores porque não estão em sua casa psicológica; estão fora dela.

Temos de nos lembrar de nós mesmos. Há que se relaxar o corpo tantas vezes quantas possamos durante o dia.

Por esquecimento do Ser, a gente comete muitos erros. Grandes coisas nos acontecem quando nos recordamos de nós mesmos.

Consultar é necessário, porém o importante é saber escutar. Para se saber escutar, há que se ter os centros motor, emocional e intelectual em suprema atenção.

A falsa educação nos impede de escutar. A falsa educação danifica os cinco centros da máquina humana: intelectual, motor, emocional, instintivo e sexual.

Há que se escutar com a mente de forma espontânea, livre de suposições mentais, teorias e preconceitos. Há que se abrir ao novo com a mente inteira, com a mente não dividida pelo batalhar das antíteses.

A EXATIDÃO DO TERMO

Sócrates exigia como base de sua dialética a precisão do termo. Em nossa dialética revolucionária exigimos como base a precisão do verbo.

A palavra, distinção humana, é o instrumento da expressão individual e da comunicação entre os homens. É o veículo da linguagem exterior e a manifestação ou exteriorização da complicada linguagem interior que tanto pode ser usada pelo Ser como pelo Ego.

Platão em seu diálogo Fédon expressou a um de seus discípulos um conceito famoso por sua profundidade e delicadeza moral: o princípio humano da propriedade idiomática. Diz assim: Tem por sabido, meu querido Crítion, que o falar de uma maneira imprópria não é só cometer uma falta no que se diz, mas também uma espécie de dano que se causa às almas.

Se queremos resolver os problemas, devemos nos abster de opinar. Toda opinião pode ser discutida. Devemos resolver os problemas meditando neles. Precisamos resolvê-los com a mente e com o coração. Precisamos aprender a pensar por nós mesmos. É absurdo repetir como papagaios as opiniões alheias.

Quando se aniquila o Ego, desaparecem os processos opcionais da mente. Opinião é a emissão de um conceito por temor de que o outro seja verdadeiro; isso indica ignorância.

Urgente é aprender a não se identificar com os problemas. Precisamos nos auto-explorar sinceramente e depois guardar um silêncio mental e verbal.

O AMOR PRÓPRIO

Muito se falou sobre a vaidade feminina. Porém, na realidade, a vaidade é a viva manifestação do amor próprio.

A mulher diante do espelho é um narciso completo se adorando, se idolatrando com loucura. A mulher adorna-se da melhor maneira que pode, pinta-se, encrespa o cabelo, etc., com um único fim: que os demais lhe digam: Como és bela, como estás bonita, tu és divina, etc.

O eu sempre goza quando as pessoas o admiram, O eu se enfeita para que os outros o adorem. O eu se julga belo, puro, inefável, santo, virtuoso, etc. Ninguém se julga mau. Todas as pessoas se consideram boas e justas.

O amor próprio é algo terrível. Por exemplo, os fanáticos do materialismo não aceitam as dimensões superiores do espaço por amor próprio. Gostam muito de si mesmos e como é natural exigem que as dimensões superiores do espaço, do cosmos e de toda a vida ultra-sensível se submetam aos seus caprichos pessoais. Não são capazes de ir além de seu estreito critério e de suas teorias, além de seu querido Ego e de seus preceitos mentais.

A morte não resolve o fatal problema do Ego. Só a morte do eu pode resolver o problema da dor humana, porém o eu ama demais a si mesmo e não quer morrer de forma alguma. Enquanto o eu existir, girará a roda do Samsara, a roda fatal da tragédia humana.

Quando estamos realmente enamorados, renunciamos ao eu. É muito raro na vida achar-se alguém verdadeiramente enamorado. As pessoas estão apaixonadas e isso não é amor. As pessoas se apaixonam quando se encontram com alguém que lhes agrada, porém depois descobrem na outra pessoa seus próprios erros, qualidades e defeitos. Então, o ser amado torna-se um espelho onde passam a se contemplar totalmente. Realmente, não estão enamorados do ser amado e sim de si mesmos e gozam vendo-se no espelho que é o ser amado. Aí se encontram e supõem que estão enamorados. O eu goza diante do espelho de cristal ou se sente feliz observando-se na pessoa que tem suas mesmas qualidades, virtudes e defeitos.

Muito é o que falam os predicadores sobre a verdade, porém, por acaso, será possível se conhecer a verdade enquanto existir em nós o amor próprio?

Só se acabando com o amor próprio, só com a mente livre de suposições, poderemos experimentar, na ausência do eu, isso que é a VERDADE.

Muitos criticarão esta obra, A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA. Como sempre, os pseudo-sapientes rirão de seus argumentos revolucionários pelo delito de não coincidir estes ensinamentos com as suas suposições mentais e com as complicadas teorias que mantêm em sua memória.

Os eruditos não são capazes de escutar com mente espontânea, livre de suposições, teorias, preconceitos, etc., a psicologia revolucionária. Não são capazes de se abrirem ao novo com mente íntegra, com mente não dividida pelo batalhar das antíteses.

Os eruditos só escutam para fazer comparações com as suas suposições armazenadas na memória. Os eruditos só escutam para traduzir de acordo com sua linguagem de preconceitos e prejulgamentos para chegar à conclusão de que os ensinamentos de A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA são fantasia. Os eruditos são sempre assim. Suas mentes já estão tão degeneradas que não são capazes de descobrir o novo.

O eu em sua soberba quer que tudo coincida com suas teorias e suposições mentais. O eu quer que todos os seus caprichos se cumpram e que o cosmos em sua totalidade se submeta aos seus experimentos de laboratório.

O Ego se aborrece com tudo aquilo que lhe fira o amor próprio. O Ego adora as suas teorias e preconceitos.

Muitas vezes nos aborrecemos com alguém sem motivo algum. Por quê? Simplesmente porque esse alguém personifica alguns erros que carregamos bem escondidos e que não nos agrada que outro os exiba. Realmente, os erros que a outros atribuímos os levamos nós bem dentro.

Ninguém é perfeito neste mundo. Todos nós fomos cortados pela mesma tesoura. Cada um de nós é um mau caracol no seio da Grande Realidade.

Quem não tem um defeito em determinada direção, o tem noutra direção. Alguns não cobiçam dinheiro, mas cobiçam fama, honras, amores, etc. Outros não adulteram com a mulher alheia, porém gozam adulterando doutrinas, misturando credos em nome da Fraternidade Universal.

Alguns não sentem ciúmes da sua mulher, porem são ciumentos de amizades, credos, seitas, coisas, etc. Assim somos nós, seres humanos, cortadinhos pela mesma tesoura.

Não há ser humano que não adore a si mesmo. Nos já escutamos indivíduos que ficaram horas e horas falando de si mesmos, gozando de suas maravilhas, de seu talento, de suas virtudes, etc.

O Ego quer tanto a si mesmo que chega a invejar o bem alheio. As mulheres se enfeitam com muitas coisas, em parte por vaidade e em parte para despertar a inveja das demais mulheres. Todas invejam a todas. Todas invejam o vestido alheio, o belo colar, etc. Todas adoram a si mesmas e não querem ver-se por baixo das demais. São cem por cento narcisistas.

Alguns pseudo-ocultistas ou irmãos de muitas seitas adoram tanto a si mesmos que chegam a se julgar poços de humildade e santidade. Sentem-se orgulhosos de sua própria humildade. São terrivelmente orgulhosos.

Não há irmãzinha ou irmãozinho pseudo-ocultista que no fundo não se presuma de santo, um esplendor de beleza espiritual.

Nenhum irmãozinho ou irmãzinha pseudo-ocultista se julga mau ou perverso. Todos julgam-se santos e perfeitos ainda que sejam realmente não só maus como também perversos.

O querido Ego adora demasiado a si mesmo e sempre se julga, ainda quando não o diga, bom e perfeito.

A Dialética da Consciência

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, surge, às vezes, o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente necessitamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que, de verdade, anelamos a mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando, de verdade, se quer uma transformação interior completa.

Enquanto não amemos o trabalho psicológico que conduz à mudança, a reavaliação dos princípios torna−se algo mais que impossível.

Seria absurdo supor que pudéssemos nos interessar pelo trabalho se na realidade não chegamos a amá−lo.

Isto significa que o amor é indispensável quando uma e outra vez tratamos de revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico.

Urge, antes de tudo, saber o que é isso que se chama Consciência, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber algo sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador ao cair nocauteado sobre o ringue perde a consciência.

É claro que, ao voltar a si, o desventurado pugilista adquire novamente a consciência.

Sequencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a Consciência.

Ao vir ao mundo, todos trazemos à existência uns três por cento de Consciência, e uns noventa e sete por cento repartíveis entre sub−consciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de Consciência desperta podem ser acrescidos à medida em que trabalhamos sobre nós mesmos.

Não é possível acrescentar Consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos.

Indubitavelmente, a Consciência somente pode despertar à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energia dentro de nós mesmos que devemos compreender. Primeiro: energia mecânica; segundo: energia vital; terceiro: energia psíquica. Quarta: energia mental. Quinta: energia da vontade. Sexta: energia da consciência. Sétima: energia do espírito puro.

Por muito que multiplicássemos a energia estritamente mecânica, jamais conseguiríamos despertar a Consciência.

Por muito que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo, nunca chegaríamos a despertar Consciência.

Muitos processos psicológicos realizam−se dentro de nós mesmos sem necessidade da intervenção da Consciência.

Por muito grandes que sejam as disciplinas da mente, a energia mental nunca poderá despertar os diversos funcionalismos da Consciência.

A força da vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar a Consciência.

Todos estes tipos de energia se escalonam em distintos níveis e dimensões que nada têm a ver com a Consciência.

A Consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

O pequeno percentual de Consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementado, costuma ser desperdiçado inutilmente na vida.

E óbvio que ao nos identificarmos com todos os acontecimentos da nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da Consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme, sem identificar−nos jamais com nenhuma comédia, drama ou tragédia; assim, economizaríamos energia conscientiva.

A Consciência em si mesma é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória.

Não confundamos a Consciência com a memória, pois são diferentes uma da outra, como o é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde andamos.

Muitos atos se realizam, dentro de nós mesmos, sem participação alguma disso que se chama Consciência.

Em nosso organismo sucedem muitos ajustes e reajustes, sem que a Consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode manobrar um automóvel ou dirigir os dedos que tocam o teclado de um piano, sem a mais insignificante participação da Consciência.

A Consciência é luz que o inconsciente não percebe.

O cego tampouco percebe a luz física solar; mas ela existe por si mesma.

Necessitamos abrir−nos para que a Luz da Consciência penetre nas trevas espantosas do mim mesmo, do si mesmo.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando diz no Evangelho: "A luz veio às trevas mas as trevas não a compreenderam."

Mas seria impossível que a Luz da Consciência pudesse penetrar dentro das trevas do eu mesmo, se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto−observação psicológica.

Necessitamos franquear a passagem da luz para iluminar as profundidades tenebrosas do eu da psicologia.

Jamais nos auto−observaríamos se não tivéssemos interesse em mudar. Tal interesse só é possível quando amamos de verdade os ensinamentos

esotéricos.

Agora compreenderão nossos leitores o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar, uma e outra vez, as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A Consciência desperta nos permite experimentar, de forma direta, a realidade.

Infelizmente, o "animal intelectual", equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, esqueceu a Dialética da Consciência.

Sem dúvida alguma, o poder para formular conceitos lógicos é, no fundo, terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e, mediante a discussão, à síntese; mas, esta última, em si mesma, continua sendo um conceito intelectual que, de modo algum, pode coincidir com a realidade.

A Dialética da Consciência é mais direta, nos permite experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo e por si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente.

A vida se desenvolve de instante em instante e, quando a capturamos para analisá −la, matamo−la.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato deixamos de perceber a realidade do fenômeno e só vemos, no mesmo, o reflexo das teorias e conceitos rançosos que, de modo algum, nada tem a ver com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante e queremos, à força, que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A Dialética da Consciência fundamenta−se nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se em nosso interior não as descobrimos, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no universo e o universo está contido no homem.

Real é aquilo que experimentamos em nosso interior. Só a consciência pode experimentar a realidade.

A Linguagem da Consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertos podem compreendê−la.

Quem queira despertar Consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o ego, o eu, o mim mesmo, dentro dos quais encontra−se engarrafada a Essência.

A ORGANIZAÇÃO DA PSIQUE

Depois da crença cega, depois da incredulidade* e o *cepticismo, se escondem muitos matizes de falsa moral e muitos conceitos equivocados de falsa respeitabilidade, em cuja sombra se robustece o Eu.

Vamos dar começo a nossa cátedra. Poderíamos denominá-la Intuição.

Antes de tudo temos que começar pela base: o *Homem.* De onde viemos? Para onde vamos? Qual é o objeto de nossa existência? Para que existimos? Por que existimos?

Eis aí uma série de interrogantes que devemos esclarecer e resolver. Nasce um menino e de fato recebe o corpo físico de forma gratuita, é óbvio. Um corpo maravilhoso com 15 bilhões de neurônios à seu serviço. Nada lhe custou.

Conforme o menino vai crescendo, a Mente Sensual vai se abrindo pouco a pouco. Esta última, em si mesmo e por si mesmo, informa mediante as percepções sensoriais externas. E é precisamente com os dados contribuídos por estas percepções, como a Mente Sensual elabora sempre seus conceitos de conteúdo, motivo pelo qual ela jamais pode saber algo sobre o *Real.* Seus processos raciocinativos são subjetivos, movem-se dentro de um círculo vicioso: o das Percepções sensoriais externas, isso é óbvio.

Agora compreenderão vocês um pouco melhor o que é a Razão Subjetiva em si mesmo, mas há que se fazer uma plena diferenciação entre Razão Subjetiva e Razão Objetiva.

É óbvio que o menino tem que passar por todos os Processos educacionais: Jardim-de-infância, Primário, Secundário, Universidade.

A Razão Subjetiva se nutre com todos os dados que as distintas Instituições Escolásticas lhe contribuem. Mas é verdade que nenhum Instituto Docente poderia dar ao menino, ou ao jovem, ou ao adolescente, dados exatos sobre Isso que não é do tempo, sobre isso que é o Real.

Na verdade, as especulações da Razão Subjetivas vêm a conduzir pois, ao intelectual, ao terreno absurdo, diríamos, da utopia. Ou no melhor dos casos, das simples opiniões de tipo subjetivo, mas nunca à Experiência da Verdade, disso que não é do tempo.

Em troca, a Razão Objetiva, que desgraçadamente não recebe nenhuma instrução, para a qual não há escolas, permanece sempre abandonada. Indubitavelmente, os processos raciocinativos da Razão Objetiva, obviamente, conduzem-nos, diríamos, a postulados exatos e perfeitos. Mas o menino, de lugar a lugar, é educado subjetivamente; para ele não existe nenhuma forma de instrução superior.

Os dados que os sentidos aportam à Mente Subjetiva do adolescente, á Mente Sensual, diríamos, todas as questões escolásticas, de família, etc., são meramente empíricos e subjetivos, e isso é o lamentável.

No princípio, o menino não perdeu ainda a capacidade de assombro. Obviamente, ele se assombra ante qualquer fenômeno. Um formoso brinquedo desperta nele esse assombro e se divertem os meninos com seus brinquedos. Conforme vai crescendo, conforme sua Mente Sensual vai recebendo dados da escola, do colégio, sua capacidade de assombro vai desaparecendo e, ao fim, chega o instante em que o menino se converte em jovem e o jovem já perdeu por completo essa capacidade.

Infelizmente, os dados que a pessoa recebe nos colégios, nas escolas, nos centros educacionais, só servem, como já disse, para nutrir a Mente Sensual, e nada mais. Dessa forma, e com esses sistemas de educação atuais, o único que realmente se consegue é forjar-nos, na escola, na academia,na universidade, uma personalidade artificiosa.

Leve em consideração que, em realidade, de verdade, os conhecimentos que se estudam na humanidade, jamais servirão para formar ao Homem Psicológico. Em nome da Verdade, temos que dizer claramente, que as matérias que se estudam atualmente nos Institutos Docentes não têm relação alguma com as distintas partes do Ser. Por isso é que só

servem para:

Primeiro: falsear os cinco cilindros da Máquina Orgânica.

Segundo: tirar-nos a capacidade de assombro.

Terceiro: despir a Mente Sensual.

Quarto: forjar em nós uma personalidade falsa.

E isso é tudo. Assim, que se entenda claramente que a Mente Sensual de forma alguma poderia produzir em nós uma transformação radical. É conveniente entender que a Mente Sensual, por muito culta que pareça, nunca poderá tirar a pessoa da automatização e da Mecanicidade em que se encontram todas as pessoas, todo mundo.

Uma coisa é o homem meramente animal, ou seja, o "Animal Intelectual" e outra coisa, em verdade, muito diferente, por certo, é o verdadeiro Homem Psicológico. Ao citar a palavra Homem, incluo também, naturalmente, à mulher e isto se deve subentender claramente.

Nascemos com um corpo físico maravilhoso, mas em realidade, de verdade, precisamos fazer algo mais. Formar o corpo físico não é difícil, herdamo-lo, mas formar o Homem Psicológico sim, é difícil. Para formar o corpo físico não precisamos trabalhar sobre nós mesmos, mas para formar ao Homem Psicológico sim, devemos trabalhar sobre nós mesmos, isso é óbvio. Trata-se, pois, de organizar a Psique que está desordenada para criar ao Homem Psicológico, que é o verdadeiro Homem no sentido mais completo da palavra.

Dizia o Mestre Gurdjief que a Máquina Orgânica não tem nenhuma Psicologia. Tenho que dissentir bastante dele nessa questão. Sim existe Psicologia em qualquer Máquina Orgânica equivocadamente chamada Homem; o que acontece é que está desorganizada e isto é distinto. Organizar essa Psicologia dentro do "Animal Intelectual" é o urgente, o inadiável, o impostergável, se é que queremos, na verdade, criar ao verdadeiro Homem que é o Homem Psicológico.

Distinga-se pois, entre o Animal Intelectual, equivocadamente chamado Homem, e o verdadeiro e autêntico Homem Psicológico. Nós precisamos trabalhar sobre nós mesmos, se é que queremos criar a tal Homem. Entretanto, há luta em nós, a Mente Sensual é inimiga declarada da Mente Superior.

A Mente Sensual se identifica com qualquer circunstância. Se por exemplo, de repente nos encontramos em um banquete esplêndido e nos identificamos tanto com as viandas que nos convertemos em glutões ou nos identificamos tanto com o vinho que terminamos embriagados; se encontrarmos em nosso caminho uma pessoa do sexo oposto, fascinante, interessante, identificamo-nos tanto com aquela que ao fim terminamos nós em fornicários ou convertidos, simplesmente, em adúlteros. Nestas circunstâncias e deste modo, não é possível criar ao Homem Psicológico.

Se por alguma parte temos que começar o *Trabalho* de criar ao *Homem Psicológico*, será em realidade, de verdade, trabalhando sobre si mesmos, não nos identificando jamais com nenhuma circunstância e nos Auto-observando de instante em instante, de momento em momento.

Há quem erra o caminho; existem sociedades, escolas, ordens, lojas, religiões, seitas, que pretendem organizar a Psique humana mediante certas máximas que chamaríamos "de Ouro"; comunidades que pretendem mediante tal ou qual máxima conseguir algo que eles chamariam purificação, santidade, etc. Isto tudo é urgente analisá-lo.

É óbvio que uma máxima qualquer de tipo ético, religiosa, nunca poderia servir de patrão para os distintos acontecimentos da vida. Uma máxima estruturada com Lógica Superior, como a lógica de Ouspenski, por exemplo, na verdade que jamais poderia criar um novo Cosmos, nenhuma nova Natureza, sujeitos estritamente a uma máxima com o propósito de organizar nossa Psique, seria absurdo, significa nos converter em escravos, obviamente.

De maneira que convém que reflitamos sobre muitos catálogos éticos e códigos morais tidos como "máximas de Ouro". Além disso, é tanto o que há que analisar antes de poder entrar a pessoa no trabalho de organizar a Psique, que inquestionavelmente um enunciado

demonstrativo, por exemplo, por muito rico que ele fosse, e perfeito, poderia ser falso e o que é pior, intencionalmente falso.

Assim ao tentarmos uma transformação de si mesmos, temos que nos tornar um pouco mais individuais. Não quero dizer egoístas, subentenda-se isto como aprender a pensar melhor e de uma forma mais independente e perfeita que muitas sentenças sagradas, "máximas de Ouro", como já disse, aforismos que todo mundo considera perfeitos, mas que não poderiam servir de patrão de medida para conseguir uma transformação autêntica e uma organização da Psique dentro de nós.

Trata-se de organizar a Psique interna e temos que sair de tanto racionalismo de tipo subjetivo e ir, como se diz, ao grão, aos fatos. Confrontar nossos próprios erros como são, não querer nunca justificá-los, não tratar de fugir deles, não tentar desculpá-los. Necessita-se que nos tornemos mais sérios na analítica, temos que ser, diríamos, mais judiciosos, mais pormenorizados.

Se na verdade não procuramos escapatórias, então sim podemos trabalhar sobre nós mesmos para conseguir a organização do Homem Psicológico e deixar de ser meros "Animais Intelectuais" como até agora somos.

A Auto-observação Psicológica é básica. Necessita-nos, ern verdade, Auto-observar-nos de instante em instante, de segundo em segundo. Com que objetivo? Um... Qual?
Descobrir nossos defeitos de tipo psicológico. Mas descobri-lo$_s$ no terreno dos fatos, observá-los diretamente, judiciosamente, sem evasivas, sem desculpas, sem escapatórias de nenhumá espécie.

Uma vez que um defeito foi descoberto, então, e somente então, podemos nós compreendê-lo, e ao tentar compreendê-lo devemos, repito, ser severos com nós mesmos. Muitos, quando tentam compreender um erro, o justificam ou o evadem ou o escondem de si mesmos. Isso é absurdo. Há também alguns irmãozinhos gnósticos que ao descobrir tal ou qual defeito em si mesmos começam com sua Mente, diríamos teórica, a fazer especulações. Isso é muito grave. Porque como já disse, e o repito agora neste momento, as especulações da Mente meramente subjetivas vão desembocar, forçosamente, no terreno da utopia; isso é claro.

Assim, se queremos entender um erro, as especulações meramente subjetivas devem ser eliminadas, e para que sejam eliminadas se precisa ter observado o erro diretamente; só assim, mediante uma correta observação, é possível corrigir a tendência à especulação.

Uma vez que alguém compreendeu integralmente qualquer defeito psicológico em todos os Níveis da Mente, então sim pode dar o luxo de quebrantá-lo, de desintegrá-lo, de reduzi-lo a cinzas, a poeira cósmica. Entretanto, não devemos esquecer nunca que a Mente, por si mesmo, não pode alterar radicalmente nenhum defeito, nunca.

A Mente, por si mesmo, pode rotular qualquer defeito com distintos nomes, pode passá-los de um Nível a outro, escondê- los de si mesmo, escondê-lo de outros, mas nunca desintegrá- lo.

Muitas vezes falei aqui; disse-lhes que necessitamos de um poder que seja superior à Mente, de um poder que na verdade possa reduzir a cinzas a qualquer defeito de tipo psicológico.

Felizmente, esse poder existe no fundo de nossa Psique, refiro-me claramente a Stella Maris, a Virgem do Mar, uma variante de nosso próprio Ser, mas derivada ou derivado.

Se nos concentramos nessa força variante que existe em nossa Psique, essa força que alguns povos a denominaram (sis, e outros Tonantzín e aqueles Diana, etc., seremos assistidos; então o defeito em questão pode ser reduzido à poeira cósmica.

Qualquer Agregado Psíquico, viva personificação de tal ou qual erro, uma vez que foi desintegrado, libera algo, isso se chama essência. É claro, que dentro de qualquer dessas "garrafas", conhecidas como Agregados Psíquicos, existe Essência ou Consciência Anímica enfrascada. Ao quebrantar- se este ou aquele erro, a percentagem de Essência ali

depositado ou engarrafado é liberado.

Cada vez que uma percentagem de *Essência Búdhica é* liberada, aumenta de fato e por direito próprio a percentagem de Consciência. E assim, conforme nós vamos quebrantando os Agregados Psíquicos, a percentagem de Consciência desperta irá se multiplicando, e quando a totalidade dos Agregados Psíquicos sejam reduzidos a cinzas, a Consciência terá despertado também em sua totalidade.

Se tão somente quebrantamos 50% de elementos psíquicos desumanos indesejáveis, possuímos obviamente 50% de Consciência Objetiva desperta.

Mas, se nós conseguimos quebrantar cem por cento dos Agregados Psíquicos indesejáveis, obteremos de fato e por direito próprio, cem por cento de *Consciência Objetiva.* Assim, à base de multiplicações incessantes, nossa Consciência irá resplandecendo cada vez mais, isso é óbvio.

Obter o absoluto *despertar* é o que nós queremos. É Possível, se marchamos pelo caminho correto; do contrário, não seria possível obtê-lo, isso é claro.

Em todo caso, à medida que nós vamos quebrantando os elementos psíquicos indesejáveis que em nosso interior carregamos, distintos Siddis ou Faculdades Luminosas irão aflorando em nossa Psique, e quando se tiver conseguido a Aniquilação Budhista, então, na verdade teremos conseguido a mais absoluta Iluminação.

Esta palavra *"Aniquilação Budhista"* molesta muito a determinadas organizações de tipo pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas. A nós, em vez de nos chatear tal palavra nos agrada realmente, conseguir cem por cento de *Consciência* é algo anelável.

São muitos os que queriam ter a Iluminação, são muitos os que se sentem amargurados, os que padecem entre as Trevas, os que sofrem pelas distintas circunstâncias amargas da vida.

A Iluminação é algo muito anelável, mas a Iluminação tem uma razão de ser. A razão de ser da Iluminação é o Dharmadhatu. Esta palavra de tipo sânscrito soará um pouco estranha aos ouvidos dos aqui presentes. Dharmadhatu vem da raiz Dharma.

Poderia alguém desintegrar os elementos psíquicos indesejáveis que em nosso interior carregamos, entretanto, nem por isso obteria a Iluminação radical. Aqui entra em jogo isso que se chama o Terceiro Fator da Revolução da Consciência, o do *Sacrifício pela Humanidade.*

Se não nos sacrificarmos pela humanidade não seria possível conseguir a Iluminação Absoluta porque, repito, a razão de ser da Iluminação é o Dharmadhatu.

É óbvio que se desintegrarmos o Ego, nos pagam. É certo e de toda verdade, que se criarmos os Corpos Existenciais Superiores do Ser, nos pagam. Não podemos negar que se nos sacrificamos por nossos semelhantes, nos pagam; tudo isso é indubitável.

Para conseguir a Iluminação absoluta se precisa Trabalhar com os Três Fatores da Revolução da Consciência: Nascer, ou seja, criar os Veículos Existenciais Superiores do Ser; Morrer, desintegrar o Ego em sua totalidade, e Sacrifício pela Humanidade. Eis aí os Três Fatores da Revolução da Consciência.

Mas como dizia a vocês, temos que saber trabalhar sobre pós mesmos, isso é óbvio. Precisamos organizar ao Homem psicológico dentro de si mesmos. Primeiro que tudo, antes de conseguir-nos a Iluminação absoluta, o Homem Psicológico deve nascer em nós. E nasce em nós quando se organiza a psique.

Há que organizar a Psique dentro de si mesmos, aqui e agora. Se nós trabalharmos corretamente, organizamos a Psique. Por exemplo: se não esbanjarmos as energias do Centro Emocional, se não esbanjarmos as energias da Mente, ou as do Cérebro Motor-Instintivo-Sexual, é óbvio que com tal reserva criamos ou devemos criar, dar forma, ao segundo Corpo Psicológico em nós, o Corpo das Emoções, denominemo-lo Eidolon.

É indubitável que se nos libertamos da Mente Sensual conseguiremos em realidade, de verdade, economizar energias intelectuais com as quais poderíamos nutrir ao terceiro Corpo

Psicológico ou Mente Individual. Ao me pronunciar contra a Mente Sensual, quero que entendam claramente os irmãos que não deixo de reconhecer a utilidade da Mente Sensual e que precisamos viver em perfeito equilíbrio, saber dirigir a Mente Superior e saber usar a Mente Sensual.

Porque se a pessoa não sabe usar a Mente Sensual, esquece-se de que tem que pagar o aluguel, esquece-se de que deve comer para existir, esquece-se de que tem que vestir- se, anda pelas ruas no mais completo desalinho, não cumpre com seus deveres na vida. Então, a Mente Sensual é necessária. Mas há que sabê-la dirigir inteligentemente, com equilíbrio; ou seja, a Mente Superior e a Mente Sensual devem equilibrar-se na vida, isso é óbvio.

Há pessoas que se preocupam unicamente pela Mente Superior, por exemplo determinados eremitas que vivem em cavernas nos Himalaias, e esquecem que têm uma Mente Sensual.

Necessita-se que a Mente Sensual funcione de forma equilibrada para cumprir com seus deveres na vida.

A conflito entre a Mente Superior e a Sensual é espantosa. Nos recordemos do Cristo quando esteve em seu jejum no deserto. Se apresentou um demônio e lhe disse: *"Todos estes reinos do mundo lhe entregarei se te ajoelhas e me adoras".* Ou seja, a Mente Sensual tentando-o. E responde a Mente Superior dizendo: *"Satã, Satã, escrito está, ao Senhor teu Deus adorarás e a ele somente obedecerás".*

Jesus não se deixou dominar pela Mente Sensual mas isto não quer dizer que não seja útil tal Mente. O que acontece é que há que tê-la sob controle, deve marchar em perfeito equilíbrio com a Mente Superior.

Ao tratar de organizar ao Homem Psicológico, obviamente acontecerá um conflito espantoso entre as duas mentes, entre a Superior, a Psicológica e a Sensual. A Mente Sensual não quer nada que se relacione com a Mente Superior. A Mente Sensual goza quando se identifica com uma cena de luxúria ou quando se identifica com um acontecimento doloroso na rua ou quando se identifica com uma taça de vinho, etc. A Mente Psicológica se opõe violentamente.

Vou ilustrar isto com um exemplo, la de repente em um carro, alguém conduzia o automóvel. íamos pelo lado esquerdo de uma rua. Pelo lado direito, uma dama conduzia outro veículo. De repente acontece, que o automóvel que aquela dama conduzia muda de direção, tenta entrar em um supermercado. É óbvio que indo pela direita devia girar para alguma parte para entrar nele. Se o supermercado estivesse a sua direita teria se metido para a direita. Mas infelizmente, estava a sua esquerda e o lado esquerdo estava ocupado pelo carro em que nós viajávamos.

Não importou àquela dama absolutamente nada e definitivamente girou para a esquerda e claro, chocou-se com *o* carro em que íamos. Os danos não foram graves, foram mínimos para aquele outro automóvel. Mas aqui vem o interessante.

No carro em que viajava minha insignificante pessoa, o condutor reconheceu não ter a culpa e na verdade não a tinha, ele não era culpado de que outro veículo tivesse entrado em sua frente, girando violentamente no momento em que ele circulava. Naturalmente, alegou isso à dama em questão. A dama insistia em ter sua razão, claro. Sua razão era manifestamente absurda e qualquer perito de tráfico a teria desqualificado imediatamente.

Entretanto, ela insistia em chamar o seguro para arrumar o problema. Depois de umas duas horas, o seguro não chegava, a dama insistia que lhe pagássemos 300 pesos que custava o dano, a reparação de seu veículo que ela mesma tinha destruído.

Os ocupantes do carro em que viajava e seu condutor, definitivamente estavam irados de grande maneira e embora qualquer um deles pudessem pagar, não estavam dispostos a fazê-lo, tal era a ira que tinham.

Por minha parte, resolvi não me identificar com aquela circunstância, pois nossa disciplina psicológica, nosso Judô Psicológico, indica-nos que em tais casos nós não

devemos identificar-nos: é óbvio que permaneci sereno de acordo com nosso Judô Psicológico.

Bom, mas o tempo se passava, duas horas e possivelmente muitas mais teríamos que aguardar, pois o seguro não aparecia. Ao fim aquela dama chegou muito respeitosamente para mim, pois viu que era o único que estava sereno. Os outros ocupantes vociferavam. Diz-me: *"Senhor, se me desse sequer 300 pesos, deixamos esta questão de lado, que estou perdendo tempo e todos o estamos perdendo". "Mas* se *observar você a posição em que estão os dois carros, se queria você girar à esquerda, deveria trazer o sulco esquerdo, mas se você for pelo sulco direito e, entretanto tenta entrar nesse supermercado, não ê possível entrar pelo sulco direito quando o esquerdo vai ocupado. Qualquer perito em tráfico a desqualifica". "Senhor, mas o que fazemos perdendo o tempo, o seguro não vem". "Bem, tome seus 300 pesos e vá na Santa paz. Não há problema, siga sua viagem".*

É óbvio, houve um protesto geral dos presentes, indignaram-se não somente contra aquela dama, mas sim contra mim também. Tal era o estado em que se encontravam que não podiam senão protestar, encontravam-se absolutamente identificados com a cena e claro, me qualificaram de tolo, etc., etc., etc. e outras tantas coisas.

Claro, um dos condutores avançou direto para as damas com o propósito de as insultar, pois eram várias, a que condizia e as que a acompanhavam. Eu me adiantei um pouquinho e disse a aquela senhora: *"Vá na Santa paz e não faça caso aos insultadores".*

Bom, a mulher muito feliz de longe me deu a última saudação e o carro se perdeu pelas ruas da cidade. Poderia seguir aguardando três, quatro, seis horas, toda uma tarde e possivelmente até a noite, até que chegasse o seguro para conduzir a qualquer acerto tolo.

Realmente, não havia problema grave, os danos daquele carro eram mínimos, mas embora aqueles tripulantes tinham dinheiro, de maneira nenhuma estavam dispostos a pagar, encontravam-se tão identificados com a cena que, obviamente, não tinham vontade, como se diz, de dar o braço a torcer.

Salvei-lhes certamente de uma quantidade de pormenores e detalhes molestos, evitei-lhes possivelmente ir à Delegacia, evitei-lhes cinqüenta mil tolices, amarguras e discussões. Mas eles se encontravam tão identificados com aquele fato que nem se davam conta do bem que lhes tinha feito. Assim são as pessoas.

De maneira que, meus queridos amigos, em realidade, de verdade, devem vocês entender que identificar-se com as circunstâncias traz problemas, é absurdo identificar-se com as circunstâncias, completamente absurdo, gastam-se as energias.

Com que energias organizaríamos, por exemplo, o Corpo

Astral se nos deixamos levar por esses estalos de Ira, por esses aborrecimentos espantosos, por essas valentias que não têm razão de ser? Tudo por nos identificar com as circunstâncias.

Com que forças poderia alguém se dar ao luxo de criar uma Mente Individual, se na verdade esbanja suas energias intelectuais, esbanja-as em tolices, em fatos similares aos que lhes contei?

A criação do segundo Corpo nos convida a economizar energias emocionais e a criação de um terceiro Corpo, o chamaríamos Intelectual ou Mente individual, faz-nos compreender a necessidade de economizar um pouco nossa energia mental.

Agora bem, se nós não aprendermos na verdade a deixar as antipatias mecânicas, se nós estivermos cheios sempre de má vontade para nossos semelhantes, com que energias criaríamos então o Corpo da Vontade Consciente, ou seja, o quarto Corpo Psicológico? Pois há que criar todo esse jogo de veículos Superiores, se é que queremos na verdade criar dentro de nós mesmos, ou dar forma dentro de si mesmos, ou fabricar dentro de nós ao Homem Psicológico.

Bem sabemos que alguém que possua o Corpo Físico, um segundo Corpo de tipo

Emocional-Psicológico, um terceiro Corpo de tipo Mental-Individual e um quarto Corpo de tipo Volitivo-Consciente, pode dar o luxo de receber esses Princípios Anímicos para converter-se em Homem, isso é indubitável. Mas se as pessoas verdadeiramente esbanjam suas energias, as motrizes, vitais, emocionais, mentais e volitivas, identificando-se com todas as circunstâncias da vida, pois é óbvio que nunca poderá organizar esses Corpos Psicológicos tão indispensáveis para que dentro de si mesmo apareça o Homem.

Assim, que quando falo de organizar a Psique, deve saber- se entender: temos que manejar energias, saber utilizá-las, não nos identificar para não esbanjar nossas energias torpemente, não esquecermos de nós mesmos. Quando alguém se esquece de si mesmo se identifica e quando se identifica, então não pode dar forma à Psique, não pode fazer com que a Psique se estruture inteligentemente em si mesmo, porque esbanja as energias torpemente. Isto é urgente entendê-lo, meus queridos irmãos.

Assim, um Homem verdadeiro é um Homem que economizou suas energias, que mediante as mesmas pôde criar os Corpos Existenciais Superiores do Ser.

Um verdadeiro Homem é aquele que recebeu seus Princípios Anímicos Espirituais, um Homem perfeito é aquele que desintegrou, digamos, todos os elementos psíquicos inumanos, que em vez de tais elementos indesejáveis deu forma ao Homem Interior.

O Homem Interior é o que conta, o Homem Interior recebe seu pagamento, a Grande Lei te paga; o Homem Interior está acordado porque desintegrou o Ego; o Homem Real, verdadeiro, que se sacrifica por seus semelhantes, obviamente consegue a Iluminação.

Assim, criar o Homem é o primeiro, é o fundamental e isto se consegue organizando a Psique. Mas muitos, em vez de dedicar-se a organizar sua própria Psique íntima, preocupam-se exclusivamente por desenvolver poderes ou Siddis inferiores, isso sim é absurdo. Com o quê vamos começar a organizar a Psique ou a desenvolver poderes inferiores? O que é que queremos? Nós temos que ser judiciosos na análise, judiciosos em nossos desejos. Se for poderes o que estamos procurando, perdemos o tempo miseravelmente. Acredito que o fundamental é que organizemos nossa Psique inferior, isso é o básico.

Se vocês o entenderem por si mesmos e trabalharem em si mesmos, conseguirão dar forma à Psique; então o Homem Real, o Homem Verdadeiro terá nascido em vocês. Entendam isto: melhor é que em vez de andar procurando Siddis inferiores, ou poderes inferiores, como dizemos nós, demos forma à Psique.

Há um poder transcendental que nasce em qualquer Homem que verdadeiramente trabalhou sobre si mesmo; refiro- me de forma enfática à Intuição. E cito isto para que vocês deixem de cobiçar poderes. Mas, qual é essa faculdade?

Nos foi dito que está relacionada com a glândula Pineal, não o nego, mas o interessante é explicar quais são suas funções.

Como definiríamos a Intuição? Percepção direta da Verdade sem o processo deprimente da opção.

Bom, está boa essa forma de definir, mas a encontro muito incipiente, usam-na todas as escolinhas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas de por aí. Mas a analítica nos convida a aprofundar mais neste assunto.

O que é a Intuição? É a Faculdade de interpretação. Possivelmente Hegel, em sua Dialética, trata de defini-la com a filosofia chinesa da Raça Amarela.

Uma Imperatriz chinesa não entendia bem esta questão da Intuição. Um sábio lhe explicou que era a Faculdade de interpretação. Está correta essa definição, mas ela não entendia.

Então o sábio trouxe uma vela acesa e a colocou no centro de um recinto e a seu redor colocou também dez espelhos. É claro que a chama daquela vela se refletia em um espelho, e esse espelho a projetava a outro espelho, e o outro espelho a projetava ao outro, e o outro ao outro. Assim notaram que os dez espelhos mutuamente se projetavam a luz um a outro, formou-se um jogo de luzes maravilhoso, um jogo com interpretação. A Imperatriz entendeu,

eis aí a faculdade da Intuição.

Se alguém obteve a Aniquilação Budhista, se alguém conseguiu fabricar os Corpos Existenciais Superiores do Ser, se verdadeiramente for um Homem de verdade, no sentido mais transcendental da palavra, então a faculdade de interpretação será nele um fato.

Leve em consideração que nós estamos contidos no Cosmos. Tenho dito que somos uma parte de um todo. Dentro do Microcosmos homem há muito, existe muito e entretanto a nossa totalidade não é mais que uma parte de tudo.

Já sabemos que, por exemplo, dentro do Ayocosmos, ou seja, o Infinito, está contido o Macrocosmos.

Dentro do Macrocosmos, que é a Via Láctea, está contido o Deuterocosmos, o Sistema Solar. Dentro do Deuterocosmos está contido o Sol Cósmico, e dentro deste está contido pois, o Cosmos Terra, o Mesocosmos. Por sua vez, dentro do Mesocosmos, está contido o Microcosmos Homem e dentro do Microcosmos Homem, está contida pois, a vida do imensamente pequeno, o Tritocosmos.

Como dentro de um Cosmos há outro Cosmos e dentro desse Cosmos há outro e por tudo há sete Cosmos, uns contidos em outros.

De maneira que dentro de nós há um Cosmos inferior, isso é claro, o Tritocosmos e um Cosmos superior, é claro, o Mesocosmos. Nós estamos entre um Cosmos Superior e um Cosmos inferior.

Estamos também muito relacionados com nossos pais, pois nos deram origem; por sua vez, de nós sucedem os filhos e os netos; todos estamos interpenetrando-nos mutuamente. Indubitavelmente, meus queridos amigos, a existência de um modo qualquer, seu nascimento, seu desenvolvimento, sua morte, fica refletindo-se também dentro do Homem Verdadeiro que obteve a Aniquilação Budhista. Então, este pode dizer, “conheço a história desse planeta”. Todo o Mahamvantara pode refletir-se na unha de um Homem autêntico. E refletir-se com tanta exatidão, que esse Budha não ignore nada.

Tudo o que pode acontecer a uma nação pode refletir-se na Psique de um Homem que passou pela Aniquilação Budhista. E refletir-se com tanta exatidão, com tanta precisão, com tanto detalhe, que este não chegue a ignorar nem o mais insignificante acontecimento.

Assim, vocês deduzam e infiram do que temos dito do que é a Intuição: a Faculdade de interpretação.

Se conseguirmos que a História desta Galáxia se reflita em nós, ignoraríamos algo, por exemplo, em relação com a mesma? Pois claro que não. A Galáxia com todos seus processos pode refletir-se em nossa Psique com tanta naturalidade, meus queridos irmãos, como aquela vela do exemplo que pus, que se refletia nos 10 espelhos que serviram para ilustrar à Imperatriz.

Se todas as circunstâncias podem refletir-se na Psique de um *Budha* de Contemplação, porque este já não tem Agregados Psíquicos desumanos que desintegrar, então este de fato consegue mediante a Intuição isso que poderíamos definir como Consciência.

Chegar à Iluminação é possível. Mas não esqueçam, meus queridos amigos, que a Iluminação por sua vez tem suas leis. A Razão de ser da Iluminação é o *Dharmadhatu,* ou seja, o Dharma.

O Difícil Caminho

Inquestionavelmente, existe um lado escuro de nós mesmos que não conhecemos, ou que não aceitamos; devemos levar a luz da Consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

Todo o objeto de nossos estudos gnósticos é fazer com que o conhecimento de nós mesmos se torne mais consciente.

Quando temos muitas coisas, em nós mesmos, que não conhecemos, nem aceitamos, então tais coisas nos complicam a vida espantosamente e provocam, na verdade, toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de si.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas e, então, o vemos nelas.

Por exemplo: as vemos como se fossem embusteiras, infiéis, mesquinhas, etc., em relação com o que carregamos em nosso interior.

A Gnose diz, sobre este particular, que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Significa isso que nossa Consciência se estende só em uma parte muito reduzida de nós mesmos.

A idéia do trabalho esotérico gnóstico é a de ampliar, claramente, nossa própria Consciência.

Indubitavelmente, enquanto não estejamos bem relacionados com nós mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais e o resultado será conflitos de toda espécie.

É indispensável chegar a ser muitíssimo mais consciente para consigo mesmo, mediante uma direta observação de si.

Uma regra gnóstica geral no trabalho esotérico gnóstico é que, quando não nos entendemos com alguma pessoa, podemos ter a segurança de que esta é a mesma coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre nós mesmos.

O que se critica tanto nos outros é algo que descansa no lado escuro de nós mesmos, e que não se conhece, nem se quer conhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado escuro de nós mesmos é muito grande; porém, quando a luz da observação de si ilumina esse lado escuro, a Consciência acresce mediante o conhecimento de si.

Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel. Muitos a iniciam, muito raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também sucede com a lua psicológica que carregamos em nosso interior.

Obviamente, tal lua psicológica está formada pelo ego, o eu, o mim mesmo, o si mesmo.

Nesta lua psicológica, carregamos elementos inumanos que espantam, que horrorizam e que, de modo algum, aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da AUTO−REALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER. Quantos precipícios! Que passagens tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!...

Às vezes, o caminho interior, depois de muitas voltas e reviravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas descidas, se perde em desertos de areia, não se sabe por onde segue e nem um raio de luz o ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis onde só sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior, quando um crê que vai muito bem, em realidade, vai muito mal.

Neste caminho interior, quando um crê que vai muito mal, sucede que marcha muito bem.

Neste caminho secreto existem instantes em que já nem sabemos o que é bom, nem o que é mau.

O que, normalmente, se proíbe, às vezes, resulta que é o justo; assim é o caminho interior...

Todos os códigos morais, no caminho interior, ficam sobrando; uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos, pode converter−se num obstáculo muito sério para a Auto−Realização Íntima do Ser.

Afortunadamente, o Crísto Íntimo, desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior levamos.

O Cristo nasce como um menino no coração do homem; porém, à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo, pouco a pouco, até converter−se num Homem Completo.

15 − A Dissolução do Ego

Distintos amigos! Estimáveis damas! Hoje, 9 de dezembro do ano décimo de Aquário (1972), reunimo−nos novamente aqui, neste lugar, com o anelo de estudar profundamente o tema da dissolução do eu psicológico.

Antes de tudo, é indispensável que analisemos cuidadosamente esta questão do ego.

Diversas escolas de tipo pseudo−esoterista e pseudo−ocultista enfatizam a idéia descabida de um eu duplo. Ao primeiro o denominam eu superior, ao segundo qualifica−se−o como eu inferior.

Nós dizemos que superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa.

Muito se falou sobre o alter ego e até se o exalta e se o deifica, considerando−se−o divino.

Em nome disso que é a verdade, faz−se indispensável dizer que eu superior e inferior são dois aspectos do mesmo ego e que, portanto, exaltar o primeiro e subestimar o segundo resulta, fora de toda dúvida, algo incongruente.

Enfocando diretamente esta questão, olhando o ego tal como é em si mesmo e sem essa classe de arbitrárias divisões (superior e inferior), é claro que nós fazemos uma diferenciação correta entre o que é o eu e o que é o Ser.

Poder−se−ia objetar−nos que tal diferenciação não é mais que outro conceito emitido pelo intelecto.

Aqueles que nos escutam até buscarão escapatórias, asseverando que um conceito a mais ou um conceito a menos, em questões de alta filosofia, é algo que não tem a menos importância.

Há aqueles que, inclusive, podem dar−se ao luxo de escutar estas afirmações e logo esquecê−las para pôr atenção em algo que, sim, consideram de importância.

As pessoas de Consciência adormecida costumam passar por auto−afirmações deste tipo, porque já estão cansadas com tanta teoria.

Essas pessoas se dizem a si mesmas: “Que importa uma teoria a mais? Que importa uma teoria a menos?”

Nós devemos falar com plena franqueza e baseados em fatos, em experiências diretas, e não em simples opiniões de tipo subjetivo.

Vou dizer−lhes, amigos meus, o que me consta, o que tenho visto e ouvido, e, se vocês querem aceitar minhas asseverações, bem o fazem; mas, se querem rechaçá−las, é coisa dos senhores.

Todo ser humano é livre para aceitar ou rechaçar ou interpretar os ensinamentos como bem queira.

No princípio de minha atual reencarnação, eu também, como muitos dos senhores, havia lido vários livros pseudo−esotéricos e pseudo−ocultistas.

Buscando como os senhores o têm feito, passei por diversos escolas e conheci multidões de teorias.

É ostensível que, à força de tanto ler e reler, cheguei também a crer na existência de dois eus, o superior e o inferior.

Os distintos preceptores me diziam que devia dominar o eu inferior por meio do eu superior, para poder chegar, algum dia, ao adeptado.

Confesso, francamente e sem rodeios, que eu estava completamente convencido da existência dos tais dois eus.

Afortunadamente, um acontecimento místico transcedental veio sacudir−me intensamente no fundo de minha alma.

Sucedeu que uma noite qualquer, não importa a data, nem o dia, nem a hora, achando−me fora do corpo físico, de forma completamente consciente e positiva, veio a mim meu Real Ser Interno, o Íntimo.

Sorrindo, o Bendito me disse: “Tu tens que morrer.” Estas frases do Íntimo me deixaram perplexo, confundido, aniquilado.

Com um pouco de temor, interroguei meu Ser Interior (Atman), dizendo−lhe: “Por que tenho que morrer? Deixa−me viver um pouco mais; eu estou trabalhando pela humanidade...” Ainda recordo aquele instante em que o Bendito, sorrindo, repetiu−me pela segunda vez ... “Tu tens que morrer.”

Depois, o Adorável mostrou−me, na luz astral, aquilo que devia morrer em mim mesmo. Então vi o eu pluralizado formado por multidões de entidades tenebrosas, verdadeiro enxame de sujeitos perversos, agregados psíquicos de diferentes classes, demônios vivos personificando erros.

Assim foi, amigos meus, como vim saber que o eu não é algo individual, senão um soma de agregados psíquicos, um total de múltiplos eus briguentos e gritões.

Alguns destes representam a ira; outros, a cobiça; aqueles, a luxúria; estoutros, a inveja; essoutros, o orgulho; depois continuam a preguiça, a gula

e todos seus infinitos derivados.

Não vi realmente no ego nada digno de ser adorado, nenhum tipo de divindade, etc.

Ao chegar a esta parte de minha exposição, não seria estranho que alguns assistentes objetassem minhas palavras, dizendo−me: “Possivelmente você, senhor, viu seu eu inferior, soma de agregados psíquicos, como afirma o budismo oriental. Bem distinto seria seu conceito se tivesse percebido o eu superior em toda sua grandeza.”

Conheço muito bem, amigos, as diversas formas de intelectualização que vocês têm, suas escapatórias, suas evasivas, suas distintas justificativas, suas reações, suas resistências, o desejo de fazer ressaltar sempre tudo o que tenha sabor de ego.

É claro que o ego não tem ganas de morrer e que quer continuar de alguma forma refinadamente sutil, se não nas formas mais densas e grosseiras.

A ninguém pode agradar ver seu querido eu reduzido a poeira cósmica, assim porque sim, porque um fulano qualquer o disse em uma sala de conferências.

É apenas normal que o ego não tenha ganas de morrer e que busque filosofias consoladoras que lhe prometam um lugarzinho no céu, um posto nos altares das igrejas, ou um mais além cheio de infinita felicidade.

Lamentamos de verdade ter que desiludir as pessoas; porém não nos resta mais remédio que ser, diríamos, lapidários, francos e sinceros nestas questões tão graves.

Como aos gnósticos nos agrada falar com fatos concretos, claros e definitivos, não terei agora nenhum inconveniente em narrar outro acontecimento insólito, com o propósito de demonstrar−lhe que o eu superior não existe.

Outro dia, estando em profunda meditação, de acordo com todas as regras que manda o Gnana Yoga, entrei em algo que se conhece como Nirvi Kalpa Shamadi. Então abandonei todos os corpos supra−sensíveis e penetrei no mundo do Logos Solar, convertido em um dragão de sabedoria.

Em tais momentos logóicos, mais além do corpo, dos afetos e da mente, quis saber algo sobre a vida do Grande Kabir Jesus. Foi, precisamente neste instante, quando me vi a mim mesmo convertido em Jesus de Nazaré, fazendo milagres e maravilhas na Terra Santa.

Ainda recordo aquele instante em que fora batizado por João no Jordão. Vi−me dentro de um templo às margens desse rio. O Precursor estava vestido com formosa túnica e, ao me acercar dele, olhando−me fixamente, exclamou:

“Tira, Jesus, tua vestidura, porque vou batizar−te”.

Passei ao interior do santuário e, vertendo sobre minha cabeça o azeite da unção e depois um pouco de água, orou e eu me senti transformado.

O que seguiu depois foi maravilhoso. Sentado em um salão, vi três sóis divinais; o primeiro era o azul do Pai; o segundo, o amarelo do Filho e o terceiro, o vermelho do Espírito Santo.

Eis aí os três Logos: Brahma, Vishnu e Shiva. Ao sair daquele estado extático, ao regressar ao meu corpo físico, minha confusão foi tremenda. Eu, Jesus de Nazaré? Eu, o Cristo? Valha−me Deus e Santa Maria! Um mísero pecador, um gusano do lodo da terra, que nem sequer é digno de desatar as sandálias do Mestre, convertido, assim porque sim, em Jesus de Nazaré?

Bastante preocupado com tudo isto, resolvi voltar a entrar em meditação e repetir a experiência mística, mudando unicamente o motivo dela. Agora, em vez de quer saber algo sobre a vida de Jesus, interessei−me por João e o batismo do Nazareno.

Veio, depois, o estado místico anterior; abandonei todos os corpos supra−sensíveis e fiquei novamente no estado logóico.

Uma vez que já voltei a tal estado, fixei minha atenção com maior intensidade em João, o Batista, e eis aqui que me vi, então, convertido em João, fazendo as coisas do Precursor, batizando Jesus, etc., etc., etc.

Ao perder o êxtase, ao regressar ao corpo físico, então compreendi que, no mundo do Logos, no mundo do Cristo, não existe nenhum tipo de eu superior, nem de eu inferior.

É urgente que todos os aqui presentes compreendam que, no Cristo, todos somos um e que a heresia da separatividade é a pior das heresias.

Amigos meus, tudo neste mundo em que vivemos passa; as idéias passam, as pessoas passam, as coisas passam. O único estável e permanente é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser.

Distingam os senhores, pois, entre o que é o eu e o que é o Ser.

P. – Mestre, de que substância são feitos os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo?

V.M. – Senhoras e senhoras! É indispensável que vocês compreendam o que é a mente e suas funções.

O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda não possui uma mente individual, não a criou, não a fabricou.

O corpo mental propriamente dito somente pode ser criado mediante as transmutações sexuais.

Quero que todos os aqui presentes entendam que no esperma sagrado existe o hidrogênio sexual Si−12.

Indubitavelmente, o esoterista que não derrama o vaso de Hermes (que não ejacula o sêmen), de fato, origina, dentro de seu organismo, maravilhosas transmutações da libido, cujo resultado é a criação do corpo mental individual.

O Manas, a substância mental propriamente dita, encontra−se no interior de qualquer sujeito, porém está desprovido de individualidade, possui diversas formas, acha−se constituído em forma de agregados, que nunca foram desconhecidos para o budismo esotérico.

Rogo ao amável auditório que me escuta seguir com paciência o curso de minha dissertação.

Todos esses múltiplos eus brigões e gritões, que em seu conjunto formam o mim mesmo, o si mesmo, são constituídos por substância mental mais ou menos condensada.

Agora poderão explicar−se os senhores os motivos pelos quais todo sujeito muda constantemente de opiniões. Somos, por exemplo, vendedores de casas e bens imóveis. Um cliente se acerca, falamos com ele, convencemo−lo da necessidade de comprar uma formosa residência; o sujeito se entusiasma e assegura, de forma enfática, que a compra é um fato, que ninguém poderá fazê−lo desistir de seu desejo.

Desafortunadamente, depois de uma quantas horas, tudo muda. A opinião do cliente já não é a mesma, outro eu mental controla agora seu cérebro e o entusiasta eu, que horas antes se havia apaixonado pela compra do imóvel, é substituído pelo novo eu, que nada tem a ver com o negócio, nem com a palavra empenhada. Então, o castelo de naipes vai ao solo e o pobre agente de vendas sente−se defraudado.

O eu que jura amor eterno a uma mulher amanhã é substituído por outro que nada tem a ver com o juramento e, então, o sujeito se retira, deixando a mulher decepcionada.

O eu que jura lealdade ao Movimento Gnóstico amanhã é substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento e o sujeito se retira da Gnose, deixando a todos os irmãos do santuário confundidos e assombrados.

Vejam os senhores, meus queridos amigos e amigas, o que são as infinitas formas da mente, de que maneira controlam os centros capitais do cérebro e como jogam com a máquina humana.

P. – Mestre, neste planeta em que vivemos, os eus fazem a vida tolerável, á que é fácil compreender que, se os dissolvemos e nos apartamos de tudo o que são nossos desejos, nossa vida seria terrivelmente triste e aborrecedora. Não é assim?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A autêntica felicidade estriba−se radicalmente na revalorização do Ser.

É inquestionável que, cada vez que o Ser passa por uma revalorização íntima, experimenta a autêntica felicidade.

Desafortunadamente, as pessoas de hoje em dia confundem o prazer com a felicidade e gozam bestialmente com a fornicação, o adultério, o álcool, as drogas, o dinheiro, o jogo, etc., etc., etc.

O limite do prazer é a dor e toda forma de gozo animal se transforma em amarguras.

Obviamente, a eliminação do ego revaloriza o Ser, dando, como resultado, a felicidade. Desafortunadamente, a Consciência engarrafada no ego não entende, não compreende a necessidade da revalorização íntima e prefere os gozos bestiais, porque crê firmemente que essa é a felicidade.

Dissolvam os senhores o eu pluralizado e experimentem a dita da revalorização do Ser.

P. – Mestre, por tudo antes exposto, mostra−se evidente e inadiável a necessidade de formarmos um corpo mental, para não ter tantas mentes.

V.M. – Escutei a pergunta de um cavalheiro e me apresso a respondê−la.

Certamente, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não possui mente individual, como já o dissemos nesta conferência. Em vez de uma mente, tem muitas mentes e isto é diferente.

O que estou afirmando pode contrariar muito os pseudo−esoteristas e pseudo−ocultistas plenamente convictos das teorias que leram, as quais asseveram que o homúnculo racional possui corpo mental.

Permita−se−nos a liberdade de dissentir de tais asseverações. Se o animal intelectual tivesse mente individual, se não possuísse realmente os diversos agregados mentais que o caracterizam, teria continuidade de propósitos; todo mundo cumpriria sua palavra; ninguém afirmaria hoje para negar amanhã; o presumido comprador de bens imóveis voltaria no outro dia com o dinheiro na mão, depois de haver empenhado a palavra, e a Terra seria um paraíso.

Criar o corpo mental e dissolver o eu pluralizado é urgente quando se quer a autêntica revalorização do Ser Íntimo. Só isto, só tais revalorizações sagradas podem outorgar−nos a verdadeira felicidade.

P. – Venerável Mestre, será possível que uma pessoa que doe dinheiro à igreja, que lê a Bíblia, que se confessa, que faz obras de caridade a instituições, que difunde os Evangelhos, que somente tem sua esposa própria e demais virtudes, tenha também eus?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! Seja−me permitido informar−lhes que o eu se disfarça de santo, de mártir, de bom esposo, de boa esposa, de místico, de penitente, de anacoreta, de caridoso esplêndido, etc., etc., etc.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito; entre os perfumes do templo se esconde o delito; à sombra da cruz também se adultera e se fornica, e os criminosos mais abjetos assumem poses pietistas, figuras sublimes, semblantes de mártir, etc.

É bom saber que muitas pessoas virtuosa possuem agregados psíquicos muito fortes. Recordem os senhores que há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

No abismo, nos nove círculos dantescos, existem muitos místicos, anacoretas, penitentes que crêem que vão muito bem. Não estranhem, pois, os senhores que também no Averno existam sacerdotes exemplares e devotos que os seguem.

P. – Mestre, onde fica o valor espiritual que têm as boas intenções de um sincero que vive equivocado?

V.M. – Muito amigos meus! A pergunta do auditório me parece muito interessante e me agrada dar resposta.

Recordem que o caminho que conduz ao Abismo está empedrado com boas intenções: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Os malvados de todas as épocas tiveram boas intenções: Hitler, cheio de magníficas intenções, atropelou muitos povos e, por sua culpa, morreram milhões de pessoas nas câmaras de gás ou nos campos de concentração, ou nos paredões de fuzilamento, ou em imundas masmorras.

Indubitavelmente, esse monstro queria o triunfo da grande Alemanha e não poupava esforços de nenhuma espécie nesse sentido.

Nero incendiou Roma em aras de sua arte, com místicas intenções de fazer ressonar a lira universalmente e lançava os cristãos aos circos romanos para que os leões os devorassem, com o anelo de livrar seu povo do que ele considerava uma epidemia ou uma calamidade, o Cristianismo.

O verdugo que executa uma ordem injusta, cheio de magníficas intenções, assassina seu semelhante.

Milhões de cabeças rolaram na guilhotina durante a Revolução Francesa e os verdugos trabalharam com magníficas intenções, porque queriam o triunfo do povo.

Robespierre, cheio de magníficas intenções, levou muitos inocentes ao cadafalso.

Não devemos esquecer o que foi a Santa Inquisição. Então, os inquisidores, com magníficas intenções, condenaram muitos infelizes à fogueira, ao potro, ao martírio.

Quero, pois, que vocês, senhores e senhoras, compreendam que o importante são as boas obras e não as boas intenções, que podem ser mais ou menos equivocadas.

Os senhores do carma, nos Tribunais da Justiça Objetiva, julgam as almas por suas obras, pelos fatos concretos, claros e definitivos, e não pelas boas intenções.

Os resultados são sempre os que falam. De nada serve ter boas intenções, se os fatos são desastrosos.

P. – Mestre, qual é o procedimento a seguir para me libertar dos defeitos psicológicos que martirizam tanto nossa mente?

V.M. – Honorável público! É urgente, inadiável, impostergável aniquilar o ego, reduzi−lo a cinzas de forma voluntária e consciente, se é que de verdade queremos evitar o descenso aos mundos infernos.

Quero que os senhores saibam que, na relação com as pessoas, na convivência com nossos familiares ou com os companheiros de trabalho, etc., etc,. os defeitos escondidos afloram espontaneamente e, se nós nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade, então os vemos tal qual são em si mesmos.

Defeito descoberto deve ser submetido judiciosamente à análise, à meditação profunda, com o propósito de ser compreendido de forma íntegra, unitotal.

Não basta compreender um defeito, deve−se ir ainda mais fundo; é indispensável auto−explorar−nos, encontrar as íntimas raízes do defeito que compreendemos, até chegar ao seu profundo significado.

Qualquer centelha de Consciência nos pode iluminar de imediato e, em milésimos de segundo, capturar realmente o profundo significado do defeito compreendido.

Eliminação é diferente. Alguém poderia ter compreendido algum erro psicológico e até ter penetrado em seu profundo significado e, não obstante, continuar com ele nos diferentes departamentos da mente.

Não é possível ficar livre de tal ou qual erro sem a eliminação.

Esta última é vital, cardeal e definitiva, quando se quer morrer de instante em instante, de momento em momento.

Não obstante, não é com a mente como podemos extirpar erros. Com o entendimento podemos rotular nossos diversos defeitos psicológicos, pondo−lhes distintos nomes, passando−os de um a outro nível do subconsciente, escondendo−os de nós mesmos, julgá−los, desculpá−los, etc., etc., mas não é possível alterá−los fundamentalmente, nem extirpá−los.

Necessita−se de um poder superior à mente, necessitamos apelar a uma potência transcedental, se é que de verdade queremos eliminar erros e morrer em nós mesmos, aqui e agora.

Afortunadamente, tal poder superior se encontra latente em todas as criaturas humanas. Quero referir−me ao Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Em plena cópula química podemos suplicar à nossa Mãe Divina particular elimine aquele erro psicológico que não somente compreendemos, senão que, além disso, sentimos seu profundo significado.

Podeis estar seguros de que nossa Mãe Cósmica particular, empunhando a lança de Eros, ferirá de morte o agregado psíquico que personifica o erro que necessitamos eliminar.

É precisamente esta hasta santa, emblema maravilhoso da energia criadora, a arma com a qual Devi Kundalini eliminará de nós mesmos, aqui e agora, o defeito que queremos aniquilar.

Naturalmente, a eliminação destes agregados se realiza de forma progressiva, pois muitos deles processam−se nos 49 níveis do subconsciente.

Isto significa que qualquer defeito psicológico é representado por milhares de agregados psíquicos que se gestam e se desenvolvem nos 49 níveis subconscientes da mente.

Alguém poderia não ser fornicário na zona intelectual e, não obstante, sê−lo nas zonas mais profundas do subconsciente.

Muitos místicos que foram sumamente castos no nível meramente intelectivo e até em 20 ou 30 níveis subconscientes fracassaram em níveis mais profundos, quando foram submetidos a provas esotéricas.

Alguém poderia não ser ladrão no nível meramente racional e até em 48 níveis subconscientes e, não obstante, sê−lo no nível 49.

Assim, pois, os defeitos são polifacéticos e sujeitos muito santos podem ser espantosamente perversos nos níveis mais profundos da subconsciência.

Através de provas esotéricas, os iniciados se autodescobrem.

Os fracassos nas provas assinalam, indicam os diversos estados psicológicos em que nos encontramos.

P. – Venerável Mestre, poderia dizer−nos como podemos realizar estes trabalhos os que estamos solteiros?

V.M. – Distintos senhores e senhoras! A lança de Eros, a hasta santa sempre pode ser manejada por Devi Kundalini, nossa Divina Mãe Cósmica particular.

Entretanto, há diferença entre casados e solteiros. Quando a hasta é manejada durante o transe sexual, tem um poder elétrico maravilhoso muito superior.

Quando a lança não é utilizada durante o transe erótico, possui um poder maravilhoso, porém inferior.

O solteiro, a solteira, pode também avançar, ainda que seu trabalho seja um pouco mais lento; contudo, casando−se, o trabalho se fará mais forte, mais poderoso no sentido completo da palavra.

Solteiros e solteiras podem avançar até certo ponto profundamente definido pela natureza. Mais além desse limite, não é possível avançar sem a magia sexual.

DIDÁTICA CONCRETA PARA A DISSOLUÇÃO DO EGO

Só compreendendo cada defeito separadamente, só estudando-o, observando-o diretamente, não só na região intelectual, mas também em todos os níveis subconscientes da Mente, vai desaparecendo cada defeito, vamos morrendo de momento em momento. Assim e somente assim obteremos a desintegração do Eu.

0 importante é chegar a cristalizar Alma em nós. O que se entende por Alma? Por Alma se entende esse conjunto de corpos, atributos, poderes, virtudes, qualidades, etc., que subjazem no Ser. Os Evangelhos dizem: *"Com paciência possuireis vossas Almas".* Hoje, nós não possuímos nossas Almas; antes bem, a Alma nos possui. Somos uma carga pesada para isso que se chama Alma, um fardo realmente entristecedor.

Chegar a possuir Alma é um desejo, seremos donos de nossas próprias Almas é formidável; ainda mais, o corpo físico deve chegar a transformar-se em Alma.

Quem possui sua Alma dispõe de poderes extraordinários. Aqueles que chegaram a Cristalizar Alma, converteram-se, por tal motivo, em criaturas absolutamente diferentes. Isto está escrito como testemunho nos Livros Sagrados de todas as Religiões do mundo. Mas bem sabemos que se a água não ferver a cem graus, não cristaliza o que tem que cristalizar, não se desintegra o que deve desintegrar-se; assim em todo caso é necessário que a água ferva a cem graus. Obviamente, se não passarmos por grandes crises emocionais, tampouco podemos conseguir cristalizar Alma.

Para a dissolução radical de qualquer Agregado Psíquico desumano é necessário passar por muitas e grandes crise« emocionais. Conheci pessoas capazes de passar por tais crises. Vem-me à memória o caso de certa irmã Gnóstica da Sede Patriarcal do México, que passou por tribulações espantosas, por horríveis crises morais ao recordar graves erros de suas vidas anteriores. Gente assim, com essa tremenda capacidade de remorso, pessoas assim, tão capazes em passar por grandes e graves crises emocionais, obviamente podem cristalizar Alma.

O que nos interessa é precisamente isso: a Cristalização de todos os princípios anímicos dentro de nós mesmos, aqui e agora.

No Oriente, há instrutores que, infelizmente, não eliminaram todo esse conjunto de elementos indesejáveis que levam na Psique. Não está de mais lhes dizer para sua informação, que esses elementos no Tibete são denominados Agregados Psíquicos. Na realidade, tais Agregados são os próprios Eus que personificam os nossos erros. Quando um instrutor desses, que ainda não eliminou os Agregados Psíquicos, tem sob sua responsabilidade um grupo de discípulos, inquestionavelmente, estes têm que ter uma grande paciência, agüentar, todo o dia, do citado instrutor, suas grosserias.

Os discípulos ou Cheias vêem tão surpreendidos que tais Agregados Psíquicos vão passando em procissão contínua pela personalidade do instrutor. Haverá ao fim um instante em que a procissão há que terminar, e então, o Mestre poderá *se* expressar para dar o Ensinamento.

Essa é a *causa causorum* pela qual os discípulos *de* qualquer instrutor desses que ainda não eliminou o Ego, têm paciência elevada até o máximo. Esta classe de Chelas tem que agüentar, agüentar e agüentar porque em qualquer instante o Mestre, ao fim, toma posse de seu veículo e lhes dá os ensinamentos.

Não é nada delicioso estar agüentando todo o dia insultos do instrutor, suas grosserias, ser vítima de todas as suas grosserias; mas ao fim chega o Mestre e isso é o que importa. São Bodhisattwas, há que agüentar até que chegue o Mestre e dê o Ensinamento. Assim pensam todos esses cheias ou discípulos tibetanos

Prosseguindo, diremos que cada Agregado Psíquico é como uma pessoa dentro de nós. Não há dúvida de que esses Aqregados possuem os três cérebros: o Intelectual, o Emocional e o Motor-Instintivo-Sexual; ou seja, cada Eu ou Agregado, que é o mesmo, entre parêntese, é uma pessoa completa. Cada Eu, cada Agregado, tem seu critério próprio individual, tem suas idéias, seus conceitos, seus desejos, realiza determinados atos. Chega ao ponto de que cada Agregado goza de certa autonomia.

Se olharmos a coisa deste ângulo, e estudarmos a fundo, chegaremos à conclusão lógica e inevitável de que dentro de nossa pessoa habitam muitas pessoas. O mais grave é que todas estas brigam entre si, brigam pela supremacia, cada qual quer ser o amo, o senhor. A que se parece nossa casa interior? Eu diria, a uma horripilante mansão aonde existem muitos criados e cada um se sentindo o senhor.

É claro, olhar tal casa à luz destes raciocínios, é espantoso e insólito. O curioso do caso são precisamente os conceitos que se forjam cada um dos senhores da casa. Um diz: *‘‘Vou comer, tenho fome”.* Entra um segundo em conflito e diz: *“Ao diabo com a comida, eu vou ler o jornal”.* Surge mais à rente um terceiro em conflito e de forma irrevogável, diz: *“Que comida nem que leitura, vou à casa de meu amigo fulano de* a Diz assim estas palavras, todas incongruentes. A rsonalidade humana movida por esta mola íntima, abandona, POIS, a morada para ir-se por aí, por essas ruas.

Se pudéssemos nos ver ante um espelho de corpo inteiro, tal como somos, posso lhes assegurar que ficaríamos perfeitamente loucos. Estamos todos cheios de horripilantes

contradições. Isto é nefasto para todos, não temos verdadeira existência real.

Ao nascer, todos somos formosos porque dispomos de uma percentagem de 3% de Consciência Livre, como o disse em minha obra intitulada *Tratado de Psicologia Revolucionária.* Os 97% restantes estão enfrascados ante a multiplicidade do Ego. Isso que se tem de elemento livre, impregna o ovo fecundado, surge à existência reincorporado novamente. Assim que o menino recém-nascido possui isso precisamente, 3% de Consciência livre, não embutido em nenhum Ego. A percentagem de Essência manifesta no menino é Autoconsciente.

Como veria um recém-nascido aos adultos, a seus pais, irmãos, parentes? Da mesma forma como vocês veriam um drogado. Mas, vocês vejam, como os adultos se sentem até com autoridade para educar ao menino, acreditam eles quâ podem educar. O menino, por sua vez, sente-se completamente mal, vítima deles que querem ensinar. Os vê desde seu próprio ângulo, está acordado, percebe os Agregados Psíquicos de seus parentes, dos irmãos, visualiza também a seus próprios Agregados que entram e saem do recinto, dando voltas no berço. Às vezes, as visões são tão espantosas que o menino não faz menos do que chorar aterrorizado. Então os pais não entendem estas ocorrências do infante. Às vezes, vão ao médico, no pior dos casos vão em busca de algum espírita ou médium de mau agouro e consegue "arrumar" o caso.

Esse é o estado insólito em que vive a Humanidade adormecida. Em todo caso, o pobre infante é vítima de todas essas loucuras dos maiores. A ele, com paciência, não resta mais que suportar o látego dos verdugos: essa é a crua realidade dos fatos.

Posteriormente, quando a personalidade humana já está formada na íntegra, começam a entrar no corpo do infante todos esses Agregados Psíquicos desumanos que lhe pertencem. Então se notam mudança na criatura, torna-se zangada, ciumenta, iracunda, etc.É lamentável isto, não é verdade? Mas ao fim, o que era menino se tornou adulto.

As coisas mudaram, já não é o menino brincalhão, autoconsciente de outros tempos. Agora é o velhaco da cantina, o negociante, o luxurioso, o homem ciumento, etc., e enfim, converteu-se nisso que o menino olhava com horror. É claro que a criatura se horrorizava ao ver o adulto. Agora, o menino se tornou adulto e o pior do caso, é que sua Consciência adormeceu. Já não é capaz de olhar-se com horror a si mesmo.

Na realidade e de verdade, irmãos, cada um dos Agregados Psíquicos que surge em nós tem compromissos determinados. Poderíamos dizer sem exagero algum que o ladrão, por exemplo, leva dentro de si uma corja de ladrões, cada um deles com múltiplos compromissos em distintos dias, horas e lugares. Que o fornicário irredento carrega em seu interior, para cúmulo dos cúmulos, um prostíbulo. O homicida, obviamente, leva em sua psique um clube de assassinos. Bom, cada um destes, no fundo, leva seus compromissos: o mercador leva no fundo uma praça de mercadores.

Mas como se tece e destece nosso próprio destino? Muito disseram Gurdief, Ouspensky, Nicoll, etc., comentaram tais aspectos sobre a Lei da Recorrência; mas nós, no terreno da investigação, fomos mais longe, conhecemos a fundo a mecânica viva da Lei da Recorrência. Isto é muito importante.

Uma pessoa qualquer, por exemplo, em uma passada existência fora, por exemplo, adúltera e tivesse deixado a sua mulher por outra dama. É claro que ao renascer traz em sua psique ao Eu do Adultério, o mesmo que cometeu o delito. Este não poderá expressar-se nos primeiros anos da infância, impossível, pois se o ocorrido foi na idade de 30 anos, por exemplo, indubitavelmente, o Eu do Adultério aguardará no fundo da psique dentro do terreno do infra-humano, nas esferas subjetivas, que chegue a idade sabida dos famosos 30 anos. Quando essa idade chegar, esse Eu ressurgirá com grande força, apoderar-se-á do Intelecto, do Centro Emocional do Instintivo-Motor-Sexual da máquina, para ir procurar à dama de seus sonhos. Antes terá se colocado em contato telepático com o Ego daquela

dama. Possivelmente, até se deram ; conhecer em algum lugar da cidade, talvez em um parque ou em uma festa. É óbvio que vem depois o reencontro.

querem tirar partido das piores deSeQ^an<to adpessoa^que? onde os defeitos que alguem ter descoberto em tais situações

Mas, o interessante é ver como esse Ego pode devorar ao Intelecto, mover os centros Emocional e Motor da máquina, levá-la precisamente ao lugar onde tem que encontrar-se com a dama de seus sonhos. Indevidamente, o mesmo processo se realizará nela, e a cena se repetirá tal como aconteceu.

Suponhamos que um cavalheiro, em uma cantina, brigou na passada existência com outra pessoa, com outro homem por tal ou qual motivo. Acreditam que pelo fato de que o corpo físico deixe de existir aquele Eu vai desaparecer? Não simplesmente continuará na Dimensão desconhecida. Mas ao renascer o Ego, ao retornar, ao voltar a tomar um novo corpo chegará o momento em que poderá entrar em atividade aguardará a idade em que aconteceu o fato na passada existência. Se foi aos vinte e cinco anos aguardará os sabidos vinte e cinco anos e permanecerá no fundo da Psique enquanto isso, e quando chegar o momento, obviamente se apoderará dos centros da máquina para repetir a façanha. Antes, pôs-se em contato telepático com o outro sujeito e se deram a conhecer possivelmente em outra cantina. Ali, ao olhar-se, reconhecer-se-ão, ferir-se-ão mutuamente com palavra e o fato se repetirá.

Vejam como por debaixo de nossa zona conscientiva e de nossa capacidade raciocinativa se realizam distintos compromissos. Assim é como a Lei de Recorrência trabalha essa é a mecânica de tal Lei. Claro está que as coisas olhadas deste modo, desta maneira, não temos na verdade o que poderíamos denominar liberdade total, livre-arbítrio. É muito pouco a margem que temos de livre-arbítrio, é muito pouca a margem de liberdade que nós possuímos. Na realidade de verdade estamos colocados dentro da mecânica da Lei de Recorrência e isto é lamentável.

Se um homem não trabalhar sua própria vida, esse homem está perdendo o tempo miseravelmente. De que modo podemos nos libertar da Lei de Recorrência? Pois trabalhando em nossa própria vida. Inquestionavelmente, nossa própria vida está composta de comédias, dramas e tragédias. As comédias são para os cômicos, os dramas para as pessoas normais e correntes, e as tragédias para os perversos. Nos mistérios de antigamente não se aceitava a nenhum trágico, sabia-se que este era castigado pelos Deuses, e obviamente o Guardião lhe rechaçava com a ponta da Espada.

Que precisamos dissolver os Eus? Isso é lógico, estes são os atores das comédias, dramas e tragédias. Poderia haver por acaso uma comédia sem cômicos? Poderia existir um drama sem atores? Acreditam que poderia desenvolver-se em qualquer cenário do mundo alguma tragédia sem trágicos, sem atores? Obviamente que não, não é verdade? Então, se queremos mudar nossa própria vida, o que devemos fazer? Não há mais remédio que dissolver aos atores das comédias, dramas e tragédias. E, quais são esses atores? Onde vivem? Por quê?

Eu digo a vocês, na verdade, que esses atores são do tempo. Em realidade cada um desses atores vem de antigas idades. Se dissermos que o Eu é um livro de muitos volumes, estamos assegurando uma grande verdade. Se afirmarmos que o Ego vem de muitos *"ontens",* é certo. Então, o Ego é tempo, os Eus personificam o tempo, são nossos próprios defeitos, nossos próprios erros contidos no relógio do tempo, é o pó dos séculos no fundo de nossa própria Psique.

Quando nós conhecemos a Didática precisa para a dissolução dsses elementos indesejáveis que levamos dentro, conseguimos insólitos progressos. Faz-se indispensável, urgente e inadiável conhecer com exatidão a Didática. Só assim se faz possível a desintegração desses elementoos indesejáveis que levamos dentro.

Em alguma ocasião nasceu um menino na Atlântida. Este se desenvolveu em um lar delicioso onde somente reinava harmonia, a sabedoria, a riqueza, a perfeição, o amor. Chegoo o momento em que aquele homem através das diversas técnicas e disciplinas da

mente conseguiu Autodescobrimento. Então, com horror, percebeu que levava em seu interior elementos abomináveis; compreendeu que necessitava de um ginásio especial, de um ginásio psicológico. É claro que naquele ambiente de perfeição não existia tal ginásio.

Não houve mais remédio que abandonar a casa de seus pais e colocar-se por ali nos subúrbios de qualquer cidade Atlante. Criou-se a si mesmo o ginásio psicológico, um ginásio que lhe permitiu o Autodescobrimento de seus próprios defeitos. Claro, desintegrou os Agregados Psíquicos e se liberou.

Na verdade meus estimáveis irmãos, que as piores adversidades nos oferecem as melhores oportunidades Constantemente, chegam até mim cartas de distinto! irmãozinhos do M.G.I.. Uns se queixam de sua família, de sei pai, de sua mãe, de seus irmãos; outros protestam contra a mulher, contra os filhos; aquelas falam com horror de sei marido, etc. E pedem naturalmente um bálsamo para consolai seu dolorido coração. Até agora, entre tantas cartas, não vi nenhuma sequer de alguém que esteja contente com tais situações tão adversas. Todos protestam, e isso é lamentável. Não querem o Ginásio Psicológico, antes bem queriam fugir do mesmo, e a mim, como instrutor, não posse ter menos que dor. Digo: pobres pessoas, não saber aproveitar o ginásio psicológico, querem um Paraíso, não querem entender a necessidade das adversidades, não querem tirar partido dessas oportunidades. Na verdade, não desejam o autodescobrimento.

Quando a pessoa que se auto-conhecer, são nesses ginásios de dor onde os defeitos que alguém tem escondidos afloram inevitavelmente. Defeito descoberto em tais situações deve ser trabalhado profundamente em todos os níveis da mente. Quando em realidade, de verdade, compreendeu tal ou qual erro de tipo psíquico, está preparado certamente para a Desintegração.

Pode apelar a Deus Mãe, a Stella Maris, a Virgem do mar, a esse fogo vivente e filosofal que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica: é chamado de Kundalini no Hindustão. Se a pessoa apela a essa energia, se concentra em seu coração, sua mente e sentimentos mais profundos nela, será assistido. Estou seguro que esse ígneo poder poderá reduzir a cinzas, a poeira cósmica, o Agregado Psíquico em questão.

Agora bem, convém saber que o poder serpentino anular que se desenvolve no corpo do Asceta Gnóstico, multiplica seu poder na Forja dos Ciclopes. Então só lhe basta a devida concentração em Devi Kundalini, ela é a Cobra Sagrada dos antigos mistérios, pode de verdade aniquilar, pulverizar, reduzir a cinzas de forma muito rápida, qualquer Agregado Psíquico desumano que previamente tenhamos compreendido.

Em todo caso, meus estimados irmãos, antes de tudo precisa-se descobrir o defeito que vamos reduzir a pó; tal defeito não poderia ser descoberto se não usássemos o Sentido da Auto-observação Psicológica.

Qualquer situação adversa nos oferece riquíssimas oportunidades. Infelizmente, as pessoas querem fugir das situaçãoes adversas. Protestam em vez de dar obrigado por tão brilhantes ocasiões. Esse ginásio psicológico resulta dificílimo, impossível ou quase impossível. Mas quanto mais difícil seja o ginásio, melhor para o Autodescobrimento.

Suponhamos que temos que passar por uma situação delicada: encontrar de repente a sua mulher conversando muito tranqüila, muito tranqüila em qualquer canto da casa com outro sujeito. Nada agradável, aquele encontro na verdade magnífico para o Autodescobrimento. Possivelmente, durante o fato surgiria não somente o ciúmes, possivelmente haveria ir admoestações à mulher, talvez despeito, um Eu do amor próprio pode sentir-se ferido, ofendido. Enfim, o que fazer?

Muito tranqüilos, na noite, deitados em nossa cama em decúbito dorsal, ou seja, de barriga para cima, com o corpo relaxado, com os olhos fechados, respirando ritmicamente, deve reconstruir a cena tal como aconteceu. Visualizando solicitaremos dados psicológicos, encontraremos o Eu dos ciúmes como primeira causa, segundo ao da tremenda ira, terceiro ao do amor-próprio ferido mortalmente. Descobertos esses três que na cena entraram em

ação, agora há que dissolvê-los. Uma vez compreendidos não resta mais remédio que reduzi-los a cinzas. Deverá trabalhar, em todo caso, imediatamente no elemento descoberto. Claro é que nesses momentos ninguém tem vontade de trabalhar, está ofendido. 0 único que lhe conviria seria um bom banho, bem longo, para ver se assim passa.

Mas se apesar de tudo consegue ter certa autonomia para trabalhar, muito bem, este é o proceder. Invocar precisamente a Kundalini Shakti, lhe suplicar primeiro que elimine esse monstro dos ciúmes; segundo, depois de ter trabalhado a fundo no dos ciúmes, terá que suplicar para que destrua o monstro da ira; terceiro, ao do amor-próprio.

Certamente, a pessoa quer muito a si mesmo, esse Eu do amor-próprio está muito enraizado em todo mundo. Se nos derem dois tapinhas no ombro sorrimos deliciosamente, mas se nos dizem alguma palavrinha humilhante nos tornamos sérios e terríveis. Esse Eu do amor-próprio deve ser aniquilado, é o terceiro que deveria carregar-lhe com todo o poder da Divina Shakti. O que vem em subseqüentes dias e horas é o mesm trabalho, até que os três "colegas" de tão fatal cena sejam aniquilados.

Obviamente é na vida prática aonde devemos tirar o material para a dissolução do Ego. As pessoas têm a tendência a escapar da vida prática, querem dissolver o Ego fugindo da vida prática o qual é manifestamente absurdo.

Lembro-me quando estava **no** trabalho da dissolução do **Ego** que **em** certa ocasião meu filho cometeu **um** erro absurdo, qual fora **o** de atropelar com seu carro **a** outra pessoa, **a um** operário. **Certamente, me** custou **determinada** soma, **2.000** pesos para **o** ferido **e** outra tanta quantidade para evitar que **esse** pobre moço fosse para **o** cárcere.

Mas ali não termina a questão. A realidade é que quando tive que ir pagar a dívida, meu filho, em vez de agradecer, protestava com certa violência. Não estava de acordo que eu desse esses **2.000** pesos a esse pobre e infeliz operário. Mas me pareceu justo dar-lhe e os dei. No protesto houve palavras, senão pelo menos de caráter grotesco, e sim ingratas. Não senti a Ira devido ao fato de havê-la dissolvido. E sim certa dor no coração.

Imediatamente, me entreguei à Meditação para saber no que consistia essa dor que tinha sentido no coração e pude verificar claramente o cru realismo de um Eu do amor-próprio que tinha sido ferido. Como tenho o Sentido da Auto- observação Psicológica bem desenvolvido, não foi difícil perceber de forma direta tal Eu. Imediatamente, lancei umas cargas de eletricidade sexual transcendental contra o desventurado, trabalhei-lhe por uns dias e ao fim se foi reduzindo pouco a pouco até tomar a forma de um menino. E seguiu reduzindo-se até tornar-se poeirada cósmica.

Assim é como se trabalha, meus estimáveis irmãos. Mas, de
onde tirei esse material para trabalhar? Foi um fato concreto, e definitivo, mas nas pessoas a tendência é fugir dos da vida. E isso é absurdo, completamente absurdo.

Em alguma outra ocasião (eu gosto de citar exemplços vividos com propósitos de orientação coletiva), estava mui afetado com certa irritação, por palavras daquele filho que, por certo, não eram formosas. Mantive sempre controle sobre minha mente e jamais explorei, jamais rasguei minhas vestimentas. Isto verdadeiramente foi um triunfo, mas não há dúvida de que ali dentro, muito dentro, não deixavam de produzir-se algumas reações nada agradáveis.

Quando explorei com o Sentido da Auto-observação Psicológica, com grande assombro descobri um Eu fornido, robusto, bastante gordinho por certo, peludo como um urso, andando pelo corredor de minha velha casa senhorial. "A *quão escondido estavas, condenado",* disse-lhe. *"Agora sim que vou dar um fogueada, comigo já não pode mais* Conclusão: apelei a Devi Kundalini Shakti. Conforme trabalhava com ele, aquele monstro ia perdendo; pois, volume, ia diminuindo de forma didática e, à medida que diminuía, embelezava-se também. Assim parecia como um menino muito formoso. Até que um dia a

Divina Mãe Kundali lhe deu uma fogueada, decapitou-o. Posteriormente, se reduziu a pó, não ficou nada do mesmo; mas, isso sim, dediquei-m totalmente a acabar trabalhando de dia e de noite, a todas a horas e a cada momento, até que deixou de existir.

O Sentido da Auto-observação Psicológica vai desenvolvendo e irá se desenvolvendo em cada um de nó conforme vai sendo usado. Não esqueçam que sentido que não se usa, atrofia-se. Um dia chegará em que o Sentido da Auto-observação em nós se desenvolverá de tal maneira que poderemos perceber tais Agregados Psíquicos; ainda mais poderemos dar-nos conta do resultado do Trabalho sobre tais agregados.

Em nome da verdade, tenho que lhes dizer que assimm como lá no firmamento existe uma Lua, assim também meu queridos irmãos, dentro de nós existe uma Lua Psicológica Assim como a Lua que brilha no firmamento tem duas faces, a que se vê e a que não se vê; assim também dentro de nós a Lua Psicológica tem dois aspectos: o que é visível a simples vista mediante o sentido da Auto-observação psicológica, e aquela que a simples vista não é visível: oculta, desconhecida, incógnita. Entretanto, esta última torna-se visível quando o sentido psicológioc se desenvolveu ao máximo.

Agora, há que lançar toda a carga contra os Agregados Psíquicos da parte visível de sua Lua Psicologica. Muito mais tarde no tempo, terão que lançar-se contra os elementos indesejáveis da Lua Negra, esses que a simples vista não se vêem. Muitos Santos conseguiram aniquilar os Agregados Psíquicos da parte visível de sua Lua Psicológica, mas nunca souberam nada sobre os elementos indesejáveis da outra face de sua Lua, e embora tenham se submergido no Nirvana, no *Maha Para-nirvana,* deverão retornar mais tarde, continuar seu trabalho com a face oculta de sua Lua Psicológica.

Em todo caso, que se trate do aspecto meramente visível da Lua Psicológica ou da oculta, os elementos para o trabalho temos que encontrá-los nos fatos concretos da vida prática. Assim, não se esquivem, não tratem de fugir da vida real; sejamos mais práticos se é que queremos, na verdade, desintegrar o Ego. Conforme vá se fazendo o trabalho, à medida que o Agregado Psíquico vai sendo pulverizado, a Essência contida nos mesmos irá emancipando-se. Esse é o caminho para cristalizar em nós isso que se chama Alma.

Vocês todos terão que passar por grandes crises morais. Isto nao é questão de mero intelecto, não. Não se trata de simples demagogia, de vão palavrório, de bate-papo ambíguo, não. Repito o que já disse, embora me faça cansado: se a água não ferver a cem graus, não se cozinha o que se tem que cozinhar, não se desintegra o que se tem que desintegrar.

. Assim, de não passamos por espantosas crises emocionais, não se desintegram esses eus, Quando vi esse eu do amor-próprio o escondido nos recônditos mais profundos de minha Psique, senti grande dor, tive que passar por grandes crises emocionais. Sofri muito, realmente muito. E me arrependi de verdade. Então consegui que Devi Kundalini Shakti pulverizasse tal elemento indesejável.

Quando descobri que havia por aí um demônio muito perverso que sentia ira e que vinha de tempos muito antigo« sofri o inexprimível, passei por horríveis crises emocionais senti vergonha de mim Mesmo, consegui que Kundalini Shakti pulverizasse tal elemento psíquico abominável. Assim, não deixem que eles escapem, os elementos indesejáveis que vocês encontrarão no terreno da vida prática. Tudo o que s precisa é estar alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra.

Estamos falando sim, estamos falando, mas talvez, que palavras estou dizendo? Assim, devemos estar alertas com nossas palavras. Temos emoção sim, a temos. Que classe de emoção? Talvez estamos emocionados por algum tango quando escutamos as canções do Carlos Gardel. Que classe de emoções temos? São boas? São más? Serão emoções altas ou, simplesmente inferiores? Isso de sair em uma festa movidos por emoções inferiores, dançando algo meramentíl profano, o que está indicando?

De maneira que nos fatos da vida prática devemos descobrir as emoções inferiores. Estas acusam, indicam, Eus emocionalmente inferiores que há que desintegrar. Se nós não extirparmos, não fazemos sangrar com a faca da auto-crítica aí emoções inferiores, não será

possível que se desenvolva em nós o Centro Emocional Superior que é tão necessário precisamente, para receber as mensagens que vêm do mundos superiores. Assim, é na vida onde devemos Auto-descobrir-nos, temos que estar espreitando nossas própria palavras, nossos próprios pensamentos, nossas própria! idéias.

Que de repente chega à Mente um pensamento **luxurioso,** uma cena morbosa, vocês acreditam, que chegoo simplesmente, porque chegou? O que indica isto? Não há dúvida de que atrás desse cinema nefasto da Mente, depois d e s s a procissão de formas morbosas, algum Eu da luxúria está *em* atividade Se houver Eus da luxúria que se apoderam dos cilindros da Máquina Humana, esses Eus que armazenamos no cérebro com imagens e/ou lembranças de formas passionais, loqo projeta o cinema em tais cilindros sobre a tela do entendimento. Se alguém se identificar com essas cenas morbosas fortifica também aos Eus. Assim, se em um instante desses, somos assaltados por pensamentos dessa classe se faz indispensável invocar à Divina Kundalini Shakti para que com seu flamígero poder extraordinário, reduza a pó a tal Eu.

Se não procedermos assim, se nos identificarmos com o mesmo, se com as cenas de luxúria nós as adoramos, então em vez de ser dissolvido, tal Eu se fortificará extraordinariamente. Cada um de nós tem a Consciência engarrafada entre todos esses personagens dos distintos dramas, cenas e comédias da vida. Cada um de nós tem a Consciência engarrafada entre os Egos. Reduzamos os Egos a pó, e a Consciência será livre. Uma Consciência livre é uma Consciência iluminada, é uma Consciência que pode ver, ouvir e apalpar as grandes realidades dos mundos superiores, é uma Consciência onisciente e divina.

O dia em que vocês tenham aniquilado o Ego em sua totalidade, o que deverão aniquilar por último? Os germens do Ego. Morto o Ego, restam os germens, são terrivelmente malignos. Esses germens também devem ser desintegrados, reduzidos a cinzas.

Precisamos tomar posse de si mesmos se é que queremos ser Reis e Sacerdotes da Natureza segundo a Ordem de Melquisedeque. E não poderemos tomar posse de si mesmos se no entanto a Consciência continuar embutida entre os diversos elementos indesejáveis da Psique.

A Consciência que tomou posse de si mesmo é uma consciênciaa livre, uma Consciência que tomou posse de si mesmo é admitida na Ordem do Melquisedeque; é uma Consciência iluminada, perfeita. Isso é o que nós necessitamos.

O dia em que vocês tenham provado, como foi dito, a Consciência iluminada, o dia em que vocês tiverem se feito livres de verdade, esse dia também terão cristalizado isso que se chama Alma e serão todo Alma. Até seus corpos físicos se tornarão Alma, estarão carregados de atributos e poderes cósmicos, poderes que divinizam.

Ensinei-lhes hoje; pois, uma Didática prática através de uma Dialética definitiva. E neste preciso instante vamos entrar em Meditação. Mas antes, é necessário saber sobre o que vamos trabalhar, do contrário não tem sentido o que vamos fazer. Como sei que vocês são pessoas que lutam pelo Autodescobrimento, é óbvio que estarão trabalhando sobre tal ou qual defeito psicológico. Há algum de vocês que ainda não saiba sobre o que vai trabalhar? É possível que exista aqui neste grupo algum irmão que não esteja ocupado em desintegrar algum defeito? Se assim for, eu gostaria de conhecê-lo. Qual deles?

V. M.- Sobre qual Eu estás trabalhando?

R.- Eu estava tratando de Trabalhar na Meditação sobre a luxúria, ira, medo, ou então posso me confundir.

V. M.- Mas sobre qual estás trabalhando, especificamente? Vejo que é um homem judicioso e, portanto, já haveria especificado teu Trabalho.

R.- Eu quis trabalhar sobre a luxúria.

V. M.- O da luxúria é capital e se trabalha durante toda a vida, pois ali está o pecado original, a raiz de todos os defeitos. Mas sempre terá que trabalhá-lo associado com algum outro.

Que trabalhe a ira, mas a luxúria continua; que trabalhe a inveja, mas a luxúria continua; que trabalhe o orgulho, mas continua-se com a luxúria. Esse é capital.

P.- Ou seja, em uma Meditação, trabalhar com tudo o que se recorda do Eu?

V. M.- Isso do que se recorda me soa incoerente, vago, impreciso, inodoro, insípido, insubstancial, incolor. Pensemos com exatidão, qual defeito acaba de descobrir na prática. Se estiver alerta e vigilante como o vigia em época de guerra, tem que ter descoberto algum defeito.

Qual acaba de descobrir? Em que situação se viu agora metido? Teve alguma palavra de ira? Teve algum impulso luxurioso? Qual foi o último qué descobriu? Em que situação? Foi em casa, em um bar? O que te aconteceu quando estava dormindo?

R.-A ira.

V. M.- Um arranque de ira. Eu gosto que seja sincero, sabe? Está bem. Pois isso é o que alguém tem que fazer, viver alerta e vigilante como o vigia em época de guerra. Onde foi a ira? Qual foi o momento? Tu podes visualizar o instante em que sentiu ira? Pode fazê-lo? Pode visualizar, recordar como foi a coisa?

Pois agora vamos trabalhar sobre isso. Vamos a partir de fatos concretos, claros e definitivos, vamos ser práticos em cem por cento. Reconstrói, visualiza essa cena de ira, e sobre isso vais trabalhar agora na Meditação.

P.- Mestre, acontece que quando a gente descobre um defeito que está atacando, por exemplo a ira, e a pessoa suplica a sua Divina Mãe que o ajude a eliminar...

V. M.- De que situação partiu? Quando aconteceu isso? que rua, em que número de casa? Eu quero fatos, não me venha com expressões sem clareza.

R.- Aconteceu ontem precisamente, quando em um ataque de ira, pois eu queria ir escutar sua conferência. Esse desejo que tenho se sentiu ferido porque minha esposa não queria ir, então me irei, mas nesse mesmo instante supliquei a Minha Divina Mãe. E o acusei, mas não sei se obtive algo.

V. M.- Vamos ser mais práticos. Irou-te contra tua pobre esposa, mas, tu já sabe por que te irou?

R.- Porque não me deixou ir à conferência.

V. M.- De maneira que houve ira, não te deixou ir a conferencia. O quê se sentiu ferido nesse momento em ti?

R.- O orgulho.

V. M.- Então há dois defeitos: há um, ira, e outro orgulho. Sobre esses dois eus vais trabalhar agora concretamente, na prática.

A petição que fez nesse momento está bem, mas foi um pouco superficial. Já refletiu sobre isso? Já reconstruiu a cena' Quantas horas esteve em tua cama com teu corpo relaxado fazendo-se consciente do que aconteceu? Poderia-me dizer exatamente? Pois está muito superficial e precisamos ser mais profundos.

A água que corre turva é a água de pouca profundidade necessitamos água de muito fundo. Os poços, diríamos, com pouca profundidade, à beira do caminho, secam-se sob a li do sol e se convertem em pântanos, cheias de podridão. Mas nas águas profundas onde habitam os peixes e há vida, sã diferentes. Nós precisamos ser mais profundos. Quantas hora permaneceu em Meditação reconstruindo a cena?

P.- Eu gostaria de saber sobre o Traço Psicológio Principal.

V. M - Sim, é fundamental o Traço Psicológico Principal porque quando alguém o conhece o trabalha, e então se fã mais fácil a desintegração do Ego. Mas vou dizer a vocês um grande verdade: antes de nos explorar para conhecer o Traço Psicológico Principal, devemos ter trabalhado o suficiente, uns cinco anos, pelo menos; porque não é tão fácil poder no descobrir o Traço Psicológico Principal.

Na verdade, alguém tem falsos conceitos sobre sua própria personalidade. Alguém se vê através da fantasia pensamos sobre si mesmo sempre de forma equivocada. Mas bem

outros podem às vezes vê-lo melhor, mas sobre si mesmo ter conceitos falsos. Não poderia alguém descobrir seu Traço Psicológico Principal enquanto não tenha eliminado uma boa percentagem de Agregados Psíquicos desumanos. Por isso, se querem conhecer o Traço Psicológico Principal, que se trabalhe pelo menos uns cinco anos.

Depois de uns cinco anos podemos nos dar o luxo de usar tema retrospectivo para aplicá-lo tanto a nossa vida atual, como a nossas vidas anteriores. Então veremos com grande assombro que uma e outra vez cometemos o mesmo erro. Descobriremos um erro chave que em toda existência cometeu sempre os piores erros, e que sempre está especificado por um determinado delito e que foi o eixo de todos nossos estoques anteriores.

Mas obviamente, para praticar com certa lucidez esse exercício retrospectivo há que eliminar primeiro muitos eus. De maneira nenhuma poderia eu acreditar que se pudesse descobrir o *Traço Psicológico Fundamental se* a pessoa não utilizou inteligentemente o sistema retrospectivo. Para usá-lo de verdade com lucidez, também precisamos ser sinceros. Quando a Consciência está muito colocada entre os Eus não há lucidez. Então, o exercício retrospectivo nessas condições resulta incipiente, se não fantástico ou equivocado. Esse é pois meu conceito.

P.- Na manhã senti certa reação, e logo outra reação que obedece a outro Eu. Na Meditação deverei me dedicar aos dois ou só a um?

V. M.- Bom, na Meditação deve te dedicar a um, primeiramente. Mais tarde te dedica ao outro. Agora, com fins de trabalho, te dedique ao primeiro.

P - Esse Eu que se deixou fora da Meditação, não se engorda?

V. M - Tu o deixa para outro evento, mas se não queres que ele engorde, não lhe dê mais alimento, que ele se tornará frquinho.

P. Mestre, você nos ensinou uma ordem no trabalho. Mas durante um dia se manisfestam muitos defeitos, por isso talvez houve um mau entendimento nosso ao procurar um Traço Psicológico. Como podemos entender isso, e sobre o que se deveria Trabalhar?

V. M.- Há que ter uma ordem no Trabalho, claro está que sim. E estou de acordo. Mas, ao chegar a noite, com teu corpo relaxado, passará a praticar teu exercício retrospectivo sobre tua atual existência ou existências anteriores, pelo menos sobre o dia. Então vais visualizar, reconstruir os eventos do dia. Já reconstruídos, numerados, classificados devidamente, proceder a fazer o trabalho. Primeiro, um evento ao que se pode dedicar 15 ou 20 minutos, outro evento ao que lhe pode dedicar meia hora, outro evento 5 minutos. Tudo depende da gravidade dos eventos. E assim, já ordenados, pode trabalhá-los na noite tranqüilamente e por ordem.

P.- E para eliminá-los?

V. M.- Também por ordem, porque em cada trabalho sobre tal ou qual evento entram os fatores de descobrimento, processamento e execução. A cada elemento aplica os três instantes. Descobrimento: o descobriu. Compreensão: quando o compreendeu. E eliminação: com a ajuda da Divina Mãe Kundalini.

Assim se trabalha, porque se for trabalhar um por um, imagina como a situação vai ficar complicada. Vai se pôr muito “para cima”, porque em realidade de verdade te digo, ou vou repetir aquela frase de Virgílio, o Poeta de Mântua, em sua Divina Eneida: *“Embora tivéssemos cem línguas para falar e paladar de aço, não alcançaríamos a enumerar nossos defeitos cabalmente”.*

De maneira que, se nos propormos a Trabalhar um defeito por dois meses, outro defeito por outros dois meses, e se forem milhares quando os vais a eliminar todos? Além disso, um defeito está associado a outro, e o outro está associado a outro. Raramente aparece um defeito só, sempre um defeito está associado a outro. Assim é que há que trabalhá-los com ordem mas devidamente classificados. Diariamente, até triunfar.

P.- Você nos fala sobre a desordem da casa. O Mestre G. fala sobre a desordem da casa e fala sobre um Mordomo interno, e sobre o qual uns Eus que gostam do trabalho e uns Eus que não gostam do trabalho. Para formar um Centro de gravidade Permanente, como poderíamos entender isto?

Samael Aun Weid

V. M.- Pois, francamente isso de tal "Mordomo" tão chamado pelo Nicoll, e pelo G., e pelo Ouspensky, pois me parece uma tolice. Não tem nenhum valor. Por minha parte, jamais, ou melhor dizendo, este que está aqui dentro que dissolveu o Ego, com sinceridade, nunca usou isso do sistema do "Mordomo".

Um dia me dizia um amigo que tinha uma fábrica de calças por lá em El Salvador: *"Mestre, se eu desintegrar o Eu útil que faz calças em minha fábrica, então, quem vai seguir fazendo calças? Minha fábrica vai fracassar?" "Não se preocupe"* - disse-lhe - *"Bom amigo, se tu desintegrar esse Eu, uma parte do Ser correspondente a toda classe de artes, se encarregará do trabalho de fazer calças. E o fará melhores que tu. Meu amigo se mostrou satisfeito e continuou a seu encargo".*

Os Eus bons fazem boas obras, mas não sabem fazer boas obras. Fazem o bem quando não se deve fazer. Dão uma esmola a um maconheiro para que vá comprar mais maconha; dão esmolas a um bêbado para que siga se embebedando; dão esmola a um rico que pede esmola e coisas do estilo. Os Eus do bem não sabem fazer o bem.

Em última instância, nós temos que brigar contra o bem e contra o mal. Francamente, em última síntese, nós teremos que passar mais além do bem e do mal e empunhar a Espada da Justiça Cósmica. Ao fim e ao cabo, o que é o que chamamos bem? Nos façamos conscientes disso que chamamos bem. *Bom* é tudo o que está em seu lugar. *Mau* é o que está fora de seu lugar.

Por exemplo: o fogo é bom mas, que tal se queimasse as cortinas ou assasse a vocês vivos? O que vocês acham?

Gostariam de sentir-se convertidos em tochas acesas? Vejo que não, verdade?

Agora a água: nesse copo está bem, ainda na cozinha serve para lavar os pratos. Mas, que tal a água inundar todas as habitações? Seria má, não é verdade?

Uma virtude, por muito Santa que seja, se estiver foral lugar torna-se má. A vocês, gostariam já como Instrutores Gnósticos dar os ensinamentos em alguma cantina? Vocês como Instrutores Gnósticos, iriam a uma casa de encontros, a um prostíbulo? Gostariam? Acredito que não. E se gostais pois não o recomendo, pois isso já seria mau, absurdo.

Assim, o bom é o que está em seu lugar e mau o que está desconjurado. Então, ao fim e ao cabo, as palavrinhas vêm mal marcadas, fora de uso. Poderíamos mas bem dizer: correto e incorreto. Assim que o importante na vida é, diríamos, dissolver os Eus, sejam bons ou maus, não importa.

Compreensão Criadora

O Ser e o Saber devem equilibrar−se, mutuamente, a fim de estabelecer, em nossa psique, a labareda da compreensão.

Quando o saber é maior do que o ser origina confusão intelectual de toda espécie.

Se o ser é maior que o saber, pode dar casos tão graves como o do Santo estúpido.

No terreno da vida prática convém auto−observar−nos, com o propósito de autodescobrir−nos.

É, precisamente a vida prática, o ginásio psicológico mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar, diretamente, que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente, com o propósito de separá−lo de nossa psique.

Antes de tudo, não devemos identificar−nos com nenhum eu−defeito, se é que, em realidade, desejamos eliminá−lo.

Se, parados sobre uma tábua, desejamos levantar esta para colocá−la encostada em uma parede, isto não seria possível se continuássemos parados sobre ela.

Obviamente, devemos começar por separar a tábua de nós mesmos, retirando−nos da mesma e, logo, com nossas mãos, levantar a tábua e colocá−la encostada ao muro.

Similarmente, não devemos identificar−nos com nenhum agregado psíquico, se é que, na verdade, desejamos separá−lo de nossa psique.

Quando nos identificamos com tal ou qual eu, de fato, o fortificamos, em vez

de desintegrá−lo.

Suponhamos que um eu qualquer de luxúria se apossa dos rolos que temos no centro intelectual para projetar, na tela da mente, cenas de lascívia e morbosidade sexual; se nos identificamos com tais quadros passionais, indubitavelmente, aquele eu luxurioso se fortificará tremendamente.

Mas, se nós, ao invés de identificar−nos com essa entidade, a separamos de nossa psique, considerando−a como um demônio intruso, obviamente haverá surgido, em nossa intimidade, a compreensão criadora.

Posteriormente, poderíamos dar−nos ao luxo de julgar, analiticamente, a tal agregado com o propósito de fazer−nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave erro das pessoas consiste, precisamente, na identificação e isto é lamentável.

Se as pessoas conhecessem a doutrina dos muitos; se, de verdade, entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então, não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática, resultam úteis, quando nos encontramos em constante auto−observação psicológica.

Então, comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente, múltiplos eus intervêm como intrusos de mau agouro para colocar, em nossa mente, pensamentos; em nosso coração, emoções; em nosso centro motor, ações de qualquer natureza.

É lamentável que não sejamos donos de nós mesmos; que diversas entidades psicológicas façam de nós o que querem.

Desafortunadamente, nem remotamente suspeitamos o que nos sucede e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo isto é que, em vez de lutar para nos libertarmos de todas estas entidades secretas, cometemos o erro de fortalecê−las e isto acontece quando nos identificamos com elas.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga banal entre cônjuges deve−se, indubitavelmente, a tal ou qual eu e isto é algo que jamais devemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico onde podemos ver−nos, a nós mesmos, tal qual somos.

Mas, antes de tudo, devemos compreender a necessidade de ver−nos a nós mesmos e a necessidade de mudar, radicalmente; só assim, teremos gana de observar−nos realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de ver−se a si mesmo; querer−se−á demasiado e, de modo algum, estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara, diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários eus que é necessário compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionais, entram em jogo eus de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes, etc., etc., que, posteriormente, deverão ser julgados, analiticamente, cada um em separado,a fim de compreendê−los, integralmente, com o evidente propósito de desintegrá−los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica; por isto, necessitamos penetrar cada vez mais profundamente. O que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreendemos melhor.

Olhando as coisas deste ângulo, podemos verificar, por nós mesmos, quão úteis são as diversas circunstâncias da vida, quando, em verdade, as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum, trataríamos jamais de afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática resultam sempre formosos e perfeitos; tal afirmação seria descabida.

No entanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, resultam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o mim mesmo, resulta espantosamente difícil.

Entre as cadências do verso, também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, se esconde o delito.

O delito, às vezes, torna−se tão refinado que se confunde com a santidade; e tão cruel que chega a parecer−se à doçura.

O delito veste−se com a toga do juiz, com a túnica do mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental; mas, no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Resulta urgente, inadiável, fazer−nos conscientes de cada eu para separá−lo de nossa psique; mas isso não é tudo, falta algo mais.

Compreensão

Em se tratando de compreender, fundamentalmente, qualquer defeito de tipo psicológico, devemos ser sinceros com nós mesmos...

Desafortunadamente, Pilatos, o Demônio da Mente, sempre lava as mãos; nunca tem culpa, jamais reconhece seus erros...

Sem evasivas de nenhuma espécie, sem justificativas e sem desculpas, devemos reconhecer nossos próprios erros...

É indispensável auto−explorar−nos para autoconhecer−nos profundamente e partir da base zero radical.

O fariseu interior é óbice para a compreensão. Presumir−se de virtuoso é absurdo...

Uma vez fiz, a meu guru, a seguinte pergunta: Existe alguma diferença entre a tua mônada divina e a minha? O Mestre respondeu: "Nenhuma, porque tu e eu e cada um de nós não é mais que um mau caracol no seio do Pai..."

Ajuizar a outros e qualificá−los de magos negros resulta incongruente, porque toda humana criatura, enquanto não haja dissolvido o eu pluralizado, é mais ou menos negra..

Auto−explorar−se intimamente é, certamente, algo muito sério; o ego é, realmente, um livro de muitos tomos.

Em vez de render culto ao execrável demônio Algol, convém beber o vinho da meditação na taça da perfeita concentração...

Atenção plena, natural e espontânea em algo que nos interessa, sem artifício algum é, em verdade, concentração perfeita...

Qualquer erro é polifacético e se processa, fatalmente, nas quarenta e nove guaridas do subconsciente...

O ginásio psicológico é indispensável; afortunadamente o temos e este é a própria vida...

A senda do lar doméstico, com seus infinitos detalhes, muitas vezes doloroso, é o melhor salão do ginásio.

O trabalho fecundo e criador, mediante o qual nós ganhamos o pão de cada dia, é outro salão de maravilhas.

Muitos aspirantes à vida superior anelam, com desespero, evadir−se do lugar onde trabalham, não circular mais pelas ruas de seu povo, refugiar−se no bosque, com o propósito de buscar a liberação final...

Essas pobres gentes são semelhantes a rapazes gazeadores que fogem da escola, qua não assistem às classes, que buscam escapatórias...

Viver de instante a instante, em estado de alerta percepção, alerta novidade, como vigia em época de guerra, é urgente, indispensável, se, em realidade, queremos dissolver o eu pluralizado.

Na inter−relação humana, na convivência com nossos semelhantes, existem infinitas possibilidades de autodescobrimento.

É inquestionável, e qualquer um o sabe, que, na inter−relação, os múltiplos defeitos que levamos escondidos entre as ignotas profundidades do subconsciente, afloram sempre naturalmente, espontâneamente e, se estamos vigilantes, então os vemos, os descobrimos.

Entretanto, é óbvio que a autovigilância deve, sempre, processar−se de momento em momento.

Defeito psicológico descoberto deve ser integralmente compreendido nos distintos recôncavos da mente.

Não seria possível a Compreensão profunda sem a prática da meditação.

Qualquer defeito íntimo resulta multifacético e com diversos enlaces e raízes que devemos estudar judiciosamente.

Auto−revelação é possível quando existe compreensão íntegra do defeito que, sinceramente, queremos eliminar...

Autodeterminações novas surgem da Consciência, quando a Comprensão é unitotal...

Análise superlativa é útil, se a combinamos com a meditação profunda; então brota a labareda da Compreensão.

A dissolução de todos esses agregados psíquicos, que constituem o ego, precipita−se, se sabemos aproveitar até o "maximum" as piores adversidades.

Os difíceis ginásios psicológicos no lar ou na rua, ou no trabalho, nos oferecem sempre as melhores oportunidades.

Cobiçar virtudes resulta absurdo; melhor é produzir mudanças radicais.

O controle dos defeitos íntimos é superficial e está condenado ao fracasso.

Mudanças de fundo é o fundamental e isto só é possível compreendendo, integralmente, cada erro...

Eliminando os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo, o si mesmo, estabelecemos, em nossa Consciência, alicerces adequados para a ação reta...

Mudanças superficiais de nada servem; necessitamos, com urgência inadiável, mudanças de fundo...

Compreensão é o primeiro; eliminação, o segundo...

Eliminação

O coito químico subliminal origina comoções nervosas transcendentes e extraordinárias vibrações áuricas entre os muito diversos componentes do humano casal Adão−Eva.

As divinas radiações de tipo sexual têm sido qualificadas, pelos melhores tratadistas do esoterismo, como luz ódica.

Havendo começado já a ciência a estudar a teoria astral do corpo humano, convém, para maior simplicidade, usar os termos da tradição antiga.

Aqui, o Od é, fora de toda dúvida, o brilhante magnetismo positivo ativo, dirigido pelo poder maravilhoso da vontade consciente.

Aqui, o Ob é o fluído magnético passivo, governado, muito sabiamente, pela inteligente faculdade conhecida como imaginação criadora.

Aqui, o Aur é o agente luminoso diferenciado, o Genius Lucis do anfiteatro cósmico.

Uma imagem régia que guarda sublime concordância com o magnetismo sexual de Eros, é a já conhecida do famoso Caduceu de Mercúrio, cingida de serpentes; a víbora flamígera solar da direita representa a Od; a cobra lunar e úmida da esquerda alegoriza a Ob; no remate magnífico do misterioso caduceu, resplandece, gloriosamente, o globo de Aur ou a igualdade da Luz

Mediante o coito metafísico, o azoto e a magnésia dos antigos alquimistas, a luz astral polarizada sofre alterações notáveis.

Tais alterações íntimas influem, secretamente, sobre as relações eletroquímicas nas últimas unidades vitais do nosso organismo, para transformar sua estrutura.

Waldemar diz: "Quando os químicos nos dizem que a totalidade dos biocatalizadores de um organismo aparece como um sistema ordenado dos inferiores fatores teleocausais que se acham sob a legalidade da vida, ou seja, a serviço dos superiores objetivos do organismo, não resulta difícil completar que a formação de emoções internas, reflexos ou impusos, depende dos fatores radiocausais da aura."

"Demos de maneira comparativa, diz Waldemar, uma olhada nas relações de elétrons e íons da substância vivente e nos aproximaremos, de maneira considerável, da compreensão do anteriormente dito."

É algo palmário e manifesto que, no instante maravilhoso do jardim das delícias, no momento delicioso em que o membro viril entra profundamente na vagina da muher, apresenta−se uma espécie muito singular de indução elétrica.

É indubitável que, então, os fatores teleocausais da aura, sob o impulso elétrico, oferecem possibilidades surpreendentes...

Mudanças psicológicas de fundo podem surgir nas profundezas da Consciência, se sabemos aproveitar, inteligentemente, a cósmica oportunidade que se nos brinda...

Perde−se tal oportunidade de maravilhas, quando só nos propomos gratificar nossos sentidos.

Desditado, o Sansão da Cabala, que se deixa adormecer por Dalila, o Hércules da Ciência, que troca seu cetro de poder pelo osso de Onfália, sentirá, prontamente, as vinganças de Dejanira e não lhe ficará mais remédio que a fogueira do Monte Etna, para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Neso.

Concupiscência é abominação; cair como uma besta no leito de Proscuto, equivale a perder a melhor das oportunidades.

Em vez da incontinência fatal da libido sexual, melhor é orar; escrito está, com palavras de fogo, no livro de todos os enigmas, que o coito é uma forma de oração.

O Patriarca Gnóstico Santo Agostinho disse enfaticamente: "Por que não haveremos de crer que os humanos puderam, antes da queda no pecado, dominar os órgãos sexuais, assim como os restantes membros do corpo, aos quais serve a alma, através do desejo, sem moléstia nem excitação?"

Santo Agostinho propõe a tese incontrovertível de que só atrás do pecado, ou do tabu, formou−se a libido (agitação despótica ou arbitrária, carnal ou instintiva, potência sexual incontrolada): "Após o pecado, a natureza, que antes não se envergonhava, sentiu a libido, recatou−se e se envergonhou dela, porque havia perdido a força soberana que, originalmente, oferecia a

todas as partes do corpo."

O segredo da felicidade do Deus Íntimo de cada criatura consiste na relação d'Ele consigo mesmo...

O próprio estado divinal é, fora de toda dúvida, o da dita suprema, um desejo e prazer sexual que permanecem invariáveis em Eones e que procedem da relação da divindade consigo mesma...

Em último extremo, os sete cosmos, que resplandecem gloriosamente no espaço infinito, enlaçam−se sexualmente...

Por que haveria de ser exceção o microcosmo homem? Ele e Ela sempre se adoram... tu o sabes...

O prazer sexual é, pois, um direito legítimo do homem e advém, como já dissemos, da relação da divindade consigo mesma.

Com outras palavras enfatizaremos a realidade transcendental dizendo: o deleite sexual é terrivelmente divino.

Santo Alberto diz que o homem espiritual deve dirigir o comércio carnal a um objetivo moral e que uma função da sexualidade, baseada só no prazer dos sentidos, pertence aos vícios mais infamantes.

Nestes instantes, resulta oportuno recordar que aqueles troncos, ou tábuas da Lei, onde Moisés escrevera, por mandato de Iod−Heve, os preceitos luminosos do Decálogo, não são, senão, uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico devemos meditar profundamente...

O amor é o Fiat Lux do Livro de Moisés, o grande desiderato cósmico sexual, a lei divinal para todos os continentes, mares, mundos e espaços.

O Sahaja Maithuna, o Sexo−Yoga, é o fundamento diamantino e eternal do Fiat Luminoso e espermático do primeiro instante.

É inquestionável que, se empunhamos, valorosamente, a lança sexual de Eros com o são propósito de reduzir a poeira cósmica, em sucessiva ordem, a cada um dos variados elementos subjetivos que levamos dentro, brota, então, a Luz.

Dentro de cada um desses variados e pendenciadores eus gritalhões que personificam nossos erros de tipo psicológico, existe substância, Essência anímica.

Assim como o átomo, ao ser fracionado, libera energia, assim, também, a desintegração total de qualquer desses variados eus infernais libera Essência, Luz...

Devemos, pois, fabricar Luz, fazer Luz...

"Luz, mais Luz!" Gritou Goethe com todas as forças de sua alma, momentos antes de morrer.

Compreensão é básica em psicologia transcendental; mas, é óbvio que não é tudo; necessitamos eliminar.

Em Devi Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, está a chave.

Não é possível eliminar eus−diabos (defeitos psicológicos) sem o auxílio de Devi Kundalini. Tu o sabes!...

IO, nossa Mãe Cósmica particular, é, certamente, o desdobramento maravilhoso de nossa própria mônada divina e, ainda que careça de forma concreta, pode, se assim o quiser, assumir humana e maternal figura...

No momento supremo da entrega sexual, em pleno coito, meditai e orai, para que não caiais em tentação...

Nesses instantes de dita, rogai com todas as forças de vossa alma, suplicai à vossa Divina Mãe Kundalini, para que elimine, de vosso interior, o eu−diabo; quero referir−me ao defeito psicológico que, através da meditação profunda, haveis compreendido em todos os níveis da mente. Assim é como vamos morrendo de instante a instante. Só com a MORTE advém o novo.

Meditação

Na vida, a única coisa importante é a mudança radical, total e definitiva; o demais, francamente, não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando, sinceramente, nós queremos tal mudança.

De modo algum desejamos a meditação intranscendente, superficial e vã.

Necessitamos tornar−nos sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por aí no pseudo−esoterismo e pseudo−ocultismo baratos.

Há que se saber ser sério, há que saber mudar, se é que na realidade, de verdade, não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o leviano, jamais poderá dissolver o ego; será sempre um lenho impotente entre o furioso mar da vida.

Defeito descoberto, no terreno da vida prática, deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação.

O material didático para a meditação encontra−se, precisamente, nos distintos eventos, ou circunstâncias diárias da vida prática, isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis; nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, ao invés de protestarmos contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento anímico.

A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável nos permite, em nós mesmos, o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o "sabor trabalho" e o "sabor vida".

Em todo o caso, para sentir, em nós mesmos, o sabor trabalho, requer−se inversão total de atitude com que, normalmente, encaramos as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do sabor trabalho, enquanto cometer o erro de identificar−se com os diversos eventos.

Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos.

Quando nos identificamos com tal ou qual acontecimento, de modo algum logramos extrair, do mesmo, os elementos úteis para o autodescobrimento e crescimento interior da Consciência.

O trabalhador esoterista que regressa à identificação, depois de haver perdido a vigilância, volta a sentir o sabor vida ao invés do sabor trabalho.

Isto indica que a atitude psicológica, antes invertida, voltou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente, através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar, por nós mesmos e, em forma direta, a intervenção de vários eus participantes da mesma.

Exemplo: Uma cena de ciúmes amoroso; nela intervém eus de ira, ciúmes, e até ódio.

Compreender cada um destes eus, cada um destes fatores implica, de fato, em profunda reflexão, concentração, meditação.

A marcada tendência de culpar os outros é obice, obstáculo para a compreensão de nossos próprios erros.

Desgraçadamente, resulta tarefa muito difícil destruir, em nós, a tendência de culpar os outros.

Em nome da verdade, diremos que nós somos os únicos culpados das diversas circunstâncias da vida.

Os distintos eventos agradáveis ou desagradáveis existem sem nós ou conosco e se repetem, mecanicamente, em forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida e se houvesse uma solução final, a vida não seria vida, senão morte.

Então, pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas; mas, nunca deixarão de se repetir e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente, com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis; sempre recorrente.

Não podemos deter a roda; as circunstâncias boas ou más processam−se sempre mecanicamente; unicamete podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme aprendamos a extrair o material para meditação dentre as mesmas circunstâncias da existêcia, iremos nos autodescobrindo.

Em qualquer circunstância agradável ou desagradável, existem diversos eus que devem ser compreendidos, integralmente, com a técnica da meditação.

Isto significa que qualquer grupo de eus, intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ter sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que façamos uso do sentido da observação psicológica, este último irá também se desenvolvendo maravilhosamente. Então podemos perceber os eus durante o trabalho de meditação.

Resulta interessante perceber, interiormente, não somente os eus antes de haverem sido trabalhados, senão, também, durante todo o trabalho.

Quando estes eus são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.

O DOMÍNIO DA MENTE

É claro que nos cabe ir-nos independizando cada vez mais da mente. A mente é um calabouço, um cárcere, onde todos nós estamos presos. Precisamos fugir desse cárcere, se é que realmente queremos saber que coisa é a liberdade; liberdade essa que não é do tempo, liberdade essa que não é da mente...

Antes de tudo, devemos considerar a mente como algo que não é do Ser. Infelizmente, as pessoas identificadas com a mente dizem: estou pensando… e se sentem como sendo a mente.

Há escolas que se dedicam a fortalecer a mente. Dão cursos por correspondência, ensinam a desenvolver a força mental, etc. Porém, tudo isso é absurdo! Fortificar os barrotes da prisão onde estamos metidos não é o indicado. O que precisamos é destruir esses barrotes para conhecer a verdadeira liberdade que, como já disse, não é do tempo.

Enquanto estivermos no cárcere do intelecto, não seremos capazes de experimentar a verdadeira liberdade.

A mente em si mesma é um cárcere doloroso. Ninguém jamais foi feliz com a mente. Até hoje não se conheceu o primeiro homem que foi feliz com a mente. A mente torna todas as criaturas desditadas, torna-as infelizes. Os momentos mais ditosos que todos nós tivemos na vida ocorreram sempre na ausência da mente. Foi um instante, sim, mas que não o poderemos esquecer jamais na vida. Em tal segundo, soubemos o que é a felicidade, porém durou apenas um segundo. A mente não sabe que coisa é a felicidade, ela é um cárcere!

Temos de aprender a dominar a mente, não a alheia, mas a nossa, se é que queremos ficar independentes dela.

Faz-se indispensável aprender a olhar a mente como algo que devemos dominar, como algo que, digamos, precisamos amansar. Recordemos ao divino Mestre Jesus entrando em Jerusalém no Domingo de Ramos montado em seu burrinho. Esse burrinho é a mente que temos de submeter. Temos de montar no burrinho e não permitir que ele monte em nós. Infelizmente, as pessoas são vítimas da mente, posto que não sabem montar no burrinho. A mente é um burrinho demasiado torpe que tem de ser dominado, se é que verdadeiramente queremos montar nele.

Durante a meditação, devemos dialogar com a mente. Se alguma dúvida se atravessa, temos de fazer a dissecação dessa dúvida. Quando uma dúvida foi devidamente estudada, quando se lhe fez a dissecação, não deixa em nossa memória rastro algum, desaparece. Porém, quando uma dúvida persiste, quando pretendemos combatê-la incessantemente, forma-se o conflito. Toda dúvida é um obstáculo à meditação. Mas, não será rechaçando as dúvidas que iremos eliminá-las. Ao contrário, é fazendo a sua dissecação para ver o que é que escondem de real.

Qualquer dúvida que persiste na mente, converte-se numa trava à meditação. Temos que analisá-la, esquadrinhá-la, reduzi-la a pó... Não será combatendo-a e sim abrindo-a com o escalpelo da autocrítica, fazendo uma rigorosa e implacável dissecação, que iremos descobrir o que havia nela de importante, o que havia nela de real e o que havia de irreal.

Assim, pois, as dúvidas, às vezes, servem para esclarecer conceitos. Quando alguém elimina uma dúvida mediante uma análise rigorosa, quando a disseca, descobre alguma verdade. De tal verdade, vem algo mais profundo, mais sabedoria, mais sapiência.

Elabora-se a sabedoria na base da experimentação direta, na própria experimentação, na base da meditação profunda. Há vezes que precisamos, repito, dialogar com a mente porque muitas vezes queremos que a mente fique quieta, fique em silêncio, e ela insiste em suas tolices, em seu palavrório

inútil, em continuar a luta das antíteses. E quando se faz necessário interrogar a mente: Muito bem, mente, mas o que é que tu queres? Me responda!

Se a meditação for profunda, poderá surgir em nós alguma representação. Nessa figura, nessa representação, nessa imagem, está a resposta. Temos então de dialogar com a mente e fazê-la ver a realidade das coisas, fazê-la ver que sua resposta está errada, fazê-la ver que suas preocupações são inúteis e que os motivos pelos quais se agita também são inúteis. Por fim, a mente fica quieta e em silêncio.

Porém, se notamos que a iluminação ainda não surge, que ainda persiste em nós o estado caótico, a confusão incoerente do palavrório incessante com sua luta de opostos, temos que chamar de novo a mente à ordem, interrogando-a: O que é que tu queres, mente? O que estás procurando? Por que não me deixas em paz? Há que se falar claro e dialogar com a mente como se ela fosse um sujeito estranho. Certamente, ela é um sujeito estranho, já que ela não é o Ser. Temos de tratá-la como se fosse uma pessoa estranha. Temos de recriminá-la e de repreendê-la.

Os estudantes do zen avançado se habituam ao judô, porém o judô psicológico deles não foi compreendido pelos turistas que chegaram ao Japão. Ver, por exemplo, os monges praticando o judô, lutando uns com os outros, pareceria um exercício meramente físico, mas não o é. Quando eles estão praticando judô, realmente quase não estão se dando conta do corpo físico. Na realidade, sua luta tem como objetivo dominar a própria mente. No judô em que estão combatendo, o adversário é a sua própria mente. De maneira que, o judô psicológico tem por objetivo submeter a mente, tratá-la cientificamente, tecnicamente; o objetivo é submetê-la.

Infelizmente, os ocidentais só vêem a casca do judô. Claro, como sempre, superficiais e néscios, tomaram o judô como luta de defesa pessoal e se esqueceram dos princípios do zen e do chang. Isso foi verdadeiramente lamentável. É algo bastante semelhante ao que aconteceu com o Tarô. Sabe-se que no Tarô está toda a sabedoria antiga e todas as leis cósmicas e da natureza.

Por exemplo, um indivíduo que fala contra a magia sexual, está falando contra o Arcano IX do Tarô. Portanto, está jogando um karma horrível contra si. Um indivíduo que fale a favor do dogma da evolução, está quebrando a lei do Arcano X do Tarô. Assim, sucessivamente…

O Tarô é um padrão de medidas para todos, como já disse em meu livro intitulado O MISTÉRIO DO ÁUREO FLORESCER. Nele termino dizendo que os autores são livres para escrever o que quiserem, mas que não deviam esquecer o padrão de medidas que é o Tarô, o livro de ouro, a fim de não violar as leis cósmicas e cair sob a katância que é o karma superior.

Depois desta pequena digressão, quero dizer que o Tarô tão sagrado, tão sapiente, converteu-se em jogo de pôquer e nesses outros jogos de cartas que servem para a diversão das pessoas, as quais se esqueceram de suas leis e de seus princípios. As piscinas sagradas dos antigos templos de Mistérios converteram-se hoje nos clubes de banhistas.

A tauromaquia, a ciência profunda, a ciência taurina dos antigos mistérios de Netuno na Atlântida, perdeu seus princípios e converteu-se hoje no circo vulgar das touradas. Assim, pois, não é de se estranhar que o judô – zen e chang – que tem por objetivo precisamente submeter a própria mente através de seus movimentos e paradas, tenha degenerado, tenha perdido seus princípios, no mundo ocidental. Assim, converteu-se em algo profano que só se usa hoje para a defesa pessoal.

Olhemos o aspecto psicológico do judô. No judô psicológico que a Revolução da Dialética ensina, necessita-se dominar a mente, requer-se que a mente aprenda a obedecer, exige-se uma forte recriminação dela para que obedeça.

Isto Krishnamurti não ensinou, tampouco o ensinou o zen ou o chang. Isto que estou ensinando pertence à Segunda Jóia do Dragão Amarelo, à segunda jóia da sabedoria. Dentro da primeira jóia, podemos incluir o zen, porém o zen não explica a segunda jóia, ainda que possua os prolegômenos em seu judô psicológico.

A segunda jóia implica na disciplina da mente: dominando-a, açoitando-a, recriminando-a... A mente é um burrinho insuportável que tem de ser amansado!

Assim, pois, durante a meditação, temos de contar com muitos fatores, se quisermos chegar à quietude e ao silêncio da mente. Precisamos estudar a desordem porque só assim conseguiremos estabelecer a ordem. Temos de saber o que há em nós de atento e o que há em nós de desatento.

Sempre que entramos em meditação, nossa mente se divide em duas partes: a parte que atende e a parte que não atende. Não é na parte atenta que temos de pôr atenção e sim precisamente no que há de desatento em nós. Quando chegarmos a compreender profundamente o que há de desatento em nós e soubermos como proceder para que o desatento se converta em atento, teremos conseguido a quietude e o silêncio da mente. Porém, temos de ser judiciosos na meditação, julgando a nós mesmos e sabendo o que há de desatento em nós. Precisamos nos tornar conscientes daquilo que existe de desatento em nós.

Quando digo que devemos dominar a mente, entendam que quem deve dominá-la é a essência, a consciência. Despertando a consciência, adquirimos mais poder sobre a mente e por fim nos tornamos conscientes do que há de inconsciente em nós.

Faz-se urgente e improrrogável dominar a mente. Devemos dialogar com ela, recriminá-la, açoitá-la com o látego da vontade e fazê-la obedecer. Esta didática pertence à Segunda Jóia do Dragão Amarelo.

Meu real Ser, Samael Aun Weor, esteve reencarnado na antiga China e chamou-se Chou-Li. Fui iniciado na Ordem do Dragão Amarelo e tenho ordens de entregar as Sete Jóias do Dragão Amarelo a quem despertar a consciência, vivendo a Revolução da Dialética e conseguindo a Revolução Integral.

Antes de tudo, não devemos nos identificar com a mente, se é que queremos tirar o melhor partido da segunda jóia. Se nós continuamos nos sentindo a mente, se dizemos: estou raciocinando, estou pensando, estamos afirmando um despropósito e não estamos de acordo com a doutrina do Dragão Amarelo porque o Ser não precisa pensar e não precisa raciocinar. Quem raciocina é a mente. O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser. Ele é o que é, o que sempre foi e o que sempre será. O Ser é a vida que palpita em cada átomo e que palpita em cada sol. O que pensa não é o Ser. Quem raciocina não é o Ser. Nós não temos encarnado todo o Ser, mas temos uma parte do Ser encarnada, que é a essência ou Budata, isso que há de alma em nós, o anímico, o material psíquico. É necessário que esta essência vivente se imponha sobre a mente.

Aquilo que analisa em nós são os eus. Os eus nada mais são do que formas da mente, formas mentais que têm de ser desintegradas e reduzidas a poeira cósmica.

Estudemos neste momento algo muito especial. Poderia se dar o caso de que alguém dissolvesse os eus, os eliminasse. Poderia também se dar o caso de que esse alguém, além de dissolver os eus, fabricasse um corpo mental. Obviamente, teria adquirido individualidade intelectual, mas teria que se libertar até mesmo desse corpo mental porque ele, por mais perfeito que fosse, também raciocinaria, também pensaria, e a forma mais elevada de pensar é não pensar. Quando se pensa, não se está na forma mais elevada de pensar.

O Ser não precisa pensar. Ele é o que sempre foi e o que sempre será. Assim, pois, em síntese, temos de submeter a mente, interrogá-la… Não precisamos submeter as mentes alheias porque isso é magia negra. Não precisamos dominar a mente de ninguém porque isso é bruxaria da pior espécie. O que precisamos é submeter a nossa própria mente, dominá-la...

Durante a meditação, repito, surgem duas partes: a que está atenta e a que está desatenta. Precisamos nos tornar conscientes do que há de desatento em nós. Ao nos fazermos conscientes, poderemos evidenciar que o desatento tem muitos fatores. Dúvida… há muitas dúvidas. São muitas as dúvidas que existem na mente humana. De onde vêm essas dúvidas?

Vejamos, por exemplo, o ateísmo, o materialismo, o ceticismo... Se os desmembramos, vemos que existem muitas formas de ceticismo, muitas formas de ateísmo e muitas formas de materialismo. Há pessoas que se declaram materialistas e ateus e, no entanto, temem, por exemplo, as feitiçarias e as bruxarias. Respeitam a natureza, sabem ver Deus na natureza, porém ao seu modo. Quando se lhes fala de assuntos espirituais ou religiosos, declaram-se ateus e materialistas. Seu ateísmo não passa de uma forma incipiente.

Há outro tipo de materialismo e ateísmo: o do sujeito marxista-leninista. Ele é incrédulo e cético. No fundo, esse ateu materialista busca algo: ele quer simplesmente desaparecer, não existir, aniquilar-se integralmente, não quer nada com a divina Mônada; a odeia. Obviamente, ao agir assim, se desintegrará como ele quer. Esta é a sua vontade. Deixará de existir, descerá pelos mundos infernais até o centro de gravidade deste planeta. Esta é a sua vontade: auto-destruir-se. Perecerá, mas, no fundo, continuará. Sim, a essência se libertará e voltará para novas evoluções. Passará por outras involuções, tornará uma e outra vez aos diferentes ciclos de manifestação, sempre caindo no mesmo ceticismo e materialismo. Ao longo do tempo tira o resultado. Qual? No dia em que todas as portas se fecham definitivamente, quando os 3000 ciclos se esgotarem, essa essência será absorvida pela Mônada que por sua vez entrará no Seio Espiritual Universal da Vida, porém sem o mestrado.

O que é que quer realmente essa essência? O que é que procura com seu ateísmo? Qual é o seu desejo? Seu desejo é rechaçar o mestrado. No fundo é isto que ela quer e o consegue. Não se valoriza e, por fim, termina como uma chispa divina, porém sem o mestrado.

São várias as formas de ceticismo. Há gente que se diz católica apostólica romana e, no entanto, em suas exposições são cruamente materialistas e ateístas. Contudo, vão à missa nos domingos, se confessam e comungam... Esta é outra forma de ceticismo!

Se analisarmos todas as formas havidas e por haver de ceticismo e materialismo, descobrimos que não há só um tipo de materialismo ou de ceticismo. A realidade é que são milhares as formas de ceticismo e materialismo. Milhões, porque simplesmente são seres mentais, preocupados com coisas da mente, isto é, o ceticismo e o materialismo são da mente e não do Ser.

Quando alguém passa para além da mente, torna-se consciente da verdade que não é do tempo. Obviamente, já não pode ser materialista nem ateísta.

Aquele que alguma vez escutou o Verbo, está além do tempo e além da mente.

O ateísmo é da mente e pertence à mente, a qual é como um leque. As formas de materialismo e de ateísmo são tantas que se assemelham a um grande leque. Tudo que existe de real está além da mente.

O ateu e o materialista são ignorantes. Jamais escutaram o Verbo, nunca conheceram a Palavra Divina e jamais entraram na corrente do som.

O ateísmo e o materialismo são gerados na mente. Ambos são formas da mente, formas ilusórias que não têm realidade alguma. O que verdadeiramente é real não pertence à mente. O que certamente é real está além da mente.

É importante tornar-se independente da mente para conhecer o real; não para conhecê-lo intelectualmente e sim para experimentá-lo real e verdadeiramente.

Ao se pôr atenção no que há de desatento, poderemos ver diferentes formas de ceticismo, de incredulidade, de dúvida, etc. Descobrindo-se qualquer dúvida, de qualquer tipo, temos de desmembrá-la, de dissecá-la, para saber o que ela quer de verdade. Uma vez que a tenhamos desmembrado totalmente, ela desaparece não deixando na mente rastro algum, não deixando na memória nem o mais insignificante vestígio.

Quando observamos o que há de desatento em nós, vemos também a luta das antíteses na mente. Então, temos de desmembrar essas antíteses para ver o que têm de verdade. Também deverá ser feita a dissecação das recordações, desejos, emoções e preocupações. Que origem têm, pois não se sabe de onde vêm nem por que vêm?

Quando judiciosamente vemos que há necessidade de se chamar a atenção da mente e chegamos ao ponto crítico em que já nos cansamos dela, porque não quer obedecer de forma alguma, não resta outro remédio do que recriminá-la, falar-lhe duramente, enfrentá-la frente a frente, cara a cara, como a um tipo estranho e inoportuno. Temos que açoitá-la com o látego da vontade e recriminá-la com palavras duras até que obedeça. Há que se dialogar muitas vezes com a mente para que entenda. Se não entende, pois temos de chamá-la à ordem severamente.

É indispensável não se identificar com a mente. Há que se açoitar a mente, subjugá-la. Se ela prossegue violenta, pois temos de voltar a açoitá-la. Assim, saímos da mente e chegamos à Verdade, Aquilo que certamente não é do tempo.

Quando conseguimos, atingimos isso que não é do tempo e experimentamos um elemento que transforma radicalmente. Existe um certo elemento transformador que não é do tempo e que somente se pode experimentá-lo quando saímos da mente. Temos de lutar intensamente até conseguir sair da mente para se conquistar a Auto-Realização Íntima do Ser.

Uma e outra vez precisamos nos tornar independentes da mente e entrar na corrente do som, o mundo da música, o mundo onde ressoa a palavra dos Elohim, onde a Verdade certamente reina.

Enquanto estivermos engarrafados na mente, o que poderemos saber da verdade? O que os outros dizem, mas o que sabemos nós? O importante não é o que os outros dizem e sim o que nós experimentamos por nós mesmos. Nosso problema é como sairmos da mente. Para isso, precisamos de uma ciência, de uma sabedoria que nos emancipe, e esta se acha na Gnosis.

Quando julgamos que a mente está quieta, quando cremos que está em silêncio, e, no entanto, não vem nenhuma experiência divina, é porque não está quieta nem em silêncio. No fundo ela continua lutando, no fundo ela está conversando...

Então, através da meditação, temos de encará-la, dialogar com ela, recriminá-la e interrogá-la para saber o que quer. Devemos dizer: Mente, por que não ficas quieta? Por que não me deixas em paz? A mente dará alguma resposta e nós contestaremos com outra explicação, tratando de convencê-la. Se não quiser se convencer, não restará outro remédio senão submetê-la por meio de recriminações e usando o látego da vontade.

O domínio da mente vai além da meditação nos opostos. Assim que, por exemplo, nos assalta um pensamento de ódio, uma lembrança malvada, temos de tratar de compreendê-lo, tratar de ver sua antítese: o amor. Se há amor, para que esse ódio? Com que objetivo?

Surge, por exemplo, a lembrança de um ato luxurioso. Temos de passar pela mente o cálice sagrado e a santa lança, dizendo: Por que hei de profanar o santo com os meus pensamentos morbosos?

Se surgir a imagem de uma pessoa alta, se deve vê-la baixinha e isso seria o correto, posto que na síntese está a chave.

Saber buscar sempre a síntese é benéfico porque da tese se passa para a antítese, porém a verdade não se encontra na tese nem na antítese. Na tese e na antítese há discussão e isso é realmente o que se quer: afirmação, negação, discussão e solução. Afirmação de um mau pensamento e negação do mesmo mediante a compreensão de seu oposto. Discussão: temos de discutir para ver o que há de real num e noutro até se chegar à sabedoria e deixar a mente quieta e em silêncio. Assim é como se deve praticar.

Tudo isto faz parte das práticas conscientes, da observação do que há de desatento. Se dissermos simplesmente: é a lembrança de uma pessoa alta e lhe antepormos uma pessoa baixinha e pronto, isso não estará certo. O correto seria dizer: o alto e o baixo não são senão dois aspectos de uma mesma coisa, o que importa não é o alto nem o baixo e sim o que há de verdade por trás de tudo isto. O alto e o baixo são dois fenômenos ilusórios da mente. Assim é como se chega à síntese e à solução.

O desatento em alguém é o que está formado pelo subconsciente, pelo incoerente, pela quantidade de recordações que surgem na mente, pelas memórias do passado que assaltam uma e outra vez, pelos resíduos da memória, etc.

Não temos que rechaçar nem aceitar os elementos que constituem o subconsciente. Simplesmente, temos de nos tornar conscientes do que há de desatento, ficando assim o desatento, atento. De forma espontânea e natural o desatento fica atento.

Há que se fazer da vida comum uma contínua meditação. Não somente é meditação aquela ação de aquietar a mente quando estamos em casa ou nos lumisiais, mas também aquela que transcorre no viver diário. Assim, nossa vida se converte de fato numa constante meditação. Eis como nos chega realmente a verdade.

A mente em si é o Ego. É urgente a destruição do Ego para que a substância mental fique livre e com a qual se poderá fabricar o corpo mental. Porém, no final, sempre restará a mente. O importante é livrar-se da mente. Ficando-se livres dela, deveremos aprender a nos desenvolver no mundo do Espírito Puro sem ela. Há que se saber viver nessa corrente do som que está além da mente e que não é do tempo.

Na mente, o que há é ignorância. A sabedoria real não está na mente, está além da mente. A mente é ignorante e por isso cai e cai em tantos erros graves.

Quão néscios são aqueles que fazem propagandas mentalistas! Aqueles que prometem poderes mentais, que ensinam os outros a dominar a mente alheia, etc. A mente não fez feliz a ninguém. A verdadeira felicidade está muito além da mente. Ninguém pode chegar a conhecer a felicidade até que se torne independente da mente.

Os sonhos são próprios da inconsciência. Quando alguém desperta a consciência, deixa os sonhos. Os sonhos nada mais são do que projeções da mente. Lembro-me de certo caso vivido por mim nos mundos superiores. Foi somente um instante de descuido, porém vi como me saiu da mente um sonho. Já ia começar a sonhar, quando reagi dentre o sonho que me escapara por um segundo. Como me dei conta do processo, rapidamente me afastei daquela forma petrificada que escapara da minha própria mente. Que tal se tivesse ficado adormecido? Teria ficado enredado naquela forma mental. Quando alguém está desperto, sabe naturalmente que de um momento de desatenção pode escapar um sonho e nele ficará enredado toda noite até o amanhecer.

O que importa é despertar a consciência para se deixar de sonhar, para se deixar de pensar. Este pensar, que é matéria cósmica, é a mente. Até o próprio astral não é mais do que cristalização da matéria mental e o nosso mundo físico também é mente condensada. Assim, pois, a mente é matéria e bem grosseira seja no estado físico ou no estado chamado astral, manásico, como dizem os hindus. De qualquer forma, a mente é grosseira e material tanto no astral como no físico.

A mente é matéria física ou metafísica, porém matéria. Portanto, não pode nos fazer felizes. Para conhecer a autêntica felicidade, a verdadeira sabedoria, devemos sair da mente e viver no mundo do Ser. Isto é o importante!

Não negamos o poder criador da mente. Claro que tudo que existe é mente condensada. Porém, o que ganhamos com isso? Por acaso, a mente nos deu felicidade? Podemos fazer maravilhas com a mente, podemos criar muitas coisas na vida, os grandes inventos são mente condensada, mas esse tipo de criações não nos fez felizes.

O que precisamos é de independência, temos de sair desse calabouço de matéria, porquanto a mente é matéria. Temos de sair da matéria e viver em função do espírito como seres, como criaturas felizes, além da matéria. A matéria não fez feliz a ninguém porque a matéria é sempre grosseira, ainda que possa assumir formas bonitas.

Se estamos buscando a autêntica felicidade, não a encontraremos na matéria e sim no espírito. Precisamos nos libertar da mente. A verdadeira felicidade vem a nós quando saímos do calabouço da mente. Não negamos que a mente possa ser criadora de coisas, de inventos, de maravilhas e de prodígios, porém, por acaso, isso nos torna felizes? Quem de nós é feliz?

Se a mente não nos trouxe a felicidade, temos de sair da mente e buscá-la em outro lugar. Obviamente, a encontraremos no mundo do espírito. Porém, temos de saber como é que escaparemos da mente, como é que nos libertaremos da mente. Pois este é o objetivo de nossas práticas e estudos, os quais temos entregado nos livros gnósticos e neste tratado da Revolução da Dialética.

Em nós há apenas uns 3% de consciência e uns 97% de subconsciência. O que temos de consciente deve dirigir-se ao que temos de inconsciente ou subconsciente a fim de recriminar e fazer ver que tem de tornar-se consciente. Há necessidade que a parte consciente recrimine a parte subconsciente. Isto de que a parte consciente se dirija à parte subconsciente é um exercício psicológico muito importante que se pode praticar na aurora.

Assim, as partes inconscientes vão pouco a pouco se tornando conscientes.

CAPÍTULO 5

A COMPREENSÃO

Nesse mundo, no da compreensão, tudo é abstrato e aparentemente incoerente. Isto da incoerência aparece quando se dá os primeiros passos no mundo da compreensão.

A mente e o universo psicológico encontram-se num grande caos. Por isso, não há concatenação de idéias, sentimentos, etc.

Nos 49 níveis do subconsciente, encontra-se uma grande quantidade de arquivos com poderosa informação, porém, lamentavelmente, em desordem e anarquia.

Quando se trabalha no mundo da compreensão, as imagens e palavras surgem na forma de koans.

Nos primeiros trabalhos sobre a compreensão dos defeitos, faz-se necessária a ajuda do sonho. Nesta ação compreensiva, chega-se a níveis confusos onde as imagens não têm coerência e onde a cor ainda não possui nitidez, isto é, não possui muito brilho.

Um dos principais obstáculos na compreensão de um defeito é o de não se poder fixar o elemento psicológico em estudo porque a mente tende à distração.

No mundo da compreensão, quando se trata de trabalhar sobre um eu, tudo se torna obscuro, não se consegue ver absolutamente nada e a consciência perde, por momentos, sua lucidez, caindo rapidamente na fascinação.

A corrente de pensamentos e sentimentos é um obstáculo para se chegar a compreender um defeito.

Ao querer compreender um eu, caímos num vazio obscuro, em uma espécie de amnésia, na qual não sabemos o que estamos fazendo, quem somos nós e onde estamos.

A força de Eros e a energia criadora são os ajudantes mais perfeitos para a compreensão.

A energia criadora, transmutada ou sublimada durante a magia sexual – em que não há a ejaculação da entidade do sêmen – abre os 49 níveis, do subconsciente fazendo sair deles todos os eus que temos escondidos. Esses agregados psíquicos surgem na forma de dramas, comédias, tragédias e através de símbolos e parábolas.

Está escrito que a chave da compreensão está nestes três graus psicológicos: imaginação, inspiração e intuição.

IMAGINAÇÃO

Para o sábio, imaginar é ver. A imaginação é o translúcido da alma.

Para se conseguir a imaginação, é preciso se aprender a concentrar o pensamento numa única coisa. Aquele que aprende a concentrar o pensamento numa única coisa faz maravilhas e prodígios.

O gnóstico que quiser alcançar o conhecimento imaginativo tem de aprender a se concentrar e saber meditar. O gnóstico deve provocar o sono durante a prática de meditação.

A meditação deve ser correta. A mente deve ser exata. Precisamos de pensamento lógico e de conceito exato a fim de que os sentidos internos se desenvolvam totalmente perfeitos.

O gnóstico precisa de muita paciência porque qualquer ato de impaciência o leva ao fracasso.

No caminho da Revolução da Dialética, necessitamos de paciência, vontade e fé totalmente conscientes.

Um dia qualquer, entre sonhos, surge durante a meditação uma cena longínqua, uma paisagem, um rosto, um número, um símbolo, etc. Este é o sinal de que já estamos progredindo.

O gnóstico eleva-se pouco a pouco até o conhecimento imaginativo. O gnóstico vai rasgando o véu de Ísis pouco a pouco.

Aquele que desperta a consciência chegou ao conhecimento imaginativo e movimenta-se num mundo de imagens simbólicas.

Aqueles símbolos que via quando sonhava, quando tratava de compreender o Ego durante a meditação, agora os vê sem sonhar. Antes os via com a consciência adormecida, porém agora se movimenta entre eles com consciência de vigília, ainda que seu corpo continue profundamente adormecido.

A Decaptação

À medida que alguém trabalha sobre si mesmo, vai compreendendo cada vez mais e mais a necessidade de eliminar radicalmente, de sua natureza interior, tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis, tornam− se sempre maravilhosos para o auto−descobrimento íntimo.

Nestes momentos insuspeitados, críticos, afloram sempre, e quando menos o pensamos, os "Eus" mais secretos. Se estamos alertas, inquestionavelmente os descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida muito complicados, em que a pessoa tem a marcada tendência de identificar−se facilmente com os acontecimentos e esquecer−se completamente de si mesma.

Nestes instantes a pessoa faz bobagens que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nestes mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, se recordasse de si mesma, descobriria com assombro certos Eus de cuja existência jamais teve a mais íntima suspeita.

O sentido de auto−observação íntima se encontra atrofiado em todo ser humano.

Trabalhando seriamente, auto−observando−se de momento em momento, este sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto−observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos nos fazendo cada vez mais capazes de perceber de forma direta aqueles Eus sobre cuja existência jamais tivemos qualquer informação.

Cada um desses Eus que habitam em nosso interior realmente assume, ante o sentido de auto−observação íntima, esta ou qualquer figura secretamente

afim com o defeito personificado.

Indubitavelmente, a imagem de cada um desses Eus tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos instintivamente sua natureza íntima e o defeito que o caracteriza.

No princípio o esoterista não sabe por onde começar; sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo, mas se encontra completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estamos alertas, descobrimos os defeitos que sobressaem, os Eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes pode−se começar pela ira ou pelo amor próprio, ou pelo infeliz segundo de luxúria, etc.

É necessário tomar nota sobre todos os nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança psicológica definitiva.

Antes de deitarmos, convém que exatamente os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que hajamos ferido a alguém com uma gargalhada, pode ser que hajamos adoecido alguém com um sorriso ou com um olhar fora de lugar.

Recordemos que, em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar, mau é tudo o que está fora de lugar.

A água em seu lugar é boa, mas se inundasse toda a casa, estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo, na cozinha e em seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por santa que seja, em seu lugar é boa, fora de seu lugar é má e prejudicial. Podemos prejudicar a outros com as virtudes. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que diríeis de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que díreis de um varão manso e tolerante que

estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que tentassem violar sua mulher e suas filhas? Que diríeis desta classe de tolerância levada ao excesso? Que pensaríeis sobre a atitude caritativa de um homem que, em vez de levar comida para sua casa, repartisse o dinheiro entre os mendicantes do vício? Que opinaríeis sobre o homem prestativo que em um dado instante emprestasse um punhal a um assassino?

Recordai, querido leitor, que entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

Ainda que pareça incrível, dentro do próprio perfume da prece também se esconde o delito.

O delito se disfarça de santo, usa as melhores virtudes, se apresenta como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto−observação íntima se desenvolve em nós, mediante o uso contínuo, poderemos ir vendo todos esses Eus que servem de fundamento básico a nosso temperamento individual, seja este sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não o creia, querido leitor, por trás do temperamento que possuímos se escondem, dentro das mais remotas profundidades de nossa psique, as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno, dentro das quais se acha engarrafada nossa própria consciência, se faz possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de auto−observação íntima.

Enquanto um homem não haja dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo, continuará sendo algo que não deveria existir, uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação, se crê belo, justo, boa pessoa, até se queixa da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não o entendem, chora afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda falsa, etc.

O sentido de auto−observação íntima nos permite verificar por nós mesmos e de forma direta o trabalho secreto mediante o qual, em dado tempo, estamos dissolvendo tal ou qual Eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos o suspeitávamos.

Haveis pensado alguma vez na vida sobre o que mais vos agrada ou desagrada? Haveis refletido sobre os mecanismos secretos da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro último tipo? Por que quereis estar sempre na última moda? Por que cobiçais não ser cobiçoso? O que é o que mais vos ofendeu em um dado momento? Que é que mais vos lisonjeou ontem? Por que vos haveis sentido superior a Fulano ou a Fulana de Tal, em determinado instante? A que hora vos sentistes superior a alguém? Por que vos orgulhastes ao relatar vossos triunfos? Não pudestes calar quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebestes a taça de licor por cortesia? Aceitastes fumar talvez não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de hombridade? Estais seguro de haver sido sincero naquela conversa? E quando justificais a vós mesmos, quando elogiais a vós mesmos, quando contais vossos triunfos e os relatais, repetindo o que antes dissestes aos demais, compreendeis que sois vaidoso?

O sentido de auto−observação íntima, além de vos permitir ver claramente o Eu que estais dissolvendo, vos permitirá também ver os resultados patentes e definidos de vosso trabalho interior.

Em princípio, estas criações do inferno, estas aberrações psíquicas que desgraçadamente vos caracterizam, são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme fordes avançando em vosso trabalho, podereis evidenciar, mediante o sentido de auto−observação interior, o fato evidente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo...

Resulta interessante saber que, conforme tais bestialidades decrescem em tamanho, conforme perdem volume e diminuem, ganham em beleza, assumem lentamente figura infantil; por último se desintegram, se convertem em poeira cósmica. Então, a Essência enfrascada se libera, se emancipa, desperta.

Indubitavelmente, a mente não pode alterar profundamente nenhum defeito psicológico. Obviamente, o entendimento pode dar−se ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá−lo, de passá−lo de um nível a outro

etc, mas não poderia, por si mesmo, aniquilá−lo, desintegrá−lo.

Necessitamos urgentemente de um poder flamígero superior à mente, de um poder que seja por si mesmo capaz de reduzir a poeira cósmica tal ou qual defeito psicológico.

Afortunadamente, existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azoe da Ciência de Hermes, a Tonantzim do México Asteca, essa derivação de nosso próprio Ser íntimo, Deus Mãe em nosso interior, simbolizado sempre com a Serpente Sagrada dos Grandes Mistérios.

Se, depois de haver observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual Eu), suplicamos a nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, que reduza a poeira cósmica este ou aquele defeito, aquele Eu, motivo de nosso trabalho interior, podemos estar seguros de que o defeito perderá volume e irá se pulverizando lentamente.

Tudo isto implica, naturalmente, sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, pois nenhum Eu pode jamais ser desintegrado instantaneamente. O sentido de auto−observação íntima poderá ver o progressivo avanço do trabalho relacionado com a abominação que verdadeiramente nos interessa desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente, Stella Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que carregamos em nosso interior psicológico.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Não seria possível mudança psicológica radical alguma se não passássemos antes pela decapitação.

Nosso próprio Ser derivado, Tonantzin, Stella Maris, como potência elétrica desconhecia para a humanidade inteira e que se acha latente bem no fundo de nossa psique, evidentemente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer Eu antes da desintegração final.

Stella Maris é esse fogo filosofal que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação interna de tal fogo; então a decapitação se faz possível.

Alguns Eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos no final. Stella Maris, como potência ígnea sexual, tem consciência do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não se haja produzido a desintegração de todas essas abominações psicológicas, de todas essas lascíveis, de todas essas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos, etc., ainda quando nos creiamos pessoas muito honráveis, cumpridoras da palavra, sinceras, corteses, caritativas, belas interiormente, etc, obviamente não passaremos de supulcros pintados de branco, belos por fora, mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudo−sapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam do Oriente ou do Ocidente, do Norte ou do Sul, o pseudo−ocultismo, o pseudo− esoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento, etc, de nada servem, porque, no fundo, em realidade, só existe isso que ignoramos: criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem por trás da cara bonita, do rosto venerável, sob a indumentária do líder sagrado, etc.

Temos que ser sinceros conosco mesmos, perguntar o que é que queremos, se viemos ao Ensinamento Gnóstico por mera curiosidade, se não é realmente passar pela decapitação o que estamos desejando.

Então estamos enganando a nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo de maneira hipócrita.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros, que de verdade querem auto−realizar−se mas não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que, mediante as boas intenções, é possível chegar à santificação. Obviamente, enquanto não se trabalhe com

intensidade sobre esses Eus que carregamos em nosso interior, eles continuarão existindo sob o fundo de nosso olhar piedoso e da boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos uns malvados disfarçados com a túnica da santidade, lobos com pele de ovelhas, canibais vestidos com roupas de cavalheiro, verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz, etc.

Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, dentro de nossas aulas de luz e harmonia, por mui serenos e doces que sejamos vistos por nossos semelhantes, por mui reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária faz−se−nos evidente a necessidade de uma transformação radical, e esta só é possível declarando guerra de morte a nós mesmos, desapiedada e cruel.

Certamente, todos nós não valemos nada; somos, cada um de nós, a desgraça da terra, o execrável.

Afortunadamente, João Batista nos ensinou o caminho secreto: morrer em nós mesmos mediante a decapitação psicológica.

AS REPRESENTAÇÕES DA MENTE

É necessário compreender profundamente todos os processos da Mente, todas as Reações, esse 'mais' psicológico que acumula, etc. Só assim brota em nós de forma natural e espontânea a labareda ardente da Inteligência.

Bem, meus queridos irmãos, viemos estudando os distintos aspectos relacionados com a Mente, depois seguiremos se aprofundando no terreno prático do Amor, de feitos interessantes que consistem na eliminação dos Agregados Psíquicos. Resulta na verdade bastante difícil, entretanto não é tudo, há algo mais que nós precisamos vigiar. Quero me referir de forma enfática às Representações da Mente. Para o mundo dos sentidos existem as representações difíceis quais são: os objetos que nos rodeiam, os remorsos, etc., mas também existem as Representações da Mente.

Na Mente há muitas representações que devemos levar em consideração: suponhamos que temos em mente a representação de um amigo a quem estimamos. Alguém muito importante nos fala contra esse amigo, levantam-se toda classe de falações, calúnias, etc. Nós damos ouvido a toda essa intriga. Então a imagem que temos de nosso amigo, a representação, fica de fato alterada. Já não vemos nele o sujeito amável que antes víamos cheio de harmonia, etc., mas sirn esta imagem adquire em nosso entendimento a figura que outros lhe deram; possivelmente a do bandido, a do ladrão, a falso amigo, etc., etc.

Na noite, pode acontecer que sonhamos com esse amigo, de modo algum sonharemos com harmonia, vemos que nos ataca, vemos que o atacamos, sonhamos que ele empunha arma contra nós, etc. Fica completamente alterada a imagem! do amigo: uma representação que foi alterada. Pode dar-se o caso que aqueles que falaram contra nosso amigo o ajuizaram equivocadamente, caluniaram consciente ou inconscientemente, etc., mas a representação da Mente fica alterada. Isso é muito grave porque esta representação se converte de fato em um demônio que deve obstaculizar nosso avanço esotérico, é um demônio que nos sai ao passo, é um demônio que é óbice para o desenvolvimento interior profundo. Eis aí pois o erro grave: dar ouvidos a intriga, à calunia, às falações, ao 'diz que se diz', etc.

Obviamente, dentro de nossa mente existem milhares de representações que podem ser alteradas se tomarmos parte em conversações negativas, se damos ouvido à calunia, se escutarmos ao 'diz que se diz', etc. Por todas estas e outras coisas não é conveniente dar ouvidos as palavras negativas das pessoas, isso é grave e no fundo é um erro. Da mesma maneira que não somente os Agregados Psíquicos, viva representação de nossos defeitos psicológicos, constituem um fardo que em nosso interior carregamos, tampouco devemos nunca esquecer a questão da representação do entendimento. |

Caminhantes do Sendeiro, por dar ouvido a conversações negativas, por estar em locais onde só se escutam frases negativas, costumam deformar as vezes muitas representações do entendimento e estas, no Mundo da Mente, constituem-se em verdadeiros demônios que conformam um obstáculo ou uma série de obstáculos infranqueáveis para o Despertar da Consciência.

Assim podemos citar o caso de muitos irmãos gnósticos que nas noites sempre tem inúmeros sonhos de tipo negativo, às vezes sonham que matam a outra pessoa, etc. O mais grave é carregar tais inimigos dentro de si mesmo, em sua própria mente. Obviamente, o mais indicado para nossas representações negativas é apelar ao Poder Serpentino Anular, invocar ao Devi Kundalini Shakti para que destrua tais representações de tipo negativo.

Inquestionavelmente, não deveríamos ter tais representações de tipo negativo ou positivo na mente. A mente deveria criar certas atitudes serenas a disposição do Ser, mas para isso se necessitaria que a personalidade humana se tornasse passiva. Uma personalidade passiva é uma personalidade receptiva: recebe as mensagens que vêm das partes mais elevadas do Ser.

Inquestionavelmente, tais mensagens passam através dos Centros Superiores do Ser antes de entrar na Mente. Eis aí a vantagem de ter uma personalidade passiva. Esta, desgraçadamente, encontra-se controlada por elementos muito pesados ou Agregados muito difíceis relacionados com o mundo de 96 leis; ou seja, a região do Tártaro.

A personalidade das pessoas é ativa porque está controlada por Agregados do ódio, orgulho, inveja, da espantosa luxúria. Em realidade de verdade, nós não somos senão míseros vermes do lodo da terra. Se conseguimos eliminar de nossa Psique tão pesados elementos psicológicos, nossa personalidade humana se torna fácil e a Mente se torna receptiva para as mensagens que descendem das partes mais elevadas do Ser através dos Centros Superiores de nossa Psique.

Agora vão compreendendo vocês, meus queridos amigos, a necessidade de eliminar esses elementos gerados que por si mesmos são pesados.

Com a Devi Kundalini Shakti, ou seja, a Serpente Ignea de nossos Mágicos Poderes, podemos eliminar de fato esses elementos pesados. É o triunfo, porque assim podemos receber a mensagem direta que vem das partes mais elevadas do nosso Ser. Por isso lhes digo que ha que trabalhar sobre si mesmo.

Há que criar uma Mente receptiva, uma mente que nunca projete, que sempre receba em vez de projetar. Obviamente não teria o mau uso de aceitar representações de tipo positivo ou negativo nos distintos recursos do entendimento; uma Mente assim somente traria as mensagens que vêm da parte mais alta de nossos semelhantes. Enquanto nós continuemos dando alimento às distintas representações do entendimento, jamais será uma Mente pródiga, uma Mente progressista. Em realidade, de verdade, está condicionada pelo tempo e pela dor. Assim analisando, desta forma veremos que não somente devemos eliminar Agregados Psíquicos indesejáveis, mas sim temos um problema muito difícil com a questão das Representações. O problema que vejo difícil para a iluminação interior, é que carregamos tantas representações, além dos Agregados Psíquicos desumanos.

Se estudarmos cuidadosamente a vida dos sonhos, encontraremos neles tantas coisas vagas e incoerentes, vários aspectos subjetivos, imprecisos, tantas coisas absurdas, pessoas, feitos que não têm realidade. O simples motivo de resultar incoerentes, deve-nos convidar a refletir.

Como Gnóstico, a pessoa deve ter conceitos claros e idéias lúcidas, iluminação radical sem divagar, sem subjetivismo de nenhuma espécie. Desgraçadamente, as representações

que em nosso interior carregamos e os diversos agregados, condicionam de tal forma à Consciência, que a mantêm dentro do sulco nada agradável da Subconsciência e até da Infraconsciência e Inconsciência. Convido-lhes à reflexão, convido-lhes a compreender estas coisas tão indispensáveis.

No mundo oriental se fala muito em síntese. Por exemplo, o Budhismo Zen ou Chan só diz que há que chegar à quietude da Mente, ao silêncio da Mente com o propósito de obter a irrupção do Vazio Iluminador. Nos diz que no Satori há verdadeira felicidade. Tem-se que conseguir, na Sala de Meditação, a quietude da Mente por dentro, por fora e pelo centro. Nos diz que a Mente deve ficar como um muro absolutamente quieto.

Bom, percebi que na Sala de Meditação do Japão custa-se para conseguir o Satori. Tanto se disser que custa tão somente uns quantos minutos no melhor dos casos uma ou várias horas, depois a Mente volta a estar tão agitada como sempre. Sai daquele estado de felicidade para enfrentar-se ao mundo, ditoso, embriagado para lutar. Claro, intervém o Eu para lhe dar umas quantas bofetadas, para tirar-lo desse estado, conseguir que se elimine...

Se nós queremos ser algo mais que o que se possa obter em uma Sala de Meditação Zen ou Chan, devemos ter também um Despertar da Mente, uma Mente receptiva para quão infinitos vêm de lá encima do céu do Urânia, uma Mente iluminada. Seria isto possível se nós permitíssemos aos Agregados Psíquicos continuar existindo em nossa Psique? Seria isto possível se nós déssemos ouvido à intriga para alterar as Representações que carregamos em nosso entendimento? Seria isto possível, digo a mim Mesmo e o compartilho com vocês ao pensar em voz alta, se nós continuássemos dando prioridade às representações positivas ou negativas...?

H.P. Blavatsky tem uma frase em “A Voz do Silêncio” da qual gostei. Diz: “Antes que a chama de ouro possa arder com luz serena, a vela deve estar bem cuidada, ao abrigo de todo vento, os pensamentos terrestres devem cair mortos à porta do Templo...”. Essa frase de H. P. Blavatsky em sua maravilhosa obra titulada “A Voz do Silêncio” é prodigiosa, é maravilhosa. Só assim, digo, seria possível que verdadeiramente a Mente ficasse quieta e em silêncio por dentro, por fora e pelo centro, não por um momento nem dentro de uma Sala de Meditação, senão de forma contínua...

Quando a pessoa vai estudando os distintos processos da Mente, vai compreendendo também que a quietude e o silêncio total do entendimento não são possíveis enquanto a Mente esteja ocupada pelos Agregados Psíquicos e pelas Representações. Poderia objetar-se dizendo que existem apresentações louváveis, claras, magníficas. Isso se supõe aceitável, mas isso não o é. Para nós o total deve ser o Ser. Por que temos que ter em nossa mente coisas que não são do Ser? Não vejo por que tenhamos que carregar em nossa mente intrusos. Compreendi que na Mente só deve estar o Ser, que a Mente deve converter-se em um Templo onde oficie o Ser e nada mais que o Ser, isso é tudo. Mas enquanto esse Templo esteja cheio de elementos estranhos, coisas, jogos, cristaleiras gigantes, representações, agregados, pode dizer-se que existe um sonho profundo na Consciência, é inconsciência...

Ao homem, se lhe conhece por seus sonhos, disse Platão em seu livro. O dia em que nós deixemos de sonhar, então as “baratas” que carregamos no cérebro se tornam fogo. Que todas essas incoerências absurdas não existam, que todos esses estados morbosos, vagos, imprecisos, insípidos, insubstanciais, inodoros, não tenham estoque de nenhuma classe.

Ditoso o dia em que já não sonhemos, em que deixemos de sonhar. Quando um homem deixa de sonhar triunfou. Enquanto existam os sonhos na Mente, enquanto se vá para o Espaço Psicológico para projetar sonhos imprecisos, absurdos, isto nos indica que vamos muito mal, isto nos indica que temos uma mente cheia de muito lixo, de muita grosseria.

Como lhes dizia, o verdadeiro Iluminado não tem sonhos, os sonhos são para os adormecidos. O verdadeiro Iluminado vive nos mundos superiores fora do corpo físico em estado de intensificada vigília, sem sonhar jamais. O verdadeiro Iluminado, depois da morte do corpo físico, está acordado no Espaço Psicológico. Assim, reflitam na necessidade de chegar à quietude do silêncio da Mente.

O que diremos nós aqui sobre os Três Alimentos? Já expliquei como nos alimentamos, qual é o primeiro alimento. Não penso me referir a nada disso. Já falamos também sobre o segundo alimento que é a respiração, mais importante que aquele que vai ao estômago. Mas há um terceiro alimento que disse a vocês que é o das IMPRESSÕES. Ninguém pode viver sem impressões sequer um minuto. Vocês estão me escutando aqui, eu estou falando e em suas mentes estão chegando uma série de impressões. Vêem uma figura humana vestida com uma Vestimenta Sagrada da Ordem dos Cavaleiros do Santo Graal. Isto chega pois, através das impressões ou por meio de impressões, tudo isto são impressões para vocês.

Desgraçadamente, o ser humano é negativo. O que diriam vocês, por exemplo, agora que estamos neste salão, se abríssemos a porta daqui a uns ladrões para que entrassem? A vocês, irmãos, que nos acompanham nesta conversa, pareceria-lhes correto que abrisse a porta para qu^ eles entrassem? O que aconteceria? Entretanto, não fazemos o mesmo com as impressões, abrimos as portas para todas as impressões negativas do mundo.

Estas penetram em nossa Psique e fazem desastres lá dentro, transformam-se em Agregados Psíquicos e desenvolvem em nós o Centro Emocional Negativo e, por último, enchem-nos de lodo. Será correto isso? É correto que uma pessoa, por exemplo, que esteja cheia de impressões negativas que emanam do Centro Emocional Negativo, tenha capacidade entre nós, que lhe abramos as portas a todas as impressões negativas dessa pessoa?

Se não sabemos selecionar as impressões, muito menos as obstruir. Nós temos que aprender a abrir e fechar as portas de nossa Psique às impressões, abrir as portas às impressões nobres, fechar-las às impressões negativas e absurdas, porque as impressões negativas causam dano, desenvolvem o Centro Emocional Negativo em nós, prejudicam-nos.

Vejam o que alguém faz estando na multidão: eu lhes asseguro que nenhum de vocês, por exemplo, atreveria-se a sair à rua para lançar pedras por aí, não é verdade? Entretanto eni grupo pode ser que alguém se meta a fazê-lo: surge uma 9rande manifestação pública que está avivada contra o Governo. As multidões lançam pedras e a pessoa também resulta lançando pedras, embora depois se diga a si mesmo: Por que as lancei? Por que fiz isso?

Eu me lembro há uns quatro anos, quando os professores das escolas se levantaram em muitas greves, protestos e manifestações. Então vimos aí coisas insólitas. Aqui em pleno Distrito Federal, há 10 ou 15 anos, vimos professores muito decentes, muito dignos, muito cultos, que em multidão agarravam pedras e as lançavam contra vidros, contra gente, contra quem podia. Esses professores das escolas nunca o teriam feito se estivessem sozinhos mas sim em grupos. Em grupos o ser humano se comporta muito diferente, faz coisas que

nunca faria sozinhos, a que se deve isso? Deve-se às impressões negativas, às quais abrimos as portas; então, estas o põem de mau gênio e resulta fazendo o que nunca faria sozinho. Por isso é necessário que nós aprendamos a ser cidadãos cultos.

Quando a pessoa abre as portas para as impressões negativas, não somente altera a ordem do Centro Emocional, que está no coração, senão que o torna negativo. Se alguém abrir as portas, por exemplo, à emoção negativa de uma pessoa que vem cheia de ira porque alguém lhe ocasionou dano, então termina aliado com essa pessoa, contra aquela pessoa que ocasionou o dano e termina cheio de ira e tomando parte no assunto.

Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de um bêbado que se encontra em um bar e termina aceitando um copinho do bêbado e logo dois, três, dez. Conclusão, bêbado também. Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de uma pessoa de sexo normal, termina fornicando com toda classe de sexos. Suponhamos que abrimos as portas às impressões negativas de um drogado, resultamos também fumando maconha, e com semente, e com tudo. Conclusão: Fracasso.

Assim é como os seres humanos se contagiam uns aos outros mediante as impressões negativas. O bêbado contagia ao bêbado, os ladrões tornam ladrões a outros, os grandes homicidas contagiam a outros, os drogados contagiam a outros; enfim, multiplicam-se os drogados, multiplicam-se os assassinos, multiplicam-se os ladrões, por que? Porque cometemos sempre o erro de lhe abrir as portas às impressões negativas e isso não está correto.

Selecionemos as emoções. Se alguém nos trouxer emoções positivas de luz, harmonia, de beleza, de sabedoria, de amor, de poesia, de perfeição, lhe abramos as portas do coração. Aos seres que nos trazem impressões negativas de ódio, de violência, de ciúmes, de drogas, de álcool, de fornicação, de adultério, não temos que lhes abrir as portas de nosso coração. As fechemos, fechemos as portas às impressões negativas. Quando a pessoa reflete isto em tudo, pode perfeitamente modificar-se, fazer de sua vida algo melhor.

Vemos a representação de um grande amigo que sempre nos serviu, bondoso, caridoso, maravilhoso. De repente, alguém emocionado, cheio de impressões negativas, nos vem com vários problemas. Nós abrimos as portas a essas impressões negativas, está murmurando, está dizendo que nosso amigo é um ladrão, um bandido, um salteador de banco, quarenta mil coisas. Todas essas impressões negativas entram dentro de nossa mente. Tal representação alterada se converte em um verdadeiro Demônio que obstaculiza o Trabalho sobre si mesmo: por tudo isto e muitas outras coisas, vocês verão que isto de limpar o Templo da Mente é bastante difícil, mais não impossível.

Precisamos ter uma mente clara, um Templo limpo, sem sujeiras, sem abominações de nenhuma espécie. Mas há que saber viver, é necessário saber viver. Na vida prática, desgraçadamente, as pessoas não sabem viver, todos jogam a culpa de seus sofrimentos, de suas amarguras, a outros. E o único que verdadeiramente tem a culpa somos nós mesmos.

Vejamos o caso de alguém que nos roube uma quantidade dinheiro. Suponhamos que um de vocês tem guardado por exemplo, $50.000 em um móvel ou em uma caixa qualquer de sua casa, e um familiar de vocês rouba-lhes esses $**50**.**000**. Claro que sofreriam horrivelmente, não é verdade? Perdê-los assim não é agradável, causaria-nos muita dor,

chorariam iriam à Polícia, poriam a demanda contra ele, talvez não procederiam assim por ser um familiar, mas o sofrimento não Q calariam de tudo. Mas, por que sofrer assim por $50.000? Pois lhe custou muito trabalho, por isso sofrem. Se não tivessem o Eu do apego às coisas, ao dinheiro, perderia esses $50.000 e ficariam rindo, não sofreriam.

Coloquemos que de repente um homem encontra a sua mulher com outro, um caso difícil, sobre tudo se a chega a encontrar em pleno adultério. Não há dúvida que confundido pela dor, tire a pistola e ali mesmo lhe dê tiros, por que faz isso? Justificaria-se ante as autoridades que a encontrou em seu próprio leito de adultério e claro, tinha razão. Isso é uma loucura, uma completa loucura, porque se o homem não tem o Eu do ciúmes dentro, se esse homem não tiver os Eus do apego nem dos ciúmes, não haveria porque sofrer. Simplesmente, dá as costas e se retira, vai, vive seu mundo mais à frente, cada qual é cada qual, sente-se livre desse raio porque ela o substituiu, retirou-o. Se não tiver ciúmes não há dor.

Suponhamos que um insultador nos insulte. Por um insultador ruim nós sofremos horrivelmente e respondemos o insulto com o insulto. Mas se não houver ninguém que se inteire aqui dentro, quem protestaria? Ponhamos que o insulto de 10 palavras ia ferir-lo em seu amor-próprio, mas se o Eu do amor-próprio não existe, quem sofre? Suponhamos que as palavras tinham por objeto caluniá-lo, ou seja, que era um ladrão, e suponhamos que em realidade de verdade não somos ladrões. Em segundo lugar, se não tivéssemos o Eu que quer a si mesmo, o do amor-próprio, quem sofreria?

Muitas vezes, alguém sofre porque vê um amigo que tem uma linda casa e uma bela esposa. Isso se chama inveja, não é verdade? Mas se não ter o Eu da inveja, por que sofreria? Ao contrário, alegraria-se de ver bem a seu amigo. De maneira que os outros não podem nos causar dor, a dor nós mesmo a causamos a nós mesmos, é a crua realidade da vida. Desintegrando o Ego termina a dor.

A raiz da dor está no Ego e quando o Ego termina, somente fica em nós a beleza. Essa beleza se transforma nisso que se chama Amor e felicidade. Então, quando a Mente chegar a essas alturas está quieta, em silêncio; já não é uma Mente que projeta, já não é uma Mente que se ofende, já não é uma Mente que reage por nada. Recebe as mensagens que vêm de cima, das partes superiores do Ser, é uma Mente cheia de plenitude.

Repito: não somente os Agregados Psíquicos deverão ser eliminados. Está claro que há também que eliminar as Representações da Mente, tanto as negativas como as positivas. Precisamos limpar de dentro da Mente todo o lixo, necessitamos que a lâmpada arda dentro do Templo da Mente, necessitamos que a chama de ouro possa arder com luz serena dentro do âmbito do Templo. Quando a Mente está quieta, quando a Mente está em silêncio, chega o *novo.*

Dizemos que este caminho é muito formoso mas, o que fazemos com as preocupações, o que fazemos com os sofrimentos que os outros nos ocasionam? É impossível chegar a ter a Mente quieta, em silêncio, quando vivemos em um mundo cheio de problemas e dificuldades, é absurdo. Desintegrando os Agregados desumanos que em nosso interior carregamos, os problemas e as dificuldades concluem. Assim, o que necessitamos, hoje em dia, é deixar a preguiça mental, trabalhar muito duro sobre nós mesmos. Até aqui minhas Palavras. Se algum dos irmãos tem algo que perguntar sobre o tema, pode fazê-lo com a mais absoluta liberdade.

P.: Mestre, sobre a quietude da Mente e uma Mente Quietada, o que poderia nos dizer?

V. M.: Bom, naturalmente há que distinguir entre uma Mente que está quieta e uma Mente que está aquietada, entre uma Mente que está em silêncio e uma Mente que está silenciada.

Em nome da verdade, devemos dizer de forma enfática que a verdadeira quietude e Silêncio da Mente chegam quando o Ego e as Representações ou Entendimento morreram. A Mente está descansada, em silêncio, a Mente se torna receptiva, fica nas mãos do Ser e somente o Ser pode fazê-lo.

P.: Mestre, qual é a maneira mais prática?

V. M.: O mais prático é o bom senso. Embora muitos dizem que é o mais comum dos sentidos, eu diria que é o menos comum. Claro que se aqui chegar um ladrão e abro as portas para que ele entre, então cometo um absurdo, mas se chegar um irmão e bate de forma compassada e rítmica, nessa porta, pois com muito prazer lhe abrirei a porta. Também se vier "Juan Periquito das Baquetas" e traz um pouco de emoções negativas, está emocionado, porque resulta que encontrou a uma pessoa do sexo oposto para sua luxúria, para sua fornicação e começa a falar de pornografia e eu, muito contente, abro-lhe as portas, estou abrindo as portas a uma emoção negativa. Se vier um drogado fumando maconha, dizendo-me que muito bem, que ele através da maconha teve tais e quais percepções, que obteve até mensagens do além, do 'não sei o que', e, emocionado, diz-me que "me de um toque" e se eu me dou um "toque", sou um imbecil, não é verdade? Abri as portas a uma emoção negativa. Isto está claro, não há necessidade de complicar as coisas.

P.: Isto quer dizer, Mestre, que uma pessoa faz mal quando fala de outra seja bem ou mau, sendo que os críticos não transformam estas impressões?

V. M.: Pois sim, a pessoa não tem por que ocupar-se das pessoas nem para bem nem para mau, cada qual é cada qual - De maneira que melhor será respeitar a vida alheia e não abrir as portas às emoções negativas, isso é absurdo.

P.: Mestre, em lugar de Representações negativas ou positivas, o que devemos ter para atuar?

V. M.: Por agora trabalhar, não nos resta mais remédio. Ao trabalho, a partir de agora te dedique a trabalhar sobre ti mesmo. O dia em que tenha eliminado os Agregados psíquicos, o dia em que tenha eliminado as Representações da Isente, então esse dia as coisas mudarão, esse dia abrirá o coração, esse dia receberá as chispadas que vêm das partes superiores de teu próprio Ser, será um indivíduo íntegro. Agora, ao trabalho!

P.: Venerável Mestre, quando se está no trabalho e se consegue ter percepções determinadas sem identificar-se com elas, é um produto da auto-observação?

V. M.: O Sentido da Auto-observação vai se desenvolvendo conforme vai sendo usado. Obviamente, se precisa usá-lo, porque órgão que não se usa, se atrofia. À medida que a pessoa vai se Auto-observando cuidadosamente, o sentido maravilhoso da Auto-Observação Psicológica vai entrando em atividade. Mas tem que estar, digamos, em espreita

mística, para procurar, Auto-observando seus próprios erros. À medida que se Auto-observa, o Sentido da Auto-observação Psicológica se vai desenvolvendo.

P.: Definitivamente, devemos fazer práticas para despertar faculdades estando assim, sem Morrer?

V. M.: O mais importante é a Auto-Exploração Psicológica de si mesmo para se Auto-Descobrir. Em todo Auto- Descobrimento existe também Auto-Revelação. Quando a pessoa admite que tem uma Psicologia particular, individual, começa a Auto-observar seus próprios erros. Quando a gente descobre que tem um erro deve tratar de compreendê-lo profundamente em todos os níveis da Mente. Quando a pessoa compreendeu o erro, pode dar o luxo de reduzi-lo a poeira cósmica com a ajuda da Serpente ígnea de nossos mágicos poderes. Refiro-me de forma enfática à Devi Kundalini Shakti, que se desenvolve na espinha dorsal.

"Procurem primeiro o reino de Deus e sua Justiça, que todo 0 resto lhes será dado por acréscimo".

P.: Poderá ser uma Representação mental a origem de um Agregado Psíquico?

V. M.: Não confundamos à 'ginástica com o magnésio'. Uma coisa são as Representações mentais e outra, os Agregados Psíquicos. Representações mentais existem de instante ern instante, de momento em momento. Tu mesmo, aqui, nestes momentos, está cheio de representações mentais. Mas as representações da Mente podem ser alteradas, converter-se em demônios perversos, mas são Representações. Nenhuma Representação poderia dar origem a um novo Agregado, as Representações são de uma Mente, e os Agregados são de outra.

P.: Venerável Mestre, então esse demônio que resulta da Representação... O método que se necessita para eliminá-lo, é o mesmo que se faz para eliminar os Eus?

V. M.: Obviamente assim é. Se a pessoa apelar à Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes para eliminar determinadas representações, podemos recebê-la em seguida e essas Representações ficarão reduzidas à poeira cósmica. A Mente deve estar clara, livre, deve ser um Templo sem estábulos luxuriosos onde arda unicamente a chama de Prajna, ou seja, a flama do Ser.

P.: Mestre, então as Representações são produto dos Eus?

V. M.: Não senhor, já disse que não devemos confundir a 'ginástica com o magnésio', que uma coisa são as Representações e outra, os Agregados Psíquicos. Assim como no mundo dos sentidos os objetos são fundamentais, porque realmente os objetos estão localizados no mundo dos sentidos, assim também há um mundo da Mente. As Representações dentro da Mente, comumente, são uma confusão terrível, positivas ou negativas...

P.: Mestre, então as Representações que vêm a nós quando estamos tratando de fazer uma Meditação, mesmo sendo de personagens muito sagrados para nós, o qu® acontece?

V. M.: Quando se está em Meditação, comumente, vêm muitas Representações à Mente, mas se se analisa a questão descobre que tais Representações estão colocadas dentro da Msente, que aí estiveram sempre. Necessitamos nos libertar, a Isente deve ficar limpa para que, em vez de Representações, nos chegue mensagens que vêm de *lá,* através dos Centros Superiores de *lá.* Uma coisa são as mensagens que vêm de *lá* e outra coisa são as más formas mentais que vêm à Mente, as Representações.

As Representações são uma coisa e as mensagens são outra. As mensagens vêm repito, através das partes superiores do Ser e chegam à Mente Superior, à Mente cristalina. Têm um sabor novo, não são do tempo, estão mais à frente, pois, do tempo. Nós temos que *nos abrir ao novo;* em troca, as Representações não têm jamais um sabor novo, as Representações são do tempo.

P.: Mestre, quando se apresenta uma Representação dentro do terreno, mas a pessoa não se identifica com ela mas sim a estuda, como se podia explicar isso? Que resultados se obtém?

V. M.: Pois bem, sempre acontece que isso é uma Representação. Durante o sonho, comumente, sempre há Representações de tipo subjetivo, incoerente, vagas, imprecisas. Se a pessoa não se identifica ou não se fortalece com tais Representações, unicamente as estuda e, ao as estudar, compreende-as e sabe de que classe são tais representações. Comumente, encontram-se relacionadas com muitos erros do passado, mas há que distinguir claramente entre Representações e Agregados Psíquicos. A pessoa pode ter na Mente representações de todos seus amigos de luxúria, essas são representações que cedo ou tarde têm que se eliminadas.

Os Agregados são outra coisa, os Agregados personificam a nossos defeitos. As Representações são simples forma dentais. A representação de uma pedra, a representação de Urn homem, a representação de um animal, são simples formas. Devemos ter a mente livre, o Templo da Mente deve estar limpo, puro.

P.: Venerável Mestre, nas Representações positivas ou impressões positivas pode-se fazer o mesmo trabalho que foi ensinado com relação à transformação de impressões, com relação às representações?

V. M.: Pois é bom tratar de compreender uma Representação antes de eliminá-la de forma similar como se faz com os Agregados Psíquicos. Quando a pessoa compreende que uma Representação não é mas que uma forma da Mente, pois deve eliminá-la, mas tem que compreender para logo eliminar, e a elimina com o Fogo da Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes.

P.: Mestre, quando há transformação das impressões, pode haver Representações?

V. M.: A pessoa pode digerir determinadas impressões mas não pode evitar que as representações que tem na mente armazenadas, deixem de existir. Tem que procurar compreendê-las para logo eliminar.

P.: Uma experiência nos mundos internos, até que ponto é uma Representação mental?

V. M.: Enquanto subsista o Ego não se é idôneo para as investigações no espaço psicológico. Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra se antes não conhecer seus próprios mundos internos. Ninguém poderia conhecer os mundos internos do sistema solar se antes não conhecer seus próprios mundos internos. Ninguém poderia conhecer os mundos internos da galáxia em que vivemos se antes não conhecemos nossos próprios mundos internos particulares, individuais. Não se pode ser idôneo para a investigação psicológica dentro do espaço psicológico em que vivemos, enquanto não se desintegrou o Ego e se acabou com as Representações que emanam do mundo rústico sensorial.

As pessoas necessitam, antes de tudo, aumentar a porcentagem de Consciência para poder se converter em verdadeiros investigadores idôneos do espaço psicológico. Assim, precisamos estar nos auto-explorando psicologicamente de forma diária até descobrir nossos erros e reduzi-los a poeira cósmica. Só assim é possível conseguir, em realidade, de verdade, o Auto-despertar. Precisamos deixar de lado tantas teorias, tantas coisas vãs, tantas incoerências que para nada servem, nos converter em indivíduos despertos.

Em nome da verdade, temos que dizer que o mundo da is/lente é o depósito de todas as formas mentais passadas, presentes e futuras. O mundo da Mente natural ou universal deve então ser estudado a fundo, profundamente, se é que queremos entender algo do Ego e das Representações. Muitos irmãos não puderam entender claramente qual é a diferença existente entre Ego e Representações.

Dissemos de forma enfática que os Agregados Psíquicos todos em conjunto, constituem isso que se chama Ego, cada Agregado Psíquico é a mesmíssima personificação de algum defeito de tipo psicológico. Dissemos também que dentro de cada Agregado existe certa porcentagem de Consciência íntima. Esclarecemos que desintegrando esses Agregados, liberamos a Consciência. Demos as técnicas a seguir, mais em nossa conversa acrescentamos a isto dos Agregados algo distinto; refiro-me de forma clara e precisa àquela questão das Representações. Que diferença haveria, por exemplo, entre Agregados e Representações? Isso é o que vamos estudar adiante.

Dentro do terreno meramente prático da vida, uma pessoa é uma pessoa, um objeto dos sentidos. A Representação mental ou imagem mental que tenhamos sobre a pessoa é outra coisa, mas é algo similar à diferencia que existe entre uma pessoa e sua fotografia. A pessoa é a pessoa e sua foto é sua foto, sua representação, o que representa. Há fotos mentais e uma coisa é realmente uma pessoa e outra coisa é uma foto mental que sobre a pessoa tenhamos.

A foto mental deve ser a Representação da pessoa. Os pregados Psíquicos constituem o Ego, mas as Representações percebem os objetos dos sentidos no mundo dos sentidos. Assim também é verdade que existem as Representações da Mente.

Nos mundos esotéricos, os mundos internos, no mundo da Mente, a tais Representações a Fraternidade Universal Branca as denomina Efígies. Delas há milhões. Vou lhes citar um caso de formação de Efígies ou de Representações: há muitíssimos anos, tinha o mal-costume ainda de ir ao cinema. Há 20 anos, um dia qualquer, assisti a um filme com sabor mas bem luxurioso, aparecia um casal... etc. Vi o filme e o joguei ao esquecimento, não pensei mais nele, no filme. Porém, no mundo da Mente a coisa mudou. Nessa região, me encontrei em Corpo Mental dentro de um elegante salão, estava sentado

junto a uma mesa e frente a mim também havia uma dama muito elegante. Era a mesma que tinha visto no filme, suas mesmas facções, seu mesmo caminhar, falar, etc. Obviamente, me encontrava ante uma Representação daquela figura da tela que tinha ficado depositada em meu Corpo Mental, um objeto, diríamos, de tipo amoroso com aquela dama mental que não era senão uma Representação. Obviamente, havia um erro muito grave, eu tinha criado essa Representação, essa Efígie.

De repente me vi obrigado a descender ao Mundo Astral, encontrei-me logo em um grande Templo, ante um Grande Mestre e um grupo de Mestres. Lembro-me ainda que isso me ocorreu há 20 anos, que aquele Adepto me deu uma nota escrita com seu punho e letra. A ordem dizia: *"Retire do Templo imediatamente, mas com o INRI...",* ou seja, conservando o Fogo Sagrado posto que não tinha havido fornicação propriamente ou nada do estilo, isso é tudo.

Bastante compungido de coração compreendi meu erro, dirigi-me para a porta de entrada daquele Grande Templo. Mas antes de sair, resolvi me prostrar em um reclinatório que ali havia próximo da porta e pedi perdão. De repente avanço novamente aquele que havia me trazido a nota, era nada menos que o mesmíssimo Guardião do Templo e me disse: *"Senhor, lhe foi ordenado que se retire, obedeça".* Bom, disse-lhe, é que eu desejo conversar com o Venerável. "Agora não se pode, senhor, isso poderia ser mais tarde. Nestes momentos, ele está ocupado em examinar algumas Efígies (Representações)". Não restou mais remédio que me retirar daquele Templo e diretamente me vim compungido de coração a meu Corpo Físico.

Já no veículo denso, concentrei-me no Cristo pedindo perdão, reconheci o erro de ter ido a aquele local (ao cinema). Compreendia que tinha fabricado com a Mente uma Efígie e roguei ao Misericordioso que repetisse a prova. Fui escutado, porque tive verdadeira compreensão e na noite seguinte, em Corpo Mental, fui levado ao mesmo lugar, à mesma mesa, com as mesmas pessoas, com a mesma dama, que não era mais que uma Representação de tipo mental. Quando ia começar a mesmo "agitação" da noite anterior, lembrei-me de meu propósito de emenda e tirei de uma vez minha Espada Flamígera e a atravessei com ela a essa dama mental. Logo, desintegrei-a como uma forma porque era uma forma mental; a chama da Espada permitia que se desintegrasse, que se tornasse cinzas, prontamente.

Concluído esse trabalho descendi novamente ao Mundo Astral, penetrei dentro do Corpo Astral. Já em posse desse veículo, encontrei-me dentro de um Grande Templo, o mesmo da noite anterior. Fui recebido então com alegria, festa, felicitações e, posteriormente, meu Buddha Interior ou Buddha íntimo, instruiu-me profundamente, levou-me em Corpo Mental aos salões de cinema, para me mostrar o que são tais salões. Estão todos cheios de larvas. Representações criadas pelos Próprios assistentes dos filmes, formas mentais depositadas nesses antros de Magia Negra. Instruiu-me, o Buddha Interior, sobre todos os perigos que implicava a ida ao cinema. Disse- rne que em vez de estar indo ao cinema, devia me pôr a repassar minhas vidas anteriores e até me fez repassar algumas páginas. Logo tomou uma Espada e a partiu e me disse: "Assim pode ficar tu, perder tua Espada, se seguires assistindo a esses antros de Magia Negra''. Disse-lhe: "Senhor não voltarei para esses antros". E jamais voltei.

Assim, passaram-se muitos anos sem voltar jamais. Confesso entretanto, porque não posso ser falso comigo mesmo, que uma vez passaram um filme sobre o fim do mundo de

Miguel de Nostradamus. *"Bom,* disse, *esta não deve ser má, trata-se de Nostradamus, sobre os tempos do fim",* e fui. Tratava-se de Nostradamus e de suas centúrias, não sei se vocês conhecerem algo sobre ele, particular. A vi como muito sã, mas mesmo assim fui repreendido nessa ocasião sobre o filme que fui ver. E não me atrevi a voltar, pois, de repente vão e me devoram as orelhas por estar me colocando em 'camisas de onze varas'.

De maneira, então, que assim são esses filmes a "go-go" ou essas de muita luxúria ou erotismo. Eu jamais voltei a estes lugares, a única exceção foi a do Nostradamus. De todas as maneiras, reconheço que é perigoso entrar nesses antros porque há uma multidão de larvas que não são mais que Representações, formas mentais de pessoas, de bandidos; ou seja, de tudo aquilo que viram na tela. Assim, em nome da verdade, digo a vocês que uma coisa são os Agregados Psicológicos e outra, as Representações.

Os defuntos, comumente, perdem muito tempo no Devachan. Não lhes posso negar que o Devachan seja um lugar de felicidade, delícias e felicidade, mas as figuras que fazem agradável a vida no Devachan aos defuntos são meras representações viventes de seus familiares, parentes, de seus amigos que deixaram na Terra. Em uma palavra, as formas do Devachan são Representações ou Efígies viventes. Resultam de natureza insólita, por isso digo que perdem muito tempo no Devachan, mas são felizes nessa parte, sentem-se acompanhados dos seres queridos que deixaram na Terra. Não percebem nem de forma remota, que esse mundo de felicidade são meras Efígies mentais. Se percebessem, pois, perderiam todo o Devachan.

Na mente de cada um de nós vivem muitas Representações de nossos amigos, de nossos familiares, de nossos parentes, de nossos próximos. É claro, se alguém nos disser algo sobre nossos familiares, etc., e nós mudamos o conceito que temos com respeito a estes últimos, aquela figura se altera, ou seja, aquela Efígie mental, diríamos, é alterada e ao alterar-se toma as novas características de violência, de roubo, de má-fé, ira, etc., que nos atacam violentamente convertendo-se em um obstáculo para nosso Trabalho Esotérico.

Nestes instantes me lembro do Rabinil. Parece um nome masculino mas se trata de uma dama, uma mulher do Tibete. Ela se propôs criar, de verdade, uma Representação à vontade, uma Efígie mental e deu a tal figura a forma de um monge tibetano, até conseguiu a cristalização e materialização daquele monge. É óbvio que quando tocavam à sua porta, em vez de sair ela para abrir, saía o monge; era visto fisicamente, tal era o poder com que o tinha materializado.

Depois de certo tempo, aquela figura, aquela Representação intencionalmente criada pela dama, foi assumindo características perigosas; já não a obedecia, fazia o que tinha vontade, começava a atacar todo mundo, ainda a ela mesma. E claro, tal dama se espantou. Em um Monastério, entre todos, dedicaram-se a destruir tal Efígie. Estava tão fortemente materializada que ainda sendo eles, verdadeiros peritos no mundo da Mente, gastaram mais o menos 6 meses de trabalho contínuo para desintegrá-la. Essa é uma materialização de uma Efígie Mental.

Não devemos abrir nossa mente às representações negativas, porque isto é prejudicial. Somente deveríamos abrir as portas às impressões positivas. Se nós abrirmos as portas às impressões negativas, à intriga de alguém ou ir falar contra alguém que carregamos aqui na mente, pois o resultado será fatal. A Efígie ou representação mental que carregamos em nosso interior da qual se vem falando, pode ser alterada precisamente pelas

impressões negativas. Tal figura assume então características perigosas, volta-se contra nós e nos ataca violentamente. Isso é claro, carregamos multidão de representações e naturalmente qualquer delas alterada, converte-se em um inimigo interior a mais dos já existentes.

É conveniente, irmãos, que reflitamos sobre isto, que aprendamos a viver inteligentemente, só assim partiremos pela via que tem que conduzimos à Liberação Final. É necessário cuidar a Mente. H. P. Blavatsky disse: *"A Mente que é escrava dos sentidos faz a Alma tão inválida como o bote que o vento extravia sobre as águas...".* Nós precisamos controlar os sentidos e a Mente. Muitos pássaros mentais, pensamentos, metem-se na jaula da Mente, do entendimento e nos prejudicam, refiro a Representações negativas. Agora compreenderão vocês melhor o que estou dizendo, de que há que controlar os sentidos e a Mente. Vão vocês pela rua e, de repente, encontram em uma esquina uma revista pornográfica, ficam a olhá-la com um pouco de obscenidade. O resultado é uma nova criação, uma representação mental. Essa nova representação é um pássaro de mau agouro na jaula da Mente, para causar dano e fortificar as emoções negativas e a luxúria.

Por isso, os sentidos devem ser controlados. Desgraçadamente, a pessoa nem se lembra de controlar os sentidos e a Mente, e isso é muito grave. Em vez de ler revistas pornográficas, que a nada conduzem senão à criação de novas Efígies mentais, vale a pena estudar os livros da sabedoria, as Sagradas Escrituras, etc. Não há dúvida que o verdadeiro Saber Iniciático se converte em Fogo e por conseguinte em um poder. Meus queridos irmãos, a verdadeira Sabedoria, a sabedoria oculta como lhes disse, esta se converte em fogo, em Fogo Sagrado, Fogo Universal. Eu quero que vocês entendam que o Fogo realmente é um elemento desconhecido para os intelectuais, é um elemento que ninguém conhece sua origem. Nós esfregamos um fósforo e se produz fogo. Qualquer uma nos diria que é o produto da combustão. Não há tal, antes de que a tal combustão existisse, existia o fogo dentro do braço para que pudesse mover o mesmo, isso é óbvio. E depois da combustão recebe o fogo; eu diria mas bem que com esse fósforo, a substância que produz o fogo latente, é destruído ao destruir o pacote dentro do qual está o fogo em estado latente e a chama sai à superfície.

O que nos interessa realmente não é o fogo físico mas sim a Assinatura Astral do Fogo, ou seja, o Fogo do fogo, a Chama da chama.

Tal poder ígneo ou Crístico, diríamos, é o Logos Solar. E isso é o que nos interessa. Sabemos que o verdadeiro conhecimento se converte em Fogo Solar, mais uma coisa é o fogo aqui no mundo físico e outra é o Fogo durante a Imanifestação ou no mundo das causas naturais ou no Caos. Ali nos encontramos diretamente com os Senhores da Chama, que são verdadeiro Fogo. E encontramos que esse poder se encontra no Caos, esse poder criador elétrico que induz toda vida no Universo. Isso é o que vemos nas esferas superiores da Criação Cósmica. O Fogo latente é uma maravilha.

Por todas estas e outras coisas, verão vocês a necessidade dos estudos desta Sabedoria ou esta Ciência Cósmica Universal, o estudo da Gnosis. Só este conhecimento está relacionado com as distintas partes do Ser, pode converter-se em Fogo, em Fogo vivente e filosofal.

Muito se falou que os Buddhas. Não há dúvida que há Buddhas de Contemplação e Buddhas da Manifestação. Mas estes, são criaturas que dominaram à Mente, que destruíram

o Ego, que não deram em seus corações entrada às emoções negativas, que não se deram o mau gosto de criar-se Efígies mentais em sua própria mente nem em mentes alheias. Recordemos ao Soncapac, é o mesmo Buddha Gautama reencarnado no Tibete.

Outra coisa é o Buddha do Buda: Amitaba, seu verdadeiro Protótipo divino. Amitaba é o Buddha de Contemplação e Gautama, diríamos, o Buddha terrestre ou Bodhisattwa. Não podemos negar que através desse Gautama se expressava brilhantemente Amitaba. Não podemos negar que mais tarde Amitaba enviou diretamente ao Gautama (o Bodhisattwa do Buddha terrestre) a uma nova reencarnação.

Então se expressou como Soncapac. Estes são Buddhas de Contemplação, são Amos da Mente, criaturas que se liberaram da Mente, Senhores do Fogo. É claro, todos esses Buddhas adoram ao Grande Buda, ou seja, ao Logos e lhe rendem culto.

Olhadas as coisas desde este ângulo, desde este ponto de vista, vamos compreendendo cada vez mais a forma de nos libertar da Mente, de aprender a viver sabiamente, se é que queremos em realidade, de verdade, nos converter em Buddha de Contemplação. Isso é óbvio. Devemos sentir a necessidade da Liberação Final; do contrário não seria possível a Liberação.

Em nome da verdade temos dê dizer: enquanto nós sejamos escravos do Ego e das Representações da Mente, a Liberação Final será algo mais que impossível.

Por que os desencarnados perdem o tempo? Repito, pelas Representações. Estas lhes acompanham no Devachan e embora gozem de uma aparente felicidade, obviamente estão perdendo o tempo miseravelmente, a humanidade perde muito tempo com o Ego. Tudo isso é mais amargo que o fel.

Chegou o momento de entender que a Luz Incriada é o fundamental, o desejo para a vida se converte em Luz Incriada. Esta Luz Incriada surge do fundo das Trevas do Não Ser. Todos nós devemos desejar a Luz Real e Trabalhar no propósito de Nascer algum dia na Luz Incriada.

Atualmente, há muitos Bodhisattwas no mundo. Acontece que nas épocas passadas de nosso planeta Terra, durante as Idades de Ouro, Prata e Cobre, muitos entraram nos Mistérios, fizeram-se Adeptos. Em outros termos, converteram-se em Buddhas. Mas quando veio a Idade do Kali Yuga, o Ego tomou uma força terrível, tomou força em todos esses antigos Iniciados porque eles não souberam viver, sucumbiram ante a[5] tentações. Se não, não haveria ressurgido neles o Ego. Hoje andam pela face da Terra muitos Bodhisattwas caídos. Se cuidassem mais a Mente, desintegrassem o Ego e se propusessem a não criar mais Efígies mentais, ressurgiriam vitoriosos.

O que é um Bodhisattwa? Simplesmente é um germe, uma semente. Uma semente com um organismo Etérico microscópico que pode desenvolver em si mesmo um Ser Celestial; mais se não o faz, tal semente não se desenvolve, perde-se a oportunidade. Seres gloriosos que viveram nas civilizações do Egito, da Babilônia, etc., encontram-se latentes agora nessas sementes que em alguns sujeitos se encontra armazenada dentro de suas glândulas sexuais endócrinas.

Se esta semente com um organismo Etérico conseguisse desenvolvê-lo, esses Seres ficariam em plena posse de seu corpo e seriam uma bênção para a humanidade. Mais, desgraçadamente, o pior inimigo que têm todos esses seres caídos, todos esses Adeptos destronados, é a Mente.

Por isso insisti tanto sobre a necessidade de não abrir as portas de nossa Mente às impressões negativas que podem alterar algumas Representações que obstaculizariam o avanço para dentro e para cima. Por esse motivo insisti muito na necessidade de desintegrar o querido Ego. Pois o Ego e o Ser são incompatíveis, isso é óbvio.

Bom, espero que tenham podido compreender o que são as Representações Mentais ou efígies no mundo da Mente. Antes de terminar esta cátedra dou a liberdade de palavra a fim

de que os que não tenham entendido perguntem e podem fazê-lo, como lhes disse, com confiança.

P.: Retornam as Efígies com o Ego ou se desintegram com a Personalidade?

V. M.: As Efígies podem se conservar por algum tempo até que vão se debilitando pouco a pouco. Às vezes retornam, não todas as vezes e se vão debilitando pouco a pouco. Quando a Pessoa perde o interesse em tal ou qual Efígie ou Representações, estas já não podem alimentar-se e vão se
dissolvendo.

P.: Mestre, alguém se faz Representações boas e más, as Representações boas formam Efígies?

V. M.: Claro está, há as boas. Há Representações ou Efígies positivas e negativas, mas não são senão meras formas mentais. Quando a pessoa aprende a viver de instante em instante, a possibilidade de criar tais formas desaparece, mas se contínua no tempo, as Efígies também continuam criando-se com o tempo.

P.: Tais Efígies positivas, também terei que as eliminar?

V. M.: Tanto umas como outras não são senão meras figuras fugazes, vãs, que não têm nenhuma verdadeira realidade e portanto é melhor as desintegrar.

P.: Então, as Efígies negativas são as que mais nos estão prejudicando?

V. M.: Obviamente assim é, são as que mais danos nos fazem. Poderia acontecer que uma Efígie positiva, suponhamos sobre um amigo, fora adulterada por haver dado ouvidos, por exemplo, a uma intriga sobre o mesmo. Então, já alterada esta Efígie, ela assume a nova forma que nós lhe damos e claro, converte-se em um inimigo interior que nos ataca e nos pode fazer até fracassar.

P.: A diferença entre a Representação e o Ego é que o Ego tem uma porção de Essência enfrascada e a Representação não?

V. M.: É correto, na Representação não há nenhuma Essência engarrafada.

P.: Venerável Mestre, a vaidade de se acreditar um bom Gnóstico é uma Representação?

V. M.: Bom, isso já muda a coisa. Se a gente tiver a vaidade de se acreditar um bom Gnóstico isso já se deve ao Eu da Vaidade, não há nenhuma Efígie, nenhuma Representação. Simplesmente, se sente a “mamãe dos pintinhos” e o “papai do Tarzan”, isso é tudo.

P.: O método para eliminar o Ego vamos assimilando diariamente na prática, mas para eliminar as Efígies, que método é necessário?

V. M.: Pois, como é em cima é embaixo: por meio das flamígeras armas de Vulcano podemos desintegrar um Ego que é tão pesado, regidos por 96 leis uns, outros por 48, 24, 12, também Egos de 96 por 1, por 2, por 3, por 4, por 5, por 6, por 7, por 8, por 9. E entretanto os desintegramos mediante o Trabalho intenso da Forja dos Ciclopes, na Forja acesa de Vulcano. Quanto mais uma Representação! Para desintegrá-la não necessita tanto esforço, bastaria um pouquinho de atenção e um só trabalho que faça na Forja para desintegrar uma Efígie.

P.: O que fazemos com aquelas Efígies que temos desde a infância?

V. M.: Bom, parece que tu está confundindo as Fitas Teleoginoras com as Representações. E se for a representação de um filme que viu na infância, o procedimento é o mesmo que se utiliza para desintegrar o Ego, não se necessita tanto trabalho para poder desintegrar uma Representação.

P.: Em conseqüência de que se formam as Representações, será pelo Ego? Pelo estado em que se encontra nossa mente?

V. M.: Pois, dos sentidos, porque é claro que as formas dos sentidos penetram através dos sentidos e aí ficam depositadas em forma de Representações. Um Buddha é uma criatura que não tem Representações, por isso é um Buddha, porque não carrega

Representações na Mente, nem positivas, nem negativas, por isso é um Buddha, está íntegro, unitotal, iluminado. Desenvolveu, diríamos, em si mesmo, a Luz Incriada, a Auto-realizou em si mesmo.

P.: Venerável Mestre, uma Representação positiva pode servir para que uma pessoa se cure?

V. M.: Bom, essa Representação que se utiliza para que ela se cure é uma Representação positiva, mas depois de havê-la utilizado para que essa pessoa se cure há que desintegrá-la,
do contrário fica aí incomodando na Mente.

P.: Venerável Mestre, tem alguma relação as Representações da Mente com a Imaginação Mecânica?

V. M.- Quando a Representação surge mecanicamente está relacionada com a imaginação mecânica, mas quando surge de forma intencional, indubitavelmente se trata da imaginação consciente que tomou parte para dar forma à Representação.

P.: Não podemos fazer Representações das demais pessoas, mas, realmente nós podemos criar Representações de nós mesmos?

V. M.- A pessoa pode criar quantas Representações queira, assim como a dama aquela que criou a Representação do Monge e se demorou 6 meses para desintegrá-la.

P.: Venerável Mestre, poderia-me dar um exemplo de uma Representação que pudéssemos criar?

V. M.: Bom, tu imagina que é um Super-Homem cheio de poder e faz uma Representação de ti mesmo. A pessoa pode criar com sua mente Representações positivas ou negativas.

P.: Mestre, os íncubos e os Súcubos são uma variedade de Efígies?

V. M.: Bom, diz-se que tais íncubos e Súcubos são variedade de Efígies, mas eu iria mais longe. Eu penso simplesmente que esses tais íncubos e Súcubos são Agregados Psíquicos criados a vontade pelo vício de seu progenitor. De maneira que poderíamos denominá-los Agregados íncubos e Súcubos na Psique humana, isso é tudo. Roubam parte da Consciência de seu progenitor ou de seus progenitores, de maneira que não são meras Representações.

P.: Estes Agregados íncubos e Agregados Súcubos também requerem de uma forma especial de destruição, uma técnica especial?

V. M.- Pois vim refletindo agora e vejo a necessidade de desintegrá-los da mesma forma que qualquer Agregado Psíquico, são Agregados criados pelos que têm tal vício.

P.: Ajudaria nisto uma limpeza?

V. M.: Aqui, o único que vale é a Lança e um trabalho firme com a Divina Mãe Kundalini na Forja dos Ciclopes. Aí não vale limpeza, os Agregados Psíquicos não são eliminados com limpezas.

P.: Venerável Mestre, a Essência fora do corpo dos afetos, dos desejos, veria as coisas através das Representações de forma mais complicada?

V. M.: Não, veria-as dentro do cru realismo, porque se a pessoa, por exemplo, dentro do Shamadi, consegue viver nesse Mundo Atman, ou nessa região em que se expressa Atman com todo seu poder, descobre que ali tudo é alegria, vê a Natureza tal como é, e como foi. Uma coisa é ver a foto de uma coisa e outra coisa é ver um quadro da Natureza tal como é, e outra coisa é ver a fotografia desse quadro da Natureza. Neste caso a fotografia é a Representação desse quadro da natureza.

P.: Uma pessoa que tenha morrido em si mesmo embora tenha o veículo físico, uma janela através da qual aparece a este mundo físico, vai ver as coisas tal como são?

V. M.: Tal qual são em si mesmos. Terá que distinguir entre as coisas e as coisas. Isto o assentou já muito bem Emmanuel Kant, o filósofo do Konimberg, na “Crítica da Razão Pura”.

P.: Mestre, ao não transformar as impressões, formamos novos Agregados Psíquicos? E ao viver de acordo com a filosofia da momentaneidade deixamos que penetrem em nossa mente Representações?

V. M.: Quando a pessoa vive de acordo com a filosofia da momentaneidade, é claro que não fabrica Representações porque vive de instante em instante, isso é óbvio, de maneira que dissolver os Agregados Psíquicos é melhor que aprender a viver de instante em instante. Conforme vá eliminando os Agregados Psíquicos vai aprendendo a viver de momento em momento.

Leve em consideração que os Agregados Psíquicos são tempo, o Eu é tempo, é um livro de muitos tomos; mas se nós desintegrarmos ao Eu, desintegramos o Tempo. É óbvio que aprendendo a viver de instante em instante se vai realizando pouco a pouco, à medida que a pessoa vai eliminando os Agregados Psíquicos, ou seja, a medida em que vai eliminando o tempo, à medida que vai eliminando o Ego. Nos disse que Geopash é o pior tirano e é verdade. Geopash é o tempo, e o tempo em nós é o Ego. Dissolvido o Ego foi destruído Geopash. Então o tempo já não existe, aprendemos a viver assim de segundo em segundo.

P.: Mestre, recomendaria uma Representação para eliminar o Ego?

V. M.: Pois isso resulta, diríamos, um contra-senso. No bom-senso seria tanto como pôr em marcha um automóvel lhe pondo os freios. Obviamente, não funcionária o automóvel. A Representação para dissolver o Ego não funciona, porque para dissolver o Ego quão único serve é o Trabalho fecundo sobre a Forja dos Ciclopes.

P.: Mestre, para ver as coisas pó nós mesmos, vamos obtendo na medida que vamos morrendo, assim o escutamos de você mesmo. Para ver o Ego em si mesmo, não uma Representação do Ego, não um Ego inexistente, imaginário, não, mas sim tal qual é; ou seja, vê-lo com essa Emoção Superior, essa é a única forma de que o Ego na verdade morra. A prática da Morte do Eu se faz estéril no mesmo momento em que nós não vemos o Ego tal qual é, senão uma Representação do Ego.

V. M.: Bom, isto já é simplesmente, diríamos, um jogo da Psique, porquê em realidade, de verdade, não poderemos ver o Ego em si mesmo se não se desenvolveu o Sentido da Auto-Observação Psicológica. Só desenvolvendo tal Sentido é possível ver o Ego. Ver o Ego como Representação seria cair em um círculo vicioso, uma forma de auto-erro.

Interessa-nos dissolver isso que estamos sentindo, isso que está pensando em nós em um momento dado, isso que em um momento está ofendendo a outro, isso que em um momento _está sentindo luxúria, isso que em um instante está queimando _*as* carnes de lascívia, isso é o que há que desintegrar, precisamos ser práticos. Não se trata de nos formar Representações do Ego, mas sim de nos Auto-observar psicologicamente em si mesmos e desintegrá-lo.

P.: Falando da Auto-observação, isto tem relação com os Centros Superiores da máquina orgânica?

V. M.: Bom, obviamente os Centros da máquina humana superiores estão falseados precisamente pela educação recebida. De maneira que estes Centros da máquina humana teremos que depurá-los e por isso é tão difícil, precisamente, o Trabalho da Auto-realização íntima do Ser. Há duas coisas que nos estão prejudicando, que impedem a Auto-realização de alguém.

Referimo-nos precisamente à falsa educação recebida durante a idade preparatória e à herança. Nosso pai terrestre, nossa mãe terrestre, tinham hábitos determinados, determinados costumes equivocados ou não equivocadas, mas as tinham. Eles, por sua vez, tinham-nos porque tinham a herança nos genes, a tinham herdado de nossos avós. Nossos avós tinham os mesmos costumes porque as tinham herdado de nossos bisavôs e assim sucessivamente.

De maneira que devido à herança que levamos nos genes, existe a tendência a repetir determinados erros como nossos antepassados, e estão tão arraigados em nós que nem sequer percebemos isso. De maneira que isso, a péssima educação recebida durante a idade preparatória é óbice para a Auto- realização do Ser.

P.: Mestre, as Representações mentais são sempre mentais ou também há Efígies de tipo

emocional, instintiva, sexual?

V. M.: Todas as Efígies são mentais, porque ao fim e ao cabo pois, são o mundo da Mente. A Mente é a Mente e o Ser é o Ser. O Mundo Astral não é mais que Mente condensada, e o Mundo Físico não é mais que Mente condensada. De maneira que devemos pensar que as Efígies são mentais, isso
é óbvio.

P.: Quando escutamos a alguém e por nós passa uma Representação, o que fazemos?

V. M.: Pois, se está tendo plena atenção não há porque vir estas manifestações. Mas, se não se tem a plena atenção quando se está escutando, pois surgem na Mente outras coisas, pensamentos negativos, lembranças. Se a pessoa estiver plenamente concentrada de forma natural, espontaneamente, há impossibilidade de que surjam tais pensamentos negativos ou lembranças. Se surgem é porque não se está com a atenção posta sobre si. Então, há que pôr mais atenção.

P.: Quando a pessoa está trabalhando com a imaginação, como faz para saber que não está formando Efígies mentais?

V. M.: Pois o adormecido, adormecido está. O que vai saber?! Desperta e depois saberá: essa é a crua realidade dos fatos. Um adormecido está adormecido, o que vai saber?! Há que despertar.

TRANSFORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES

A atenção consciente exclui isso que se chama Identificação. Quando nos identificamos com as pessoas, com as coisas, com as idéias, vem a fascinação, e esta última produz o SONHO NA CONSCIÊNCIA.

Este tema trata da transformação de nós^mesmos. Em passadas conversas tratamos sobre a importância que tem a vida em si mesma. Dissemos também que um homem é o que é sua vida e que esta é como um filme. Ao desencarnar, nós levamos isso para vivê-la de forma retrospectiva no Mundo Astral e que ao retornar nós trazemos para projetá-la outra vez na tela do Corpo Físico

É claro que a Lei de Recorrência existe e que todos os acontecimentos se repetem, que tudo volta realmente a ocorrer como aconteceu acrescido das conseqüências boas ou más. É claro que a transformação da vida é possível se a pessoa propor-se verdadeiramente.

Transformação: Significa que alguma coisa muda em uma outra coisa diferente. É lógico que tudo é suscetível a mudanças.

Os Alquimistas da Idade Média falavam da transformação do chumbo em ouro. Entretanto; nem sempre aludiam meramente à questão metálica e física. Normalmente, queriam indicar com tal palavra, a transformação do *Chumbo* da Personalidade em *Ouro* do Espírito. Assim, convém que reflitamos em todas estas coisas.

Nos Evangelhos, a idéia do homem terrestre comparável com uma semente capaz de crescimento, tem a mesma significação. Como a tem também a idéia do renascimento: um homem que nasce outra vez. É óbvio que se o grão não morrer, a semente não nasce.

Em toda transformação existe ***morte*** *e* ***nascimento.***

Na Gnosis consideramos o homem como uma fábrica de três pisos que absorve normalmente três alimentos:

1. - O *Alimento comum.* Normalmente, corresponde ao piso inferior da fábrica. Relaciona-se com o estômago.
2. - O *Ar.* Está no segundo piso, que se encontra relacionado com os pulmões.
3. - *As Impressões.* Indubitavelmente, estão intimamente associadas ao cérebro ou terceiro piso.

Temos: Impressão-cérebro, Respiração-plumões, Alimento-estômago.

O alimento que comemos sofre sucessivas transformações. Isto é inquestionável. O processo da vida em si mesmo, por si mesmo, é transformação. Cada criatura do Universo vive mediante a transformação de uma substância em outra. O vegetal, por exemplo, transforma o ar, a água e os sais minerais da terra em novas substâncias vitais, em elementos vitais para nós (frutas, etc.) assim, tudo é transformação. /

Pela ação da luz solar, variam os eventos da Natureza. É inquestionável que o sensível filme da vida que normalmente se estende sobre a face da terra, conduz toda a força Universal para o interior do Mundo Planetário.

Mas cada planta, cada inseto, cada criatura, ou mesmo “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem, absorve, assimila determinadas forças cósmicas e logo as transforma e as transmite inconscientemente às camadas interiores do Organismo Planetário. Tais forças transformadas, encontram-se intimamente relacionadas com toda a economia do Organismo Planetário em que vivemos.

Indubitavelmente, cada criatura segundo sua espécie, transforma determinadas forças que logo retransmite para o interior da Terra para a economia do Mundo. Assim, cada criatura que tenha sua existência cumpre a mesma função.

Em tudo existe transformação. Assim, a epiderme da Terra é um órgão de transformação. Quando comemos um alimento tão necessário para nossa existência, este é transformado, claro que isso ocorre em múltiplas e seqüenciais etapas. Quem realiza dentro de nós esse processo de transformação de suas substâncias? O Centro Instintivo, tão sábio é tal Centro, realmente é assombrosa a sabedoria do dito Centro.

A digestão em si mesma é transformação. O alimento no estômago, ou seja, na parte inferior da fábrica de três pisos deste organismo humano, sofre transformações. Se algo entrar sem passar pelo estômago, o organismo não poderia assimilar seus princípios vitamínicos, nem suas proteínas. Isso seria simplesmente uma indigestão. Assim, conforme nós vamos refletindo nesta questão, chegamos a compreender a necessidade de passar por uma Transformação.

Claro está que os alimentos físicos transformam-se. Mas há algo que nos convida à reflexão, e é a *Transformação* adequada das Impressões.

Para o propósito da Natureza propriamente dita, não há necessidade alguma de que o "Animal Intelectual" transforme as Impressões por si mesmo. Resultaria magnífico transformar as Impressões. A maioria das pessoas que vemos no terreno da vida prática acreditam que este mundo físico é o que procuram e desejam. Realmente, este é um tremendo equívoco. A vida em si mesma entra em nós, a nosso organismo, na forma de meras Impressões. Nós não poderíamos realmente transformar nossa vida se não transformarmos as Impressões que chegam até nós.

Não existe realmente tal coisa como a vida externa. Estamos falando de um ponto muito revolucionário, pois todo mundo acredita que o físico é o real. Mas se vamos um pouquinho mais a fundo, o que realmente estamos recebendo a cada momento, a cada instante, são Impressões. Se víssemos uma pessoa que nos agrada ou desagrada, o primeiro que obtemos são Impressões dessa natureza. A vida é uma sucessão de Impressões. Não como acreditam muitos ignorantes ilustrados: algo físico de tipo exclusivamente material.

A realidade da vida é suas Impressões. Claro está que as idéias que estamos emitindo resultam muito difíceis de captar, de apreender. A pessoa que vemos sentada, por exemplo, em uma cadeira com tal ou qual traje de cor, aquele que nos saúda, aquele que nos sorri, etc., são para nós coisas reais, não é verdade?

Mas, se meditarmos profundamente em todas elas, chegaremos à conclusão de que o real são as Impressões. Estas, naturalmente, chegam à Mente pela janela dos sentidos. Se não tivéssemos os sentidos, por exemplo, olhos para ver, ouvidos para ouvir, nem boca para gostar dos alimentos, existiria para nós isso que se chama Corpo Físico? Claro que não, absolutamente não. A vida nos chega na forma de Impressões e é ali onde existe a possibilidade de Trabalhar sobre nós mesmos.

Acima de tudo, o que realmente devemos fazer? Teremos que compreender o Trabalho que devemos fazer. Como poderíamos obter uma transformação psicológica em nós mesmos? Pois efetuando um Trabalho sobre as Impressões que estamos recebendo a cada momento, a cada instante.

Este primeiro trabalho recebe o nome de *Primeiro Choque Consciente.* Este se relaciona com essas impressões, que são tudo que conhecemos do mundo exterior que estamos recebendo. Que tamanho têm as verdadeiras coisas ou as verdadeiras pessoas? Precisamos nos transformar, a cada dia, internamente. Ao querer transformar nosso aspecto psicológico, precisamos Trabalhar sobre as Impressões que entram em nós.

Porque chamamos o Trabalho sobre a transformação das Impressões como o Primeiro Choque Consciente? Porque o choque é algo que não poderíamos observar de forma meramente mecânica. Isto jamais poderia fazer-se mecanicamente, necessita-se de um esforço autoconsciente.

É claro que quando se começa a compreender este Trabalho, começa-se a deixar de ser homem mecânico que serve aos fins da Natureza. E isto vai contra nossa Auto-

Realização íntima. Vocês pois, começam a compreender agora
o significado de tudo que digo.

Se pensarem agora no significado de tudo que se lhes ensina aqui pela via do esforço próprio, começando pela observação de si mesmo, verão que no lado prático esotérico tudo se relaciona intimamente com a transformação das energias e o que resulta naturalmente das mesmas.

O trabalho, por exemplo, das reações negativas sobre os estados de ânimo irritantes, sobre esta questão da identificação, sobre a autoconsideração, sobre os Eus sucessivos, sobre a mentira, sobre a autojustificação, sobre a desculpa, sobre os estados inconscientes em que nos encontramos, relacionam-se com a transformação das Impressões.

Assim convirão que de certo modo o Trabalho em si, compara-se à decisão no sentido de que haja uma transformação. É necessário, pois, que reflitamos nisto, compreendamos o que é o Primeiro Choque Consciente. É necessário formar um elemento de mudança no lugar de entrada das Impressões. Não esqueçam!

Mediante a Compreensão do Trabalho, vocês podem aceitar a vida como um Trabalho realmente. Então estarão em um estado constante de lembrança de si mesmos. Este estado de Conscientização em si mesmo levará vocês ao terrível realismo da transformação das Impressões.

As próprias impressões, normalmente ou supranormalmente, melhor dizendo, os levariam a uma vida melhor no que vocês naturalmente respeitam. Já a vida não obrará mais sobre vocês como o fazia antes. Começarão a pensar e a compreender de uma maneira nova. E esta é, naturalmente, o começo de sua própria transformação. Mas enquanto vocês sigam pensando da mesma maneira, é claro que não haverá nenhuma mudança interior. Transformar as Impressões da vida é transformar-nos a nós mesmos. Esta forma inteiramente nova de pensar pode ser efetuada.

Compreenderão vocês de forma natural: reagir continuamente. Todas essas reações formam nossa vida pessoal. Mudar a vida de alguém não é mudar realmente nossas próprias reações. Mas a vida exterior nos chega como meras Impressões que nos obrigam a reagir.

A vida consiste principalmente em uma série sucessiva de reações negativas que se dão como resposta incessante às Impressões que chegam à Mente. Logo, nossa tarefa consiste em transformar as impressões da vida de modo que não provoquem esse tipo de resposta. Mas para obtê-lo é necessário estarmos nos Auto-observando de instante em instante, de momento em momento. É urgente, pois, estar estudando nossas próprias Impressões.

Não se pode deixar que as Impressões cheguerr) de um modo subjetivo, mecânico. Se o fizermos, equivale a começar a vida, a começar a viver e buscar necessariamente estar mais consciente. O indivíduo pode dar o luxo de que as Impressões cheguem mecanicamente, mas se não cometer semelhante erro, se transformar as Impressões então começa a viver conscientemente, por isso se diz que esse é o Primeiro Choque Consciente.

Tal Primeiro Choque Consciente consiste em transformar as Impressões que chegam à Mente no momento de sua entrada, sempre se pode trabalhar no resultado das mesmas. Claro está que caducam sem efeito mecânico, que sempre são desastrosas no interior de nossa psique.

Uma vibração definida do Trabalho, uma valoração do Ensinamento, significa que este Trabalho Esotérico Gnóstico deve ser levado até o ponto onde entram as Impressões e são distribuídas mecanicamente em lugares equivocados pela Personalidade para evocar as antigas reações.

Vou tratar de simplificar isto: Por exemplo, se arrojarmos uma pedra a um lago cristalino, produzem-se nele Impressões, e as respostas a essas Impressões dadas pela pedra se manifestam em ondas que vão do centro à periferia, não é verdade? Bom, agora

este exemplo. À Mente, imaginemo-la um momento como um lago, de repente aparece a imagem de uma pessoa. Essa imagem é como a pedra de nosso exemplo que chega ao lago da Mente, então a mente reage em forma de Impressões, não é verdade? Digo, em forma de Reações.

As Impressões são as que produzem a imagem que chega à Mente, as Reações são as respostas a tais Impressões. Se vocês atirarem uma bola contra um muro, o muro recebe a Impressão. Logo vem a Reação, que consiste na volta da bola a quem a mandou. Bom, pode ser que não chegue diretamente, mas de qualquer forma a bola ricocheteia e isso é Reação.

O mundo, pois, está formado por impressões. Por exemplo, chega-nos a imagem de uma mesa à mente através dos sentidos. Não podemos dizer que chegou a mesa ou que a mesa foi colocada em nosso cérebro, isso seria absurdo.

Mas sim está colocada a imagem da mesa. Então nossa mente reage imediatamente dizendo: esta é uma mesa, que é de madeira ou de metal, etc.

Bem, agora, há Impressões que não são agradáveis, por exemplo, as palavras de um insultador, não? Poderíamos transformar essas palavras do insultador. As palavras são como são. Então, o que poderíamos fazer? Transformar as Impressões que tais palavras nos produzem. Sim, isso é possível.

O Ensinamento gnóstico nos ensina a cristalizar a segunda força, do Cristo, em nós mediante um postulado que diz: *"Há que receber com agracio as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes".* Eis aí o modo de transformar as impressões que produzem em nós as palavras de um insultador. Este postulado nos levará naturalmente até a cristalização da 2ª força (o Cristo) em nós, fazer com que o Cristo tome forma em nós. É um postulado sublime, esotérico em cem por cento.

Se do mundo físico não conhecermos senão as Impressões, então propriamente o mundo físico não é tão externo como acreditam as pessoas. Com justa razão disse Emmanuel Kant: *"O exterior é o interior",* assim, se o interior for o que conta, devemos transformar o interior. As impressões são interiores. Assim, todos os objetos e coisas, tudo o que vemos existe em nosso interior na forma de Impressões que vibram incessantemente dentro de nossa Psique. O resultado mecânico de tais Impressões foram todos esses elementos desumanos que levamos dentro e que normalmente os chamamos Eus, e que em seu conjunto constituem o Si mesmo.

Suponhamos, por exemplo, que um indivíduo veja uma mulher provocante e que não transforme suas Impressões. O resultado será que as mesmas, de tipo naturalmente luxurioso, produzem nele o desejo de possuí-la. Tal desejo deve ser o resultado de tipo mecânico da Impressão recebida, e se cristaliza, tomando forma em nossa psique. Converte-se em um agregado a mais; ou seja, em um elemento desumano que em sua totalidade constitui o Ego.

Vamos seguir refletindo: em nós existe Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula.

Ira. Por que? Porque muitas Impressões chegaram a nosso interior e nunca as transformamos. O resultado mecânico de tais Impressões de Ira, formam os Eus que existem, e vivem em nossa Psique e que constantemente nos fazem sentir 'valentia'.

Cobiça. Indubitavelmente, muitas coisas em nós despertaram Cobiça: o dinheiro, as jóias, as coisas materiais de toda classe, etc. Essas coisas, esses objetos, chegaram a nós $_{n}$a forma de Impressões, em outra coisa diferente, em uma atração pela beleza ou a alegria, etc... Tais Impressões não transformadas, naturalmente se convertem em Eus de Cobiça.

Luxúria. Já disse que distintas formas de Luxúria chegaram a nós na forma de Impressões, ou seja, surgiram no interior de nossa mente, imagens de tipo erótico, cuja reação foi a Luxúria. Como nós não transformamos essas ondas luxuriosas, essas Impressões, esse sentir luxurioso, esse erotismo insalubre, naturalmente que o resultado não se fez esperar. Foi completamente mecânico, nasceram novos Eus no interior de nossa

Psique, Eus morbosos.

Ninguém poderia dizer que está vendo uma árvore em si mesmo, está vendo a imagem da árvore mas não a árvore. A coisa em si, como dizia Emmanuel Kant, ninguém a vê: vê-se a imagem da coisa; ou seja, surge em nós a Impressão sobre uma árvore, sobre uma coisa e estas são internas. O resultado mecânico não se deixa esperar. É o nascimento de novos Eus que devem escravizar ainda mais nossa Consciência, que devem intensificar o sonho em que vivemos.

Quando nós compreendemos realmente que tudo o que existe dentro de nós mesmos, com relação ao Mundo Físico, não são mais que Impressões, compreendemos também a necessidade de transformar essas Impressões. E ao fazê-lo, produz-se a transformação de nós mesmos. Não há coisa que mais doa que a calúnia ou as palavras de um insultador. Se nós formos capazes de transformar as Impressões que produzem e nós tais palavras, essas ficarão sem valor algum; ou seja, ficam como um cheque sem fundo. Certamente, as palavras de um insultador não têm mais valor que o que lhes dá o insultado. Assim se o insultado não lhes dá valor, repito, ficam como um cheque sem fundo.

Quando nós compreendemos isto, transformamos então as Impressões de tais palavras, por exemplo, em algo distinto, em Amor, em compreensão para o insultador. Isto, naturalmente, significa Transformação. Assim, precisamos estar transformando incessantemente as Impressões, não só as presentes mas também as passadas.

Dentro de nós existem muitas Impressões que cometemos o erro de não as haver transformado no passado. Muitos resultados mecânicos das mesmas são os tais Eus que devemos desintegrar a fim de que a Consciência fique livre e desperta. As coisas, as pessoas, dentro de vocês, dentro de suas mentes, se forem transformadas, essas Impressões transformam a vida de vocês. Caso haja, por exemplo, uma pessoa orgulhosa de sua posição social, de seu dinheiro, por exemplo, se essa pessoa refletir que sua posição social é uma questão meramente mental, que são uma série de Impressões que chegaram a sua mente, Impressões sobre seu estado social, quando pensa assim, verifica que tal estado não é mais que uma questão mental, ou quando analisa a questão de seu valor, vem a perceber que sua posição existe em sua mente na forma de Impressões.

Essa Impressão que produz o dinheiro e a posição sòeial, não é mais que as Impressões internas da Mente. Com o simples fato de compreender que são apenas Impressões da Mente, fazendo as transformações das mesmas, então o Orgulho por si mesmo decai, desaba-se, nasce de forma natural dentro de nós a Humildade.

Continuando assim com estes processos da transformação das Impressões, prosseguimos com algo mais. Por exemplo: uma imagem de uma mulher luxuriosa chega à Mente. Tal imagem é uma Impressão, obviamente. Nós poderíamos transformar essa Impressão luxuriosa mediante a Compreensão. Bastaria que pensássemos, nesse instante, que essa mulher tem que morrer e que seu corpo^se desintegrará na sepultura. Seria isto mais que suficiente para transformar essa Impressão luxuriosa em Castidade. Se não se transformar, converter-se-ia em Eus de Luxúria.

Assim, convém que mediante a Compreensão transformemos as Impressões que surgem na mente. Acredito que vão entendendo que o mundo exterior nao e tao exterior como normalmente se crê. É interior tudo o que nos chega do mundo. Não são mais que Impressões internas. Ninguém poderia colocar uma árvore dentro de sua mente, uma cadeira, uma casa, um palácio, uma pedra. Tudo chega a nossa mente na forma de Impressões, isso é tudo.

Impressões de um mundo que chamamos exterior e que realmente não é tão exterior como se crê. Convém, pois, que nós transformemos as Impressões mediante a Compreensão. Se alguém nos saudar, nos elogiar, como transformaríamos a Vaidade que tal ou qual adulador poderia provocar em nós? Obviamente os louvores, as adulações, não são

mais que Impressões que chegam à Mente e esta reage na forma da Vaidade. Mas se essas Impressões são transformadas, a Vaidade se faz impossível. Como se transformariam, então, as palavras de um adulador? Mediante a compreensão.

Quando nós compreendemos realmente que não é mais que uma infinitesimal criatura em um rincão do Universo, de fato transforma por si mesmo tais Impressões de louvor, de lisonja, em algo distinto. Converte a tais Impressões no que são: pó, poeira cósmica, porque compreende sua própria posição.

Sabemos que nosso planeta Terra é um grão de areia no Espaço. Pensemos no que é a Terra em relação à Galáxia em que vivemos, composta por milhões de mundos? É uma partícula de pó no infinito e nós, diríamos, somos uns microorganismos^ dentro dessa partícula. Então? Se nós compreendêssemos isto quando nos adulam, faríamos uma transformação das Impressões que se relacionam com a lisonja e a adulação ou louvor, e como resultado não reagiríamos na forma de Orgulho, verdade? Quanto mais reflitamos nisto, vemos mais e mais a necessidade de uma transformação completa das Impressões.

Tudo o que vemos externo é interior. Se não trabalharmos com o interior vamos pelo caminho do erro, porque não modificamos então nossos hábitos.

Se quisermos ser distintos, precisamos nos transformar integralmente. E se queremos nos transformar, devemos começar por transformar as Impressões animais, bestiais, em elementos da devoção. Então surge em nós a transformação sexual, a transmutação.

Inquestionavelmente, esta coisa das Impressões merece ser analisada de forma clara e precisa. A Personalidade que recebemos ou adquirimos, recebe as Impressões da vida, mas não as transforma porque virtualmente é algo morto. Se as Impressões caíssem diretamente sobre a Essência, é óbvio que seriam transformadas porque de fato, ela as depositaria no Centro correspondente da Máquina Humana.

A Personalidade é o termo que se aplica a tudo que adquirimos. É claro que traduz todas as Impressões de todos os lados da vida de um modo limitado e virtualmente estereotipado com rumo a sua qualidade e associação.

A este respeito, no Trabalho se compara às vezes a Personalidade como uma péssima secretária que está à frente da habitação, e que se ocupa de todas as idéias, conceitos, preconceitos e opiniões. Tem muitíssimos dicionários, enciclopédias de todo gênero, livros de referência, etc., e está incomunicável nos três Centros, ou seja: o Mental, o Emocional e os Centros Físicos. E como conseqüência ou corolário, resulta disso que fica em comunicação quase sempre com centros equivocados. Isto significa que as Impressões que chegam são enviadas a lugares equivocados, ou seja, a Centros que não lhe correspondem e produzem, naturalmente, resultados equivocados.

Porei um exemplo para que vocês possam me entender melhor. Suponhamos que uma mulher atende com muita consideração e respeito a um cavalheiro. Claro, as Impressões que o cavalheiro está recebendo em sua mente são recebidas, com a Personalidade e esta a envia a Centros equivocados. Normalmente, a manda ao Centro Sexual.

Então este cavalheiro chega a acreditar firmemente que a dama está apaixonada por ele e, como é lógico, não demora muito tempo para que ele se apresse a lhe fazer insinuações de tipo amoroso. Indubitavelmente, se aquela dama jamais tivesse essa classe de preocupações pelo cavalheiro, não deixa de sentir-se com muita razão surpreendida. Esse é o resultado de uma péssima transformação das Impressões.

Vejam vocês quão má secretária é a Personalidade. Indubitavelmente, a vida de um homem depende desta secretária que busca mecanicamente a transformação em seus livros de referências, sem compreender absolutamente o que significa em realidade, e a transmite, em conseqüência, sem preocupações pelo que possa ocorrer, sentindo unicamente que está cumprindo com seu dever. Esta é nossa situação interior.

O que importa compreender nesta alegoria é que a Personalidade humana que nós adquirimos e devemos adquirir, começa a fazer-se cargo de nossa vida. Isto é algo muito

importante, inquestionavelmente é inútil imaginar que isto acontece a certas e determinadas pessoas; entretanto, acontece a todos, quem quer que seja.

É óbvio que estas reações ante os impactos do mundo exterior, constituem nossa própria vida. A humanidade neste sentido, podemos dizer de forma enfática, que é completamente mecanicista. Qualquer homem, na vida, formou uma quantidade de reações que devem ser as experiências práticas de sua existência. É claro que como toda ação produz uma reação, ações de certo tipo devem produzir reações de certo tipo e a tais reações lhes chamam Experiências.

O importante seria, por exemplo, conhecer melhor nossas ações e reações, poder relaxar a Mente sendo que este relaxamento mental é magnífico. Deitar-se em seu leito ou em uma comoda poltrona, relaxar todos os músculos pacientemente e logo esvaziar a Mente de toda classe de pensamentos, desejos, emoções, lembranças. Quando a Mente esteja em silêncio podemos nos conhecer melhor. Em tais momentos de quietude e silêncio mental, é quando realmente devemos verificar de forma direta o cru realismo de todas as ações da vida prática.

Quando a Mente se encontra em repouso absoluto veremos a multiplicidade de elementos e subelementos, ações e reações, desejos e paixões, etc., como algo alheio a nós. Mas esperem o instante preciso para poder realizar o controle sobre nós mesmos, sobre nossa Personalidade. Há aí o motivo pelo qual vale a pena o silêncio e a quietude da Mente. Obviamente, a relaxação do entendimento, no sentido mais completo da palavra, conduz-nos ao Autoconhecimento individual.

Assim é que de toda a vida, ou seja, a vida exterior, o que vemos, ouvimos e vivemos é para cada pessoa a reação frente às Impressões que lhe chegam do Mundo Físico. É um grande erro pensar que o que é chamado vida, seja algo fixo, sólido; a mesma para qualquer pessoa. Certamente, não há uma única pessoa que tenha as mesmas Impressões que, com respeito à vida existam no gênero humano, são infinitas.

A vida, certamente, é nossas Impressões dela e é claro que nós podemos, se nos propusermos a transformar tais Impressões. Mas como se disse, esta é uma idéia muito difícil de compreender devido a que é tão poderoso o hipnotismo dos sentidos. Embora pareça incrível, todos os seres humanos se encontram em estado de Hipnotismo Coletivo.

Tal hipnose é produzida pelo estado residual do abominável *Órgão Kundartiguador.* Quando se eliminou do ser humano, ficaram os diversos agregados psíquicos ou elementos desumanos que em seu conjunto constituem o Mim Mesmo, o Si mesmo. Estes elementos e subelementos, por sua vez, condicionam à Consciência e a mantêm em estado de hipnose. Assim, existe a hipnose de tipo coletivo. Todo mundo está hipnotizado.

A Mente está tão enfrascada no mundo dos cinco sentidos, que não consegue compreender como poderia independentizar-se dele. Crê firmemente que é um Deus. Assim, nossa vida interior, a verdadeira vida de pensamentos, de sentimentos, segue sendo confusa para nossas concepções meramente raciocinativas e intelectivas. Não obstante, ao mesmo tempo sabemos muito bem onde vivemos realmente, nosso mundo de sentimentos e pensamentos. Isto é algo que ninguém pode negar. A vida é nossas Impressões e estas podem ser transformadas.

Assim, precisamos aprender a transformar melhor as Impressões. Porém não é possível transformar coisa alguma em nós se seguimos presos ao mundo dos cinco sentidos.

Como disse em passadas conversas, o Trabalho ensina a pessoa que se o trabalho for negativo, deve-se à culpa própria. Do ponto de vista sensorial é que esta ou aquela pessoa do mundo exterior, a quem alguém vê e ouve por meio dos olhos ou ouvidos, tem a culpa. Esta pessoa, por sua vez, dirá que nós somos os culpados. Mas realmente, a culpa está nas Impressões que nós tenhamos sobre as pessoas.

Muitas vezes pensamos que uma pessoa é perversa quando no fundo essa pessoa é uma mansa ovelha. Convém muito aprender a transformar todas as Impressões que nós tenhamos sobre a vida. Aprender a receber, digamos com agrado, as manifestações

desagradáveis de nossos semelhantes. Falando cientificamente sobre as Impressões que chegam a nós e do modo de as transformar, diremos o seguinte. As Impressões que chegam a nós correspondem ao Hidrogênio 48.

A TRANSFORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES

Vamos falar da transformação da vida e isto é possível desde que alguém se proponha a isto profundamente.

Transformação significa que uma coisa se modifica em outra coisa diferente. É lógico que tudo é suscetível de mudanças.

Existem transformações da matéria que são bem conhecidas. Ninguém poderia negar, por exemplo, que o açúcar transforma-se em álcool e que este se converte em vinagre pela ação dos fermentos. Esta é a transformação de uma substância molecular. Sabe-se da vida química dos elementos que o rádio, por exemplo, se transforma lentamente em chumbo.

Os alquimistas da Idade Média falavam da transmutação do chumbo em ouro. No entanto, nem sempre faziam alusão à questão metálica meramente física. Normalmente, queriam indicar com tal palavra a transformação do chumbo da personalidade no ouro do espírito. Assim, pois, convém que reflitamos em todas estas coisas.

Nos Evangelhos, a idéia do homem terreno, comparado com uma semente capaz de crescimento, tem a mesma significação: a idéia de renascimento, do homem que nasce outra vez. É óbvio que se o grão não morre a planta não nasce. Em toda transformação existe morte e nascimento.

Na Gnosis, consideramos o homem como uma fábrica de três pisos que absorve normalmente três alimentos.

O alimento comum, relacionado com o estômago, corresponde ao piso inferior da fábrica, O ar, naturalmente relacionado com os pulmões, corresponde ao segundo piso. Já o terceiro alimento são as impressões que indubitavelmente estão associadas com o terceiro piso e com o cérebro.

O alimento que ingerimos sofre sucessivas transformações. Isto é inquestionável! O processo da vida em si mesmo e por si mesmo é transformação. Toda criatura do universo vive da transformação de uma substância em outra. O vegetal, por exemplo, transforma a água, o ar e os sais da terra em novas substâncias vegetais vitais, em elementos úteis para nós como o são as nozes, as frutas, as raízes, os sucos, etc. Assim, pois, tudo é transformação.

Pela ação da luz solar, variam os fermentos da natureza. É inquestionável que a sensível película de vida, que normalmente se estende pela superfície da Terra, conduz a toda força universal para o interior do próprio mundo planetário. Cada planta, cada inseto, cada criatura e o próprio animal intelectual, equivocadamente chamado homem, absorve, assimila, determinadas forças cósmicas, as transforma e depois as transmite inconscientemente às camadas inferiores do organismo planetário. Tais forças transformadas estão intimamente relacionadas com toda a economia do organismo planetário em que vivemos. Indubitavelmente, cada criatura, segundo sua espécie, transforma determinadas forças que são transmitidas ao interior da terra para a economia do mundo. Assim, pois, cada criatura existente cumpre as mesmas funções.

Quando comemos um alimento necessário à nossa existência, ele é transformado. Claro que esses elementos tão indispensáveis à nossa existência são transformados etapa após etapa. Quem realiza dentro de nós esses processos de transformação das substâncias? O centro instintivo, é óbvio! A sabedoria deste centro é realmente assombrosa.

A digestão em si mesma é transformação. O alimento no estômago, isto é, na parte inferior da fábrica de três pisos do organismo humano, sofre transformação. Se algo entrasse sem passar pelo estômago, o organismo não poderia assimilar seus princípios vitamínicos nem suas proteínas. Isso causaria

simplesmente uma indigestão. À medida que vamos refletindo sobre este tema, vamos compreendendo a necessidade de tudo passar por uma transformação.

Claro está que os alimentos físicos se transformam, mas há algo nisso que nos convida à reflexão. Existe em nós a transformação educada das impressões?

Para os objetivos da natureza propriamente ditos, não há necessidade alguma de que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, transforme realmente as impressões. No entanto, um homem pode transformar suas impressões por si mesmo, desde que possua, naturalmente, um conhecimento básico. Há que se compreender o porquê desta necessidade!

Seria magnífico transformar as impressões. A maioria das pessoas quando se vêem no terreno da vida prática acham que este mundo físico vai lhes dar tudo o que desejam e buscam. Realmente, este é um tremendo equívoco. A vida em si mesma entra em nós, em nosso organismo, na forma de meras impressões. A primeira coisa que devemos compreender é o significado do trabalho esotérico intimamente relacionado com o mundo das impressões.

Que necessitamos as transformar, é verdade! Ninguém poderia realmente transformar sua vida se não transformasse as impressões que chegam à sua mente.

As pessoas que lerem estas linhas deverão refletir no que aqui está se dizendo. Estamos falando de algo muito revolucionário. Todo mundo julga que o físico é o real, porém se formos um pouco mais a fundo na questão, veremos que o que realmente estamos recebendo a cada instante, a cada momento, são meras impressões.

Se vemos uma pessoa que nos agrada ou desagrada, a primeira coisa que obtemos são impressões desta natureza, não é verdade? Isto não o podemos negar! A vida é uma sucessão de impressões. Ela não é como pensam os ignorantes ilustrados: uma coisa física de tipo exclusivamente materialista. A realidade da vida são as suas impressões!

Claro está que as idéias que estamos emitindo não são muito fáceis de serem captadas, apreendidas. É possível que os leitores estejam certos de que a vida existe tal qual como se apresenta e não como meras impressões. Estão tão sugestionados por este mundo físico que, obviamente, pensam assim.

A pessoa que vemos sentada, por exemplo, numa cadeira, lá, com tal ou qual roupa de certa cor, aquela que nos saúda, aquela que nos sorri, etc., é para nós realmente verdade. Porém, se meditamos profundamente, chegamos à conclusão de que real são as impressões. Elas chegam à mente através da janela dos sentidos.

Se não tivéssemos os sentidos, por exemplo, olhos para ver, ouvidos para ouvir ou boca para degustar os alimentos que o nosso organismo ingere, existiria para nós isso que se chama mundo físico? Claro que não! Absolutamente não!

A vida chega-nos na forma de impressões e é aí, justamente, onde está a possibilidade de se trabalhar sobre nós mesmos. Antes de tudo, que devemos fazer? Há que se compreender o trabalho que devemos realizar. Como poderíamos conseguir uma transformação psicológica de nós mesmos? Pois, efetuando um trabalho sobre as impressões que estamos recebendo a cada instante, a cada momento. Este primeiro trabalho recebe o nome de primeiro choque consciente. Ele está relacionado com todas estas impressões que são tudo quanto conhecemos do mundo exterior. Que tamanho têm as verdadeiras coisas, as verdadeiras pessoas?

Precisamos nos transformar internamente cada dia. Se quisermos transformar o nosso aspecto psicológico, precisamos trabalhar sobre as impressões que entram em nós.

Por que chamamos o trabalho de transformação das impressões de primeiro choque consciente? Porque o choque é algo que não poderíamos observar de forma meramente mecânica. Isto jamais poderia ser feito de maneira mecânica. Precisa-se de um esforço auto-consciente. É claro que quando se comece a compreender este trabalho, se começará a deixar de ser um homem mecânico que apenas serve aos fins da natureza.

Se se pensa agora em todo o significado de tudo quanto se ensina aqui, pelas vias do esforço próprio, começando pela observação de si mesmo, ver-se-á que o lado prático de todo trabalho esotérico se relaciona intimamente com a transformação das impressões e do que resulta naturalmente das mesmas.

O trabalho, por exemplo, com as emoções negativas: sobre os estados de ânimo de aborrecimento, sobre a identificação, sobre a autoconsideração, sobre os eus sucessivos, sobre a mentira, sobre as auto-justificativas, sobre a desculpa, sobre os estados inconscientes em que nos encontramos, se relaciona em tudo com a transformação das impressões e com o que resulta dela. Convirá dizer ainda que, de certo modo, o trabalho sobre si mesmo é comparável a uma dissecação.

Há necessidade de se formar um elemento de troca no lugar de entrada das impressões. Não se esqueçam disso.

Mediante a compreensão do trabalho, vocês podem aceitar a vida como um trabalho. Assim, entrarão num estado constante de recordação de si mesmos e o terrível realismo da transformação das impressões chegará naturalmente a vocês. As próprias impressões, normalmente ou supranormalmente, diríamos melhor, os levariam a uma vida melhor no que respeita a vocês naturalmente e já não obrariam mais sobre vocês como faziam no começo de sua própria transformação.

Porém, enquanto sigam pensando da mesma maneira, tomando a vida da mesma maneira, é claro que não haverá nenhuma mudança em vocês. Transformar as impressões da vida é auto-transformar-se. Esta forma inteiramente nova de pensar nos ajuda a efetuar tal transformação. Todo este discurso está baseado exclusivamente no objetivo radical de nos transformarmos. Se alguém não se transforma, nada consegue.

Naturalmente, vocês compreenderão que a vida nos obriga continuamente a reagir. Todas essas reações formam nossa vida pessoal. Mudar a vida de alguém é realmente mudar suas próprias reações. A vida exterior chega-nos como meras impressões que nos obrigam incessantemente a reagir de uma forma, diríamos, estereotipada. Se as reações que constituem a nossa vida pessoal são todas de tipo negativo, então nossa vida também será negativa.

A vida consiste em uma série sucessiva de reações negativas que se dá como resposta às incessantes impressões que nos chegam à mente. Logo, nossa tarefa consiste em transformar as impressões da vida de modo que não provoquem este tipo de resposta negativa. Mas, para consegui-lo, é necessário estar se auto-observando de instante a instante, de momento a momento. É urgente, pois, estar sempre estudando as nossas próprias impressões.

Não se pode deixar que as impressões cheguem de um modo subjetivo e mecânico. Se começamos com dito controle, isto equivale a começar a vida, a começar a viver mais conscientemente. Um indivíduo pode se dar ao luxo de fazer com que as impressões não cheguem mecanicamente. Ao agir assim, transforma as impressões e começa a viver conscientemente.

O primeiro choque consciente consiste em transformar as impressões que nos chegam. Se se consegue transformar as impressões que chegam à mente no momento de sua entrada, magníficos resultados são obtidos, os quais beneficiam a nossa existência.

Sempre se pode trabalhar no resultado das impressões. Claro está que caducam, são de efeito mecânico... no entanto, esta mecanicidade costuma ser desastrosa no interior da nossa psique.

Este trabalho esotérico-gnóstico deve ser levado até o ponto onde entram as impressões porque são distribuídas mecanicamente pela personalidade a lugares equivocados a fim de evocar antigas reações.

Vou tratar de simplificar isto. Tomemos o seguinte exemplo: Se jogarmos uma pedra num lago cristalino, produzem-se impressões no lago e a resposta a essas impressões causadas pela pedra são as ondas que vão do centro para a periferia.

Agora, imaginem a mente como se fosse um lago. De repente, aparece a imagem de uma pessoa. Esta imagem é como a pedra do nosso exemplo. Ela chega à mente que então reage na forma de impressões. Estas impressões foram provocadas pela imagem que chegou à mente e as reações são as respostas a tais impressões.

Se se joga uma bola contra um muro, o muro recebe as impressões. Depois vem a reação que consiste na volta da bola a quem a jogou. Bom, pode ser que não chegue diretamente, mas de qualquer jeito a bola retorna e isso é reação.

O mundo está formado de impressões. Por exemplo: Chega-nos à mente a imagem de uma mesa através dos sentidos. Não podemos dizer que foi a mesa que chegou ou que a mesa se tenha metido em nosso cérebro. Isto é absurdo! Mas, a imagem da mesa sim está lá. Então, a mente reage imediatamente e diz: Esta é uma mesa de madeira, de metal, etc.

Há impressões que não são muito agradáveis. Por exemplo, as palavras de um insultador. Poderíamos transformar as palavras de um insultador?

As palavras são como são, então o que poderíamos fazer? Transformar as impressões que tais palavras nos causam. Isto sim é possível! O ensinamento gnóstico nos ensina a cristalizar a segunda força, o Cristo, em nós mediante o postulado que diz: *Há que se receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes.*

No postulado anterior, está o modo de transformar as impressões produzidas em nós pelas palavras de um insultador. Receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes. Este postulado nos levará, naturalmente, à cristalização da segunda força, o Cristo, em nós. Ele fará com que o Cristo venha a tomar forma em nós.

Se do mundo físico só conhecemos as impressões, então o mundo físico não é propriamente tão externo quanto as pessoas julgam. Com justa razão disse Emmanuel Kant: O exterior é o interior. Se o interior é o que conta, devemos, pois, transformar o interior. As impressões são interiores, logo todos os objetos, coisas e tudo o que vemos existe em nosso interior na forma de impressões.

Se não transformamos as impressões, nada mudará em nós. A luxúria, a cobiça, o orgulho, o ódio, etc., existem na nossa psique na forma de impressões que vibram incessantemente.

O resultado mecânico de tais impressões tem sido todos esses elementos inumanos que levamos dentro e que os temos chamado normalmente de eus, os quais em seu conjunto constituem o mim mesmo, o si mesmo.

Suponhamos, por exemplo, que um indivíduo vê uma mulher provocante e que não transforma essas impressões. O resultado será que elas, por serem de tipo luxurioso, produzirão nele o desejo de possui-la. Tal desejo vem a ser o resultado da impressão recebida que se cristaliza, toma forma em nossa psique e se converte num agregado a mais, isto é, num elemento inumano, num novo tipo de eu luxurioso que irá se agregar à soma de elementos inumanos que em sua totalidade constituem o Ego.

Em nós existe ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula. Por que ira? Porque muitas impressões chegaram a nós, ao nosso interior, e nunca foram transformadas. O resultado mecânico de tais

impressões de ira foram os eus que agora existem e vibram em nossa psique e que constantemente nos fazem sentir coragem.

Por que cobiça? Indubitavelmente, muitas coisas despertaram a cobiça em nós: o dinheiro, as jóias e outras coisas materiais de todo tipo. Essas coisas, esses objetos, chegaram a nós na forma de impressões e nós cometemos o erro de não ter transformado essas impressões em outras diferentes: em alegria, em admiração à sua beleza, etc. Tais impressões não transformadas, naturalmente, converteram-se em eus da cobiça que agora carregamos em nosso interior.

Por que luxúria? Já disse que as diferentes formas de luxúria chegaram a nós como impressões, isto é, surgiram no interior da nossa mente imagens de tipo erótico cuja reação foi a luxúria. Como quer que não transformamos essas ondas luxuriosas, esse erotismo malsão, naturalmente o resultado não se fez esperar, nasceram novos eus morbosos em nossa psique.

Assim, pois, toca-nos trabalhar hoje mesmo sobre as impressões que estão em nosso interior e sobre seus resultados mecânicos. Dentro de nós temos impressões de ira, cobiça, gula, orgulho, preguiça, luxúria, etc. Temos também dentro de nós os resultados mecânicos de tais impressões: blocos de eus brigões e gritões que agora precisamos compreender e eliminar.

Portanto, o trabalho de nossa vida consiste em saber transformar tais impressões e também em saber eliminar os resultados mecânicos das impressões não transformadas no passado.

O mundo exterior propriamente não existe. O que existe são as impressões e estas são internas. Assim também as reações a tais impressões são completamente interiores.

Ninguém poderia dizer que está vendo uma árvore em si mesma. Estará vendo a imagem da árvore, porém não a árvore. A coisa em si, como Emmanuel Kant a chamava, ninguém vê. Vê-se a imagem das coisas, isto é, surge em nós a impressão de uma árvore, de uma coisa... porém, são coisas internas, são da mente.

Se alguém não faz as suas próprias modificações internas, o resultado não se deixa esperar: produz-se o nascimento de novos eus que vêm a escravizar ainda mais a nossa essência, a nossa consciência… e o sonho em que vivemos se intensifica ainda mais.

Quando alguém compreende realmente tudo o que ocorre dentro dele mesmo, relacionado com o mundo físico, que tudo não passa de impressões, compreende também a necessidade de transformar essas impressões e, ao fazê-lo, verifica-se uma transformação nele mesmo,

Não há coisa que mais doa do que a calúnia ou as palavras de um insultador. Se alguém for capaz de transformar as impressões que tais palavras causam, elas ficarão sem valor algum, isto é, ficam como um cheque sem fundos. Certamente, as palavras de um insultador não têm mais valor do que aquele que o insultado lhes dá. Assim, se o insultado não lhes der valor, ficam, repito, como um cheque sem fundos. Quando alguém compreende isto, passa a transformar as impressões das palavras em algo diferente, por exemplo, em amor, em compaixão para com o insultador, etc. Naturalmente, isto é transformação! Assim, pois, precisamos estar transformando incessantemente as impressões. Não só as presentes e as passadas, como também as futuras.

Dentro de nós existem muitas impressões sobre as quais cometemos o erro de não transformar e muitos resultados mecânicos das mesmas, os quais são os tais eus que agora temos de desintegrar, aniquilar, a fim de que a consciência fique livre e desperta.

É indispensável que se reflita sobre o que estou dizendo. As coisas, as pessoas, não são mais do que impressões dentro de nós, dentro da nossa mente. Se transformamos essas impressões, transformamos radicalmente a nossa vida.

Quando em alguém há orgulho, este tem por embasamento a ignorância. Por exemplo, uma pessoa que se sente orgulhosa de sua posição social e de seu dinheiro. Se essa pessoa pensar um pouco, verá que sua posição social é uma questão meramente mental, que são uma série de impressões a chegar à sua mente, impressões sobre seu estado social. Quando descobrir que tal estado não é mais do que uma questão mental, ao fazer uma análise de seu real valor, dar-se-á conta de que sua posição social existe em sua mente na forma de impressões.

Tudo que o dinheiro e a posição social provocam nada mais são do que impressões externas da mente. Tão só com o fato de se compreender que são apenas impressões da mente, há transformação sobre as mesmas. Então, o orgulho, por si mesmo, cai, desmorona, nascendo em nós de forma natural a humildade.

Continuando com o estudo dos processos da transformação das impressões, prosseguirei acrescentando mais alguma coisa. A imagem de uma mulher luxuriosa chega à mente ou surge na mente. Tal imagem é uma impressão. Isto é óbvio! Poderíamos transformar essa impressão luxuriosa através da compreensão? Sim, bastaria que nesse instante pensássemos que ela um dia irá morrer e que seu corpo se tornará pó no cemitério e se, com a imaginação, víssemos seu corpo se desintegrando dentro do caixão, isto seria mais do que suficiente para transformar aquela impressão luxuriosa em castidade. Agora, se não a transformamos, se somará aos outros eus da luxúria.

Convém que transformemos as impressões que surgem na mente através da compreensão. Resulta altamente lógico que o mundo exterior não seja tão exterior como normalmente se crê. Tudo o que nos chega do mundo é interior porque nada mais são do que impressões internas.

Ninguém poderia socar uma árvore, uma cadeira, uma casa, um palácio, uma pedra, etc., dentro de sua mente. Tudo chega à nossa mente na forma de impressões. Isso é tudo! Impressões de um mundo que chamamos externo, mas que na realidade não é tão externo como se crê. Resulta impostergável que transformemos as impressões através da compreensão. Se alguém nos cumprimenta e nos elogia, como poderíamos transformar a vaidade que isso poderia provocar em nós? Obviamente, os elogios, as adulações, não são mais do que impressões que nos chegam à mente e esta reage na forma de vaidade. Porém, se se transforma essas impressões, a vaidade torna-se impossível. Como se transformaria as palavras de um adulador? Mediante a compreensão. Quando alguém compreende que não é mais do que uma infinitesimal criatura num lugar qualquer do universo, transforma de fato essas impressões de louvor, de lisonja, em algo diferente, converte tais impressões no que são realmente: pó, poeira cósmica. Isto porque compreendeu a sua própria situação.

Sabemos que a galáxia em que vivemos é composta por milhões de mundos. O que é a Terra? Uma partícula de poeira no infinito. E se víssemos que somos microorganismos dessa partícula? Então, o quê? Se compreendêssemos isto quando nos estão adulando, faríamos a transformação dessas impressões de lisonja, de adulação ou de louvor. Assim, como resultado, não reagiríamos de forma orgulhosa.

Quanto mais reflitamos nisto, mais e mais veremos a necessidade de uma transformação completa das impressões.

Tudo o que vemos externo é interior. Se não trabalharmos com o interior, iremos pelo caminho do erro porque não modificaremos os nossos hábitos. Se quisermos ser diferentes, temos de nos transformar integralmente e devemos começar transformando as impressões. Transformando as impressões animais e bestiais em elementos de devoção, ocorre em nós a transformação sexual, a transmutação.

Inquestionavelmente, este aspecto das impressões merece ser analisado de uma forma clara e precisa. A personalidade, que recebemos ou adquirimos, recebe as impressões da vida, mas não as transforma porque praticamente é algo morto.

Se as impressões caíssem diretamente sobre a essência, é óbvio que seriam transformadas porque, de fato, ela as depositaria exatamente nos centros correspondentes da máquina humana.

Personalidade é o termo que se aplica a tudo aquilo que adquirimos. É claro que traduz as impressões chegadas de todos os lados da vida de um modo limitado e praticamente estereotipado, de acordo com sua qualidade e associação.

A este respeito, no trabalho esotérico-gnóstico, se compara muitas vezes a personalidade com uma péssima secretária que está na sala de recepção e que se ocupa com todas as idéias, conceitos, preconceitos, opiniões e prejulgamentos. Dispõe de muitíssimos dicionários, enciclopédias de todo tipo, livros de referência, etc. Porém, não está sintonizada com os centros, isto é, o mental, o emocional e os centros físicos - intelectual, emocional, motor, instintivo e sexual - a não ser de acordo com suas inusitadas idéias. Como conseqüência ou corolário, termina acontecendo que se põe em contato quase sempre com os centros equivocados. Isto significa que as impressões que chegam são enviadas a centros indevidos, isto é, a locais que não lhe correspondem, produzindo, naturalmente, resultados indevidos.

Porei um exemplo para que me entendam melhor. Suponhamos que uma mulher atenda com muita gentileza e respeito a um cavalheiro. Claro que as impressões que ele está recebendo em sua mente são recebidas pela personalidade e esta as remete a centros equivocados. Normalmente, as manda ao centro sexual e o cavalheiro chega a crer firmemente que a dama está enamorada dele. Logicamente, não demorará muito e ele se apressará em fazer-lhe algumas insinuações de tipo amoroso. Indubitavelmente, se aquela dama jamais teve esse tipo de preocupação pelo cavalheiro, não deixará de sentir-se, com muita razão, surpreendida. Este é o resultado da péssima recepção das impressões. Vemos aqui quão má secretária é a personalidade. Indiscutivelmente, a vida de um homem depende dessa secretária que procura a transformação em seus livros de referência sem compreender em absoluto o que significa na realidade o acontecimento, em conseqüência o transmite sem se preocupar com o que possa ocorrer, unicamente sentindo que está cumprindo com o seu dever.

Esta é a nossa situação interior. O que importa compreender nesta alegoria é que a personalidade, que adquirimos e que devemos adquirir, começa a tomar conta da nossa vida.

Inquestionavelmente, é inútil pensar que isto ocorra somente a certas e determinadas pessoas. Acontece a todos, seja lá quem for.

É plenamente observável que existem numerosas reações características produzidas pelas impressões que nos chegam. Infelizmente, essas reações mecânicas nos governam. É claro que cada um é governado pela sua própria vida e não importa que se chame liberal ou conservador, revolucionário ou bolchevista ou bom ou mau no sentido da palavra.

É óbvio que essas reações diante dos impactos do mundo exterior constituem a nossa própria vida. A humanidade, neste sentido, podemos afirmar de forma enfática, que é completamente mecanicista.

Qualquer um formou durante sua vida uma enorme quantidade de reações; são as experiências práticas de sua existência. É claro que toda ação produz a sua reação, ações de certo tipo, e a tais reações damos o nome de experiências.

O importante seria poder relaxar a mente a fim de melhor conhecer nossas ações e reações. Isto de relaxamento mental é magnífico. Deitar-se na cama ou numa cômoda poltrona e relaxar todos os músculos pacientemente. Depois, esvaziar a mente de todo tipo de pensamentos, desejos, emoções, lembranças, etc. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, podemos conhecer melhor a nós mesmos. Em tais momentos de quietude e silêncio mental, é quando vimos a vivenciar de forma direta o cru realismo de todas as ações da vida prática.

Quando a mente se encontra em absoluto repouso, vemos toda a multidão de elementos, sub-elementos, ações, reações, desejos, paixões, etc., como algo alheio a nós mesmos, mas que aguarda o instante preciso para poder realizar seu controle sobre nós, sobre nossa personalidade. Eis aqui o motivo pelo qual vale o silêncio e a quietude da mente. Obviamente, o relaxamento do entendimento é benéfico no sentido mais completo da palavra, pois nos conduz ao auto-conhecimento individual.

Assim é que toda a vida, isto é, a vida exterior, o que vemos e vivemos, é para cada pessoa a sua reação às impressões que chegam do mundo físico.

É um grande erro pensar que o que é chamado vida seja uma coisa fixa, sólida, a mesma coisa para qualquer pessoa. Certamente, não há uma só pessoa que tenha as mesmas impressões que outra, no que diz respeito à vida existente no gênero humano, porque são infinitas.

Nossas impressões da vida são certamente a vida. É claro que podemos, se nos propomos, transformar tais impressões. Porém, como já foi dito, esta é uma idéia muito difícil de entender ou compreender devido a que o hipnotismo dos sentidos é muito poderoso.

Ainda que pareça incrível, todos os seres humanos se acham num estado de hipnotismo coletivo. Tal hipnose é produzida pelo estado residual do abominável órgão kundartiguador. Quando este órgão foi eliminado, restaram os diversos agregados psíquicos ou elementos inumanos que em seu conjunto constituem o mim mesmo, o si mesmo. Esses elementos e sub-elementos, por sua vez, condicionam a consciência e a mantêm em estado de hipnose. Assim, pois, existe a hipnose de tipo coletivo. Todo mundo está hipnotizado!

A mente está enfrascada no mundo dos cinco sentidos e não atina compreender como poderia se tornar independente deles; crê firmemente que é um deus. Nossa vida interior, a verdadeira vida de pensamentos e sentimentos, segue sendo confusa para as nossas concepções meramente raciocinativas e intelectivas. Não obstante, ao mesmo tempo, sabemos muito bem que o lugar onde realmente vivemos é no nosso mundo de pensamentos e sentimentos. Isto é algo que ninguém pode negar.

Nossas impressões são a vida e elas podem ser transformadas. Temos de aprender a transformar as nossas impressões, porém não será possível transformar coisa alguma se continuarmos apegados ao mundo dos cinco sentidos.

Como disse em meu tratado de PSICOLOGIA REVOLUCIONARIA, a experiência ensina que se o trabalho esotérico-gnóstico é negativo, isso se deve a própria culpa.

Do ponto de vista sensorial, é esta ou aquela pessoa do mundo exterior, que se vê ou que se ouve com os olhos e os ouvidos, quem tem a culpa. Essa pessoa dirá por sua vez que nós é que somos os culpados. No entanto, a culpa está nas impressões que nós temos das pessoas. Muitas vezes pensamos que alguém é um tipo perverso quando no fundo é uma mansa ovelha.

Convém muito aprender a transformar todas as impressões que tenhamos sobre a vida. Temos de aprender a receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes.

O ESTÔMAGO MENTAL

Conforme estudamos no capítulo anterior, sabemos que existem três tipos de alimentos: os alimentos propriamente ditos, os relacionados com a respiração e as impressões.

A digestão dos alimentos traz como resultado a assimilação de princípios vitais pelo sangue. O resultado da respiração é a assimilação do oxigênio tão valioso para a vida humana. A assimilação ou digestão das impressões traz como resultado a absorção de uma energia mais fina que a assimilada nas outras duas digestões.

As impressões correspondem aos cinco sentidos. Há dois tipos de impressões: agradáveis e desagradáveis.

O ser humano precisa saber viver. Porém, para tal, terá de aprender a digerir e a transformar as impressões. Isto é vital para a compreensão.

Temos que transformar as impressões se, de verdade, queremos saber viver. As impressões que chegam à mente possuem hidrogênio 48. Lamentavelmente, o ser humano vive mecanicamente. O homem poderia transformar o hidrogênio 48 em hidrogênio 24 a fim de fortalecer os chacras, o 24 em 12 para fortalecer a mente e o 12 em 6 para fortalecer a vontade.

Na atualidade, há necessidade de se transformar a mente, passar para um novo nível mental, senão as impressões prosseguirão chegando aos mesmos locais equivocados de sempre.

As pessoas julgam poder ver as coisas de diferentes ângulos e que são soberanas, mas não se dão conta de que a mente humana está limitada pelos preconceitos e prejulgamentos.

Nestes tempos modernos, temos de transformar o aparato mental. Temos de ser diferentes, distintos. Faz-se urgente e necessário a fabricação de um aparato intelectual superior, adequado para transformar e digerir as impressões.

Assim como o aparelho digestivo tem um estômago para que os alimentos possam ser assimilados e assim como o sistema respiratório tem pulmões para assimilar o oxigênio, o homem-máquina precisa criar um estômago mental; não se vá a confundir ou a interpretar como alguma coisa física.

Antes de se digerir as impressões, há que se transformá-las. O ensinamento gnóstico permite e facilita a criação de dito estômago, que tornará o animal intelectual em alguma coisa distinta.

A necessidade de transformação não pode nascer sem que se tenha compreendido a sua necessidade. Esta compreensão surge ao se absorver o conhecimento gnóstico.

Quando se pensa positivamente e diferente das pessoas, é sinal de que se está mudando. Há que se deixar de ser o que somos para ser o que não somos. Há que se perder de si mesmo. O resultado de tudo isto será o aparecimento de alguém que não será mais ele mesmo.

No caminho da transformação das impressões, temos de ser sinceros conosco mesmos. Não há porque tentar persuadir a si próprio. No princípio, aparece a justificação, porém temos que estudar essa justificação, a qual pode ser fruto do amor próprio.

Há que se descobrir as causas e os motivos das atuações tidas diante das impressões. Quando alguém transforma as impressões tudo se torna novo.

Somente os Mestres da Fraternidade Oculta podem transformar imediatamente as impressões. Quanto às máquinas humanas, estas não as transformam.

O homem consciente pode modificar as situações provocadas pelas impressões passadas, presentes e futuras. Se as pessoas não são capazes de transformar as circunstâncias, continuarão sendo joguetes delas e dos demais.

A vida tem um objetivo: um mundo superior. Os ensinamentos gnósticos ensinam a viver num mundo superior, a viver numa humanidade solar e imortal. Se alguém não aceita um mundo superior, a transformação não tem sentido para ele. Isto é óbvio.

A mente da maneira como agora se encontra não serve para nada. Temos de organizá-la, remodelá-la, mobiliá-la, etc., isto é, pô-la em um nível intelectual superior.

Para se poder transformar as impressões, há que se reconstruir a cena tal como aconteceu e averiguar o que foi que mais nos feriu. Se não houver a digestão das impressões, não se obterá os alimentos necessários e se não houver os alimentos, os corpos existenciais do Ser ficarão debilitados.

O eu nutre-se com o hidrogênio 48 e nos governa. A cada dia, a cada hora, estão nascendo novos eus. Por exemplo: os mosquitos nos incomodam, a chuva também, etc… sempre existe uma soma e um resto de eus.

As boas impressões também devem ser transformadas. Se houve durante o dia três impressões que afetaram o nosso estado de ânimo, elas deverão ser estudadas de noite e transformadas mediante um planejamento ordenado. Cada eu está ligado a outros, estão associados. Os eus se conjugam a fim de formar a mesma cena.

Temos de ser analíticos e judiciosos na transformação das impressões para que por fim apareçam novas faculdades. Quando as pessoas não se transformam, prosseguem no mesmo estado vergonhoso e ridículo. Não havendo digestões, se está involuindo.

Temos de digerir as impressões do próprio dia… Não permitas que o sol se oculte sobre a tua ira! Tens que ver as coisas como são! Há que se criar a conveniente aparelhagem do estômago mental para não ser vítima de nada!

SISTEMA PARA TRANSFORMAR AS IMPRESSÕES DO DIA

É urgente e necessário se transformar as impressões do dia antes de dormir da seguinte maneira:

1. Relaxamento absoluto.
2. Chegar ao estado de meditação.
3. Reviver a cena tal como aconteceu.
4. Buscar dentro de si mesmo o eu que ocasionou o problema.
5. Observação serena. Se colocará o Ego no banco dos réus e se procederá o seu julgamento.
6. Pedir a desintegração do eu-problema à Divina Mãe Kundalini.

A Nona Esfera

A descida à Nona Esfera foi, nas antigas e grandes civilizações que nos precederam no decurso da história, a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Hermes, Buddha, Jesus, Dante, Zoroastro e muitos outros grandes Mestres tiveram que passar por essa difícil prova.

Lembrai−vos, amadíssimos discípulos, que a Nona Esfera é o sexo. Muitos são os que entram na Nona Esfera, mas é muito raro encontrar alguma pessoa que saia vitoriosa dessa difícil prova. A maior parte dos estudantes ocultistas vive mariposeando de escola em escola, de loja em loja, como curiosos, sempre em busca de novidades, sempre à caça de todo conferencista novo que chegue à cidade. E, quando algum destes estudantes resolve trabalhar com o Arcano A.Z.F., quando resolve baixar à Nona Esfera para trabalhar com o Fogo e a Água, o faz como sempre, "buscando", sempre curioso e sempre néscio. O estudante ocultista tenta sempre transformar tudo em "escolinhas e teorias". Se resolve entrar na Nona Esfera, o faz como se estivesse entrando em mais uma escola. Como sempre um imbecil, um curioso, um tolo.

Difícil é achar um aspirante sério que se defina de verdade pela Senda do Matrimônio Perfeito. Às vezes aparecem alguns estudantes aparentemente muito maduros e sérios, mas logo se vê o que há por trás das aparências. Triste realidade, porém essa é a verdade dessa vida.

As provas da Nona Esfera, são muito sutis e delicadas. O médico aconselha o devoto a fornicar, porque senão corre o risco de adoecer. As comadres metem medo na esposa. Os irmãozinhos de todas as organizações espiritualistas assustam o estudante. Os magos das trevas, disfarçados de santos, aconselham o devoto a derramar santamente o sêmen. Os pseudo−sábios ensinam ao aspirante magia sexual negativa com derramamento do sêmen. A forma de ensinar, o requinte sublime e místico que esses tenebrosos, disfarçados de santos, dão à sua doutrina, conseguem desviar o devoto e afastá−lo da Senda do Fio da Navalha, e então o estudante cai na magia negra.

Quando o estudante se desvia, se crê mais sábio que os Mestres da Gnose. Realmente, os fracassados da Nona Esfera, os que não conseguem passar

as árduas e longas provas deste Arcano, convertem−se de fato em demônios terrivelmente perversos. E o pior do caso é que nenhum demônio se considera mau e perverso, mas pelo contrário, todo demônio se acha santo e sábio.

No começo, com as práticas de Magia Sexual, o organismo se ressente, às vezes inflamam−se as glândulas sexuais e as parótidas, a cabeça dói, sente−se uma espécie de tontura, etc. Isso horroriza os curiosos mariposeadores de "escolinhas", que fogem aterrorizados, buscando refúgio, como sempre, em alguma nova escolinha. Assim passam a vida estes pobres "tontos", sempre buscando, sempre mariposeando de "flor em flor". Até que um belo dia morrem sem terem conseguido nada. Perderam o tempo miseravelmente. Chegada a morte, esses néscios convertem−se em legião de demônios que continuam.

A Nona Esfera é definitiva para o aspirante à realização. Repito que é impossível auto−realizar−se intimamente, sem haver encarnado a Alma. Ninguém pode encarnar a Alma, se não engendrou o Astral Cristo, a Mente Cristo e a Vontade Cristo. Os atuais veículos internos do homem mencionados pela Teosofia são apenas simples formas mentais que todo homem deve dissolver quando intenta auto−realizar−se intimamente.

Necessitamos nascer e isso de nascer é, foi e será sempre um problema absolutamente sexual. É necessário nascer e para tal tem−se que descer à Nona Esfera. Esta é a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Esta é a prova mais difícil. É muito raro encontrar alguém que possa passar essa difícil prova. Comumente, todo mundo fracassa na Nona Esfera. É mister que os esposos se amem profundamente. Costuma−se confundir o desejo com o amor. Todo o mundo canta ao desejo, confundindo−o com isso que se chama Amor. Só aqueles que encarnam sua Alma sabem o que é Amor. O Eu não sabe o que é Amor, pois o Eu é desejo.

Quem encarna sua Alma torna−se então um Buddha. Todo Buddha deve trabalhar na Nona Esfera para encarnar o Cristo Interno. Na Nona Esfera nasce o Buddha. Na Nona Esfera nasce o Cristo. Primeiro devemos nascer como Buddhas e depois como Cristos.

Bendito seja o Amor. Benditos os seres que se amam verdadeiramente. Benditos aqueles que saem vitoriosos da Nona Esfera.

Os Mete−Medos

Muitos pseudo−esoteristas cometeram genocídios inqualificáveis. Realmente, os mete−medos contra o Kundalini são um verdadeiro genocídio. É um crime inqualificável contra a humanidade dizer às pessoas, em livros impressos, que despertar o Kundalini é perigoso. Os propagadores de mete−medos contra o Kundalini, são piores que os criminosos de guerra. Estes últimos cometem crimes contra as pessoas, porém os pseudo−esoteristas propagadores de mete−medos cometem crimes contra a Alma. Quem não desperta o Kundalini não pode encarnar sua Alma. Quem não desperta o Kundalini fica sem Alma, perde sua Alma.

É falso dizer que o Kundalini possa despertar sem que a pessoa progrida moralmente e que portanto tenha que aguardar, até que se realize o dito progresso. O desenvolvimento do Kundalini está controlado pelos méritos do coração. Nós fornecemos instruções concretas sobre o Kundalini e toda verdadeira cultura serpentina conhece profundamente o caminho.

Não é verdade que o Kundalini possa entrar por caminhos diferentes, quando se pratica Magia Sexual Branca. Somente quando se pratica Magia Sexual Negra o Kundalini desce para os infernos atômicos do homem e converte−se na cauda de Satã. Também é falsa aquela absurda afirmação dos mete−medos, de que o Kundalini pode sair do canal medular, romper tecidos, produzir terríveis dores e até ocasionar a morte. São absolutamente falsas essas afirmações dos assassinos de almas, porque cada uma das sete serpentes tem os seus Mestres especialistas que vigiam o estudante, que nunca é abandonado em seu trabalho. O estudante, quando desperta a primeira serpente, é atendido por um especialista, quando desperta a segunda serpente é atendido por outro especialista e assim sucessivamente. Estes especialistas conduzem a serpente pelo canal medular. Nenhum estudante está abandonado. Os especialistas têm que responder pelo estudante. Os especialistas vivem no Mundo Astral.

O Kundalini só desperta negativamente, quando se derrama o sêmen. Quem pratica Magia Sexual sem derramamento de sêmen, nada tem a temer.

Ninguém pode ativar os aspectos superiores do Kundalini, sem uma perfeita santidade. É uma inverdade dizer que existem funestas possibilidades para a prematura ativação do Kundalini. Tal afirmação é falsa porque não pode existir a ativação prematura do fogo. O Kundalini só pode ser ativado à custa de santificações. O Kundalini não sobe uma vértebra sequer, se as condições

de santidade requeridas para tal vértebra não foram conquistadas. Cada vértebra possui suas condições morais de santidade.

Portanto, é falso e estúpido afirmar que o Kundalini possa despertar ambição, orgulho, ou intensificar todas as baixas qualidades e paixões animalescas do Ego animal. Os que se utilizam desses mete−medos para afastar os estudantes do real caminho são verdadeiros ignorantes, porque o Kundalini despertado com Magia Sexual Branca não pode progredir nem um só grau, se não houver santidade verdadeira.

O Kundalini não é uma força cega, nem tampouco uma força mecânica. O Kundalini está controlado pelos fogos do coração e só se desenvolve à base de Magia Sexual e de Santidade.

Temos que reconhecer que no México, a cultura serpentina foi e continua sendo formidável. Cada escultura Azteca é um livro maravilhoso de ciência oculta. Ficamos extasiados ao contemplar a Quetzalcoatl, com a Serpente enroscada em seu corpo e o Lingam−Yoni em suas mãos. Ficamos assombrados ao contemplar a gigantesca Serpente devorando o mago. Enchemo−nos de singular veneração ao ver o Tigre com um Falo pendurado ao pescoço. Realmente o Verbo está no Falo.

Na cultura Azteca não há mete−medos. Cada livro de pedra, cada Lamen índígena, está nos convidando para o despertar do Kundalini. Urge primeiramente despertarmos o Kundalini e depois sermos devorados pelo Kundalini. Necessitamos ser tragados pela cobra. É necessário que o Kundalini nos trague.

Necessitamos ser devorados pela Serpente. Quando o homem é devorado pela Serpente, converte−se também em Serpente. Só a Serpente Humana pode encarnar o Cristo. Cristo nada pode fazer sem a Cobra.

As autênticas culturas Aztecas, Maias, Egípcias e Caldéias, etc, são culturas serpentinas, que não podem ser compreendidas sem a Magia Sexual e sem o Kundalini.

Toda a cultura Azteca é serpentina. Toda autêntica e verdadeira civilização é serpentina. A civilização sem a Sabedoria da Serpente não é realmente civilização.

Ascensão e Descida do Kundalini

Estão mentindo terrivelmente os pseudo−esoteristas ao afirmarem que o Kundalini, depois de subir até o chakra coronário ou Loto das Mil Pétalas, desce novamente até ficar guardado na Igreja de Éfeso ou centro coxígeno. O Kundalini só desce quando o Iniciado se deixa cair. O Iniciado cai quando derrama o sêmen. O trabalho para levantar a Serpente, depois de haver−se caído, é muito árduo e difícil. O Senhor de Perfeição disse: "O discípulo não deve deixar−se cair, porque o discípulo que se deixa cair terá depois que lutar muitíssimo para recuperar o perdido". Os hindus dizem que no interior do canal medular há um canal chamado Sushumna, dentro do qual há outro canal chamado Vajrini e dentro deste um terceiro chamado Chitrini "tão fino como o fio da aranha, no qual estão enfiados os chakras, à semelhança dos nós de uma cana de bambu". Assim falam os livros sagrados da Índia e nós sabemos que o Kundalini sobe por Chitrini única e exclusivamente com o Maithuna, Magia Sexual, Arcano A.Z.F.

Nós praticamos a meditação interna para alcançar o êxtase, mas sabemos muito bem que o Kundalini não desperta com a meditação, porque o Kundalini é sexual. É falso assegurar que se consegue o despertar do Kundalini com a meditação. A meditação é uma técnica para receber informação. A meditação não é nenhuma técnica para despertar o Kundalini. Os pseudo−esoteristas fizeram muito dano com sua ignorância.

Na Índia existem sete escolas fundamentais de Ioga e todas elas falam do Kundalini. De nada servem essas escolas de Ioga, se nelas não se estuda o Tantrismo. O melhor do Oriente é o Tantrismo. Em toda autêntica escola de Ioga Esotérica pratica−se o Maithuna (Magia Sexual). Isso é Tantrismo. Os Tantras conferem à Ioga valor fundamental.

No centro do Loto do Coração existe um triângulo maravilhoso. Triângulo este que existe também no chakra coccígeo e no chakra frontal, sendo que há em cada um destes chakras um nó misterioso. Estes são os três nós. Estes nós guardam um profundo significado. Eis aqui três mudanças fundamentais no trabalho com a Serpente. No primeiro nó (Igreja de Éfeso) abandonamos o sistema de derramar o sêmen. No segundo nó (Igreja de Tiátira) aprendemos a amar verdadeiramente. No terceiro nó (Igreja de Filadélfia) alcançamos a verdadeira sabedoria e vemos clarividentemente.

O Kundalini em sua ascenção tem que desatar os três nós misteriosos. Os pseudo−esoteristas maravilham−se pelo fato de que os primitivos iogues

hindus não mencionem quase os chakras etéricos ou plexos e por outro lado dediquem toda sua atenção aos chakras do espinhaço e ao Kundalini.

Realmente, os primitivos iogues hindus eram Tântricos e praticaram o Maithuna. Foram verdadeiros iniciados na sabedoria da Serpente, pois sabiam perfeitamente que na medula e no sêmen se acha a chave de nossa redenção. Eles compreendiam que o Kundalini desperto abre os chakras espinhais e que estes por sua vez põem em atividade os chakras dos plexos. O principal é, pois, os Chakras Espinhais e a Serpente. E isto sabiam muito bem os grandes sábios e os patriarcas das arcaicas civilizações serpentinas.

Nos três triângulos dos chakras básico, cardíaco e frontal, a Deidade está representada por um Lingam sexual, o que diz muito, mas os ignorantes ilustrados sempre buscam evasivas e desculpas para alterar a verdade. Mas não é justo que os pseudo−esoteristas continuem enganando, consciente ou inconscientemente, a pobre humanidade doente. Nós estudamos a fundo as grandes civilizações serpentinas e por isso falamos claramente, para que se salvem verdadeiramente os que quiserem se salvar. Aqui estamos nós para dizer a verdade, e a dizemos, mesmo que os pseudo−ocultistas e infra−sexuais se declarem nossos piores inimigos. Temos que dizer a verdade e a dizemos com muito prazer.

É necessário trabalhar com o Kundalini e desatar os três nós. Os três nós são os três triângulos que transformam nossa vida com Castidade, Amor e Sabedoria.

O Espasmo Sexual

A Loja Branca proibiu totalmente e de modo absoluto o espasmo sexual. É absurdo chegar até o espasmo. Os que estão dispostos a evitar a ejaculação seminal, sem abandonar o prazer do espasmo (gozo que precede à ejaculação), podem sofrer consequências desastrosas para seu organismo. O espasmo é muito violento. Tal violência contra o organismo trará como resultado impotência, danos ao sistema nervoso, etc. Todo aquele que pratica Magia Sexual deve retirar−se do ato amoroso muito antes do espasmo. Os médicos conhecem sobejamente os motivos pelos quais quem pratica Magia Sexual deve retirar−se antes do espasmo. A Magia Sexual deve ser praticada só uma vez por dia e jamais duas ou mais vezes. Jamais na vida se deve derramar o sêmen. Jamais, jamais, jamais. Esta é a ordem da Loja Branca. Todos temos que entendê−la e obedecê−la.

Se por desgraça vier o espasmo, contra a nossa vontade, os discípulos devem retirar−se do ato imediatamente e tomarem logo a posição de barriga para cima, isto é, ficarem em decúbito dorsal, a fim de refrear o espasmo com os seguintes movimentos:

Indicação

1. Fazer o supremo esforço que uma mulher faz para parir, enviando a corrente nervosa para os órgãos sexuais, esforçando−se para fechar com a corrente nervosa os esfíncteres ou portas de escape, por onde o licor seminal costuma escapar. Trata−se de um esforço inaudito.
2. Inspirar, como bombeando ou fazendo subir com a respiração o licor seminal até o cérebro. Ao inalar o ar deve−se vocalizar o mantram "HAM" imaginando que essa energia sobe até o cérebro e passando depois ao coração.
3. Exale a seguir o alento, imaginando que a energia sexual está se fixando no coração e vocalize o mantram "SAH".
4. Se o espasmo é muito forte, refreie, e torne a refrear, e continue a inspirar e a expirar com a ajuda do Mantram HAM−SAH.

"HAM" é masculino e "SAH" é feminino. HAM é solar e SAH é lunar. Tem−se que expulsar rapidamente o ar pela boca produzindo o som "SAH", de forma suave e deliciosa. Tem−se que inspirar com a boca entreaberta, cantando mentalmente o Mantram "HAM".

A idéia primordial deste exercício esotérico é a de inverter o processo respiratório, tornando−o verdadeiramente positivo. No estado atual predomina o aspecto negativo ou lunar "SAH", que vem produzir a descarga seminal. Invertendo o processo respiratório mediante esta prática, a força centrífuga converte−se em centrípeta e o sêmen flui então para dentro e para cima.

Ampliação

Esta indicação que acabamos de dar para os casos de espasmo, pode também aplicar−se em geral a toda prática de Magia Sexual. Toda prática de Magia Sexual pode finalizar com este exercício maravilhoso. O trabalho na Nona Esfera significa luta, sacrifício, esforço, vontade. Os fracos fogem espavoridos, horrorizados da Nona Esfera. Aqueles que são devorados pela Serpente, convertem−se em Serpentes, em Deuses.

Ioga Sexual

Na Índia existem três tipos de Tantrismo:

- Primeiro: Tantrismo Branco.
- Segundo: Tantrismo Cinzento.
- Terceiro: Tantrismo Negro.

No Tantrismo Branco pratica−se Magia Sexual sem derramamento do sêmen.

No Tantrismo Cinzento ora há derramamento do sêmen, ora não há derramamento do sêmen. Este gênero de Tantrismo conduz o devoto ao Tantrismo Negro.

No Tantrismo Negro existe o derramamento do sêmen. Dentro do Tantrismo Negro encontramos os Dugpas de capacete vermelho, magos negros terríveis e perversos. Estes malvados possuem processos asquerosos para reabsorver o sêmen pela uretra, depois de havê−lo derramado miseravelmente. O resultado é fatal, porque o sêmen, depois de haver sido derramado, carrega−se de átomos satânicos e ao penetrar novamente no organismo adquire o poder de despertar o Kundalini de forma negativa. Então, este desce para os infernos atômicos do homem e se converte na cauda de Satã. Assim é como o ser humano se separa para sempre do seu Ser Divino e se afunda para sempre no abismo. Todo aquele que derrama o Vaso de Hermes é Mago Negro devidamente reconhecido.

Na Índia, a Magia Sexual é conhecida com o nome de Maithuna, ou também com a denominação de Urdhvaratus Yoga, sendo que os seus praticantes são chamados Ordvaretas Yoguis.

Em todas as Escolas de Ioga, verdadeiramente sérias e responsáveis, pratica−se a Magia Sexual de forma secretíssima. Quando um casal de Iogues (homem e mulher) se acha bem preparado, são levados para um lugar secreto, onde são instruídos sobre o Maithuna (Magia Sexual).

Os casais se unem sexualmente para trabalhar na Grande Obra sob a vigilância de um Guru (Mestre). O homem sentado sobre uma almofada em atitude búdica, com as pernas cruzadas à moda oriental, entra em contato

sexual com a mulher. Ela deverá sentar−se sobre as coxas do homem, envolvendo com suas pernas o tronco do homem. Ao sentar−se sobre ele deverá logicamente absorver o seu falo. Assim homem e mulher conectam−se sexualmente. Os casais de ioguins permanecem durante horas inteiras sem derramar o sêmen. É obrigação do iogue não pensar, quando se acha na prática de Magia Sexual.

Homem e mulher, nesses momentos, atingem o estado de êxtase. O casal fica assim profundamente enamorado. As energias criadoras sobem vitoriosas pelos seus respectivos canais até o cálice do cérebro. O desejo animal é rechaçado. Depois, o casal retira−se do ato amoroso sem haver derramado o sêmen.

Este modo de praticar Magia Sexual, ao estilo oriental, pode ser muito incômodo para a gente ocidental, no entanto é recomendável para aquelas pessoas que não conseguem refrear o ato para evitar o derramamento do Vaso de Hermes. Com esta prática podem treinar sexualmente os gnósticos para aprender a frear e evitar o derrame do sêmen. Os casais gnósticos não necessitam da vigilância física de nenhum Mestre, mas poderão invocar aos Mestres do Astral para que os ajudem. O casal deve estar a sós.

É importante que durante a prática de Magia Sexual não exista o desejo animal. Lembrem−se que o desejo e diabólico. O Eu é desejo. O Eu é diabólico. Onde existe o desejo não pode haver o amor, porque amor e desejo são incompatíveis. É necessário saber que o desejo produz engano. Quem deseja, pensa estar enamorado, sente−se enamorado e pode até jurar que está enamorado. Esse é o engano do desejo. Inúmeras vezes ouvimos os casais dizerem que se adoram. Mas, depois de casados, o castelo de cartas de derruba e fica a triste realidade. Os que se acreditam enamorados no fundo se odeiam e o fracasso, depois de satisfeito o desejo, é inevitável. Então, só escutamos queixas e lamentações, reprovações e lágrimas. Onde estava o amor? O que se fez do amor?

É impossível Amar quando há desejo. Só aqueles que já encarnaram sua alma sabem amar verdadeiramente. Pois o Eu não sabe amar, só a alma sabe amar. O amor tem seu clima próprio, seu sabor, sua felicidade. Isso só conhece quem já matou o desejo animal. Isso só sabe e experimenta quem já encarnou sua alma. O amor não se assemelha a nada daquilo que as pessoas chamam amor.

O que se acredita ser amor é tão somente desejo enganador. O desejo é uma substância enganosa que se combina maravilhosamente na mente e no coração, para fazer−nos sentir algo que não sendo amor, faz−nos crer firmemente que seja amor. Só a horrível realidade que se apresenta depois de consumado o ato e satisfeito o desejo vem demonstrar−nos claramente que fomos vítimas de um engano.

Acreditávamos estar enamorados e realmente não estávamos.

O ser humano ainda não sabe o que é Amor. Na realidade só a alma pode e sabe amar. O homem ainda não encarnou sua alma e por isso não sabe ainda o que é amor. Satã não sabe o que é o Amor. A única coisa que o ser humano tem encarnada atualmente é Satã (o Eu). O ser humano não sabe amar.

O amor só pode existir de coração para coração, de alma para alma. Quem não encarnou sua alma não sabe amar. Satã não pode amar e é exatamente isso o que o ser humano tem encarnado. O Matrimônio Perfeito é a união de dois seres, um que ama mais e outro que ama melhor. O Amor é a melhor religião que o ser humano pode chegar a professar.

O desejo é uma substância que se decompõe em muitas substâncias, as quais conseguem enganar a mente e ao coração. Aquele que se desesperar porque sua mulher fugiu com outro homem, na realidade não estava enamorado. O amor verdadeiro não exige nada, nada pede, não deseja nada, não pensa em nada, pois só quer uma coisa: a felicidade do ser que ama. Isso é tudo. O homem que perde a mulher que ama só exclama "Sinto−me feliz por você ter encontrado a sua felicidade. Ainda que seja com outro homem, isso é motivo suficiente para que me sinta feliz".

Desejo é outra coisa. O apaixonado que perdeu a mulher que amava e que se foi com outro pode chegar a matar e a matar−se também, pois cai no mais horrível desespero, em virtude de ter perdido o instrumento do prazer. Isso é tudo.

Com efeito, o verdadeiro amor só é conhecido por aqueles que já encarnaram sua alma. A humanidade ainda não conhece isso que se chama Amor. Na verdade o Amor é como um menino inocente, é como um cisne de lívida plumagem. O Amor se parece com os primeiros folguedos da infância. O Amor não sabe nada porque é inocente. A melhor sabedoria é não saber nada. Ao dissolvermos esse horrível espectro (o Eu) que continua depois da

morte, então nasce em nós isso que se chama Amor. Ao chegarmos a esse estado, recobramos a inocência perdida.

Atualmente, o ser humano só tem encarnado um embrião de alma, o qual lança, às vezes, algumas centelhas de amor. A mãe que adora seu filho é um perfeito exemplo disso que se chama Amor. O embrião de alma pode robustecer−se com a chama bendita do amor.

O homem e a mulher às vezes chegam a sentir as radiações do Amor que brotam do embrião da alma, mas afogam−nas imediatamente com as violentas e terríveis paixões que Satã lhes dá. Se cultivarmos essas divinas vibrações do amor, podemos então fortificar e robustecer o embrião de alma para viver com intensidade, mais tarde, isso que se chama Amor.

O amor robustece o embrião de alma e assim é como conseguimos a encarnação da alma.

Raríssimos são os seres humanos capazes de sentir as divinas vibrações amorosas que se irradiam do embrião de alma. Normalmente, o que a humanidade sente são as forças do desejo. O desejo também canta e se transforma em romances e ternuras infinitas. O desejo é o veneno mais enganador que existe em todo o cosmos. Todo aquele que é vítima do grande enganador pode jurar que está enamorado. Homens e Mulheres: convido−vos ao Amor. Segui os passos daqueles poucos que no mundo souberam amar.

Deuses e Deusas: amai−vos no encanto nupcial do paraíso. Felizes os seres que se amam verdadeiramente. Somente o Amor pode converter−nos em Deuses.

Endocrinologia

Mesmo que pareça incrível, é absolutamente certo e verdadeiro que a ciência está mais próxima da transmutação e da sexo−ioga do que mesmo muitos estudantes de Ioga. A Endocrinologia está destinada a desempenhar uma verdadeira revolução criadora. Os homens de ciência já sabem que as glândulas sexuais não são cápsulas fechadas, pois elas incretam e excretam hormônios.

Os hormônios de excreção são chamados conservadores, porque perpetuam a espécie, ao passo que os hormônios de increção são denominados

vitalizadores, porque vitalizam o organismo humano. Este processo de "increção" hormonal é transmutação: transformação de um tipo de energia−matéria em outro tipo de energia−matéria. O Maithuna (A Magia Sexual) é transmutação sexual intensificada. O Gnóstico increta, transmuta e sublima a totalidade da matéria−energia sexual. A riqueza e a abundância dos hormônios sexuais inundam o sistema circulatório do sangue e chegam às diversas glândulas de secreção interna, estimulando−as e incitando−as a trabalhar intensamente. Assim, com a transmutação sexual intensificada, as glândulas endócrinas ficam super−estimuladas, produzindo, como é natural, maior número de hormônios que vêm animar e modificar todo o sistema nervoso líquido.

A ciência já reconhece a transmutação sexual em todo indivíduo de sexualidade normal. Basta que a ciência avance algo mais para reconhecer a transmutação sexual intensificada dos indivíduos supra−sexuais. Quem estudar biologicamente os trinta e dois signos capitais do Buddha, chegará à conclusão de que os caracteres sexuais secundários do Buddha eram realmente os de um super−homem. Estes caracteres sexuais secundários do Buddha, acusam, assinalam uma intensíssima transmutação sexual.

É fora de dúvida de que o Buddha praticou o Maithuna (a sexo−ioga, a Magia Sexual, o Arcano A.Z.F.). Buddha ensinou Tantrismo Branco (Magia Sexual), sendo que esse ensinamento foi dado secretamente a seus discípulos. O Budismo Zen e o Chan ensinam Maithuna e os casais praticam esta sexo−ioga.

Caracteres Sexuais Secundários

Existem os caracteres sexuais primários e os secundários. Os primeiros se relacionam com as funções sexuais dos órgãos criadores e os segundos com a distribuição das gorduras, formação dos músculos, pêlos, palavra (voz), forma do corpo, etc. É claro que a forma do corpo da mulher é diferente da do homem e vice−versa. Também é muito certo que qualquer dano aos órgãos sexuais modifica o organismo humano. Os caracteres sexuais secundários de um eunuco, são os de um degenerado. Os caracteres sexuais secundários de um indivíduo de sexo intermédio, ou sodomita, indicam um invertido, um infra−sexual. Que se deduziria de um indivíduo afeminado? Que se deduziria de uma mulher masculinizada? Que tipo de caracteres primários corresponderia a indivíduos com caracteres secundários opostos aos do seu próprio sexo? É fora de dúvida que em tais sujeitos existe o infra−sexo.

A ioga−sexual, o Maithuna, o Arcano A.Z.F. (Magia Sexual), é um tipo de funcionamento supra−sexual, que modifica de fato os caracteres sexuais secundários, produzindo um novo tipo de homem, um super−homem. É absurdo supor que o super−homem possa resultar de crenças, teorias, sectarismos, fanatismos, escolas, etc... Realmente o super−homem não provém do que se acredita ou deixe de se acreditar, da escola a que pertencemos ou deixemos de pertencer. Os caracteres sexuais secundários só se modificam através da modificação dos caracteres primários. Os autênticos Ioguins Iniciados conseguem com a sexo−ioga (Maithuna) modificar os caracteres secundários sexuais de modo positivo, transcendental e divino.

Psicologia e Endocrinologia

A Psicologia parecia já estar estagnada, quando felizmente apareceu a ciência da Endocrinologia.

Assim, a Psicologia tomou novo alento. Já se fizeram intentos para estudar a vida dos grandes homens de acordo com seu tipo biológico. Por exemplo, se diz que o ocaso de Napoleão coincide com o processo de decadência de sua glândula pituitária. Os caracteres psicológicos são determinados pelas glândulas endócrinas e pelos caracteres sexuais primários.

O tipo Bio−Psicológico é definitivo e ninguém pode negá−lo, dependendo dos caracteres sexuais primários.

Realmente o tipo Bio−Psicológico pertence aos caracteres sexuais secundários e é inteiramente determinado pelos caracteres sexuais primários. Baseados nisso podemos afirmar que se quisermos o Ser Bio−Tipo−Psicológico, devemos trabalhar com os caracteres sexuais primários. Somente com a Magia Sexual, Maithuna ou Sexo−Ioga, logramos produzir o Tipo−Bio−Psicológico do Mestre, do Super−Homem, do Mahatma.

O Infra−Sexo

Fizemos, neste capítulo, afirmações que os infra−sexuais odeiam mortalmente. Eles, na realidade, se auto−consideram supra−sexuais, super−transcendentes. Os infra−sexuais se acham mais perfeitos que o Terceiro Logos e não têm inconveniente para afirmar que o sexo é algo grosseiro, imundo, material. Os infra−sexuais ignoram que o sexo seja a força criadora do Espírito Santo, sem a qual jamais poderão conseguir a

Auto−Realização Íntima. Desgraçadamente eles insultam o Terceiro Logos e sua força sexual maravilhosa. Para o infra−sexual, a divina força sexual do Espírito Santo é algo pecaminoso, grosseiro e material.

Os infra−sexuais têm a vã ilusão de poder auto−realizar−se através de leituras, filosofias, crenças, exercícios respiratórios (sistema fole), etc. É evidente que com todas estas coisas não conseguirão jamais transformar os caracteres sexuais secundários e o resultado será o inevitável fracasso.

Evolução e Involução

Atualmente estão se difundindo tanto no oriente como no ocidente do mundo, muitas doutrinas filosóficas, fundamentadas no dogma da evolução. A evolução e a involução são forças mecânicas que se processam simultaneamente em toda natureza. Nós não negamos a realidade dessas duas forças e até as explicamos.

Ninguém pode negar os processos criativos e destrutivos, evolutivos e involutivos, generativos e degenerativos. Acontece, porém, que atribuem à força mecânica da evolução atributos que não possui.

Nem a evolução e nem a involução podem liberar a ninguém. Isso de dizer que todos com a evolução chegarão à liberação, à meta, é uma fantasia de gente iludida. Jesus, o Cristo, falou claro e nunca prometeu salvação a todos. O Grande Mestre é categórico a respeito da tremenda e terrível dificuldade no que diz respeito à luta para entrar no Sanctum Regnum, no Reino da Magia e do Esoterismo: "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos". "De mil que me buscam, um me encontra; de mil que me encontram, um me segue; de mil que me seguem, um é Meu".

Aqui não se trata de crer ou de não crer, de considerar−se um eleito ou de pertencer a tal ou qual seita.

O que diz respeito à salvação é demasiado grave. Tem−se que trabalhar com o grão, com a semente sexual. Do nada nada sai. É necessário trabalhar com o grão. É requerido um esforço do próprio grão, é requerida uma revolução total. Só do grão sexual nasce o Anjo Interno. Só o Anjo Interno é admitido no Reino do Esoterismo. É urgente o Maithuna, a sexo−ioga, a Magia Sexual. As forças da evolução e da involução são meras forças mecânicas, que não liberam ninguém e não salvam ninguém. Isso é tudo.

Muitos organismos resultam da evolução e muitos da involução. As raças de certos indígenas e antropófagos não se acham em evolução, mas estão na realidade na involução, pois são o produto degenerado de poderosas civilizações que as precederam no decurso da história. Todas essas tribos se dizem descender de Deuses, Semi−Deuses, Titãs, etc. Todas essas raças conservam tradições que narram as glórias de um passado glorioso.

O lagarto é um crocodilo degenerado. Os arcaicos antepassados das formigas e das abelhas foram Titãs, que antecederam ao homem. A humanidade atual é um produto degenerado de raças precedentes, conforme acusam os caracteres sexuais secundários das pessoas. As mulheres masculinizadas que pilotam aviões e combatem na guerra são infra−sexuais, assim como os afeminados que fazem permanente e pintam as unhas nos salões de beleza. Equivocam−se os autores que supõem que isto seja evolução ou retorno para o Divino Hermafroditismo, etc. O autêntico Hermafrodita não é o sexo intermédio. O Hermafrodita do continente submerso lemuriano era completo, uma vez que possuía os dois sexos totalmente desenvolvidos, pois não era infra−sexual e nem era do sexo intermédio. Hoje só é possível achar o Divino Hermafrodita no Espírito e na Alma fusionados e perfeitos. Na Iniciação, a Alma inteiramente feminina e o Espírito completamente masculino se fusionam. Um Anjo é um Divino Hermafrodita. Nenhum Anjo é do sexo intermédio.

Exercícios Iogues

Não condenamos os exercícios iogues, pois sabemos que eles são bastante úteis e coadjuvam no desenvolvimento interior. Entretanto, toda ioga que não ensinar o Maithuna e as shadanas tântricas brancas é incompleta. Os grandes ioguins do Oriente e do Ocidente se realizaram com a sexo−ioga. Os Iogues da Nova Era, os Agnis Iogues, terão que estudar endocrinologia a fundo e dar ensinamentos públicos sobre a sexo−ioga.

As posturas tântricas do Kama Kalpa são muito exageradas e muitas delas degeneram em Tantrismo Negro. Somente recomendamos a postura tântrica deste capítulo.

Magia Sexual

A magia é, segundo Novalis, a arte de influir, conscientemente, sobre o mundo interior.

Escrito está, com carvões acesos, no livro extraordinário da vida, que o amor ardente entre varão e fêmea opera magicamente.

Hermes Trimegisto, o três vezes grande Deus Íbis de Thot, disse em sua Tábua de Esmeralda: “Dou−te o amor, no qual está contido todo o summum da Sabedoria.”

Todos temos algo de forças elétricas e magnéticas em nós e exercemos, como um magneto, uma força de atração e repulsão... Entre os amantes é especialmente poderosa essa força magnética e sua ação chega muito longe.

A Magia Sexual (Sahaja Maithuna), entre marido e mulher, fundamenta−se nas propriedades polares que, certamente, têm seu elemento potencial no sexo.

Não são hormônios ou vitaminas patenteadas que se necessita para a vida, senão autênticos sentimentos de tu e eu e, portanto, o intercâmbio das mais seletas faculdades afetivas, eróticas entre o homem e a mulher.

A ascética medieval da fenecida Idade de Peixes rechaçava o sexo, qualificando−o como tabu, ou pecado.

A nova ascética revolucionária de Aquário se fundamenta no sexo; é claro que nos mistérios do Lingam−Yoni se acha a chave de todo o poder.

Da mescla inteligente da ânsia sexual com o entusiasmo espiritual, surge, como por encanto, a Consciência Mágica.

Um sábio autor disse: “A Magia Sexual conduz à unidade da Alma e à sensualidade, ou seja, à sexualidade vivificada. O sexual perde o caráter de suspeitoso e de menosprezado que só se acata secretamente e com certa declarada vergonha; pelo contrário, é posto a serviço de um maravilhoso gozo de vier, penetrado por ele e alçado a componente de afirmação da existência, que assegura, felizmente, o equilíbrio da personalidade livre.”

Necessitamos, com urgência, evadir−nos da sombria corrente cotidiana do acoplamento vulgar, comum e corrente e entrar na esfera luminosa do equilíbrio magnético do “redescobrimento no outro”, de “achar em ti a Senda do Fio da Navalha”, “o cainho secreto que conduz à liberação final”.

“Só quando conhecemos e empregamos as leis do magnetismo entre os corpos e as almas, já não serão mais imagens fugazes e sem sentido, névoas que se desvanecem na luz, todas as palavras sobre amor, sexo e sexualidade.”

É ostensível a tremenda dificuldade que apresenta o estudo da Magia Sexual. Não resulta nada fácil querer mostra como aprendível e visível o Sexo−Ioga, o Maithuna, com seu governo das mais delicadas correntes de nervos e as múltiplas influências subconscientes, infraconsciente e inconscientes sobre o ânimo.

Falemos claro e sem rodeios; este tema sobre Sexo−Ioga é questão de experimentação íntima direta, algo demasiado pessoal.

Renunciar à concupiscência animal em prol da espiritualidade é fundamental na Magia Sexual, se é que, em verdade, queremos encontrar o Fio de Ariadne do Ascenso, o Áureo Bramante que há de conduzir−nos das trevas à luz, da morte à imortalidade.

Um grande filósofo, cujo nome não menciono, disse: “Se as autênticas forças procriadoras, as anímicas e espirituais, se acham situadas no fundo da nossa Consciência, encontramos, precisamente no simpaticus, com sua rede irradiadora de sensíveis malhas de gânglios, o mediador e condutor à realidade interior que não só influi sobre os órgãos da Alma, senão que, também, governa, dirige e controla os centros mais importantes no interior do corpo; guia, de maneira igualmente misteriosa, a maravilhosa percepção até o nascimento do novo ser; assim como os fenômenos do coração, rins, glândulas supra−renais, glândulas geradoras, etc.”

“Em troca de toda a sensibilidade e espiritualidade da vida ritmada, ele intenta, como autêntico “spiritus creator” do corpo e mediante a direção da corrente molecular e a cristalização de raios cósmicos, balancear, no ritmo do universo, todos os elementos psíquicos e físico que lhe estão subordinados.”

“Este nervus simpaticus é, em realidade, também um nervus ideoplasticus; deve ser compreendido como mediador entre nossa vida instintiva inconsciente e a moderação da viva imagem impressa em nosso espírito

desde eternidades; é o grande equilibrador médio que pode apaziguar e reconciliar a perpétua polaridade, as alvuras e crepúsculos do sol da alma, as manifestações de negro e branco, amor e ódio, Deus e diabo, exaltação e descenso."

O andrógino divino da primeira raça humana, Adam Kadmon, propagou−se só pelo poder da vontade e da imaginação mágica, unidas em vibrante harmonia.

Os antigos sábios da Cabala afirmaram que tal potência volitiva e imaginativa se perdeu pela queda no pecado, pelo qual o ser humano foi arrojado do Éden.

Esta magnífica concepção sintética de cabala hebraica tem por base uma tremenda verdade; sendo assim, é, precisamente, função da Magia Sexual restabelecer, dentro de nós mesmos, essa unidade original divinal do andrógino paradisíaco.

Certo sábio disse, enfaticamente, o seguinte: "Realiza a Magia Sexual transfigurando corporalmente e procura uma acentuação ideal ao sexual na alma. Por isso são capazes de Magia Sexual só os seres que tratam de superar o dilema dualista entre o mundo anímico e o dos sentidos; aqueles que, dotados de íntima vela, se encontram absolutamente livres de qualquer espécie de hipocrisia, dissimulação, negação e desvalorização da vida."

A Lança Esotérica

A lança esotérica crística do Santo Graal e a pagã hasta dos pactos mágicos, ostentada por Wotan, é a mesma lança bendita, tida por sagrada em todos os povos desde a mais remota antiguidade.

Seja, em verdade, por ter um caráter fálico e simbólico do poder sexual viril, seja por se tratar da arcaica arma de combate que, no amanhecer da vida, pôde imaginar o homem, é certo que a hasta romana era, como é sabido, algo assim como a balança da justiça, presidindo todas as transações jurídicas do primitivo direito quiritário, ou da lança (Kyries), e, muito especialmente, as núpcias entre os que gozavam do direito de cidadania, por certo, muito apreciado.

As matronas romanas que se achavam sob a tutela da bendita Deusa Juno eram chamada, muito sabiamente, Curetis (Cauretes ou Kyrias, e, daqui, Walkyrias), por causa de Cures ou Torre, cidade dos Sabinos, fundada por Medio Fidio e Himella, seus Deuses inefáveis. E por isso aos líderes e demais homens das Cúrias Romanas que se distinguiam como heróis na guerra, costumava premiar−se com uma pequena lança de ferro, denominada Hastapura, nome que, por certo, recorda a cidade Hastinapura, símbolo divino da Jerusalém Celestial.

"Matronai in tutela Junonis Curetis essent, quae ita vocabatur ab hasta ferenda quae sabinorum lingua curis dicebatur..."

"Nec tibi, quae cupidac natura videbere matri, comat virgineas hasta recurba comas." (Ovídio, 2 Fast).

"Hasta Pura dicitur, quae fine ferro est, et signum est pacis, Has donabantur militis, qui en bello fortiter fecissent." (Suetônio Cláudio).

"Translate Pura dicuntur argumenta oratoria" (Cícero, II, Or, c. 57).

"Deos in hastario vectigales habetis" (Tertuliano, Apologética, c.13)

"Ponitiur etiam pro auctione incunto, quia autio cum effet hasta erigebatur" (Calepinus, Hasta).

É ostensível e palmário que os troncos, ou tábuas da Lei, onde o profeta Moisés escreveu, sabiamente, por mandato de Jeová, os Dez Mandamentos, não são, em realidade, senão uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico existe muita documentação.

Não é demais enfatizar a idéia transcedental de que existem dois Mandamentos a mais no esotérico mosaico.

Quero referir−me aos Mandamentos onze e doze, intimamente relacionados com os Arcanos 11 e 12 da Cabala.

O primeiro destes −ou seja, o undécimo− tem sua clássica expressão no sânscrito Dharma Chara: "Faze teu dever!"

Recorda, irmão leitor, que tu tens o dever de buscar o caminho doloroso, estreito e difícil que conduz à luz.

O Arcano 11 do Tarot ilumina este dever. A força maravilhosa que pode dominar e sujeitar os leões da adversidade é essencialmente espiritual. Por esta razão representado por uma bela mulher que, sem esforço aparente, abre com suas mãos deliciosas as faces terríveis de Leo, o puma espantoso, o leão furioso.

Com o undécimo se relaciona e se entrelaça o duodécimo Mandamento da lei de Deus, ilustrado pelo Arcano 12: "Faze que tua luz brilhe!"

Para que a Luz, que constitui a Essência engarrafada dentro do eu, possa realmente brilhar e resplandecer, deve liberar−se e isto só é possível mediante a Aniquilação Budista, dissolvendo o ego.

Necessitamos morrer de instante em instante, de momento em momento; só com a morte do ego advém o novo.

Assim como a vida representa um processo de gradual e sempre mais completa exteriorização, ou extroversão, igualmente a morte do eu é um processo de interiorização gradativa, no qual a Consciência individual, a Essência, se despoja, lentamente, de suas inúteis vestimentas −como Istar em seu simbólico descenso− até ficar inteiramente desnuda em si mesma, ante a grande realidade da vida livre em seu movimento.

A lança, o sexo, o falo joga também grande papel em numerosas lendas orientais, como instrumento maravilhoso de salvação e liberação que,

brandido sabiamente pela alma anelante, permite−lhe reduzir a poeira cósmica todas essas entidades cavernárias que em seu conjunto pecaminoso constituem o mim mesmo.

Na terra sagrada dos Vedas, Shiva, o Terceiro Logos (a energia sexual), foi analisado profundamente em seus aspectos criativos e destrutivos...

É palmário, claro e visível que os aspectos subjetivos, sexuais..., cristalizam−se fatalmente, nessas múltiplas entidades, cuja soma total constitui isso que os egípcios chamaram Seth (o ego).

É manifesto o poder generativo normal de nossas glândulas endócrinas sexuais.

É transcendental o poder objetivo criador do Senhor Shiva, quando trabalha, criando o Traje de Bodas da Alma, o To Soma Heliakon, o corpo de ouro do homem solar.

A energia sexual é altamente explosiva e maravilhosa. Na verdade vos digo que aquele que sabe usar a arma de Eros (a lança, o sexo) pode reduzir a poeira cósmica o eu pluralizado.

Orar é conversar com Deus e devemos aprender a orar durante o coito; nestes instantes de suprema dita, pedi e dar−se−vos−á; golpeai e abrir−se−vós−á...

Quem põe coração na súplica e roga a sua Mãe Divina Kundalini, que empunhe a armas de Eros, obterá o melhor dos resultados, porque ela então ajudará, destruindo o ego.

Porém, digo−vos que este é um processo longo, paciente e muito delicado. É inquestionável que o caçador que quer caçar dez lebres ao mesmo tempo não caça nenhuma; assim, quem quer eliminar todos os defeitos psicológicos simultaneamente, não elimina nenhum.

Dentro de cada um de nós existem milhares de defeitos e todos eles têm muitas raízes e facetas que se ocultam entre as distintas dobras subconscientes da mente.

Cada um desses defeitos psicológicos tem forma animalesca; dentro de tais criaturas submersas está enfrascada a Essência, a Consciência.

Condição prévia para toda eliminação é compreensão íntegra do defeito que se quer eliminar.

Suplicai, se estais seguros de haver compreendido; e retirai−vos do coito sem ejacular o sêmen.

Fazendo síntese transcendental sobre muito longos e duros trabalhos, diremos: Primeiro, é preciso liberar a Essência para que a luz brilhe em nós; depois, fusioná−la com Atman (o Ser), para liberar−nos da mente; mais tarde, entregá−la ao Ancião dos Dias (o Pai que está em secreto, a Mônada), para converter−nos em mestres ressurrectos perfeitos. E, por último, absorvê−la, definitivamente em Ishvara, o Logos, primeira emanação do supremo Parabrahaman (o grande Oceano do Espírito Universal de Vida).

Concluímos, agora, este capítulo com o seguinte relato: Há muito tempo, quando eu ainda não havia reduzido o ego a poeira cósmica, fiz uma invocação mágica formidável.

Chamei certo Grande Mestre dizendo: "Vem! Vem! Vem! Profeta de RAA−HOOR−KHU. Vem até mim! Queira cumpri−la! Queira cumpri−la! Queira cumpri−la! AUM... AUM... AUM... (entoando esta última palavra como é devido, abrindo a boca com o A, arredondando−a em U e fechando−a com o M).

Não é demais esclarecer que o ambiente estava saturado de infinita harmonia, carregado de OD...

O resultado da invocação não se fez esperar e o Grande Profeta veio para mim.

O Kabir assumiu uma figura simbólica formidável que pude ver, ouvir, tocar e apalpar em toda a presença de meu ser cósmico.

O Venerável parecia dividido em duas metades. Da cintura para cima resplandecia gloriosamente. Sua fronte era alta como os muros invictos da Jerusalém Celestial; seus cabelos, como a lã branca caindo sobre suas costas imaculadas; seu nariz, reto como o de um Deus; seus olhos, profundos e penetrantes; sua barba, preciosa como a do Ancião dos Dias; suas mãos, como anéis de ouro engastados de jacintos; seus lábios, como os lírios que destilam mirra fraglante...

Porém, na parte inferior de seu corpo, da cintura para baixo, vi algo insólito; horripilantes formas bestiais, personificando erros, demônios vermelhos, eus−diabos, dentro dos quais está engarrafada a Consciência.

Eu te chamei para te pedir a Iluminação. Tal foi minha súplica! É óbvio que em sua forma de apresentação estava a resposta.

O ancião pôs sua destra sobre minha cabeça e me disse: Chama−me cada vez que me necessites e eu te darei a Iluminação!... Logo me bendisse e se retirou.

Com infinita alegria compreendi tudo; só eliminando a lançadas essas criaturas animalescas, que todos levamos dentro e entre as quais dorme a Consciência, advém a nós a Iluminação.

Eros

Diz o Doutor Rouband o seguinte: “Tão logo que o membro viril penetra no vestibulum, roça primeiro o “glans penis” na glândula clitórica, que se encontra na entrada do canal do sexo e que, mediante sua posição e ângulo que forma, pode ceder e flexionar.”

“Após esta primeira excitação de ambos os centros sensíveis, desliza o “glans penis” sobre as bordas de ambas as vulvas: o “collum”e o “corpus penis” serão envoltos pelas partes salientes da vulva; encontrando−se, por outra parte, o “glans penis”mais avançado em contato com a fina e delicada superfície da mucosa vaginal, que é elástica, ao tecido erétil que se acha entre as membranas individuais.”

“Esta elasticidade que permite à vagina adaptar−se ao volume do pênis, aumenta ainda a turgência e, portanto, a sensibilidade do clitóris, enquanto conduz a ele e à vulva o sangue que fora expelido dos vasos das paredes vaginais.”

“Por outra parte, a turgência e a sensibilidade do “glan penis” são aumentadas pela ação compressiva do tecido vaginal, que se torna cada vez mais turgente, e de ambas as vulvas no vestíbulo.”

“Ademais, o clitóris é pressionado para baixo pela porção anterior do músculo compressor e encontra a superfície dorsal do “glans e do corpus penis”; roça−se com os mesmos e os roça de maneira que cada movimento influi na copulação de ambos os sexos e, finalmente, somando−se as sensações voluptuosas (do Deus Eros), conduzem àquele elevado grau do orgasmo que, por uma parte, provocam a ejaculação e, por outra, a recepção do licor seminal na fendida abertura do colo do útero.”

“Quando se pensa na influência do temperamento, da constituição e de uma série de outras circunstâncias, tanto especiais como correntes, que têm sobre a faculdade sexual, convecemo−nos de que não se acha, nem de longe, solucionada a questão da diferença na sensação do prazer entre ambos os sexos e, até, de que dita questão, envolta entre todas as diversar condições, é insolúvel; isto é tão certoque até apresenta dificuldade o quer traçar um quadro completo das manifestações gerais no coito; porém, enquanto numa pessoa a sensação do prazer se traduz só numa vibração apenas perceptível, em outra, alcança o ponto mais elevado da exaltação, tanto

moral como física.”

“Entre ambos os extremos há inúmeras transições: aceleramento da circulação do sangue, vivas palpitações das artérias; o sangue venoso que é retido nos vasos pela concentração muscular, aumenta a temperatura geral do corpo e esse estancamento de sangue venoso que, de maneira ainda mais pronunciada, tem sua ação no cérebro, pela contração dos músculos do pescoço e a inclinação para trás da cabeça, causa uma momentânea congestão cerebral, durante a qual perdem alguns a razão e todas as faculdades intelectuais.”

“Os olhos avermelhados pela injeção da conjuntiva tornam−se fixos e de olhar incerto, ou, como no caso da maioria das vezes, cerram−se convulsivamente, para fugir do contato com a luz.” (Isto é algo que está integralmente comprovado).

“A respiração que em alguns é arquejante e entrecortada, interrompe−se em outros pela espamódica contração da laringe; e o ar, retido por algum tempo, busca, finalmente, um caminho para o exterior, mesclado com palavras desconexas e incompreensíveis.”

“Como assinalei, os centros nervosos congestionados produzem só impulsos confusos.”

“O movimento e a sensação mostram uma desordem indescritível; os membros são presa de convulsões; às vezes, também de cãibras; movem−se em todas as direções ou, então, se contraem e intumescem como barras de ferro; as mandíbulas apertadas até ranger os dentes; e certas pessoas chegam tão longe em seu delírio erótico que, esquecendo−se por completo do parceiro, mordem−no nestes espasmos de prazer no ombro até fazê−lo sangrar.”

Este estado frenético, esta epilepsia e este delírio de Eros duram, costumeiramente, só breve tempo, porém, o suficientemente longo como que para esgotar, por completo, a energia do organismo do animal intelectual que desconhece a Magia Sexual e para quem tal hiperexcitação há de concluir com uma perda mais ou menos abundante de esperma; enquanto que a mulher, por muito energicamente que possa haver coparticipado no ato sexual, só sofre uma passageira lassitude que é muito mais reduzida que a do homem e que lhe permite recuperar−se mais rapidamente para repetir o coito.

“Triste est omne animal post coitum, praeter mulierem gallamque”, disse Galeno, axioma que, no essencial, é exato no que diz respeito ao sexo masculino.

No amor nada importa certamente; nem a dor nem a alegria, senão só isso que se chama amor.

Enquanto livre o amor ata, a desunião o mata, porque Eros é o que realmente une.

O Amor se acende com o Amor, como o fogo, com o Fogo; ... porém, donde saiu a primeira chama? Em ti salta sob a vara da dor ... tu o saber.

Logo ... Ó Deuses! ... Quando o fogo escondido sai clamejando, o de dentro e o de fora são uma só coisa e todas as barreiras caem feito cinzas.

O amor começa com um clarão de simpatia, substancializa−se com a força do carinho e se sintetiza e adoração.

Um matrimônio perfeito é a união de dois seres ”um que ama mais e outro que ama melhor..."

O amor é a melhor religião exeqüível. Amar! Quão belo é amar! Só as almas simples e puras sabem amar. O amor se alimenta com Amor. Avivai a chama do Espírito com a força de Eros.

“Posto que o enlace dos sexos pode equivaler a um ato criador que está ligado à potência e ao explendor do primeiro dia”, Lutero denomina os órgãos sexuais as “bonestissimae et praestantissimae partes corporis”. “Foi pelo pecado que os membros mais úteis e honestos se converteram no mais vergonhoso.”

Maomé disse: “O coito é um ato até prazenteiro à religião, sempre que se realize com a invocação de Alá e com a própria mulher para a reprodução” (ou melhor para a Transmutação Sexual).

O Corão diz: “Vê, toma por mulher uma donzela que acaricies e te acaricie; não passe ao coito sem te haver antes excitado pelas carícias.”

O profeta enfatiza assim: “Vossas esposas são, para nós, um lavradio. Ide a ele com vos apraz; porém, realizei antes alguma ato de devoção. Temei a Deus e não ouvideis que um dia vos havereis de achar em sua presença.”

O autor do El Ktah, escrito extraordinariamente, apreciado pelos árabes, não se farta na glorificação do coito; este é, para ele, “o hino de louvor mais magnífico e sagrado, o anelo mais nobre do homem e de sua companheira após a unidade primitiva e as delícias paradisíacas.”

“Estes, diz, não compreenderam, nem viram que o amor é o Fiat Lux do “Livro de Moisés”, o mandato divino, a lei para todos os continentes, mares, mundos e espaços.”

E, em suas ulteriores explicações, o autor do El Ktah revela a primitiva ciência esotérica, que, no fundo, a união física do homem e mulher é um ato sobrenatural, uma reminiscência paradisíaca, o mais belo de todos os hinos de louvor dirigidos pela criatura ao Criador, o Alfa e Ômega de toda a Criação.

O Xeque Nefrani põe na boca de um sábio estas palavras: “A mulher e semelhante a uma fruta cujo aroma se aspira primeiro quando se a toma pela mão. Se não se acalenta, por exemplo, com a mão, a erva de basilisco, não se toma seu aroma. O âmbar desprende sua fragância só quando se o esquenta. E isto bem o sabes. Assim sucede com a mulher. Quando queres passar ao ato amoroso, deves primeiro acalentar o coração dela com todos os preparativos da arte de amar, com beijos, abraços e pequenos mordisocs. Se descuidas disto, não te será dado nenhum gozo completo e todos os encantos dos enamorados ficarão ocultas para ti.”

Num tratado muito sábio sobre medicina chinesa li o seguinte: “O taoísmo tem outras influências na Medicina, como o prova a leitura de uma recopilação de tratados taoístas, o Sing−Ming−Kuei−Chen, do ano de 1622, aproximadamente.”

Distinguem−se três regiões no corpo humano. A região superior, ou cefálica, é a origem dos espíritos que habitam no corpo.

“A amofada de Jade (Yu Chen) se encontra na parte póstero−inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital (Chen−Ku).”

“O palácio do Ni−Huan (termo derivado da palavra sânscrita Nirvana) se encontra no cérebro, chamado, também, mar da medula óssea (Suei−Hai); é a origem das substâncias seminais.”

“A região média é a coluna vertebral, considerada não como um eixo funcional, senão como um conduto que une as cavidades cerebrais com os

centros genitais; termina num ponto chamado a coluna celeste (Tien Chu), situado atrás da nuca, no ponto onde nascem os cabelos.” Não se deve confundir este ponto com o da acupuntura do mesmo nome.

“A região inferior compreende o campo de cinábrio (Tum T’ien), do qual nos ocuparemos mais adiante; nela assenta a atividade genital, representada pelos dois rins: o fogo do tigre (Yang), à esquerda e o fogo do drãgão (Ying), à direita.”

“A união sexual está simbolizada por um casa: um homem jovem conduz o tigre branco e uma mulher jovem cavalga sobre o dragão verde. O chumbo (elemento masculino) e o mercúrio (elemento feminino) vão mesclar−se; enquanto estão unidos, os jovens arrojam sua essência em uma caldeira de bronze, símbolo da atividade sexual. Porém, os líquidos genitais, em particular o esperma (Tsing), não são eliminados nem se perdem, senão que podem voltar ao cérebro pela coluna vertebral, graças à qual se recupera o curso da vida.”

A base destas práticas sexuais taoístas é o “coitus reservatus”, no qual o esperma que baixou do encéfalo até a região prostática (porém, que não foi ejaculado), volta à sua origem; é o que se deve denomina fazer voltar a substância (Huang−Tsing).

Quaisquer que sejam as objeções que sejam formuladas frente à realidade deste retorno, não é menos certo que os taoístas conceberam um domínio cerebral dos instintos elementais que mantinha o grau de excitação genésica por debaixo do umbral da ejaculação; deram ao ato sexual um estilo novo e uma finalidade distinta da fecundação.

A esotérica Viparitakarani ensina, cientificamente, como o iogue indostão, em vez de ejacular o sêmen, fá−lo subir, lentamente, mediante concentração, de maneira que homem e mulher, unidos sexualmente, possam eliminar o ego animal.

Os antigos gregos conheceram, muito exatamente, o parentesco essencial entre a morte e o ato sexual; em Eros representavam o “Gênio da Morte”, sustentado, na mão, o Deus, uma tocha inclinada para baixo como portador da morte.

Sendo a força mais profunda e primitiva de todas, nos homens, a sexual é considerada, pelos Tantras, como o Eros cosmogônico, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Muito longe de violentar a nossa essência íntima no sentido de concupiscência brutal, ou, então, de intumescer−se, organicamente, por um espasmo que só dura poucos segundos, o praticante toma, em contraposição, a potência de sua Divina Mãe Kundalini particular, para fusionar−se com ela numa unidade e eliminar tal ou qual eu; quer dizer, este ou aquele defeito psicológico previamente compreendido a fundo.

Só com a morte advém o novo. Assim é como Eros, com sua tocha inclinada para baixo, reduz a poeira cósmica todos esses agregados psíquicos que, em seu conjunto, constituem o eu.

O mantram, ou palavra mágica, que simboliza todo o trabalho de Magia Sexual é KRIM.

Neste mantram se deve empregar uma grande imaginação, a qual obra diretamente sobre Eros, atuando este, por sua parte, por sua vez, sobre a imaginação, insuflando−lhe energia e transformando−a em força mágica.

Para pôr−se em contato com a móvel potência universal, o praticante percebe diversas imagens; mas antes de tudo, revela−se−lhe sua Divina Mãe Adorável, com a lança sagrada em sua destra, pelejando furiosa contra aquele eu diabo que personifica tal ou qual erro psicológico que anelamos destruir.

O praticante, cantando seu mantram KRIM, fixa logo sua imaginação, sua translucidez no elemento fogo, de tal modo que ele mesmo se sinta como chama ardente, como flama única, como fogueira terrível que incinera o eu diabo que caracteriza o defeito psicológico que queremos aniquilar.

A extrema sensibilidade dos órgãos seuxais anuncia sempre a proximidade do espasmo; então devemos retirar−nos a tempo, para evitar a ejaculação do sêmen.

Continue−se logo o trabalho; o homem deitado no solo, em decúbito dorsal (boca para cima) e a mulher em sua cama ... suplique−se à Divina Mãe Kundalini; peça−se, com frases simples, saídas do coração sincero, elimine, com a lança de Eros, com a força sexual, o eu que personifica o erro que realmente compreendemos e que anelamos reduzir a poeira cósmica.

Bendiga−se, por último, a água contida num copo de cristal bem limpo e beba−se, dando graças à Mãe Divina.

Todo este ritual do Pancatattwa libera o herói de todo pecado; nenhum tenebroso pode resistir−lhe; subordinam−se−lhes os poderes terrestres e supraterrestres e caminha pela terra com a Consciência desperta.

Temido por todos os demônios, vive como Senhor da Salvação e completa bem−aventurança; escapa à lei do renascimento, pois, através de longos e terríveis trabalhos da Magia Sexual, utilizou o formidável poder elétrico de Eros, não para satisfações brutais de tipo animal, senão para reduzir a pó o eu pluralizado.

Ciência Gnóstica

Mestre Rabolú

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

CAPÍTULO I

001 – Que devemos fazer para que as práticas dadas pelo V.M. Samael nos dêem resultados?

"Em tudo se necessita da concentração. Não podemos confundir a concentração com a meditação, pois são duas coisas diferentes.

A concentração é fixar a mente em um só pensamento, num objeto, num sujeito, num lugar, num só ponto. A concentração é a maneira mais rápida da informação.

Quando vocês vão realizar uma prática que o Mestre Samael dá, se não aplicam a concentração, se deixam que a mente voe em seu redor, não dará nenhum resultado a pratica, porque se mecaniza.

De modo que a concentração é muito indispensável praticá-la nos grupos. Ponham um copo com água, um objeto qualquer e todos a concentrar o pensamento nesse objeto que estão vendo; tratar de penetrar por dentro, por fora, e por todos os lados; de que é feito,como funciona, até que aprendam vocês verdadeiramente a ter um só pensamento.

Estou lhes dizendo isto, posto que eu tenho a concentração como um fato real. Saio de meu corpo a vontade, sem nenhum mantram; relaxo bem meu corpo, concentro-me em meu coração e espero que venha o desprendimento do corpo astral e, saio pela glândula pineal a vontade. Unicamente com a concentração. A concentração é um poder terrível.

Quando alguém consegue levar a mente a um só pensamente, pode dizer: estou concentrado. Então neste método se o aplicamos para sair em corpo astral é maravilhoso, dá resultados completamente positivos, se o utilizamos par chegar a meditação, também dá muito bons resultados, já que da concentração à meditação há um passo muito leve para se conseguir a autêntica meditação.

Agora, bem, a meditação, é quando não se chega a ´pensar nem no bem, nem no mal. Ou seja, a mente completamente em silêncio, então se pode dizer, que se está em meditação, porque vem a liberação da Essência nos mundos eletrônicos ou superiores, quer dizer, logra-se o Samadhi, ou seja, o vazio iluminador."

002 – Mestre, em conclusão, é necessária a concentração para todo tipo de prática?

"Volto a repetir o indispensável que é a concentração em cada prática. A concentração serve pra todo tipo de prática para que o mestre Samael dá."

003 – Que devemos fazer para descobrir e desintegrar um defeito?

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

"Pra poder descobrir e desintegrar um defeito, temos que usar a auto-observação de nós mesmo. Se vamos na rua, num veículo ou se estamos com alguns veículos, enfim, não nos devemos identificar fora, senão estar em auto-observação, para poder descobrir os diferentes agregados psíquicos que se manifestam em menor ou maior escala.

Então, se permanecemos em auto-observação de nós mesmos, é muito natural que descobriremos a expressão ou a manifestação de um defeito. Quando cheguemos a nossa casa, ou vamos dedicar certo tempo para a desintegração desse agregado, ou defeito, como já descobrimos como se manifestou e porque motivo se manifestou, então, elaboramos um histórico do defeito em questão. Quer dizer, quantas vezes se manifestou anteriormente? Quantos problemas nos trouxe este agregado, etc.

Logo procederemos a senta-lo no banco dos acusados e se o acusa de todos os problemas que nos tem ocasionado através do tempo até onde nos recordemos. Depois que já se o julgou, então vem a petição à Mãe Divina.

Neste trabalha da desintegração dos defeitos, jogam um papel muito importante a concentração e a imaginação, as quais devem ir acordes.

Para maior clareza vamos dar um exemplo: concentramo-nos em que este defeito ou vício está sentado no banco dos acusados, é aí onde o devemos acusar, e, com a imaginação, se lhe dá a figura que se quer. Imaginar é ver!

Depois do juízo vem a petição à Mãe Divina (nossa Mãe Particular Interna). Quando suplicamos à Mãe Divina que desintegre este defeito com a lança, nós imaginamos que Ela está lançando fogo com a lança e que o elemento, agregado psicológico, que está sentado no banco dos acusados, vai perdendo tamanho, até que se libera a partícula divina de Essência que ele tem enfrascada."

004 – Mestre, durante o dia se manifestam diferentes agregados psicológicos dentro de nós. Então, o trabalho deve ser realizado em cada agregado que se manifesta? E se é assim, como deve ser realizado?

"Isto me dá chance para lhes dar uma explicação muito importante sobre o que é a morte em marcha.

A morte em marcha se aplica a todo momento. Por exemplo, você vai pela rua, no ônibus, no avião, nesses instantes saiu e aflorou tal ou qual elemento psicológico, você, na rua, não se vai por a eliminá-lo, porque se vai tratando de eliminá-lo caminhando, pode atropela-lo ou matá-lo um carro, porque vai dormindo. Não é certo? Então, o que devemos fazer é pedir a Mãe Divina, que pegue este agregado psicológico e o elimine. Nesses instantes trabalha a Mãe Divina."

005 – Mesmo que não se tenha compreendido este defeito?

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

"No momento em que aflorou, a Mãe Divina não faz senão pará-lo de uma vez, porque a manifestação de um elemento psicológico cri mais elementos, com isto não queremos dizer que o defeito tenha morrido, senão que com a morte em marcha se tira, cora-se muita força ao defeito.

A morte em marcha, serve, pois, para não deixar manifestar estes elementos psicológicos à rédea solta.'

006 – Mestre, como nós somos legião, então, no trabalho da auto observação, quem auto observa?

"Nós temos algo de Consciência e esta porcentagem de Consciência temos que utiliza-la para a auto observação."

007 – Ou seja, os três por cento?

"Sim, esta porcentagem é a que serve de juiz para nos auto-observamos."

008 – Se estamos analisando o defeito da luxúria, como este é tão imenso, como devemos fazer para analisá-lo?

"é que como pensa você analisar todo o defeito da luxúria se são milhares e milhares de eus luxuriosos?! O que devemos fazer é que cada expressão, por sutil que seja, temos que analisá-la e desintegrá-la."

009 – Mestre, pode nos dar uma fórmula para achar o fundo significado de um defeito, quer dizer, a raiz mais profunda?

"Como poderia alguém dizer intelectualmente "a raiz mais profunda de um defeito"? Vejam o que é o intelecto! Intelectualmente quem poderia defini-la? Ninguém! Para isso necessitamos da concentração e meditação profunda.

Nós aqui na parte tridimensional (mundo físico) analisamos, julgamos o defeito, poderíamos dizer superficialmente, para depois nos entregar a concentração e a meditação profunda. Porque não somente o defeito ou defeitos se manifestam no plano tridimensional, senão nos diferentes planos e subplanos em diferentes níveis. Num só plano há diferentes níveis de Consciência. Devemos começar pela parte grotesca ou tridimensional (mundo físico), aqui. Então isto repercute nas outras dimensões, e esta repercussão do trabalho, nos permite maior investigação profunda, para podermos ir estudando a raiz do defeito.

Agora, não se preocupem com todas essas coisas dos outros planos; preocupem-se pelo trabalho de si mesmo na parte tridimensional, porque isto é o que nos capacita para podermos trabalhar em outras dimensões. De modo que, temos que começar por aqui, por as bases."

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

010 – Fala-se-nos da recordação de si mesmo. Quisera que o senhor nos explicasse como devemos fazer para estar em recordação de si?

"A auto-observação é indispensável! Através da auto observação se está pendente de si mesmo. Capta-se, por sua vez, a reação e a expressão de tal ou qual ego.

De modo que, pois, a auto observação deve realizar-se sobre os três cérebros (mente, coração e sexo). O que sucedeu é que as pessoas mecanizaram muito a pratica do Sujeito, Objeto e Lugar. Ouve casos em que vai uma pessoa aplicando de forma mecânica, esta fórmula, e se meteu entre os carros. Adormeceram mais! Mecanizaram esta prática!

Assim que, pois, a auto observação de si mesma deve ser realizada sobre os três cérebros para estudar a manifestação do ego."

011 – Mestre, concretamente, como é que se deve realizar a prática da auto-observação?

"Bem, vamos dar um exemplo. Façamos de conta que com esta pergunta que você me fez, senti um impacto. Seja de ira, de orgulho, de incomodo ou de qualquer coisa. Em vez de me identificar com o que você me disse e com sua presença, devo auto-observar qual foi a reação e de onde saiu essa reação, se foi do sexo, se foi do coração, ou foi da mente. Em vez de me identificar com você devo auto-observar o que senti nesses momentos."

012 – E a auto-observação não é fixar-me que estou falando com você e dando-me conta como vou falando?

"Não! São três centro, ou cérebros de manifestação do ego, a saber: sexo, coração, e mente. Então, deste três cérebros parte a reação. Entende? Quando alguém está se auto-observando, sente a reação de qualquer elemento psicológico que aflore em determinado momento dentro dele; porém, se identifica com qualquer impressão, seja uma pessoa, uma frase, a presença de algo, enfim, é sinal de que na se estava auto observando, por isso é que não se sente reação, não se sente nada, porque se está identificada.

A auto-observação de si mesmo deve ser aplicada a todo momento, de instante a instante, de segundo em segundo, para podermos descobrir o ego. Cada pensamento nosso, pertence a um eu. Se nos pomos a nos auto observar por um minuto, nos daremos conta de quantos agregados ou eus psicológicos, se manifestam neste pequeno lapso de tempo por meio do pensamento.

Quando já se estudou e analisou a reação ou a manifestação desse eu, ou demônio, pelos três cérebros, passa-se ao julgamento e logo à aniquilação ou desintegração, com ajuda da Mãe Divina."

013 – Mestre, além de entregar o Ensinamento, existe outra forma de sacrifício pela humanidade?

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

"Pois quando alguém está trabalhando nos três fatores, está se sacrificando pela humanidade e por si próprio. Se você está desintegrando os defeitos, está se sacrificando, por sua vez, pela humanidade, porque ao desintegrar um defeito você se vê obrigado a trabalhar pela humanidade. Então está trabalhando sobre si mesmo e está trabalhando pela humanidade. O que vai despertando Consciência se vê obrigado a dar as costas ao mundo e a tudo do mundo para se lançar e entregar o Conhecimento. Então vemos a importância da aplicação dos Três Fatores.

Vejam, todas as obras do Mestre Samael, nos falam dos Três Fatores (morrer, nascer e sacrifício pela humanidade). Busquem qualquer obra do V. Mestre e o comprovarão. Em todas fala Ele dos Três Fatores, sempre sintetiza nos Três Fatores. Não é certo? O que sai dos Três Fatores, não está fazendo nada.

014 – Em toda conferência é necessário falar dos Três Fatores?

"Em todas temos que entregar, os Três Fatores. É necessário! Isto é urgente!

Nenhum de nós pode dizer que é gnóstico se não está trabalhando, nos Três Fatores. Mentiria se não está trabalhando."

015 – Mestre, acerca de que é necessário trabalhar nos Três Fatores? Como se deve fazer o sacrifício pela humanidade?

"Trabalhar, ensinando o Conhecimento. E para poder entregar o Conhecimento, temos que trabalhar sobre nós mesmos. Quer dizer, o Terceiro Fator da Revolução Consciência não se entrega com teorias, senão com fatos. Não como fazem muitos, com discursos bonitos. Senão, com fatos."

016 – O solteiro consegue destruir algo do ego?

"O solteiro consegue eliminar até uns vinte e cinco por cento (25%), porém, trabalhando fortemente."

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

CAPÍTULO III

047 – Mestre,que acontece com q pessoa que conheça a prática e a utilize para profana-la? Ou seja, que a pratique aqui e ali?...

"Cada qual deve responder por si mesmo. Se uma pessoa desses vai fazer mal uso do ensinamento que está recebendo, lei o agarra mais adiante e o transforma em nada. Esses elementos que fazem isto estão se queimando a si mesmos. Meteram-se na fogueira, e a esses ninguém os salva!"

048 – Como se pode entender o fato de que a Grande Lei é a que concede esposa a cada homem ?

"Há uma grande diferença entre um homem verdadeiro e uma imitação de homem tal como nós. Anos, como diabos" Nos dão uma diaba. Isso por um lado. Por outro lado, houve muita especulação e comentários, sobre as "almas gêmeas".

Em realidade o que serve é uma gnóstica que aceite e pratique os Três Fatores. Quando um casal começa a trabalhar com os Três Fatores, vem então o amor e a compreensão, então nasce o verdadeiro amor. De modo que, pois, para mim, "a metade da laranja" é uma mulher que trabalhe com os Três Fatores da Revolução da Consciência. Em realidade não é que no-la dêem, se não que a fazemos nós mesmos."

049 – Agora, Mestre, na fase C, quando se vai entregar a pratica do arcano, seria bom que às dama a entregasse uma dama...? Que diz a respeito?

"Claro que sim! Isso é muito melhor: as damas com as damas (casadas e solteiras) e os varões com os varões (casados e solteiros)."

050 – Quisera, Mestre, que nos esclarecesse isto: resulta que em certa obra a dama que é solteira pode praticar o arcano nos mundos astrais com um Deva e que o solteiro varão pode praticar com uma Dakini. Então, como é isso?

"A realidade é esta que, par poder transmutar em outras dimensões necessita-se de um grau de Consciência superior. Já isto é para Mestres muito bem feitos. Não é para principiantes, porque se não vai-se meter em qualquer caverna, num templo de magia negra, a fornicar lá, e depois crê que está praticando a alquimia e isto é absurdo. Isto é unicamente para Mestres."

051 – Por isso é que muitos solteiros dizem por aí que não se querem casar, que querem eliminar o ego para ganhar uma Dakini...

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

"Devem casar-se aqui. Fala-se da parte tridimensional (física) e é aqui onde se põe as bases fundamentais onde se pões as bases para se impulsionar para cima. Você poderia ter uma casa sem as bases? Não se pode. Verdade? Bem, isto somos nós, uma casa onde temos que por as bases."

052 – Que Pranayama recomendaria o senhor para os solteiros?

"Isto de ficar na cabeça com um mantra Ham-Sah; o Pranayama egípcio. Estas duas práticas são muito boas.

Agora, realmente se o solteiro quer meter-se pelo caminho iniciático, necessita casar-se. Como solteiro não pode chegar ao caminho iniciático."

053 – Mestre, que nos pode dizer sobre Vajroli-Mudra que é uma prática de transmutação?

"Essa prática não é aconselhada, porque nos expõe à cair na masturbação."

054 – Mestre, o arcano deve ser entregue por pessoas casadas?

"Pois praticamente o mais lógico é que seja um casado que tenha experiência."

055 – Evita-se, com o Pranayama, as involuções a que está submetido o esperma?

"Com o pranayama, em realidade não se pode evitar isso, senão unicamente como arcano. Ou seja, que o sistema de transmutação para o solteiro, o Pranayama é apenas um exercício que para nós não evita nenhum problema. Os problemas lhe vêem ao solteiro porque lhe vem."

056 – Ou seja, Mestre, que se nós queremos verdadeiramente entrar no caminho iniciático, temos que nos casar obrigatoriamente?

"Claro que sim! Todo mundo! Agora o verdadeiro matrimônio ante as hierarquias é um casal que aprenda a transmutar suas energias. Não são as cerimônias que se faça aqui (plano físico). Esta cerimônia somente serve para satisfazer requisitos com a lei da Terra, com a sociedade que chamam. Porém, ante Deus pode haver se casado sete vezes, aqui em plano físico, em todas as igrejas que lhe dêem vontade, porém, se não são castos não valem cinco centavos lá. Então, que fique entendido que a castidade o que se mede e o que se pesa."

057 – Mestre, porém se deve satisfazer os requisitos que exige a lei aqui no mundo físico, com respeito ao matrimônio?

"Ante a parte social temos que cumpri-lo, porque vivemos num mundo onde há leis e não vamos escandalizar.

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

Seria um erro não cumprir com estes requisitos, já que nós não viemos violar as leis, senão cumpri-las; e se queremos cumprir as leis divinas, devemos começar por cumprir as físicas. De modo que, pois, o verdadeiro matrimônio ante a Loja Branca é um casal casto que esteja trabalhando, transmutando suas energias devidamente e isso é o que se tem em conta. As demais cerimônias do mundo, lá não valem nada se não se trabalha devidamente com a castidade. Esta é a verdadeira cerimônia e o verdadeiro batismo."

058 – Então, Mestre, o verdadeiro batismo é depois do matrimônio, não como celebram muitas seitas?

"Depois do matrimônio. Assim é. Agora, o verdadeiro batismo é quando já sobe o fogo ao cálice sagrado. Este é o verdadeiro batismo. Quando se levanta a primeira serpente, já se é batizado com fogo, como disse João."

059 – Qual é a idade aconselhável para contrair matrimônio?

"Já praticamente aos dezoito anos de idade pode casar-se e formar seu lar."

060 – Quando se apresenta gestação, sabemos que não se deve praticar o Sahaja-Maithuna. Porém, como se sabe dos primeiros meses em que existe gestação, pra pode se retirar da prática?

"Bem, praticamente tem que se dar conta, porque isto é muito notório."

061 – Mestre, como deve proceder um estudante gnóstico quando sua esposa fica gestante?

"Quando a esposa fica gestante, é intocável. O varão deve transmutar suas energias como solteiro, porém, nunca tocar sua esposa."

062 – Mestre, poderia o senhor nos orientar sobre o Sahaja-Maithuna? Como devemos realizar este trabalho tão indispensável e importante para a liberação?

"Muito bem! Vou falar-lhes de forma concreta da experiência adquirida por meio da Gnose.

Em realidade, de verdade, sobre a prática do Sahaja-Maithuna, o V.M. Samael entregou todas as chaves para que cada qual tire ou adquira a experiência própria. Não esmiuçou totalmente isto, porque levaria muitos volumes. No começo todos temos problemas na prática. Eu tive graves problemas também na transmutação. Uma vez chamei o Mestre Samael para dizer-lhe que eu não me rebelava contra a Gnose, que sabia que este Ensinamento era real, pelo que já havia experimentado, não duvidava dele porque tinha conhecimento de que era um verdadeiro Mestre. Porém que no campo sexual não podia...Que apesar de que lutava e lutava durante seis meses ou um ano e depois vinha uma caída e isto me desmoralizava todo.

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

Então eu disse: em primeiro lugar não devo ser um hipócrita. Sempre gostei da franqueza! E disse ao Mestre: eu não sigo, eu não quero servir de estorvo aos demais, para aqueles que querem servir... Melhor que me aparto, pois não quero ser um hipócrita metido na organização, sendo um tipo que não pode ser casto, de modo que, pois é melhor que me retire. Então me disse o Mestre Samael: "lute que sim o logrará"... Isto foi tudo que me disse. Buscando então onde estavam as deficiências minhas, achei no terreno prático onde se encontravam as debilidades e o primeiro que descobri foi a mente!... As caídas sexuais vem pela mente! Isto é um fato!

Quando se está praticando o arcano nunca se deve levar à mente ao sexo oposto, porque imediatamente se mete o eu da luxúria e vem a caída... Devemos ter muito cuidado. Bem! A tudo isto adotei o sistema de concentração em minhas glândulas (sexuais) para ter ocupada a mente num pensamento. Como lhes tenho dito a concentração é muito poderosa!

Concentração e a imaginação jogam um papel muito importante na prática do arcano. Concentrando em suas glândulas sexuais e imaginar que começa a ferver esta energia. Então, os vapores que se vão formando que se vão formando como uma corrente de ouro puro, começa a penetrar em forma de um fiozinho pela medula espinhal, vértebra por vértebra, para cima, até encher o cálice sagrado e daí passa ao coração; logo se expande em luz. Cada vértebra por onde vai ascendendo a energia vai-se iluminando... Por isso digo que é indispensável concentração e a imaginação na prática do arcano.

Agora, antes de começar o trabalho, primeiramente devemos fazer uma oração e uma petição a Mãe Divina e para que Ela conduz essas energias par cima e nos dê força para não cair. Devem ter muito em conta na prática do arcano que a mulher é passiva. Então, o varão que verdadeiramente tem sabedoria deve utilizar as carícias para preparar, ascender o fogo, e assim estarem aptos para a prática. Obviamente o casal deve estar em completa harmonia...

Como segundo aspecto, a concentração em suas glândulas sexuais (cada um nas suas) tal como o expliquei anteriormente (a mulher em seus ovários e o varão em suas gônadas). Como terceiro, a imaginação e ao mesmo tempo pronunciando os mantras que o Mestre Samael dá em seus livros, como o Kandil, Bandil, ou o IAO, ou seja, os mantrans de transmutação. Se vocês o fazem assim, estou seguro que lhes darão bons resultados. Para mim é um fato isto. Estas explicações que estou dando são parte das experiências vivida."

063 – Esta explicação que o senhor deu é aplicável para a dama também?

"Exatamente igual. Elas tem o mesmo trabalho para realizar."

064 – Mestre, quanto a intensidade da prática, que nos pode o senhor dizer?

"Tudo depende dos organismo; nunca são iguais. Então, isso se pesa pela capacidade de cada um, nada mais."

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

065 – Depois da separação do casal, que se deve fazer Mestre?

"Devem colocar-se me decúbito dorsal (boca para cima) e seguir transmutando a energia (por longo tempo) por meio de inalações e exalações até imaginar que esta energia tenha subido e fiquem as glândulas totalmente vazias. A oração à Mãe Divina é indispensável para que Ela faça ascender essa energia. Recordem a concentração e a imaginação no trabalho."

066 – Como se aniquila o eu no trabalho do Maithuna?

"Bem, na união de duas forças nasce uma terceira força que é o Querubim, uma parte da Mãe Divina. Um Querubim é uma criatura de puro fogo com todos os poderes sobre a natureza. Então, nesses momentos se deve pedir a esse Querubim, ou seja, a essa Mãe Divina, para que elimine tal ou qual ego que foi descoberto, foi analisado profundamente... Quando se já o descobriu totalmente, então, nesses momentos, temos que pedir para que o elimine. Este é um poder terrível! Por isso é que o casado que sabe praticar pode ascender rapidamente na morte de si mesmo."

067 – Concretamente, na pratica, primeiro se transmuta e depois se aniquila ou como se deve fazer este trabalho da aniquilação?

"Olhem, quando já se transmutou bastante energia, que há calor suficiente, é quando essa força está em ação e é aí quando se deve pedir imediatamente. A petição de aniquilação não é longo tempo. Isso é rápido! Instantâneo! O trabalho que realiza essa criatura (o Querubim) é rápido, porque tem um poder terrível!..."

068 – Mestre, muito se tem especulado sobre os filhos da luz. Queremos saber o que são os filhos da luz e como se formam?

"Praticamente os filhos de luz são Mestres que formaram seus corpos existenciais do Ser, ou seja, os corpos de ouro. Esse é o verdadeiro filho da Luz."

069 – Muitos pensavam que a esposa podia engendrar um filho da luz...

"Nunca. Um caso de "escape", fale-mos assim é muito diferente de um filho da luz. Vejamos muito concretamente que em realidade de um casal pode sair um engendro sem existir ejaculação. Porém, não quer dizer que este engendro seja um filho da luz, posto que este elemento que nasce tem que trabalhar com os Três Fatores, ou seja, vem com seu eu psicológico. Pode ser esse elemento um Boddhisattwa; porém, sem dúvida, tem que realizar seu trabalho aqui; fisicamente."

070 – Agora, Mestre, que pode nos dizer do aborto?

"Gravíssimo! É contra a natureza. Isso é gravíssimo!"

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

071 – Mestre, há damas gnósticas que estão casadas, conhecem os procedimentos do arcano e estão utilizando métodos anticoncepcionais como a pastilha, o espiral, ets., para evitar a concepção. Que diz o senhor a tudo isto?

"Você me fala de damas gnósticas?... Porque com esse fato posso qualificar que não são gnósticas. Podem ser damas; porém, não gnósticas porque uma gnóstica nunca faz isto."

072 – Em que consiste, Mestre, a pausa magnética?

"Praticamente, quando o corpo, o organismo, não está apto para a prática; vem com um descanso que necessita o próprio organismo para o bem de si mesmo."

073 – Ou seja, que é indispensável a pausa magnética no arcano?

"Indispensável, e o próprio organismo o pede."

074 – Muitos solteiros ao se darem conta de que é indispensável casar-se para poder entrar no caminho iniciático, podem contrair matrimônio de forma precipitada. Que orientação dá o senhor a respeito?

"Digo-lhes que não se vão casar com a primeira ou primeiro (pessoa) que encontrem, porque o matrimônio deve ser pensado muito bem, meditado e analisado muito seriamente, para não cometer um erro que mais tarde traga conseqüência. É necessário fazer-se responsável do que se vai fazer, para não cometer erros pela pressa."

075 – Há certas pessoas que estão dentro do ensinamento gnóstico, são casadas, porém, tem inconvenientes com sua outra metade (seja este esposo ou esposa). Quer dizer, um aceita o Ensinamento, porém a outra metade não. Que diz o senhor, Mestre?

"Bem, o Mestre Samael falou em plural no caso dos cônjuges e falou do super-esforço.

Todos os tropeços que tenham esses irmãos que se encontram nessas condições, devem transcendê-los. Estes super-esforços lhes darão maiores méritos.

Se estas pessoas tem inconvenientes para assistir às reuniões, devem fazer suas práticas em seus lares, muito secretamente, para que não tenham problemas no lar. Todos estes super-esforços são os que compensam."

076 – As vezes, quando sucedem estes problemas no lar, a mulher quer deixar seu esposo. Que nos diz, Mestre, o senhor respeito?

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!

"Eu não aconselho que a esposa deixe seu esposo, nem que o esposo deixe a sua esposa. Estes são problemas que podem ser superados e definidos por nós mesmo. De modo que, pois, em maior trabalho maiores méritos.'

077 – Mestre, sobre o trabalho do Sahaja-Maithuna, somente deve existir uma só conexão?

"Sim. Uma a cada 24 horas. A cada 24 horas está a energia apta a ser transmutada. Se se fazem duas, a segunda vez já se pode ser perigoso por uma caída, porque a energia está débil, não está apta, não está em sua maturidade e por isso pode vir uma caída."

078 – A que hora é melhor prática do arcano?

"Na madrugada!"

079 – Quando está apta a mulher para transmutar suas energias?

"Sete dias depois da menstruação já está apta para transmutar suas energias (os sete dias devem começar a ser contados a partir do dia em que chegou a menstruação)."

080 – E até que altura podem praticar?

"Praticamente até o dia anterior, ou seja, um dia antes de vir o mênstruo, e deixar passar depois sete dias."

081 – Agora, Mestre, que mensagem dá ao senhor à mulher gnóstica, para que possa servir melhor à causa?

"Bem, vou fazer um esclarecimento muito importante, para que as damas gnósticas entendam e tirem este complexo que formamos nós mesmos, que nos dizemos varões, muito machos.

As damas em realidade tem as mesmas possibilidade do varão, as mesmas possibilidade de chegar a sua liberação e Conhecimento Real.

De modo que, pois, tirem isso de que são negativas, de que são lunares, que o homem é solar, que é positivo.

É necessário que saibam que tão negativo é o homem, como negativa é a mulher, porque "o ego" é o mesmo.

De modo que, pois, as damas tem as mesmas possibilidades do varão; tirem-se esses complexos e se lancem a trabalhar com os Três Fatores e verão os resultados."

pdfMachine
Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.
Get yours now!